

# CAPÍTULO 1

O mundo iluminado pelo dia era insuportavelmente brilhante. Mesmo à noite, os sorrisos das Irmãs pareciam excessivos, especialmente cercados por todas aquelas estrelas. E então, durante o dia, os Três Irmãos inundaram o céu de luz. Amri só podia esperar que seus olhos se ajustassem com o tempo. Até aquele momento, o Grottan Gelfling usava seu capuz, tentando manter seu rosto na sombra mesmo enquanto seguia seus companheiros pela floresta da montanha manchada de sol. Seus olhos se moveram pela terra coberta de musgo e grama, como uma pele sobre o esqueleto de pedra da montanha, cujo solo encharcado sangrava nas sandálias de Amri. Através da claridade, Amri captou algo se mexendo na floresta. O que quer que espreitasse à frente estava distante o suficiente para ser visto, mas não ouvido. Eles estavam sendo observados? Ele estendeu a mão e puxou a manga de Kylan.

O menino Spriton andava logo à frente dele, usando uma vara para limpar o mato do caminho deles. Sob o braço livre, ele segurava um pergaminho com um mapa que havia desenhado, e pendurado no peito estava sua firca, um instrumento musical em forma de Y feito de osso. “Kylan,” Amri sussurrou. Talvez os olhos verdes mais claros de seu novo amigo pudessem distinguir alguma coisa. “Você vê alguma coisa? À nossa direita. Debaixo daquelas árvores!” “Onde?” Kylan baixou a voz instintivamente, as orelhas girando para frente e para trás, procurando qualquer sinal de perigo. — Sobre o que vocês dois estão sussurrando? Naia apareceu atrás deles. Ela estava mais acima na colina, quebrando a trilha, quando percebeu que os outros haviam parado. Amri não ficou surpresa por ela ter retornado tão furtivamente. Adaga na mão, camuflada em couro bronzeado e marrom, locs puxados para trás em um nó frouxo, ela era cada centímetro uma guerreira Drenchen. Em algum

lugar próximo, um galho quebrou. Amri sacou a  
espada

pendurada em seu quadril, embora não tivesse ideia de como usá-la. Naia se agachou quando seis animais altos, brancos e cinzas, emergiram das árvores, a poucos passos de distância. As pernas longas e finas das criaturas de orelhas grandes carregavam seus corpos peludos no alto dos galhos. As feras resmungaram baixinho umas para as outras, sacudindo suas trombas para provar a doce seiva que escorria das árvores de inverno. Kylan caiu para trás em alívio, enxugando a testa. “Cavaleiros Selvagens. E aqui eu pensei que os Skeksis tinham nos encontrado.” Amri olhou para os Landstriders enquanto eles passavam, tentando absorver cada detalhe das criaturas maravilhosas. Naia o observou com um sorriso divertido. “As traseiras do Landstrider não podem ser tão interessantes”, ela brincou. “Talvez não para você. Eu nunca vi um front-end Landstrider, então. . .” “Justo”, ela riu. “Bem, vamos lá. Temos que seguir em frente”. Naia e Kylan foram embora, avançando em seu rastro sem olhar duas vezes enquanto a tropa de Landstriders desaparecia na floresta. Amri não ficou surpreso. Os outros eram deste



mundo, afinal. O clã de Kylan, o Spriton, nomeou os Landstriders como sua criatura de sigilo. Até o clã de Naia, o Drenchen de Sog, vivia sob o céu e tinha contato com o mundo exterior – quando eles queriam. Amri, por outro lado, nascera em uma caverna nas profundezas das montanhas Grottan, explorando apenas o mundo mais iluminado do dia em pequenas excursões proibidas que tinham de ser feitas à noite. Naia se movia com um ritmo inquebrável, olhos sempre fixos à frente com foco e determinação. Quando chegaram ao topo de uma pequena colina arborizada, o verde deu lugar a um branco brilhante. Um vento frio desceu, cheirando a sal e cristal; neve e geada fletro casca e cada folha. A coisa fria e branca refletia o dia ainda mais do que antes, mas mesmo assim, Amri não podia negar que era lindo. Ele se abaixou para tocar os cristais molhados, espremendo a neve em uma massa derretida em sua mão. Uma pequena voz soando de sinos e sussurros veio do ombro de Kylan. “A linha de gelo significa que estamos perto.” Empoleirado nas dobras de seu colarinho estava

uma criatura azul brilhante com oito pernas de  
agulha. Tavra

havia perdido seu corpo Gelfling – o de um soldado Vapra, com asas iridescentes e mãos treinadas que empunhavam a espada que agora balançava inutilmente no aperto desajeitado de Amri. Ela agora habitava a forma de uma aranha de cristal. Amri embainhou a espada de volta em seu cinto antes de cortar alguém com ela por acidente. "Para Ha'rar?" ele perguntou. Ele estava curioso para ver a capital Gelfling e sua lendária cidadela. "Para o nosso destino," Tavra respondeu. "Eu pensei que Ha'rar era nosso destino", disse Kylan, levantando uma sobrancelha. Amri não conseguia distinguir o rostinho de aranha de Tavra, mas a impaciência era evidente o suficiente em sua voz: "Eventualmente, sim. Mas não podemos simplesmente atacar a cidadela." "Por que não?" perguntou Amri. "Precisamos marcar uma consulta ou algo assim?" Naia olhou por cima do ombro, concordando com a cabeça enquanto subia a encosta da montanha. "Vou invadir a câmara pessoal de All-Maudra Mayrin sem ser



convidado, se for preciso”, disse ela. “Ela precisa saber sobre os Skeksis, e rápido. Rian deveria estar aqui também. Se o encontrarmos

e colocarmos aquele frasco de essência na frente da All-Maudra, não haverá como ela negar a verdade. “Não se trata de convite, Naia”, disse Tavra. “Estamos sozinhos no deserto desde que Kylan enviou nossa mensagem da Árvore do Santuário Grottan. Não temos ideia se alguém o recebeu, muito menos se acredita”. Amri estremeceu. O que eles fizeram foi monumental, especialmente se as pétalas de rosa costuradas em sonhos com sua mensagem chegaram a cada um dos sete clãs Gelfling. afinal, esse era o ponto principal: enviar o aviso o mais longe e o mais rápido possível, para que o que acontecera nas cavernas de Grottan nunca mais acontecesse.

O ritmo de Naia diminuiu até que ela parou, suspirando e colocando as mãos nos quadris. Os três ficaram quietos para que pudessem ouvir a voz de Tavra sobre o vento que assobiava pelos pinheiros nevados. “Naia, Kylan. Amri. Eu sei que você quer chegar a Ha'rar. O que os Skeksis fizeram – estão fazendo – é um crime horrível e deve ser detido. Mas os Gelflings vivem nas mãos dos Skeksis há gerações. Não é fácil mudar a forma como as coisas são. As pessoas estão aprendendo nossos nomes e rostos. Mas como Rian, seremos conhecidos como traidores. Não heróis. Por esta razão, devemos ser cautelosos, mesmo com minha mãe. Devemos entender o clima antes de entrarmos inadvertidamente em uma nevasca.” “Você acha que sua mãe ainda pode ficar do lado dos Skeksis, mesmo que ela tenha visto aquele frasco de essência?” perguntou Amri. A ideia era desanimadora. “Mesmo que ela tenha visto o que aconteceu em Domrak –

viu o que aconteceu com você?” “A crença é apenas metade da tarefa que enfrentamos”, respondeu Tavra. A ânsia de Naia diminuiu, suas orelhas verdes se achatando. “Tudo bem”, disse ela. “Então o que devemos fazer?” “Poderíamos nos disfarçar de Podlings e entrar furtivamente na cidadela,” Amri sugeriu, tentando aliviar o clima. Ser tão sério o tempo todo era exaustivo. “Espione o All-Maudra das vigas. Ah, acho que Podlings não seriam bons escaladores. Naia riu, e até Kylan abriu um sorriso. Tavra, como sempre, não tinha senso de humor sobre nada disso. “Persiga o cheiro do mar”, disse ela. “Quando você vir as lanternas do marinheiro, siga-as descendo o penhasco até a costa.”

Enquanto eles seguiam as instruções de Tavra, a trilha de terra deu lugar a mais neve e pedra. As falésias e as formas das montanhas brilhavam e brilhavam, como cristal polido refletindo o azul brilhante do céu. Amri nunca havia sentido o cheiro do mar. Ele não tinha certeza do que esperar. Mas quando uma rajada de ar salgado soprou em seu caminho, não havia dúvida. “Cheira como se estivesse vindo daquela montanha”, disse ele. Naia assentiu, olhando a parede de pedra de cima a baixo. “Muito íngreme,” ela comentou. Amri achava que não, mas, novamente, pedras eram sua especialidade. Talvez sua única especialidade. Não importava, de qualquer maneira. Se seus amigos não pudessem segui-lo, então não havia sentido em fazer a escalada. Isso poderia ter sido dito de toda a sua jornada. “Há uma passagem”, disse Tavra. “Dessa maneira.” Eles atravessaram a neve, na sombra projetada pelo penhasco.

Por um grande momento, os olhos de Amri descansaram, embora não por muito tempo. Um ponto de luz brilhou através das árvores. Eles o seguiram, em instantes encontrando um túnel baixo através da rocha. Amri traçou os dedos ao longo da parede do túnel enquanto eles passavam por ela. "Você é tão suave, como se tivesse sido polida", disse ele para a pedra, ficando para trás um ou três passos. Naia e Kylan estavam mais interessados em chegar ao outro lado. Ele pressionou a mão contra a superfície brilhante, absorvendo o frio e fechando os olhos. "O que fez você? Hum?" "Você está falando com a parede?" Naia chamou de volta para ele, por cima do ombro. Ela e Kylan estavam no fim do túnel, suas silhuetas o único alívio da explosão da luz do dia. "Vamos, pé rastejante!" Amri suspirou e deu um tapinha de despedida na parede. Ele correu pelo túnel, grunhindo quando escorregou no caminho gelado. Normalmente o túnel não seria problema para um Grottan como ele, acostumado a cavernas e rochas, mas as sandálias amarradas nos pés o deixavam desajeitado. Pé de rastejante mesmo. Quando chegou ao outro lado do túnel e parou ao lado de Naia e Kylan, tudo o que podia ver era azul.

Um oceano sem fim se estendia abaixo, a textura de granito vivo. O túnel se abria como uma boca, sua língua era uma trilha íngreme e rochosa que descia até a costa. Não havia neve aqui. Em vez disso, uma espessa névoa prateada brilhava e rodopiava, quebrada apenas pelas copas de algumas árvores altas que cresciam ao longo da costa. A névoa deve ter congelado em neve quando passou sobre o topo do cume, Amri adivinhou. A névoa que deu nome ao

Mar de Prata. Kylan inclinou a cabeça quando avistou uma pedra peculiar do lado de fora da abertura do túnel, quase tocando sua mão esquerda. Na rocha, uma escultura semelhante a uma criatura marinha escamosa e com barbatanas os observava. Jóias foram colocadas em sua cabeça como olhos, refletindo a chama dourada na lanterna pendurada em sua boca. "A lanterna do marinheiro", disse Tavra, como se explicasse tudo. "Quem mantém o fogo das lanternas aceso?" perguntou Amri. Ele se ajoelhou ao lado dele, olhando em seus olhos velhos e brilhantes. "Ninguém sabe. Velhos piegas contam a canção de um espírito da água que acende as lanternas para atrair crianças para o mar. É mais provável que sejam mantidos iluminados por viajantes. Seja como for, suas luzes levaram marinheiros e viajantes por centenas de trógonos. Mostrando o caminho até a costa de Ha'rar. . . Vem então. Descemos, ao longo do caminho da pedra por causa de vocês dois meninos. Amri trocou um olhar com Kylan. O Spriton deu de ombros e, como disse a aranha em seu ombro, começou a longa descida. Amri podia ver as asas pretas e índigo de Naia se contorcendo enquanto ela olhava por cima do penhasco para o ar livre acima da névoa. "Você pode deslizar para baixo e nós vamos encontrá-lo", ele sugeriu. Ela sorriu. "E tenho certeza de que você poderia facilmente descer o penhasco se tirasse esses sapatos. Isso deixaria o pobre Kylan sozinho com Tavra. . ."

Aqui ela piscou e acrescentou: "Estou acostumada com o caminho da pedra. Iremos juntos". Teria sido bom ter asas, embora a ideia de flutuar pelo céu aberto soasse um pouco assustadora também.

Amri preferia o chão, mesmo que o caminho fosse de cascalho e solto sob suas sandálias. Quando seu pé escorregou debaixo dele, Naia agarrou sua mão para evitar que ele caísse pela lateral da borda. Ela o endireitou e ele suspirou. "Desculpe", disse ele, torcendo as orelhas de vergonha. Nenhum dos outros parecia ter os mesmos problemas, mas todos estavam acostumados com as sandálias. Era uma coisa diurna. Naia apenas sorriu, os cantos dos olhos suaves com simpatia. "Ande de calcanhar", disse ela. "E mantenha as costas retas. Vai ajudar no equilíbrio." Ele tentou, e eles seguiram Kylan juntos. Calcanhar-primeiro não parecia natural. Perigoso, como se fosse pisar em algo afiado a qualquer momento. Andar na ponta dos pés fazia mais sentido, descalço nas cavernas onde qualquer passo poderia se tornar brusco e doloroso. Mas era para isso que serviam as sandálias. "Eu tive o mesmo problema quando saí do Sog", acrescentou Naia. "Você vai pegar o jeito. Você já está melhor do que quando começou." Amri tentou imaginar Naia se acostumando com os sapatos pela primeira vez. "Mesmo assim, basta um deslize para cair no mar. E eu aposto tão ao norte que a água é fria como o beijo de um Vapra," ele disse com um sorriso. Naia riu, então percebeu que ainda estava segurando a mão dele. Ela o soltou, deixando um ponto frio na palma de sua mão. "E você beijou quantos Vapra?" Amri nunca beijou ninguém, muito menos o Vapra que ele já conheceu. Que também passou a ser uma aranha. "Ah, tantos", disse ele. "Muitos." Quando finalmente chegaram ao nível do mar, os joelhos de Amri doeram. A floresta diminuiu à medida que a terra terminava em uma

costa rochosa onde as ondas do oceano enrolavam a terra. As pedras que vinham do mar eram redondas e lisas, em tons de preto, prata e azul. Amri queria se abaixar e enterrar as mãos neles, fechar os olhos e ouvir suas histórias. Mas seus amigos já estavam se movendo, Kylan apontando para outro monumento de lanterna à frente, um ponto de ouro em toda a névoa prateada. Algo pequeno e rosa passou voando. Amri pegou a pétala em sua mão, e memórias brotaram em sua mente.

Uma floresta cheia de sombras e sussurros e um monstro terrível. Uma enorme árvore na Floresta Negra chamada Olyeka-Staba – a Árvore Berço – gritando em agonia quando suas raízes tocaram o veneno no solo. Os olhos vermelhos selvagens do Skeksis Hunter enquanto ele perseguia Kylan e Naia – sua confissão naquela noite terrível que ecoou os gritos dos Skeksis no castelo: que eles encontraram uma maneira de fazer um elixir vivificante drenando essência de o Gelfling. O Gelfling, que serviu os Skeksis com lealdade inquestionável por centenas de trígonos. Amri abriu a mão e soltou a pétala antes que o sonho pudesse criar raízes e florescer completamente. Ele não precisava ver todas as memórias terríveis novamente. “Afiml, eles chegaram à costa”, disse Naia, observando-o voar para longe. “Eu me pergunto se eles foram até Ha’rar.” Amri tentou deixar as memórias voarem também. Tentou substituí-los pelo que estava à sua frente: Naia, cujo sorriso era destemido. Que curou Olyeka-Staba e aliviou sua dor na Floresta Negra. Que enfrentou os Skeksis sem medo, e viu o escurecido Coração de Thra e sobreviveu. "Espero que sim", disse Amri. “Ei,

Kylan! Espere!" Kylan diminuiu a velocidade, olhando para a neblina que rolava do mar. Quando Amri e Naia o alcançaram, uma sombra estremeceu à vista. Era um navio, amarrado a uma grande árvore que se inclinava sobre a água. Seu casco longo e estreito e três velas espalhadas ao longo de suas vergas e sarrafos como as barbatanas de um peixe espinhoso, tingidas de carmesim, azul intenso e roxo profundo. "Alguém que você conhece?" sussurrou Naia. "É por isso que você nos trouxe aqui?" A resposta de Tavra foi ofegante com alívio incomum. "Sim. Vá por favor." Amri fez uma pausa, olhando para a água. Ele pensou no espírito da água que Tavra havia mencionado, que acendeu as lanternas. Era apenas uma canção dita para manter os infantes longe das águas perigosas, sem dúvida. Mas criaturas reais se escondiam na água, como se escondiam em todas as partes do mundo.

Amri tentou não pensar nisso e seguiu seus amigos. Eles desceram ao longo do galho ao qual o navio estava amarrado, usando o galho como uma doca e saltando, um de cada vez, para o convés oscilante. Amri quase perdeu o equilíbrio novamente. Ele odiava usar sapatos, mas decidiu rapidamente que odiava usar sapatos em um barco ainda mais. "Você acha que eles vão te reconhecer?" Náia perguntou. Ela não parecia ter problemas para manter o equilíbrio na água, provavelmente porque cresceu em um pântano. "Ainda tenho sua tiara de pérolas, e Amri tem sua espada, se precisarmos dela para provar sua identidade..." A porta da cabine se abriu assim que Naia levantou a mão para bater. Uma Sifa com cabelos ruivos espessos e varridos pelo



vento estava na porta. Ela era jovem, mais ou menos da idade de Tavra, vestida com um pesado casaco de vela bordado com cordas e faixas com nós, colares de joias brilhantes pendurados em seu cinto e trançados em suas tranças carmesim. Seu olhar foi direto para o ombro de Kylan. “Onica,” Tavra disse, a voz tropeçando. “É...” Sem hesitar, Onica estendeu a mão e gentilmente pegou a pequena aranha em suas mãos. Ela segurou Tavra perto, e seus olhos cor de oceano se encheram de lágrimas. “Tavra,” ela disse. “Agradeça aos sóis. Você está vivo.”

## CAPÍTULO 2

O interior da cabine de Onica mal era grande o suficiente para os cinco. Era uma única sala acima do convés, embora

Amri pudesse ver uma escotilha que descia abaixo. Almofadas vermelhas e azuis escuras bordadas com fios e contas brilhantes cobriam o chão, e buquês de ervas perfumadas pendiam do teto, balançando suavemente no ritmo do balanço do barco. Velas derretidas demais iluminavam a câmara escura, e qualquer frio no ar era aquecido pelo fogão redondo de barro contra a parede oposta. Vidros cor-de-rosa nas escotilhas faziam a névoa interminável parecer distante, nada mais do que um véu de neblina. Onica teceu através das ervas e flores penduradas como um peixe através de algas. Ela ainda segurava Tavra em uma mão. Com a outra, colocou um recipiente de água no prato da lareira. "Por favor, sente-se", disse ela. "Qualquer lugar serve." Amri encontrou uma almofada que se encaixava em seu traseiro e sentou-se pesadamente, esperando que a sensação desconfortável de água abaixo de seus pés diminuísse. Ele não gostou nada disso, não sentindo a terra firme abaixo dele. Mas foi para lá que Tavra os trouxe, e se ela achasse que era seguro aqui, Amri não reclamaria. Ninguém mais estava, afinal. Onica limpou o chão no centro da pequena sala. Sob as almofadas e cobertores havia uma alça de couro, que ela agarrou, torceu e puxou até que um quadrado de tábuas se ergueu. Amri se agachou, olhando por baixo do painel enquanto ele subia, auxiliado por engrenagens de madeira abaixo. Por fim, o painel se encaixou, transformando o chão em uma mesa. O mundo diurno estava cheio de surpresas. Enquanto sua amiga voltava para o recipiente de água, Tavra pulou da mão de Onica para a mesa. Ela parecia vidro, com um corpo prateado

e azul e pernas pretas. Em seu abdômen havia um símbolo, gravado lá por Kylan quando ele costurou sua alma no corpo da aranha para salvar sua vida. “Onica é minha amiga há muito tempo”, explicou ela. “Desde que éramos jovens e ingênuos”, acrescentou Onica, trazendo duas xícaras de ta. “Filha da All-Maudra, saindo para encontrar um Sifa pela lanterna do marinheiro. . . Foi um escândalo.” Onica voltou com mais duas xícaras e sentou-se com elas à mesa. Amri bebeu o ta ansiosamente. Era picante e equilibrado por flores doces. Envolto no calor da cabana de Onica, ele quase se esqueceu do mar de ondas em constante mudança. “Tão bom”, disse ele. “Qual é o tempero?” “Pó de fogo, raspado de coral ao longo da costa de Sifan. . . Aqui, pegue um pouco. É abundante em Cera-Na.” Onica encontrou um pequeno sachê em seu esconderijo e deu para Amri, que o enfiou na bolsa do cinto junto com os outros pacotes e trouxas que ele pegou pelo caminho. “Mas tome cuidado para não usar muito. É bastante potente.” “Como você sabe sobre Tavra?” Náia perguntou. Ela recebeu um olhar de Kylan e voltou atrás. “Eu sou Naia. Tavra veio me encontrar quando meu irmão—” “Gurjin, sim,” Onica disse. “Amigo heróico de Rian de Stone-in-the-Wood. E você deve ser Kylan, o Contador de Canções, que costurou sua mensagem nas pétalas cor-de-rosa da Árvore do Santuário de Grottan. . . e você é Amri.” Apenas Amri, como de costume. Ele ia ter que descobrir como fazer um nome para si mesmo em breve. “Como você sabe tudo. . .” Amri parou e tentou responder sua própria pergunta. As ervas penduradas sobre suas cabeças exalavam aromas tão amplos e diversos quanto suas cores e as formas

de suas folhas, algumas finas e róseas do norte e outras largas e planas dos pântanos do sul. Pacotes de incenso seco cuidadosamente arrumados repousavam perto do fogão de barro, e pendurados nas paredes havia mandalas de madeira esculpidas com as formas dos Três Sóis Irmãos, as Três Luas Irmãs e outras figuras do céu. "Você é um sonhador distante", disse Amri. "Um adivinho." Onica sorriu. "Sonho distante e adivinhação são duas coisas diferentes, mas suponho que já fiz as duas coisas." "Onica sempre sonhou com coisas", disse Tavra.

"Coisas distantes daqui, tanto no espaço quanto no tempo." Onica tomou um gole de seu ta, e o sorriso foi embora.

"Apenas vislumbres. Raramente mais do que isso. Mas eu vi todos vocês na Árvore do Santuário. Em sonhos, Kylan, eu vi você tocando a firca que costurava suas memórias nas pétalas. Naia, eu vi você curar a Árvore Berço e pular do topo do Castelo do Cristal, quando suas asas vieram. E Amri, o Grottan. . ." O rosto dela era tão simpático que Amri se contorceu, um rubor subindo pelo pescoço. ". . . são fortes e resistentes!" ele terminou. "Sem mencionar a boa índole, como regra." Onica assentiu lentamente. Ela não tentou terminar seu pensamento, ou suas simpatias. Nenhum deles precisava ser lembrado do que havia acontecido com o Grottan, horrivelmente derrotado pela raça das aranhas nas profundezas das Cavernas de Grot. As simpatias não reconstruiriam Domrak, a aldeia de Grottan, nem restaurariam as vidas perdidas. Tavra, cujo corpo de aranha era apenas mais uma evidência das dificuldades que eles sofreram em sua jornada para o norte, percebeu a

inquietação de Amri e limpou a garganta. “Onica,” Tavra disse, sua pequena voz enchendo a pequena sala. Ela girou para encarar a garota Sifa, tocando uma das pontas de seus dedos com um toque suave de uma perna cristalina.

“Precisamos saber o que aconteceu em Ha’rar. Antes de irmos lá e sermos capturados como traidores, ou pior. Você pode olhar? Entre os fogos e a fumaça, e diga-nos se há algo a ser dito? É claro! Se Onica fosse realmente uma Far-Dreamer, talvez ela pudesse ouvir os sussurros secretos de Thra. Talvez as canções das sombras possam avisá-los se houver perigo esperando por eles em Ha'rar e na corte de All-Maudra. Amri esperou pela resposta de Onica, esperando que ela dissesse sim. Ele nunca tinha visto essas coisas e queria saber que incenso ela usava. Que ervas e encantamentos. "Sim, claro", disse Onica. “Vamos ver o que podemos ver.” Onica se levantou e selecionou um maço de ervas entre as centenas penduradas nas vigas, apertou a ponta dele em um dos carvões que brilhavam brancos na pequena lareira.

Quando o embrulho ardeu, ela o apagou, deixando a fumaça atravessar a sala em uma fina linha prateada. Ela colocou o pacote em uma tigela de pedra e colocou-o no centro da mesa. Ela se sentou em frente a Naia e descansou as mãos, palmas para cima, sobre a mesa, balançando os dedos para convidar Amri e Kylan a se juntarem a ela. Naia segurou as mãos deles, então os quatro ficaram ligados. "Feche os olhos", disse Onica. "Abre a tua mente. Como se estivesse sonhando, mas não o do passado. Conectado. Você e eu. Pelo coração que bate no peito do mundo. Pelo fogo azul que flui

através de nossos corpos Gelflings. Pela terra. Pelo vento. Pela água. Pelo fogo." Amri fechou os olhos. Essa parte foi direta. Dreamfasting com um estranho, no entanto, não foi tão fácil. Ele tentou se acalmar, relaxar. Lembre-se de que, embora ele tivesse acabado de conhecer Onica, Tavra confiava nela. Tanto, na verdade, que ela os trouxe para Onica em vez de sua própria mãe. Amri respirou fundo e soltou o ar. Ele não percebeu que sua palma estava suando contra a de Naia até que ela lhe deu um aperto firme e reconfortante. Quando Onica falou em seguida, sua voz estava mais baixa, como a misteriosa quietude antes de uma tempestade. "Cada um pode fazer uma pergunta", disse ela, embora agora ele não tivesse certeza se a voz dela estava no ar ou dentro de sua mente. "Thra vai responder, como pode." Então começou o Dreamfast. Era como uma música sem som. Trocando um olhar significativo com os olhos fechados. A sensação de entender outro Gelfling apenas por saber, aquela conexão quando duas mentes se encontram como uma sem uma única palavra dita. Desta vez não eram apenas duas mentes, no entanto. Era de Amri e de Naia. Kylan e Onica. Até Tavra, em seu corpo de aranha, se juntou. Ele podia senti-la - vê-la, quase - em sua mente. Com longos cabelos sedosos, lindos e régios e prateados. O mundo deu uma guinada, como se o barco tivesse virado, e Amri agarrou a mão de Naia com força.

Não era o mar sob o navio, mas a emoção arrebatadora que ele sentiu pulando das bordas nas Cavernas de Grot. Essa

incerteza fugaz do perigo, envolta em confiança. Pergunte, disse Onica. Ou talvez não fosse Onica. Todos estavam hesitantes. Onica disse que cada um tinha uma pergunta. Para perguntar a Thra, o mundo deles que lhes deu vida. Amri não tinha ideia de que tipo de pergunta fazer, e nem, ao que parecia, os outros também. Kylan falou primeiro. Nossa mensagem chegou a Ha'rar? O Gelfling tão longe da árvore viu o sonho que costurei em suas pétalas? De repente, eles estavam voando. Bem acima da neblina na costa, parecia um manto ondulante de peles ou penas prateadas, refluindo contra a costa. Montanhas corriam por toda a extensão, verdes do lado do mar e brancas como a neve do outro. Amri ainda sentia a mão de Naia na dele, agora agarrada a ele com tanta força quanto ele se agarrava a ela. Ele não podia vê-la, nem Kylan, Onica ou Tavra. Ele nem conseguia se ver, pois o vento soprava contra eles, soprando-os para o norte em direção a uma luz branca brilhante que brilhava no horizonte como uma estrela. Eles correram em direção à luz, carregados no abraço áspero do vento. Como se estivessem em cima de uma das milhares de pétalas cor-de-rosa da Árvore do Santuário... Não, era isso que elas eram. Eram as pétalas, correndo pelo céu em aglomerados e rajadas de rosa. Esta era a memória onírica das flores cor-de-rosa que brotaram da Árvore Santuário de Grot. As flores sobre as quais Kylan havia costurado sua mensagem, usando sua magia de firca, para que suas palavras sobre a traição de Skeksis pudessem se espalhar por toda parte. As montanhas se dividiam à esquerda e à direita – oeste e leste, conforme eles entravam pelo sul –

mergulhando como asas de gelo e cristal facetados, protegendo uma vila coberta de neve de prédios com telhados de palha conectados por sinuosos caminhos de pedra. As pétalas realmente chegaram até Ha'rar, disse Kylan, a voz desencarnada apenas audível sobre o vento e a luz. Nossa mensagem.

As pétalas estavam por toda parte. Brilhante e rosado contra a neve branca pura, espumando nas ondas prateadas do mar que batiam contra o cais. Decorando os telhados abobadados das casas Silverling, dançando ao longo das ruas de pedra e sobre os rios gelados que serpenteiam sob pontes e passarelas a caminho da costa norte. Quando os Vapra de Ha'rar tocaram as pétalas encantadas, eles viram o sonho de Kylan. Ouvi a mensagem costurada dentro. Kylan havia contado sua música para as pétalas e as mandado embora. Mas Amri e seus amigos ainda não tiveram a chance de descobrir como a mensagem estava sendo recebida. Dreamfasts sempre eram verdade, mas dreamfasts normais eram mão a mão. Não carregado por pétalas. O Gelfling acreditaria? Sussurros chegaram aos ouvidos de Amri: Isso não pode ser. Os Skeksis não fariam isso conosco. . . Mas isso não é uma prova? É um sonho, embora estranho. . . Enquanto voavam por Ha'rar, eles tocaram as bochechas e as costas das mãos do Vapra, pousando nas palmas das mãos e se aninhando em mechas de cabelo prateado. Alguns foram movidos pelo sonho. Outros jogavam as pétalas de lado ou as queimavam de medo. Alguns compartilharam o sonho com suas famílias, enquanto outros trouxeram os rumores para os próprios degraus da cidadela, esperando que o Todo-Maudra



lhes dissesse o que fazer com isso. Mas através da dúvida confusa, dos rumores silenciosos, um pensamento poderoso veio repetidamente. De corações desconfiados, endurecendo como pedra. É um truque do traidor Rian. Ele está tentando nos colocar contra os Lordes Skeksis. Não acredite nas mentiras dele. Amri sentiu a mão pesada da decepção quando Kylan suspirou. Como eu temia, disse o contador de canções. Não desista ainda, disse Amri. Seu esforço não foi perdido. Muitos devem acreditar. Caso contrário, não haveria rumores. A visão desapareceu, e Amri percebeu o barco de Onica balançando abaixo dele novamente, sentiu o cheiro da fumaça do pacote de ervas sob seu nariz. Eles ainda estavam de mãos dadas, e Onica disse novamente: “Pergunte”. Desta vez Tavra falou: “E minha mãe e minhas irmãs?” A mãe dela. All-Maudra Mayrin, escolhida pelos Skeksis para ser a embaixadora dos sete clãs Gelfling no Castelo do Cristal. E suas filhas, das quais Tavra era uma das três. A pergunta pode ter sido egoísta vinda de qualquer outra pessoa, mas da princesa Katavra foi crucial. Os ventos do Dreamfast pararam até flutuarem no espaço, o mundo girando sem eles. O tempo passando, embora fosse para trás ou para frente, Amri não sabia dizer. Então as correntes do sonho estremeceram, mais uma vez se movendo, mas desta vez em uma direção diferente. Subiram e subiram, rodopiando por Ha'rar e subindo a face da própria cidadela. Através de uma janela e em uma câmara feita de gelo e pedra branca. Era noite, alguma noite no passado. As pétalas de sua consciência flutuaram e caíram sobre o tecido macio sobre uma pequena mesa. Outras pétalas grudadas nas cortinas

diáfanas, espalhadas sobre a penteadeira onde a All-Maudra guardava suas joias e enfeites. Três Gelflings falaram nas proximidades. Duas eram claramente irmãs, Vapra, vestidas de branco e prata, com longos cabelos claros e argolas prateadas nas sobrancelhas. Uma era da idade de Amri, tinta manchada em sua bochecha. O segundo era mais velho, vestindo um manto de teias esvoaçantes. Amri viu a semelhança de Tavra em suas sobrancelhas lisas e cabelos prateados. Suas irmãs, uma mais nova, outra mais velha. A terceira Silverling era sua mãe: All-Maudra Mayrin. Não havia mais ninguém que ela pudesse ser, com aquela coroa de prata na testa. Voz como a neve, rosto enrugado e severo. Nenhum deles notou as pétalas trazidas pelo vento. As pétalas cujas memórias Amri e seus amigos estavam experimentando neste estranho sonho. “Selado. Brea. Essa briga sem fim não vai adiantar!” ela repreendeu suas filhas. Os dois que estiveram lá, de qualquer maneira. Ela não poderia saber que sua terceira filha, que estava desaparecida desde que ela foi enviada para encontrar Rian e Gurjin, os traidores, veriam esse momento mais tarde. A mais nova das irmãs cerrou os punhos.

"Eu te disse! Eu vi uma placa no... — Não tenho tempo para isso, Brea! Naquele momento, ela parecia qualquer outra mãe frustrada com sua filha rebelde. Ela finalmente notou as pétalas, acenando para elas em aflição. “O Mestre do Ritual e o General estarão aqui em breve. Eu já tenho que explicar os rumores dessas pétalas de rosa de alguma forma. Eu não posso ter você fugindo para o Sifa e me distraíndo com a feitiçaria do Sonho Distante deles!” “Mas...” “Brea, desista!

Ninguém vai acreditar em você,” Seladon retrucou. As palavras cruéis ecoaram na câmara, e até Amri estremeceu, embora o momento tenha sido há muito devorado pela história. Brea olhou para baixo, com as mãos ainda em punhos. "Tavra teria", ela sussurrou, e o sonho desapareceu. Ao deixarem a memória, Amri percebeu a presença de Tavra, mais forte do que antes. Brea foi ao Sifa em busca de respostas em vez de sua mãe? perguntou Kylan. Brea é jovem, mas não é estúpida. Se ela tinha motivos para duvidar de minha mãe, então nós também temos. A All-Maudra pode não estar tão pronta para entrar em guerra com os Skeksis como esperávamos, Tavra terminou em sua voz severa e ilegível.

Mesmo que All-Maudra Mayrin não fosse a mãe de Brea, ela ainda era sua maudra. O chefe de seu clã. Parecia estranho que Brea não confiasse em sua própria mãe com seus problemas. . . mas, novamente, depois de ver a resposta do All-Maudra, Amri se perguntou se talvez Brea estivesse certo em visitar o Sifa. Ele não estava completamente surpreso, mas manteve seu desdém para si mesmo. Os Vapra e seus All-Maudra haviam deixado o clã Grottan para trabalhar nas cavernas em trígono após trígono. É claro que ela teria medo de sujar suas capas prateadas com os Skeksis. Perguntar. Amri não podia ter certeza com quem Onica estava falando até que ela apertou a mão dele. Sua mão real, embora o toque dela não fosse forte o suficiente para quebrá-lo do sonho. Ele engoliu em seco e tentou acalmar seu coração. Era a vez dele. Como vencemos? Sua voz ecoou no sonho de suas mentes unidas, sua pergunta ousada e nua.

Nenhuma resposta veio, então ele tentou novamente, lutando para fazer suas palavras serem ouvidas em meio a toda a escuridão do sonho: Por favor, Thra. Como derrotamos os Skeksis? O vento do sonho sacudiu como uma tempestade subindo. Como um monstro despertando, ou uma canção em erupção do amanhecer. Amri havia perguntado, e eles se prepararam para a resposta.

### CAPÍTULO 3

A resposta para a pergunta de Amri foi uma parede. Apenas uma parede, no meio de uma escuridão abissal, iluminada pela luz do sonho. Não havia fogo, nem sol. Era quase como se a própria parede fosse a fonte da luz, embora parecesse com qualquer parede normal. Uma laje alta de pedra bronzeada, áspera sob as pontas dos dedos de Amri quando ele a tocou, embora ainda tivesse o sabor surreal de um sonho. Olá? ele chamou, mas ninguém respondeu. Não como antes, quando Thra lhes mostrou as memórias de longe. Os sonhos distantes. Desta vez, parecia que Amri estava sozinha. Ao contrário das duas primeiras respostas, ele experimentou essa visão como ele mesmo. Um Gelfling, não uma pétala rosa. Ele esperava que talvez fosse porque isso era uma mensagem, não uma memória. Ele deu um passo para trás, tentando ver o quão alto o muro se erguia, ou o quão longe ele se estendia de cada lado. Mas era infinitamente alto. Infinitamente largo, estendendo-se infinitamente nas sombras. Ele tocou a parede novamente, tentando ouvir sua voz escondida. Mas não houve tremores, nem vibrações. Não neste lugar, parecia. Neste lugar, não havia nada além da parede. Amri suspirou. Claro que isso aconteceria. A primeira coisa que ele gritou para Thra foi perguntar como derrotar os Skeksis. Se Thra se importasse com o Gelfling e soubesse o que fazer, então já não teria dito a eles? Através dos Sifa Far-Dreamers ou através das estrelas. Através do Cristal. Ou

através de Aughra, a bruxa com chifres de hélice que vivia no High Hill. Thra tinha médiuns infinitos, mas quando Amri fez uma pergunta direta, essa parede silenciosa foi sua resposta. O que devo fazer com isso? perguntou ao sonho vazio. A superfície da parede aqueceu sob seus dedos, e Amri pulou para trás. O fogo floresceu abaixo, vazando do pé da parede como se fosse uma porta fechada em um inferno.

Ele cambaleou para longe enquanto o fogo crescia, ardendo em vermelho e dourado, ardendo em seus olhos com sua luz quente enquanto lambia a parede com línguas gananciosas e famintas. Ele se virou e correu dele enquanto as chamas subiam, um calor ardente lavando o sonho, lançando sua luz laranja sobre a escuridão. O ouro mudou para prata. Amri parou de correr quando sentiu o calor diminuir de suas costas, virou-se para ver o que havia acontecido. O fogo havia engolido a parede, mas onde antes era voraz e vermelho, agora era azul como o céu da meia-noite. A própria parede havia desmoronado em alguns lugares por causa dos dentes do fogo, e onde a rocha havia caído, Amri viu uma luz brilhante. Veias de cristal, brancas como a luz das estrelas, à medida que a parede desmoronava, pouco a pouco. E reveladas na luz do cristal foram as palavras. Imagens. Figuras. . . Então ele estava de volta ao barco, suas mãos úmidas contra as de Onica e Naia. "O que é que foi isso?" ele perguntou, quase quebrando o círculo. O sonho ainda os prendia, como um cobertor, e apesar do que tinha visto, ele relutava em acreditar. Uma parede, disse Naia. Você também viu? Acho que todos nós fizemos, Kylan respondeu suavemente. Com a chama azul. . . O que isto

significa? Nenhum deles, nem a Onica, tinha respostas. Ou pelo menos foi isso que Amri levou o silêncio para significar. Ele sentiu Naia hesitar, tensionando os dedos dela e quase se afastando. Ela ainda não havia feito sua pergunta, embora depois do que eles viram e quão pouco fazia sentido, Amri não a culpou por não ter certeza. Onica respirou -se. Deixe sair. Pergunte, NAIA, ela disse. Faça sua pergunta. O que permaneceu da hesitação de Naia desapareceu. Ela apertou a mão de Amri e disse, por favor, diga -nos onde podemos encontrar Rian. Amri sentiu o frio das montanhas antes de vê-las. Um carro correu através da madeira nevada, desenhada por duas lesmas de Armalig. Era de design de skeksis, com bordas afiadas e esculturas angulares, quase grotescas ao longo de seus lados e topo de dosagem. Amri olhou da carruagem para as montanhas que o cercavam de ambos os lados.

As costas com neve dos cumes rochosos estavam familiarizados, como se ele os tivesse visto muito recentemente. Como se ele tivesse provado o perfume das árvores naquele dia. Esse sonho não era do passado distante, ele percebeu quando pegou o ângulo dos três sóis. Eles não estavam testemunhando a memória de uma pétala rosa, nem uma mensagem estranha e intrigante. Era uma visão de agora, de algo que estava acontecendo não muito longe deles. O sonho de repente morreu quando Naia puxou a mão da dele, pulando para os pés e puxando a adaga como se ela esfaqueasse um skeksis com ele naquele momento e ali. "Isso está de volta onde estávamos!" Ela exclamou. "Isso foi um carruagem de Skeksis!" "Rian deve ter conseguido Ha'rar e

correr para a Skeksis", disse Amri. "Mas o que vamos fazer? Se isso é uma carruagem de Skeksis, isso significa: "" Então significa que não temos tempo! Temos que ir resgatá-lo!"

"Naia saiu pela porta da cabine e correu pelo convés, deixando todos para trás enquanto voltava para o penhasco. A espada no quadril de Amri parecia insuportavelmente pesada. Eles tinham deixado Domrak para trás, arruinado por skekLi e a raça aranha, apenas para descobrir que os Skeksis ainda estavam um passo à frente? Apenas para descobrir que a All-Maudra em Ha'rar pode não ser confiável, apesar de quão duro eles trabalharam para alcançá-la? Não importava agora. Se Rian estava em perigo, eles tinham que salvá-lo. Ele tinha o frasco, afinal. A prova de sua mensagem. A prova de que não foram eles que traíram o Gelfling. Tavra pegou a manga de Amri enquanto ele estava com Kylan. Ela rastejou pelo braço dele e ele resistiu à vontade de afastá-la. Mesmo que ela fosse uma Silverling em sua mente, seu corpo ainda era uma aranha rastejante cantora de cristal. "Naia está certa", disse ela em seu ouvido quando alcançou seu ombro. "Pressa. Onica, por favor, espere aqui. Se algo aconteceu com Rian, precisaremos de um lugar para escondê-lo. Onica seguiu Amri e Kylan para o convés.

Naia se foi há muito tempo, correndo em seu ritmo imparável de volta ao lado do penhasco em direção ao outro lado. Kylan lutou para tirar sua pesada mochila de viagem, deixando-a no convés do navio. Isso só iria atrasá-lo. O coração de Amri disparou em antecipação à dura corrida que



eles tinham pela frente. "Fique seguro", disse Onica. "Essas árvores que vimos, perto de onde a carruagem estava indo. Os pinheiros esvoaçantes." Amri acenou para ela.

"Obrigado." Eles correram pela praia, tentando refazer seus passos de volta ao caminho sinuoso. As lanternas do marinheiro indicavam o caminho, mas mesmo assim que chegassem ao penhasco, Amri sabia que levariam muito tempo para subir pelo caminho que haviam descido. "Não se apresse, estou subindo", Amri disse a Kylan. Sem esperar por uma resposta, ele correu direto para a rocha escarpada, ignorando a trilha e agarrando a primeira borda da pedra. Teria sido mais fácil se ele não estivesse usando as sandálias. Mesmo assim, em poucos momentos ele deixou Kylan para trás. Ele poderia até ser capaz de alcançar Naia, pensou, se continuasse. Seu pé escorregou, seus dedos incapazes de agarrar as solas de seus sapatos, mas ele cerrou os dentes e içou-se sobre a última saliência. A passagem entre a costa enevoadada e o bosque nevado estava à frente, e ele pensou que podia até ver a neve subindo dos pés de Naia enquanto ela corria em direção à ravina onde eles viram a carruagem Skeksis no sonho. Ele a perseguiu, as pernas de Tavra espetando seu ombro quando ela disse: "Os pinheiros esvoaçantes. Rapidamente. Bem aqui, subindo a inclinação!" Um pequeno caminho se abriu à direita, ramificando-se do resto da terra rochosa que começava a descida constante até a ravina. Ao passarem sob os galhos nevados, Amri percebeu que não era apenas a neve que cobria as árvores.

Aglomerados esvoaçantes de unamoths se reuniram nas agulhas de esmeralda, esvoaçando entre os flocos de neve

que flutuavam das nuvens. A trilha transformou-se gradualmente em um cume, com vista para a ravina. Em instantes ele podia ver Naia abaixo, correndo com sua adaga na mão.

E mais à frente, onde o caminho de Naia se conectava à ravina, ele podia apenas distinguir a comoção nevada da carruagem Skeksis. "Só um pouco mais. Esta trilha segue o caminho principal de cima. Seremos capazes de obter a queda sobre eles. . ." Tavra parou. Pegar um caminho alto era bom e tudo para uma garota Gelfling com asas, mas não ia fazer bem a ele. O Vapra jurou. "Penas de enguia. Garoto pesado de pedra!" Amri apontou para a frente. "Eu vejo a carruagem!" Aproximaram-se da borda do cume para ver melhor a carruagem bulbosa e incrustada de filigrana. Não estava indo rápido no gelo e na neve, mas estava firme. Se parassem por um momento, ficariam para trás. "Aí está a Naia!" Naia havia subido no cume do outro lado da trilha da carruagem. Quando eles a viram, ela jogou a capa para trás e se lançou com uma onda de velocidade. Suas asas se abriram, ondulando a luz do arco-íris contra o preto e índigo, pegando o vento enquanto ela mergulhava para a carruagem. Ela pousou e mergulhou sua adaga no dossel e caiu dentro. "Ajude ela!" Tavra chorou. Um grito de Skeksis coalhou o ar, agudo e nasal. Um momento depois, Naia e outro Gelfling colidiram com uma das janelas da carruagem. A carruagem tombou, os armaligs guinchando de angústia com a perturbação. Os pulmões de Amri queimaram com o esforço, mas ele não parou de correr. "Se eu tivesse asas!" ele chorou. "A árvore caída à frente - você pode fazê-lo, não

pode?" Ele viu a árvore. Ele havia caído sobre o penhasco do cume, suas raízes mal segurando a terra enquanto seu topo apontava para baixo, seu longo corpo invertido como um deslizamento na ravina abaixo. "Espero que Kylan conte uma boa música no meu funeral!" Amri saltou para a árvore, aterrissando e deslizando para baixo em uma velocidade impossível. Quando ele escorregou e quase caiu, ele pulou de novo, apontando para um banco de neve abaixo quando a carruagem deu uma guinada selvagem e colidiu com a parede rochosa da ravina. Ele aterrissou em uma pilha de neve macia e, assim que pôde, levantou-se.

Ele sacudiu a neve assim que Naia e um Stonewood Gelfling com cabelos castanhos escuros emergiram de outro banco próximo. Eles assistiram enquanto os armaligs arrastavam a carruagem contra a rocha implacável até que o último dos mastros do cordame quebrou. As feras assustadas abandonaram seu posto, rolando em uma nuvem de neve e gelo. "O frasco", disse Stonewood Gelfling. Amri o reconheceu pela mecha azul no cabelo acima de seu olho. "Ele tem o frasco!" "Rian, espere!" Naia o perseguiu, mas ele se desvencilhou dela e correu em direção à carruagem. "Quem?" Amri ofegou. Eles estavam prestes a seguir Rian quando a porta arruinada da carruagem se abriu. Amri congelou tão frio quanto as árvores e rochas ao redor deles. Da carruagem, tossindo, xingando e cuspiendo, veio um Skeksis. Ele emergiu, focinho reptiliano primeiro, como um pássaro preto de um ovo, quase grande demais para a porta. Seu manto forrado de penas se espremeu, então ondulava quando ele pisou na neve, subindo a toda a sua altura. Seus

olhos ardiam sob sua proeminente sobrancelha roxa, pupilas negras minúsculas e lívidas enquanto ele olhava para elas. “Gelfling,” ele disse como se fosse uma maldição, saliva espirrando entre seus dentes perversos. Em seguida, ele viu Naia. “. . . Drenchen. A das meias. Então você vive. Hummm.” “Dê-me o frasco, Chamberlain”, disse Rian. A confiança em sua voz era impressionante; O estômago de Amri parecia estar se enrugando em uma pequena bola na frente do Senhor Skeksis. O soldado Stonewood deu um passo à frente, estendendo a mão. “O frasco!” O camarista o encarou, então estendeu a mão para trás para afofar o colarinho preto em volta do pescoço para que emoldurasse seu rosto. “O frasco? O frasco? Depois de arruinar nossa carruagem – MINHA carruagem? Gelfling estúpido. Rian estúpido. Depois de tudo o que fizemos por você, você fica lá e nos desafia. Desafie-me.” A mão de Rian vacilou onde ele a estendeu, mas ele não recuou. Naia se adiantou, batendo as asas para que a neve se soltasse, e sentou-se ao lado dele.



"Dê", disse ela. "Ou vamos levá -lo pela força". Amri mudou seu peso e apertou o aperto na espada de Tavra quando o Chamberlain apertou a mão, mas ele estava apenas virando a

manga para trás. Ele estendeu a mão na capa e lentamente, como se estivesse provocando, retirou um pequeno frasco de vidro de líquido azul. "O frasco. . . este frasco? " ele perguntou. Amri nunca tinha visto o frasco pessoalmente. Ele só tinha ouvido falar sobre isso da NAIA e o viu na pétala costurada por sonhos de Kylan. A coisa pequena e seu conteúdo eram a prova do que Rian vira no laboratório do cientista. A coisa que apenas Gelfling poderia dar, e o que o Skeksis os traiu. Essência da vida. Essência de gelfling. "Dê!" Rian repetiu, tremendo de voz. Ele começou a dar um passo à frente, mas o Chamberlain puxou a rolha para fora com um pop doentio e molhado. "Pare onde você está." O comando não era o som nasal que lama que já havia sido há um momento. Agora estava escuro e pesado, agitando-se com fúria profunda. O Chamberlain olhou entre os três, escuridão enchendo os capuzes ao redor de seus olhos redondos. Ele segurava o frasco como se o derramasse na neve sedenta, e Rian parou aquém. "Você acha que pode me comandar?" O Chamberlain perguntou, um rosnado baixo crescendo na parte de trás da garganta. "Você, puny gelfling? Me dando ordens? Uma skeksis? Um dos dois e nove? Você se atreve a me comandar? " "O Skeksis não governará o Gelfling por muito mais tempo, não uma vez que provemos a eles o que você fez", disse Naia, brandindo sua adaga. "Para o cristal e para o nosso povo." "Então entregue o frasco antes de fazer um exemplo seu", disse Rian. Ele nivelou os olhos para o Chamberlain. Um silêncio inquieto se seguiu. Nuvens quentes inchavam entre os dentes irregulares do Chamberlain enquanto ele considerava os três, segurando o frasco aberto

em suas garras. Seus olhos dispararam entre eles, e Amri tentou ainda o medo em seu coração. “Sempre me perguntei”, começou o Chamberlain, “como é o gosto de Vapra”. Então ele inclinou a cabeça para trás e esvaziou o frasco em sua boca cheia de dentes.

"Não!" Rian chorou. "Mira!" "Rian, não!" Naia atacou Rian enquanto ele se jogava no Chamberlain. Eles rolaram até parar na neve e assistiram com Amri horrorizado. O Skeksis ficou imóvel, as mãos estendidas quando ele fechou os olhos e respirou fundo. Ele estremeceu violentamente de sua cabeça calva até as pontas de suas garras, deixando cair o frasco vazio na neve. "AI SIM. DOCE E BRILHANTE COMO XAROPE DE PRIMAVERA! Mmm-MMMM!" As palavras terríveis ecoaram nos penhascos frios. As costas do camarista se endireitaram, e as penas e espinhas que permaneciam em seu pescoço serpentino se encheram de brilho há muito perdido. Sua cabeça inclinou para baixo, e quando ele olhou para eles desta vez, seus antigos olhos amarelos tinham uma faísca de relâmpago dentro deles. "Agora", disse ele. Ele jogou a capa para trás e puxou uma lâmina curta e afiada, sorrindo para eles com uma boca de dentes afiados. — O que você estava dizendo sobre fazer de mim um exemplo? “Amri, levante sua espada.” A voz de Tavra era como um floco de neve no ouvido de Amri. Ele fez o que ela disse. Ele não sabia como usá-lo, mas não podia ficar parado e não fazer nada enquanto Naia puxava Rian para seus pés. O Stonewood mal podia ficar de pé, estremeendo e rígido de raiva. “Rian, nós temos que ir,” Naia pediu. "Temos de ir." “Não—o frasco—Mira—” Amri se colocou diante do Chamberlain. Foram

necessários todos os músculos de seu corpo para não desmoronar sob o olhar pesado e terrível do Skeksis. "Alargue sua postura," Tavra dirigiu calmamente. "Não desvie o olhar dos olhos dele..." Seus olhos. Amri abaixou a espada e estendeu a mão na bolsa de cinto. "O que você tem lá, pequeno vapra?" À medida que o Chamberlain se aproximava, Amri jogou a saqueta de poeira de fogo. O pequeno pacote atingiu a skeksis no focinho e explodiu em uma nuvem de tempero vermelho. A neve caiu das árvores e das montanhas acima quando ele gritou. "MEUS OLHOS! AHHH!" "E eu não sou vapra!" Amri gritou.

Então, Amri disse para Naia e Rian: "Corram!" Até revitalizada pela essência escarpada, o Chamberlain caiu de joelhos, empurrando garras de neve em seus olhos e nariz ardentes. Sem esperar para ver quanto tempo o efeito duraria, Amri e os outros correram, deixando os gritos do Senhor de Skeksis gritos para trás. "O que vamos fazer sem o frasco?" Ele ofegou. "Essa foi a nossa prova!" "Não podemos nos preocupar com isso agora", respondeu Tavra. "Continue correndo!" No ar frio, a cabeça de Amri começou a girar. Ele tentou sacudir, esperando que eles pudessem escapar do Chamberlain antes de se recuperar do pó ardente. A madeira passou por eles, branca e prata. Como se o céu estivesse cuidando deles, de repente começou a nevar. Amri sussurrou um agradecimento tranquilo, esperando que os grandes flocos fofos cubassem seus passos enquanto escapavam. Eles subiram o sopé até que não pudessem mais ouvir os fole do Chamberlain, quase para onde o ar cheirava ao oceano. A vertigem voltou e Amri tropeçou, depois se inclinou contra



uma árvore quando o mundo girava. Em todo redemoinho de neve, todo ponto de sombra, ele viu os rostos de Skeksis. Phantoms, saindo de seus piores medos. Sua garganta parecia apertada, trancando o ar dos pulmões. "Não me sinto bem", ele tentou dizer. "O que há de errado? O que... A voz de Tavra sumiu, e tudo que Amri podia ouvir era. . . cantarolando. Um zumbido intenso, um canto, vindo das profundezas da terra e do alto dos céus ao mesmo tempo. Rian pressionou as mãos contra os ouvidos. "O que é esse som?" Se alguém respondeu, Amri não ouviu. Cego pela neve deslumbrante, ensurdecido pelo cântico cíclico que martelava dentro de sua cabeça, Amri mal conseguia colocar um pé na frente do outro. O que estava acontecendo? Isso era algum tipo de feitiço ou feitiço - alguma magia malvada Skeksis? Ele se perguntou para onde Kylan tinha ido, se ele já tinha conseguido subir o penhasco. Ele só podia esperar que o contador de canções estivesse seguro.

Os três cambalearam para uma caminhada lenta, embora Naia tentasse continuar. "Ele está vindo . . . Temos que continuar. . ." A vibração do drone aumentou e Amri ouviu palavras. Vindo da terra. Das estrelas. Dos sóis e das luas. Afogou o frio e a luz brilhante. Cantava no ritmo do coração de Amri, no ritmo do pulso do mundo. De Tra. Deatea. Deratea. Kidakida. Arugaru. A voz era familiar. Uma voz presente através do folclore e das canções do povo Gelfling. Sua mente acordou com um momento de clareza ao reconhecê-la... E então o mundo desapareceu.

## CAPÍTULO 4

Deatea. Deratea. Kidakida. Arugaru. O canto havia sido impresso no coração de Amri há muito tempo. Antes de nascer, ele imaginou, enquanto flutuava no nada. Era o som que o vento fazia soprando contra as montanhas. A canção

do Rio Negro serpenteando pela Floresta Negra. O som cósmico que caiu do céu na forma de sol e chuva e neve, e o ritmo terreno que se ergueu das profundezas do mundo como plantas e criaturas e Gelfling. Deatea. Deratea. Kidakida. Arugaru. . . Amri abriu os olhos. Ele estava no escuro, em uma caverna profunda e fria. Tinha um cheiro familiar, como água pingando. Ele olhou para cima e engasgou. Pendurado no teto da caverna cheia de escuridão havia uma árvore. Ele crescia do teto, descendo em direção às profundezas, feito de pedra e rocha e brilhando com manchas de cristal. Ainda assim, ele sabia onde estava. Conhecia a cor azul da rocha, o cheiro da água fresca fluindo. Ele estava nas Cavernas de Grot, bem abaixo de Domrak. “Tava?” ele perguntou, mas não havia aranha em seu ombro. Ele estava sozinho. Deatea. Deratea. Kidakida. Arugaru. . . O canto era apenas um sussurro agora, um mero rascunho escoando do mundo acima. Amri lembrou-se de pensar pouco antes de chegar a este lugar - onde quer que fosse - que ele o reconheceu e lutou para se lembrar. Através da escuridão, no antigo abraço da árvore de pedra, algo cintilou. DEATEA. DERATEA. O mundo do sonho estremeceu. A voz ressoou como a voz do próprio céu: KIDAKIDA. ARUGARU. A luz brilhou ao redor dele, e ele cobriu os olhos contra ela. Mas quando ele fechou os olhos, ele viu outro sonho, este mais profundo dentro de sua mente. Como se quando ele fechou os olhos, ele realmente os abriu. E ele viu. Girando diante dele, maior que a vida, um pináculo de pedra facetada brilhando em um branco brilhante.

Ele tocou com uma música ensurdecadora, um grito que poderia perfurar qualquer escuridão. Uma voz que girava o mundo, que batia com a pulsação do planeta. Era o Coração de Thra. O Cristal da Verdade: brilhando das profundezas do mundo onde sempre esteve, diminuindo Amri enquanto ele olhava para ele. "Sim! Bom! Lá!" A voz era da terra, áspera e suja, antiga e sábia. Falou com ele do Cristal, ou do sonho. Foi então que ele finalmente o reconheceu. "Mãe Aughra?" ele perguntou. "Você fez isso?" Sua pergunta ficou sem resposta, irrelevante e fraca e abafada pelo toque do Cristal. Ele ouviu outras vozes ao seu redor, mas quando olhou, não conseguiu ver outros rostos. O Cristal era muito brilhante. Ele só podia ouvi-los fazendo as mesmas perguntas que ele havia feito: É você, mãe Aughra? Onde estamos? Por quê? "Tranquilo!" A voz retumbante de Aughra silenciou a conversa até que tudo que Amri ouviu foi o pulsar do Cristal e a respiração áspera de Aughra. "Silêncio, e ouça! Não muito tempo. Skeksis pode descobrir. Sobre este espaço de sonho, esta fonte de magia e profecia." "Espaço dos sonhos". Amri reconheceu a voz de Kylan, soltou um suspiro de alívio. Pelo menos o contador de canções estava bem. "O mundo dentro do nosso mundo. . ." Então eles estavam em um sonho, afinal. Aughra ignorou Kylan, falando com seu jeito estranho e impaciente. "Rian, corajoso Stonewood! Naia, feroz Drenchen! Você ouvindo? Você aqui?" "Estou aqui." Era a voz de Rian, seguida de Naia: "Eu também". "Bom. Sim. Naia, que viu o próprio Cristal arruinado. Rian, que viu o que os Skeksis fizeram para infectá-lo. Suas verdades iluminarão o caminho. Você deve compartilhá-los, agora! Neste sonho de

reparadores!” “Compartilhe meu sonho . . . você quer dizer, sonhador? perguntou Rian. "Sim!" Aughra gritou. “Agora, e com pressa!” Amri sentiu o calor familiar de um sonho em sua mente, através do espaço de sonho criado por Aughra. Através da projeção do Cristal que o cegou.

O dreamfast era de Naia, sentindo sua essência – árvores e água fresca, o cheiro de flores exuberantes e a sinfonia da floresta da selva. O Dreamfast veio mais vividamente do que qualquer outro. Claro como se ele próprio estivesse lá, Amri viu o Pântano de Sog – a casa de Naia. Uma árvore enorme e retorcida quebrou o pântano coberto de vegetação, protegendo a clareira que o clã Drenchen chamava de lar. Na memória, Naia estava saindo, com seu pai, Bellanji, além de um soldado grisalho. Tavra de Ha'rar, que veio com notícias da traição do irmão gêmeo de Naia. . . Então o problema no pântano. Um Nebrie selvagem. Suas presas monstruosas enviaram Naia, sem asas, caindo nas águas profundas. E lá, abaixo das camadas de lodo e lama, ela viu o veio de cristal. Roxo, como os olhos do Nebrie escurecido. O escurecimento havia chegado até Sog. A voz de Naia estava na memória e na mente de Amri. Eu também vi, disse outra voz. Era da Onica? Em um sonho do oceano profundo. E eu, disse outro. No mar cristalino, houve uma terrível tempestade. . . E eu vi Nurlocs com olhos roxos, profundamente nas cavernas de Grot! Quantas garfling estavam ouvindo? Quantos Aughra convocaram para esse espaço de sonho-quão menders ela nomeou? A voz de Naia era solene quando ela continuou. Fui

encontrar o cristal, para ter certeza de que estava a salvo da doença. . . A madeira escura. O caçador de Skeksis de máscara de osso. A skeksis e o castelo do cristal. Era tudo um borrão de mantos, garras e risadas, o imperador cruel Skekso, enquanto ordenou que Tavra fosse levado ao laboratório do cientista Skektek. Tudo como Naia viu o horror na câmara de cristal. Que o cristal da verdade, uma vez branco e puro, foi danificado e morrendo. Trevas sangrando no mundo como incêndio. Mas era a fonte. O sonho da NAIA ondulou, perdendo detalhes. Amri sentiu como se estivesse quebrando a superfície de um lago, retornando à visão do cristal projetado no escuro. Estava tudo em sua mente, o sonho dentro de um sonho. Assim que terminou, outro sonho começou, desta vez com a voz de Rian guiando -a. Os Skeksis são responsáveis pelo estado do cristal, disse ele. Por causa do que eles fizeram com isso. Agora Amri estava no castelo do cristal.

Esgueirando -se um corredor pelos olhos de Rian, nas profundezas das catacumbas. Chegando uma lasca de luz vermelha, o sussurro silencioso de Skeksis. Olhando e vendo. . . uma máquina. Um buraco na parede, cheio da luz ardente do cristal. Um soldado de vapra - mira - forçado a contemplar o feixe de luz mortal que brilhava do cristal que já havia protegido Thra. Agora, em vez de dar luz, levou. Demorou e levou, até que ela não tivesse mais nada, toda a essência de sua vida destilada a um único frasco de líquido azul. Foi minha única prova, disse Rian, sua voz mental quebrando com raiva e remorso. Ela era minha única prova. E agora . . . A memória final. Um Amri havia testemunhado pessoalmente.

O camarista, a língua coriácea batendo contra os dentes pontudos, engolindo as últimas gotas da preciosa essência do frasco. O jejum dos sonhos terminou. A voz de Rian era áspera e quebrada, quase como se ele estivesse fora da vista de Amri. “Era nossa última esperança. Mas agora passou. Ela se foi . . .” “Não importa”, disse Naia. “Mesmo sem o frasco. Devemos chegar a Ha'rar. Devemos contar ao All-Maudra... — Você já o fez. A voz de All-Maudra Mayrin ecoou pelo espaço dos sonhos como o mar batendo contra um penhasco de gelo. Enquanto ela falava, sua imagem entrou em foco no rosto do Cristal dos sonhos. Como a tinham visto no Far-Dream de Onica: nobre e solene, suas asas como gelo prismático. Amri se perguntou se Tavra estava no sonho com eles. Se estava, por que não falou, mesmo que apenas para dizer à mãe que ainda estava viva? Ou talvez ela não tivesse entrado no espaço dos sonhos com eles, por causa de seu corpo de aranha. De qualquer forma, a voz do soldado prateado não surgiu do silêncio. “Eu vi as pétalas que vieram com o vento do sul”, continuou o All-Maudra. “Eu ouvi rumores, ondulando através do Vapra de Ha'rar. Do desaparecimento de Mira. De Rian e Gurjin, os traidores.” Suas emoções estavam escondidas em seu rosto impassível quando ela acrescentou: “Mas agora eu entendo a verdade”. Aughra grunhiu. “Sim Sim. Agora você sabe. Agora todos vocês sabem.

Seus muitos sonhos são um. Suas muitas verdades são uma.” “Por que você demorou tanto para nos ajudar?” Era Kylan novamente, embora ele não tivesse sido chamado para falar. “Se você tivesse o poder de fazer isso — a vontade de nos

ajudar —” Aughra fez uma pausa, deixando-os cair em um silêncio que ameaçava dismantelar completamente o espaço do sonho. A luz do Cristal diminuiu, e Amri sentiu que começava a acordar. Até que a voz de Aughra o trouxe de volta, desta vez mais suave e triste do que antes. “Aughra fez este lugar, este lugar dos sonhos. Para perguntar a Thra a mesma coisa! Thra respondeu,” Aughra murmurou. Amri não tinha certeza se era uma resposta à pergunta de Kylan ou apenas uma continuação de seus pensamentos.







“Agora, Thra respondeu,” ela continuou. “E aqui está o que foi dito: Sete fogos de resistência devem ser acesos. Sete incêndios por sete clãs, antes que os Skeksis destruam o Cristal com sua ganância. Sete melodias maravilhosas devem se unir como uma, em uma única música. . . Por você, Naia. Pelos reparadores que ouvem os gritos do Cristal Negro. Esta é a resposta de Thra.” “Eu vou fazer isso”, disse Naia sem hesitar. “Sete incêndios, sete músicas—o que quer que Thra acredite que nos salvará, você pode confiar em mim. Vou trazer a verdade aos clãs e unir os Gelflings.” Amri estremeceu. Ele quase podia ver o rosto dela, olhando sem medo nos olhos de Aughra. Ele esperava que ela pudesse senti-lo, de pé ao lado dela, mesmo que fosse em um sonho. Ela não estava sozinha. Ele estaria com ela, e Kylan também. “Todo-Maudra Mayrin”, disse o contador de canções, “vimos de tão longe para contar o que os Skeksis fizeram. Para lhe dar este sonho pessoalmente. Para lhe mostrar o frasco. . . mas não sabíamos se poderíamos confiar em você. Agora que você viu o que vimos, viu o que Rian viu, diga-nos a verdade: você acredita?” A forma da All-Maudra veio e foi na face do Cristal, líquida e mudando até que de repente se solidificou com clareza. Amri prendeu a respiração esperando por sua resposta. “Sim”, disse ela. “Eu vejo agora que não pode ser negado. Vá em frente, sabendo que o primeiro fogo já arde. . . Ha'rar e os Vapra vão lutar contra os Skeksis.” O coração de Amri quase explodiu de luz. As palavras do Todo-Maudra foram como um bálsamo para a dor em seu coração. A preocupação de que ela iria negá-los como mentirosos e

traidores ou, pior, que ela já sabia e decidiu olhar para o outro lado. Talvez eles estivessem errados em duvidar dela. Mesmo depois de ver como ela havia recusado Brea. Rian falou em seguida, a voz cheia de fervor. "E quanto a mim? O Chamberlain bebeu o resto da essência de Mira. Os Skeksis têm que pagar pelo que fizeram!" Aughra ficou em silêncio por um longo tempo, e Amri pensou que talvez o sonho tivesse acabado. Quando ela respondeu, era grave como a própria terra.

"Rian, você tem uma tarefa especial. Um que pode ser feito pela sua mão. . . ou então por nenhum. Você deve recuperar um objeto sagrado. Quando você acordar, você saberá."

"Aughra—espere—" "ACORDE!" Amri se endireitou. Um corpo frio de aracnídeo encolhido na curva de seu pescoço. Ao lado dele, Naia e Rian se mexeram. Os sóis estavam se pondo. Eles não estavam dormindo há muito tempo. "Foi um sonho?" ele sussurrou. "Eu acredito que sim," Tavra respondeu. Então ela tinha testemunhado. "E que sonho foi esse." Naia sacudiu seus locs e se virou para Rian. "Você está bem?" Rian sentou-se, um olhar sombrio em seu rosto. Seus olhos ainda estavam vermelhos das lágrimas que ele derramou sobre o frasco de essência – os últimos restos de Mira, o Vapra da memória. Mas o olhar distante no rosto de Stonewood não era só tristeza. Foi também determinação e fúria. "Rian. . . ?" "Eu tenho que sair." Ele se levantou, limpando a neve. Ele ajudou Naia e Amri a se levantarem. "Eu sinto Muito . . . Obrigado por me tirar de um lugar ruim com o Chamberlain. Mas eu tenho que ir." "O que Aughra te disse?" Náia perguntou. "Você não vem conosco para

acender o fogo da resistência?" "Não. Eu tenho uma tarefa diferente. Aughra quer que eu pegue algo. Alguma relíquia velha. . . Não entendo." "Não fique muito surpreso", Amri comentou. "É de Aughra que estamos falando, afinal." Rian olhou em sua direção e bufou. "De fato. E mesmo que eu não entenda, acho que ainda tenho que tentar. É assim que sempre acontece, parece. Sinto não poder ir com você." Naia afofou o manto. "Está tudo bem. Faça o que você precisa fazer, e nós também. Tenho certeza que nos encontraremos novamente. . ." Naia parou, então se levantou. "Ah, Rian! Quase esqueci - Gurjin está vivo! Toda a postura de Rian mudou de surpresa para choque, então alegria confusa. "O quê? Eu pensei... eu pensei que skekMal... — Eu também pensei. Mas os Skeksis o mantiveram vivo. Algo sobre nós sermos gêmeos. Mande-o de volta para Sog para se recuperar. De jeito nenhum os Skeksis vão atravessar o pântano para chegar até ele. . . Ele está seguro.

Eu só queria que você soubesse." A percepção mudou o Stonewood para melhor. Amri ficou surpreso que Rian foi capaz de sorrir depois de tudo o que aconteceu com ele. Mas ele fez com as notícias de Naia, mesmo que apenas um pouco. Ele estendeu a mão e apertou a mão de Naia. "Obrigado, Naia", disse ele novamente. "Estou em dívida com você—" "ONDE VOCÊ ESTÁ? RRRAUGHHHH!" Todos prenderam a respiração quando um grito distante de Skeksis ecoou pela floresta crepuscular. Os dedos gelados de medo subiram pela espinha de Amri, cavando e apertando. Era o Chamberlain, lá embaixo na ravina. Amri sentiu o chão se encolher sob a neve, avisando-o. "Ele está vindo", Amri

sussurrou. “A poeira do fogo deve ter passado. Nós devemos ir.” Rian assentiu. “Até a próxima vez.” Ele deu ao resto deles uma saudação cortante, jogando o cabelo uma última vez antes de deslizar para dentro da floresta, em direção ao sul. Tavra deu um tapinha na bochecha de Amri. “Rapidamente. De volta ao barco de Onica”, disse ela. “Devemos contar a ela o que vimos, e não devemos deixar Lord skekSil nos encontrar!” O Chamberlain soltou outro rugido, sacudindo as árvores com sua fúria impregnada de essência. Amri não precisava que Tavra lhe contasse uma segunda vez. Ele agarrou a mão de Naia e voltou pelo caminho que eles vieram. Enquanto se apressavam no crepúsculo, a neve continuava a cair, cobrindo seus rastros. Amri agradeceu a cada respiração enquanto escapavam do furioso Skeksis, deixando-o para trás na ravina.

## CAPÍTULO 5

O vento de Achill soprou quando as luas se levantaram, refletindo a neve. Quando a luz atingiu o penhasco ao longo

da costa, a névoa havia limpado. Abaixo, o oceano parecia sangrar diretamente nos céus com apenas as estrelas para diferenciar o céu do que era o mar. Uma luz brilhante brilhava muito ao norte. Amri pode ter confundido com uma estrela, ou talvez até uma lua, se ele ainda não tivesse encontrado as irmãs se aproximando da noite mais perto do horizonte. "O Waystar", disse Tavra, percebendo que ele está olhando. "Um bosque de estrelas crescendo no alto dos penhascos de Ha'rar. Juntamente com as lanternas do marítimo, o bosque acende o caminho para os viajantes que vêm para Ha'rar. Embora não seja uma estrela real, é tradição para o Vapra procurá-lo em momentos de necessidade." Amri lembrou-se da luz que ele viu no sonho, quando eles eram pétalas soprando em Ha'rar. A cidade de Silverlings e seu All-Maudra estavam lá. Ele estremeceu, mas desta vez não do frio. O primeiro incêndio foi iluminado. "Gostaria de saber quantos olhar agora", Naia se perguntou em voz alta. Onica estava esperando por eles no convés quando eles voltaram ao navio, bochechas e nariz vermelho do cabelo frio e carmesim, espalhando-se no rosto nos limites do capuz. "Oh, graças às irmãs", disse ela. "Depois desse sonho, eu não tinha certeza se o encontraríamos congelado até a morte na neve. Entre, entre. Amri deixou -a puxá-los para dentro, deixá-la envolver mantas pesadas em volta dos ombros dele. Kylan olhou para cima do fogo, onde estava mexendo uma panela de sopa. "Naia, Amri - Tavra! Você está bem." "E você", disse Amri.

"Eu estava preocupado!" "Eu tinha acabado de chegar ao topo do penhasco quando o espaço dos sonhos aconteceu. . .

Depois, eu não sabia onde todos estavam, então voltei aqui. Estou tão feliz que você esteja bem. . . Mas onde está Rian? Você o encontrou?" Naia contou a Onica e Kylan o que havia acontecido. Com o Chamberlain e o frasco. O adeus distante de Rian. Ela terminou com um suspiro e um encolher de ombros, como se nada mais pudesse ser feito pelo soldado Stonewood. Talvez nada pudesse. "Eu consegui contar a ele sobre Gurjin, pelo menos", disse ela. "Só espero que ele não faça algo impetuoso e se mate." "Vocês dois estavam lá também?" perguntou Amri. "Quero dizer, no . . . espaço dos sonhos? Eu ouvi sua voz, Kylan. . ." Kylan assentiu. "Acho que todos nós fomos." "Eu me pergunto quantas pessoas viram isso," Amri murmurou. Ele tinha ouvido tantas vozes no espaço do sonho, e apenas algumas delas pertenciam a seus amigos. Para quantos Aughra havia ligado? Quantos reparadores havia entre os clãs Gelfling, e quantos deles estavam agora esperando por eles, para acender o fogo da resistência? Amri tentou não se sentir insignificante, pensando nisso. "Não vejo a árvore de pedra em Domrak desde pequena." "Domrak?" disse Naia. — Foi assim que você viu? "Sim . . . você não fez?" "Não. Eu estava em casa em Sog, na câmara do coração de Great Smerth. Kylan? O contador de canções balançou a cabeça. "Os prados perto de Sami Thicket." "E eu vi o grande navio Omerya, ao largo de Cera-Na", disse Onica. "Hum . . . não é surpreendente. Afinal, o espaço dos sonhos está em nossas mentes e em nossos corações. Agora, coma enquanto eu nos levo para o mar. Temo que o camarista possa vir à costa em sua busca por nós, e eu gostaria de ir embora se isso acontecer. "Então



agora o All-Maudra sabe,” Naia disse enquanto o navio se afastava da costa. Pelas janelas da cabine, Amri só podia vislumbrar o Sifa Far-Dreamer trazendo o estrondo ao redor. O barco balançou quando a vela mordeu o vento. Kylan serviu o jantar e Amri refletiu sobre tudo o que aconteceu.

"Você acha que ela está realmente conosco?" Amri perguntou. "Sem dúvida", disse Tavra. "Ela viu suas verdades e liderará o Vapra - e os outros clãs - de acordo."

"Consequentemente", disse Onica, pegando o final da conversa deles quando ela voltou para a cabine. Amri não amava a ideia de que o navio estava navegando para o oceano sem ninguém assistindo o comando, mas ele tinha que confiar no SIFA sabia o que estava fazendo. De qualquer forma, se o Chamberlain chegasse à costa procurando por eles, ele preferiria ficar preso no oceano do que preso nas garras horríveis da Skeksis. “Você ainda duvida dela? Mesmo depois do que ela disse? ” Naia perguntou. "All-Maudra Mayrin é o embaixador ordenado entre os sete clãs e o Skeksis", disse Onica com um encolher de ombros. “Ela fala com o próprio Imperador Skekso. Acho difícil acreditar que, em sua posição, ela poderia ter permanecido completamente alheio ao que os Skeksis estavam fazendo. Ela não é ingênua. Ela é meramente bem praticada em girar para o contrário. ”

"Mas ela disse que o incêndio estava iluminado e que o Vapra lutará com a skeksis", disse Amri, inseguro. Foi difícil entender mal o que ela disse, então franco no sonho. No entanto, ele sentiu que a intuição de Onica não era demitida. "Tavra, o que você acha?" "Minha mãe fará a coisa certa", disse ela, mas houve uma hesitação. Ele desejou poder ver a

reação de Tavra, mas enquanto ela estava no ombro dele, tudo o que ele podia sentir dela era a voz dela. Quase como se ela estivesse falando de dentro da cabeça dele, uma constante severidade falando em seu ouvido. "A coisa certa, hein?" Onica disse com uma testa elevada. "Como ela fez quando descobriu que você estava esgueirando-se para os cais para visitar um sonhador Sifa?" A hesitação cresceu. "Isso foi há muito tempo atrás." Onica suspirou, como se o argumento estivesse velho e cansado. Provavelmente foi. "Quando sua mãe fizer a coisa certa, será o certo para o Vapra sozinho. Ela usa um manto pesado nas cores de Skeksis, e não será facilmente trocada para uma armadura.

Nem todo mundo é como você, meu amor. " E para isso, Tavra não teve resposta. Através da vigia, a luz do Waystar Grove não passava de uma mancha distante de luz nas montanhas escuras e geladas. Naia puxou seus locais por cima do ombro e colocou as duas mãos palma na mesa. "Chegamos tão longe para entregar nossa verdade ao All-Maudra, e agora fizemos isso", disse ela. "Não tenho tempo para duvidar dela. Ainda temos que acender mais seis incêndios, como a Aughra disse. Ela me deu essa tarefa, e eu vou ver isso. " Lá ela estava de novo. NAIA feroz, que tinha visto o cristal rachado. Vi e vivi para suportar sua dor, seu pedido de ajuda. Amri não sabia o que fazer com o sonho que todos viram. Não é o que Aughra lhes trouxe, nem a estranha imagem da parede que o sonho de Onica o havia mostrado quando ele fez uma pergunta grande demais para ser respondida. Mesmo assim, ele sabia uma coisa. "Nós", disse ele à NAIA. "Aughra nos deu uma tarefa." Kylan

assentiu. "Estamos nisso juntos." Onica ficou e retirou um pergaminho do colete. Ela colocou na mesa. "Então sugiro que vámos para Cera-NA", disse ela, gesticulando para o pergaminho. "Logo depois que as pétalas rosa pousaram, Maudra Ethri chamou a SIFA para se reunir, mas por que, eu não sei. Ela geralmente não é tão secreta sobre suas intenções, então parecia estranho. Eu estava planejando navegar em breve para descobrir o que está acontecendo. " "Cera-na?" Amri perguntou. "A baía onde o SIFA se convém, na costa oeste do continente. É apenas uma viagem de dia por mar e, se alguém é corajoso o suficiente para acender um fogo e se levantar contra a Skeksis, será Maudra Ethri. " Naia bateu um punho na palma da mão. "Então é decidido. Vamos primeiro ao Cera-NA e nos encontraremos com o SIFA. "

## CAPÍTULO 6

Amri acordou em um canto da cabana sob uma pilha de almofadas e colchas. Algo rastejou em seu rosto, e ele deu um tapa nele - então gritou quando ele o picou. "Acordar. Acima!" A luz da manhã brilhava no vidro colorido que enchia as janelas de vigia. Outro dia ofuscante logo começaria. Amri desejou poder dormir até que fosse noite novamente, mas isso era tudo – um desejo – e ele se forçou a se levantar. "Por

que? Estamos lá?” Tavra deslizou para cima da manga. "Não. Você tem treinamento para fazer. Acima! Pegue minha espada." "Treinamento? O que somos agora, capitão e soldado? Ela riu, embora não fosse alegre. Alegre não parecia uma palavra que pudesse descrevê-la, embora Amri se perguntasse se isso poderia mudar. “Você dificilmente é um soldado. Mas veremos o que podemos fazer, especialmente se vocês estão tão determinados a se tornarem rebeldes traidores.” Amri pegou a espada e tropeçou contra a parede enquanto o chão balançava para um lado, depois para o outro. Ele resistiu à vontade de se jogar nas tábuas, deitar-se o mais reto possível e torcer para que o balanço e o balanço simplesmente desaparecessem. "Oh sim. Barco." “Endireitar sua postura. Amarre o cabelo para trás. Você não está mais nas cavernas.” Ele trançou o cabelo e deu um nó na ponta, engolindo sua indignação. O Vapra estava apenas tentando ajudar. Provavelmente. Naia havia dito a mesma coisa, de volta ao penhasco, mas de uma maneira mais gentil. . . e tirar o cabelo do caminho ajudava no vento forte do oceano. Mas ele não precisava dar a Tavra a satisfação se ela fosse ser tão mandona. “Postura,” Tavra o lembrou. Mesmo depois que Naia o ensinou a andar ereto, ele já havia começado a voltar ao seu agachamento habitual. Determinado a se juntar aos diurnos, ele fez o que Tavra disse, erguendo os ombros e endireitando as costas. Isso não ajudou seu equilíbrio, especialmente enquanto ele ainda estava de sandálias, mas ele fez isso de qualquer maneira.

Ele saiu da cabine para o convés. O vento enchia as barbatanas do navio, não mais cortante e frio. Na verdade, as

rajadas que os empurravam eram quentes o suficiente para que Amri pudesse sentir o cheiro do mar, salgado e cheio de vida. Eles correram sobre as ondas em uma tigela infinita de azul esverdeado, contido apenas pela faixa branca de luz que brilhava no horizonte onde o sol nascia. Ele nunca tinha visto um espaço tão interminável antes. Olhar para ela o deixou tonto, cercado por tanta água e ar em vez de pedra. "Bom Dia!" Kylan chamou de cima. Ele ficou com Onica no telhado da cabana, um buquê de cordame nas mãos. Ele ouviu atentamente enquanto o Sifa apontava para as cordas e depois para as velas. "O que você está fazendo?"

"Aparentemente, Tavra vai me transformar em um paladino Vapra", declarou ele com um floreio de brincadeira que terminou com ele quase derrubando a espada. "Logo você se curvará diante de Amri, o Forte!" "Amri, o Forte, hein? Espero que você seja forte o suficiente para mim." Naia ficou em frente a ele no convés, adaga na mão. Ela sorriu para ele e girou a coisa para que lançasse raios de sol pela nave e em seu rosto. Seus locs estavam amarrados para trás, seus pés confiantes e inabaláveis no convés em constante mudança. "Amri, o Forte, aceita seu desafio", disse ele. "Vão para o convés de proa, vocês dois," Tavra dirigiu. O convés de proa não era grande, mas pelo menos estava fora do caminho das aulas de vela de Kylan. O nariz do navio pulava para cima e para baixo nas ondas, e Amri queria ficar de quatro para manter o equilíbrio. Mas ninguém mais estava, então ele não o fez. Tavra tomou seu lugar em seu pescoço, onde ele podia ouvi-la sobre o rugido das ondas do mar e do vento. "Tudo bem então. Naia, trinta estocadas. Amri, trinta defesas.

Começar." "Trinta! Eu nem sei o que é um parry." "Se vamos guerrear com os Skeksis, Naia vai precisar de alguém para protegê-la, e você não poderá confiar em seus estranhos truques de Grottan todas as vezes." "Eu poderia se tivesse uma bolsa de especiarias maior."

"Vamos, Amri, o Forte!" Naia riu, então fez uma pose. Ela parecia capaz de enfrentar qualquer coisa, de monstros sombrios a Skeksis cruéis.

Como um herói, pensou Amri. "Vai ser divertido! Vou tentar não bater muito em você." Ele olhou para Kylan, que estava amarrando uma das velas, e se perguntou se ele preferia aprender a velejar, mas ele sabia tanto sobre navios quanto sobre espadas. O menino Spriton deu-lhe um pequeno aceno, como se dissesse Boa sorte. Você vai precisar. "Tudo bem. Aqui vou eu." Ele segurou a espada e abriu os pés como Tavra havia dito antes quando ele enfrentou o Chamberlain. Algo sobre isso parecia bom, segurando uma espada enquanto o navio corria pelo mar aberto. Mesmo que ele tivesse certeza de que a qualquer momento ele largaria a lâmina e a perderia nas profundezas. Tavra mostrou a ele como se defender. A lâmina de Naia era mais curta que a espada, feita para esfaquear e cortar. Seus golpes foram fortes e diretos, e mesmo quando Amri aparou com sucesso, ele sentiu o choque do impacto onde as lâminas colidiram. No momento em que o segundo Irmão atingiu o horizonte, o corpo inteiro de Amri doía e o hálito salgado do oceano cobria seu rosto. "Tem certeza que você nunca treinou para ser um guarda no castelo?" ele perguntou. Naia não parecia

nada sem fôlego, pés rápidos e olhos brilhantes focados. “Ah, tenho certeza! Mas eu ganho o festival de caça a cada temporada, tanto na boleadeira quanto na lança!” Os braços de Amri sacudiram novamente quando ele mal derrubou a ponta de sua lâmina. “Como eu disse! Não é justo!” “A vida nem sempre será justa ou gentil!” A voz em seu ouvido era como uma consciência, lembrando-o das coisas que ele preferia não ter lembrado: como nunca ter visto uma boleadeira ou uma lança antes de deixar Domrak, ou nunca ter ido a um festival de caça. “Deixei!” Tavra ordenou. “Não, Amri, saiu. Não...” Ele pensou ter visto uma abertura no ataque de Naia e reagiu, sacudindo o pulso.

A espada de prata deslizou contra a adaga de Naia, seu aperto afrouxou quando a lâmina torceu, e ele entrou. Muito rápido, sua lâmina estava perto, inclinada para cima - e então ela bateu o ombro no peito dele, tirando o ar de seus pulmões enquanto ele caiu no convés. “Eu disse para você não atacar!” Tavra zumbiu, como um inseto incessante. “Se isso tivesse sido uma batalha real, você estaria morto.” “Bem, não é”, ele retrucou. “Achei que tinha visto uma abertura, então fui em frente. Qual é o sentido de praticar se você não pode correr riscos?” “Não foi um risco. Foi um fracasso garantido.” “Você não sabe disso.” “Eu fiz.” “Bem, talvez eu esteja cansado de você me mandar por aí.” “Eu estava tentando . . .” Ela clicou com frustração, terminando com um som final “Não importa. Faça como quiser.” Tavra pulou do ombro de Amri e os deixou. Ele tentou não se sentir mal enquanto Naia o ajudava a se levantar e o afastava. Ele não sabia se estava bravo ou feliz por Tavra estar bravo com ele.

Pelo menos ele disse a ela para parar de tratá-lo como seu fantoche pessoal. Amri pendurou cuidadosamente a espada em seu quadril. "Ela está certa. Eu poderia ter matado você", disse Naia. "Não teria sido um mau caminho para Amri, o Forte, ir." Ela riu e esfregou o peito dele onde ela o colocou no ombro. A contusão doía menos sob seu toque, embora ela não tivesse usado nenhuma de suas magias de cura. Eles tomaram goles do barril de água fresca no convés e encontraram um lugar para se sentar. "Ela está apenas tentando ajudar, eu entendo", acrescentou. "E que ela provavelmente está se sentindo impotente e tudo mais, presa naquele corpinho. Mas não posso ser seu substituto. Eu sou Grottan. Eu mal posso ficar de pé neste barco, muito menos fazer coisas com espadas." "Não se preocupe com isso. Você não foi tão ruim, realmente." Amri riu. "Você está apenas animado para ter alguém para bater." "Não é verdade!" Ainda assim, ela sorriu. Então deu de ombros. "O que eu sei sobre lâminas é de caça.

Não é realmente o mesmo que combate, e definitivamente não é o mesmo que enfrentar . . ." Um Skeksis. Nenhum deles queria terminar esse pensamento. Ele ainda podia ver a neve derretendo no couro cabeludo roxo quente do Chamberlain, enrugado de trígono e trígono de raiva. Quão vingativo ele bebeu o resto da essência, apenas para irritar Rian. E como isso o havia mudado. Juventude e fúria correndo de volta para ele, tornando-o três vezes o monstro que ele já foi. Se aquelas minúsculas gotas no frasco o haviam transformado tão dramaticamente, o que mais poderia fazer? Quantos Gelflings seriam necessários para alimentar



todos os Skeksis, e que tipo de demônios inimagináveis eles se tornariam, loucos pela essência vital dos Gelflings? Não, lutar contra um Skeksis não seria o mesmo que caçar. Os Gelflings cresceram no mundo como caçadores e coletores. Agricultores. Eruditos. Contadores de canções. Mesmo o clã velejador Sifa, por mais implacável que pudesse ser para enfrentar o vento e o mar, havia sido criado e nutrido por Thra para estar em comunhão, suas vozes uma com a grande canção. Por que Aughra, que ouviu a canção do mundo, não previu os Skeksis? Se tudo em Thra fazia parte da música, então os Skeksis também, por mais terríveis que fossem. Então, por que Aughra não preparou os Gelfling, os filhos de Thra, para uma traição tão grande? Amri se perguntou se era algum tipo de teste. Mas ele tinha ouvido medo real até mesmo na voz de Aughra, no espaço do sonho. Se Aughra estava preocupada, como isso poderia fazer parte da música de Thra? Ela já deve saber a melodia. As palavras, a harmonia e o resultado. Sempre foi da natureza de Amri ser curioso e perguntar. Esse era o seu papel, como Grottan. Fazer as perguntas no Santuário onde ainda ecoavam os cantos dos sinos que moviam montanhas. Para encontrar as respostas e protegê-las no Túmulo das Relíquias. Foi disso que Thra acusou seu clã, e mesmo assim, em poucos dias eles perderam a Tumba e quase perderam o Santuário para os Skeksis. Mas quando ele perguntou a Thra como parar os Skeksis, tudo o que ele mostrou foi uma parede estúpida.

Os reparadores. Era assim que Aughra os chamava. Amri olhou para Naia, que se virou para encarar o vento. Naia, que viu o Cristal e sobreviveu. Naia, que veio dos confins mais

distantes da terra Skarith, que agora festejava a bordo de um navio Sifa no Mar de Prata. Banqueteado com um Vapra, um Spriton e um Grottan, nada menos! Que encontrou amigos por onde passou, que conquistou respeito com sua bravura desenfreada. Talvez Thra tivesse um plano, afinal. Ele só não sabia o que era. Eles olharam por toda a extensão do navio, observando Kylan subir no cordame enquanto Onica o orientava do convés. A Far-Dreamer os viu observando e acenou, seu cabelo um emaranhado de sinos prateados e vermelhos. Ela desceu das cordas para se juntar a eles, tomando um gole de água do frasco em seu quadril. "O contador de canções tem uma boa mão em cordas", disse ela. "Onde está Tavra?" "Ser Tavra," Naia respondeu. Por mais que não dissesse nada, Onica entendia muito bem. Ela se inclinou contra a amurada ao lado deles, observando Kylan manusear as velas sozinho. "Há quanto tempo vocês dois estão juntos?" Náia perguntou. "Juntos! Meu, que termo relativo." Amri inclinou a cabeça. "Você quer dizer por causa da mãe dela? Porque você é Sifa?" "Meu povo entra e sai de Ha'rar com as estações. A mãe de Tavra nunca conheceu meu rosto, só que quando a primavera e o outono chegaram, sua filha do meio estava errante. Jovem e tolo." Onica balançou a cabeça com um sorriso melancólico. "Pensamos que estávamos fugindo de alguma coisa, nos encontrando na lanterna do marinheiro. Nós não estávamos." Amri quase disse que não viu qual era o problema, mas pensou bem. Tavra era a segunda na fila da coroa Vapra, mesmo que sua irmã mais velha fosse a herdeira viva. E a All-Maudra teve que produzir herdeiros Vapra – com sangue puro de

Silverling, sem dúvida. Não é uma mistura de neve e água salgada. "Sinto muito", disse ele. "Não seja. De certa forma, pela primeira vez em muito tempo, agora estamos juntos sem Mayrin nos olhando com desdém."

A tristeza picou os olhos do Far-Dreamer, e Amri rapidamente mudou de assunto. "Então, quando chegarmos a Cera-Na, e daí? Você conhece bem Maudra Ethri? "Eu faço. Nós crescemos juntos. Ela não é uma sonhadora, mas sempre acreditou na profecia e nos sussurros do vento. Ela enviou um chamado para o Sifa se reunir, logo depois que as pétalas rosa de Kylan chegaram a Cera-Na. . . É possível que ela já saiba, acredite e esteja pronta para se rebelar contra os Skeksis."

Parecia esperança, e Amri decidiu segurá-la, pelo menos por um tempo. Onica mostrou a eles como lançar redes para pegar o almoço. Pelo menos isso era algo em que Amri era bom. Eles trouxeram mariscos do oceano e pedaços de coral flutuante. Ela os ensinou a abrir os corais rosados e espinhosos, revelando o núcleo verde tenro. Eles tiraram os núcleos e fizeram uma salada fria deles, depois que Amri cortou a carne de molusco e temperou com mais pó de fogo de Onica. Enquanto olhava para as duas metades das conchas, unidas em uma dobradiça e espelhando uma à outra em um redemoinho de abalone, ele pensou nos Skeksis. Lutar contra os Skeksis parecia impossível. Por tudo que Amri ou qualquer um sabia, os Lordes eram imortais. E com o poder do Cristal e alimentando-se da essência Gelfling, eles poderiam muito bem ter sido. Mas talvez . . . "Você acha

que devemos procurar os místicos?” “Místicos?” perguntou Onica. “As criaturas do Dreamfasts?” Kylan tirou o livro da mochila e folheou. “A raça deles é chamada de urRu”, explicou. Ele mostrou a Onica um desenho de uma das criaturas de pescoço comprido, com quatro braços grandes e uma longa crina branca. Agora que Amri sabia que eles estavam ligados - de alguma forma - aos Skeksis, ele podia ver partes da semelhança. Mas onde os Skeksis eram reservados e astutos, os místicos eram sábios e gentis. “Eles estão ligados aos Skeksis, por algum poder que não entendemos”, continuou Kylan. “Nem sabemos o que são, muito menos como encontrá-los.

Só os conhecemos por coincidência. O Arqueiro e o Narrador.” “Eu nem sabia que urLii era um místico até conhecer vocês dois”, admitiu Amri. “Eu apenas pensei que ele era um velho sábio estranho. Se você tivesse vindo a Domrak e perguntado se eu conhecia algum místico, não tenho certeza se teria pensado em falar sobre ele. Pode ser o mesmo em qualquer lugar que vamos, e pode levar uma eternidade.” “E não temos para sempre”, concordou Naia. Ela cruzou as mãos. “Uma vez pensei que conhecer urVa e urLii fosse por acaso, mas agora não tenho tanta certeza. Os místicos são sábios, mas sempre que lhes fazemos perguntas, nunca nos dão respostas completas. Se formos procurá-los, algo me diz que não os encontraremos até que estejam prontos. Se os místicos fizerem parte de tudo isso, eles nos encontrarão. Não havia mais nada a dizer depois disso, e eles ouviram o barulho das ondas contra o casco. Uma rajada de vento soprou e Amri sentiu o cheiro de terra. Onica se

levantou, protegendo os olhos com a mão. Uma linha vermelha empoeirada havia crescido do mar, distante no horizonte. "Cera-Na nos espera", disse Onica com um brilho de orgulho. "Prepare-se para o desembarque." Kylan guardou seu livro e se juntou a Amri e Naia na amurada. Juntos, eles olharam para a linha distante de montanhas que se aproximavam cada vez mais. Qualquer exaustão de sua aula de sparring mais cedo desapareceu enquanto Amri ficava cada vez mais animada para pousar. "Você acha que será difícil convencer o Sifa a se juntar aos outros contra os Skeksis?" perguntou Kylan. Amri olhou para Naia. O vento agitava suas asas como velas iridescentes enquanto ela observava a terra se aproximar, um olhar mais pensativo em seu rosto. Determinação, resiliência, ele imaginou. Ele tentou temperar seus próprios sentimentos para combinar com os dela. "Eles ainda são Gelfling", disse Naia. "Não tenho dúvidas de que seremos capazes de trazer a verdade para eles. Acenda os fogos da resistência, sejam eles quais forem."

Mmmmmnnnnnnnnnn. . . Amri estremeceu de repente, pressionando a mão contra a orelha. Um gemido baixo retumbou do oceano, como uma voz profunda presa sob as águas, pedindo ajuda. Então se foi, perdido novamente sob o estrondo do vento e o chacoalhar das ondas. "Amri, você está bem?" Naia perguntou, colocando a mão em seu ombro. "Eu pensei ter ouvido. . ." Amri parou, examinando as ondas com os olhos e os ouvidos. Nada restava do som que ouvira. "Um grito profundo, como uma criatura com dor." A luz do

sol iluminava a camada superior da água do mar, um azul-esverdeado salgado coberto de branco. Abaixo disso, Amri percebeu, eles não podiam ver nada. Ele não tinha ideia de quão profundo era, ou o que espreitava abaixo. Ele estendeu a mão pela lateral do corrimão, mergulhando a mão na água. A voz do oceano não tinha sentido para ele, suas palavras densas e incoerentes ao seu toque que só conhecia a linguagem da pedra. Ele limpou a água salgada da palma da mão. “Não sei o que foi”, disse. “Já passou.” Com o vento a seu favor e a maré correndo em direção aos penhascos, as Montanhas Garras pareciam crescer a cada segundo. Assim que os Três Irmãos começaram sua inclinação no céu, indo em direção ao outro lado do oceano, Cera-Na apareceu. As montanhas eram enormes de perto, cristas densas de rocha vermelha e bronzeada como a mão de um gigante descansando na água rasa perto dos penhascos. Entre eles, centenas de navios atracaram ao longo do promontório rochoso e das pilhas do mar. Com suas velas de sarrafo em um arco-íris de cores, eles pareciam um cardume de peixes hooyim, deslizando para dentro e para fora com barbatanas como vidro colorido na frente da luz dos sóis. Amri engasgou quando eles contornaram o promontório principal, então estremeceu e teve que proteger os olhos de uma embarcação que descansava nos braços da baía. Ele olhou por entre os dedos para um navio magnífico que superava todos os outros.

Não era feito de madeira, mas de coral; reluzente branco e rosa na quilha, cornalina brilhante quando suas folhas se estendiam mais alto. Os mastros eram espirais espinhentos, crescendo do corpo de coral como árvores e cobertos com velas de anêmonas. Onica, com Tavra no ombro, saltou para o convés. "O Omerya", disse o Far-Dreamer. "A nave de Maudra Ethri. . . Bem-vindos, meus amigos, a Cera-Na."





## CAPÍTULO 7

“Embora os navios Sifa possam navegar sozinhos por muitos trógonos ao mesmo tempo, sempre voltamos aqui. . . e quando Omerya está no porto, estamos todos em casa mais uma vez”, explicou Onica enquanto os trazia para o porto e amarrava o navio a uma das muitas torres de coral branco que se erguiam do fundo da costa. A água estava mais clara ao longo das torres e perto dos promontórios, em alguns lugares rasos o suficiente para ver o fundo arenoso e cheio de conchas. Aves marinhas cantavam acima deles e vozes Gelfling cantavam e gritavam umas para as outras do convés dos navios e das docas de tábuas. Amri viu uma pétala rosa no ar. Alguns dançavam ao longo das ondas perto de onde o oceano encontrava a terra. Quando o sol começou a se pôr, lançando uma cascata de azul, rosa e dourado sobre os penhascos e a costa, Cera-Na ganhou vida com a luz do fogo. Tochas ardiam onde as docas se entrelaçavam e nas lanternas penduradas nos gurupés dos navios. Enquanto seguiam as docas para dentro da baía onde Omerya descansava, Amri viu o que Onica queria dizer. Cera-Na era uma aldeia que mudava para sempre, como um corpo vivo. As casas iam e vinham como os navios, as ruas mudando à medida que as pranchas eram colocadas e retiradas. Os Sifa vagavam livremente entre os navios, parecendo vento e fogo. A maioria tinha cabelo ruivo como Onica, embora às vezes fosse com mechas ou tingido de preto, azul e turquesa. Alguns nem sequer pareciam ser Sifa, ou pelo menos não de

sangue puro, embora estivessem vestidos como os Sifa em suas roupas de marinheiro e tilintando com amuletos e jóias. Se Amri os tivesse visto em qualquer outro lugar, teria pensado que eram de outros clãs. Um tinha longos cabelos negros como Kylan. Outro parecia Vapra, ou talvez uma mistura de Vapra e Sifa. Um em particular chamou a atenção de Amri. Ele deu uma cotovelada em Naia, e ela olhou para o robusto Gelfling com longos cabelos ruivos escuros em espirais. Sua pele era da cor de grama fresca, as marcas listradas em suas bochechas preto e azul escuro. Ele observou enquanto eles passavam por baixo de seu navio, tomando um gole de bebida de uma jarra de madeira. "Capitão Staya", disse Onica, lançando um aceno casual de olá na direção do capitão. "Far-Dreamer", ele respondeu, curvando-se. Embora fosse respeitoso, Amri pegou algo como suspeita nos olhos do capitão. "É ele . . . Drenchen?" Naia perguntou enquanto eles continuavam. "Sifa, com Drenchen em sua árvore genealógica. Terceira geração, acredito. Aquele navio entrou e saiu de Cera-Na desde que me lembro." O sorriso de Onica cintilou quando ela olhou para trás. "Essa é a beleza da tradição Cera-Na e Sifa. Estamos unidos não pelo sangue ou pelos confins da terra. Estamos unidos pelo coração e pelo vento que muda. Se as profecias e sinais dizem que alguém deve se tornar Sifa, isso acontece. Nós aceitamos isso." Amri seguiu Onica, observando como o Sifa a reconhecia com sorrisos calorosos e às vezes reverências reverentes enquanto serpenteavam pelas docas e pontes improvisadas. Tavra parecia uma joia de vidro no cabelo de Onica. Ela tremeu, murmurando no

ouvido de Onica, mas ela era muito pequena e o ar ao redor muito cheio de vozes e música para Amri ouvir o que ela estava dizendo. O Omerya era mais impressionante de perto. Seu casco era feito de recife de coral e, onde estava submerso, Amri podia ver cantos e fendas onde vivia a vida oceânica. Enguias, peixes, lesmas d'água e coisas do gênero, nadando e correndo para dentro e para fora das folhas cor-de-rosa e de pêssago. Onica parou na prancha de embarque, decorada com brilhantes escamas hooyim, bandeiras e estandartes que pegavam o vento. “Onica! Você veio!” Uma Sifa sardenta com cabelos ruivos dourados se inclinou sobre a lateral do Omerya, então pulou para baixo, as asas azuis se abrindo para retardar sua queda. Ela abraçou Onica e acenou com a cabeça para Amri e os outros. “Tae!” exclamou Onica. “Eu tenho saudade de voce.” “Como temos você! Eu estava preocupado que você ficasse em Ha'rar depois que eu ouvi sobre Tavra. . .” Amri esperou para ver se Tavra diria algo, mas ela não disse. Ele não ficou surpreso; se ele estivesse na posição dela, também não tinha certeza se gostaria de se revelar a velhos amigos. Caberia a ela compartilhar o que havia acontecido com ela, em seu próprio tempo. “Eu preciso ver Maudra Ethri. É importante”, disse Onica. Os olhos de Tae se aguçaram enquanto ela segurava os braços de Onica. Ela olhou para os companheiros de Onica, observando o pequeno grupo de Gelfling do outro lado da terra. Ela hesitou, como se relutante em falar perto deles. “Um sonho distante?” ela perguntou. “Algo parecido.” “Vou perguntar, mas ela pode estar apenas disposta a vê-lo sozinho. Ela tem estado preocupada. Houve um ladrão à solta e, além disso,

há o de Ethri. . . convidado." Tae apertou os lábios. Ela colocou a mão no braço de Onica e a virou, ambos sussurrando para que Amri e seus amigos não pudessem ouvi-los. Naia cruzou os braços. "Tanto para essa tradição Sifa harmoniosa", disse ela. Tae deu um passo para trás de Onica e segurou-a pelos ombros, então subiu a prancha de desembarque e desapareceu no Omerya como um peixe cor de sol no recife. "O que está acontecendo?" Náia perguntou. "O que você disse a ela?" Onica esperou ao pé da prancha. Ela olhou para o navio, pegando a luz da tocha em seus olhos e disse: "A verdade". "Você sabe o que ela quis dizer com convidado?" perguntou Kylan. Onica não respondeu. Uma vigia se abriu na lateral do navio. O coral se enrolou como uma veneziana até ficar grande o suficiente para eles passarem. Tae estava na entrada. "Venha", disse ela. Ela acenou e acrescentou: "Todos vocês". O interior do Omerya era um labirinto de passagens, dividindo-se e reunindo-se organicamente, às vezes abrindo-se em câmaras equipadas com almofadas e lanternas. Em outros lugares mais escuros, as paredes se contorciam com vida, e Amri viu pelo menos cinco camarões brilhantes espreitando de seus buracos nas paredes. Isso o lembrou de Domrak. Mas não era Domrak. Omerya era um navio do mundo diurno, assim como as areias costeiras e o interminável Mar de Prata. Ele teve que parar de comparar as coisas com o lugar que ele havia deixado para trás. Eles seguiram Tae e Onica para cima até que o túnel os cuspiu no convés, agora com vista para toda Cera-Na. Grande parte do convés era de coral natural, gravado e alisado para que pudesse ser pisado, enquanto

outras partes cresciam selvagens e ásperas como cristal. No centro do convés havia uma lareira redonda. Apesar de tudo ser tão diferente, aqui na baía de Sifa, a lareira em si era a única coisa familiar para Amri. O centro de cada clã Gelfling, estivesse a bordo de um navio de coral em movimento ou não. Amri franziu a testa enquanto se aproximava. Não havia fogo queimando e, pelas brasas e cinzas, parecia que não havia um há algum tempo. “Ônica!” Um Sifa veio caminhando de uma saída através do convés, cada passo retinindo com sinos e sinos de metal. Ela tinha cabelo preto e carmesim escuro e selvagem, acentuado com contas brilhantes e fios de cobre, orelhas enfeitadas com brincos de pedras preciosas. Um de seus olhos verdes brilhava mais do que o outro, captando a luz como uma pedra. “Gem-Eyed Ethri,” Tae disse com uma reverência curta. “Maudra ao Sifa de Cera-Na.” “Bem-vindo a casa!” Maudra Ethri exclamou. Ela abraçou Onica com força, cada sino em sua faixa tocando. “Ela é tão jovem,” Naia sussurrou para Kylan e Amri. Ao contrário da velha Maudra Argot, a mais velha das maudras vivas, ou mesmo All-Maudra Mayrin, Ethri não poderia ser mais velha que Onica ou Tavra. Amri se lembrou do que Onica havia dito sobre crescermos juntos. Onica os apresentou, e Ethri acenou para cada um de seus nomes. Seus olhos brilharam novamente, e Amri percebeu que era uma pedra preciosa cravada em sua cabeça. Ele não virou junto com o outro olho, sua superfície lisa parecendo olhar para todos os lugares ao mesmo tempo. “Tenho o prazer de conhecê-la, filha de Maudra Laesid. Sim, muito mesmo”, disse Maudra Ethri.

“Agora, me diga, o que trouxe você de Sog e Sami Thicket, Domrak e as Cavernas de Grot. Eh? Deve ser bom.” “Não é totalmente bom, mas é importante”, disse Naia. “Você viu as pétalas? O sonho dentro deles?” “É claro. Eu teria que estar muito mais longe no mar para evitar ver as coisas malditas em todos os lugares.” “Tudo o que você viu naquele sonho é verdade. Foi a verdade de Kylan, em nome de todos nós que vimos a traição dos Skeksis em primeira mão. Fomos encarregados pela Mãe Aughra e Thra de unir os clãs. Pronto para agir quando for a hora certa. Pronto para lutar contra os Skeksis. Então agora estamos aqui para perguntar: você se juntará a nós?” A entrega de Naia foi direta ao ponto, quase sem rodeios. Essa foi a conversa dura de Drenchen para você. Ethri cruzou os braços, apoiando-se em um quadril. “Juntar à você?” a Sifa maudra perguntou, como se não entendesse a pergunta. Naia franziu a testa, surpresa. “Se você não acredita em nós. . .” “Acreditei no instante em que vi o sonho costurado nas pétalas cor-de-rosa. Mas você está me pedindo para me comprometer. . . o que você? Para Aughra e Thra? Se eu concordar em me juntar a você, a quem eu estou me juntando? Como saberemos quando for a hora certa - é você quem vai nos dizer? Isso é uma guerra ou uma ideia?” Ethri não riu exatamente, embora Amri sentisse que poderia muito bem rir. Assim que ele estava prestes a dizer algo que ele tinha certeza que todos iriam se arrepender, Onica deu um passo à frente. “Ethri, eu mesma vi um sonho”, disse ela. “De Mãe Aughra e de Thra. All-Maudra Mayrin jurou resistir aos Skeksis.” “Mayrin, hein? Agora que, eu não tenho certeza se eu poderia acreditar. Ela nunca resistiria aos Skeksis,

depois de tanto tempo beijando suas garras cheias de joias! Você tem provas? Não? E mesmo se você fez. . . Se você tem o apoio do Vapra, então o que você precisa do Sifa?” “Todos os clãs precisarão se unir se quisermos impedir que os Skeksis nos separem”, insistiu Kylan. “Podemos não saber exatamente como, mas devemos prestar atenção...” “Eu não vi esse sonho.

Aughra não falou comigo e nem Thra. Talvez se eu tivesse visto com meus próprios olhos, mas não vi. . . Meus amigos, agradeço por terem vindo de tão longe para me trazer a notícia pessoalmente. Tenha certeza, farei o que for melhor para o Sifa.” “Tenha certeza?” Amri chorou. Ele mordeu o lábio, tentando não falar fora de hora, mas não conseguiu evitar. “Os Skeksis estão comendo nosso povo. Esse é o longo e curto! Devorando-nos como musgo da parede da caverna!” Sua explosão foi rude, mas Maudra Ethri não parecia se importar com isso. Ela apenas acenou com a mão. “Então você deve decidir o que fazer que é melhor para seus clãs também. Tenho um convidado importante que não posso mais esperar. Espero que você se divirta em Cera-Na. Leve o tempo que desejar antes de se apressar para implorar à outra maudra que se junte a você. Onica, uma palavra?” Maudra Ethri os deixou com o ar de um pai dispensando a história de uma criança. Tae seguiu atrás dela. Era ainda mais frustrante que a maudra não fosse mais velha do que eles. A única coisa que impediu Amri de gritar coisas rudes atrás dela foi o quão forte ele mordeu a língua. Ao lado dele, os punhos de Naia tremiam. Onica franziu a testa, o olhar pensativo não combinava com suas feições habituais. No curto momento

em que ficaram sozinhos no convés, ela gentilmente tirou Tavra de seu cabelo e a colocou no ombro de Amri. "Algo não está certo", disse ela. "Esta não é a Ethri que eu conhecia. Vou falar com ela e ver o que posso ver. Encontro você no meu navio. Enquanto isso, Tavra pode lhe mostrar Cera-Na." Passos vieram, e Tavra correu sob o capuz de Amri quando Tae voltou ao convés. Sua boca era uma meia carranca desconfortável e apologética. "Por aqui," ela disse com um pequeno suspiro. "Eu vou te mostrar de volta ao cais." A garota Sifa ficou em silêncio sobre a troca que todos compartilharam, os olhos fixos à frente como se estivesse preocupado ou pensando ou ambos. Quanto mais tempo eles estavam em Cera-Na, mais Amri tinha a sensação de que Onica havia falado em voz alta: Algo não estava certo. Ele gostaria de poder fazer mais perguntas a Tavra, mas sempre que eles estavam perto de outras pessoas, ela não saía do esconderijo. O que quer que ela pudesse dizer a ele teria que esperar. Certa vez, enquanto caminhavam pelas entranhas do navio, Amri pensou ter ouvido uma risada distante e gutural. Mas as paredes do coral eram grossas demais para serem vistas, e logo eles estavam de volta às docas. "Sinto muito por Ethri," Tae disse. "Ela geralmente é mais hospitaleira. Eu mostraria a você por mim mesmo, mas tenho algo que preciso fazer. Então, por favor, sintam-se em casa. Onica significa muito para todos nós aqui, e seus amigos também." "Não o suficiente para fazer a diferença," Amri murmurou. Tae olhou para baixo, abriu a boca como se fosse dizer algo, mas não disse. Ela lançou-lhes uma saudação simples e os deixou de pé no cais ao lado do Omerya. — Isso



poderia ter sido melhor — disse Kylan enquanto os três — quatro se Amri contasse a quieta Tavra — se afastavam do Omerya. Mais e mais lanternas foram acesas à medida que a noite se aproximava. Amri ouvia música e canto, cheirava fogo e peixe defumado. "Quero saber quem é o convidado?" Naia cuspiu. "É melhor ser alguém importante. Olho de Aughra! É como se ela não pudesse se importar menos. Eu não esperava que unir os clãs fosse ser fácil, mas achei que a parte difícil seria fazê-los acreditar. Mas é como se a verdade não importasse. Ela sabe e acredita, mas não vai fazer nada." Agora que eles estavam sozinhos, Tavra se revelou no ombro de Amri, descendo pelo braço dele. "Por que você está se escondendo? Você não confia em Tae?" perguntou Amri. "Eu não quero que as pessoas saibam" foi sua resposta simples. Se ela sentia alguma coisa sobre isso — dor, vergonha ou qualquer outra coisa — ela o mantinha congelado sob seu gelo habitual. "Ouço. Quero que vocês três retornem ao navio de Onica. Espere aí. Vou descobrir mais sobre esse convidado que preocupa Ethri. De manhã, vamos forçar Ethri a se comprometer com o Gelfling. É seu dever como maudra, para com seu povo e os Gelflings como uma raça." "Force-a!" Naia exclamou, surpresa e impressionada. "Quão?" "Você não é o único cuja mãe é maudra. Há uma razão pela qual os Vapra lideraram os sete clãs desde a ascensão do governo Skeksis." Tavra saltou da manga de Amri para a corda do cais que serpenteava de volta para o Omerya. Ela seria invisível como qualquer outro inseto a bordo da nave de coral vivo. Ao sair, ela disse: "Não encontre problemas enquanto eu estiver fora". Então ela saiu correndo, nada mais do que um

brilho de luz das estrelas no cais. “Bem, e agora?” perguntou Kylan. Amri olhou para o cais em direção à praia, onde mais e mais fogueiras apareciam à medida que o céu escurecia. Apesar das chamas alaranjadas e vermelhas, em seu coração ele sabia que nenhum deles era o fogo da resistência de que Aughra havia falado. Ainda assim, ele desejava estar em terra firme em vez do mar. “Vamos para a praia”, ele sugeriu, esperando que suas verdadeiras razões para querer evitar o navio não fossem óbvias. “Afinal, não viemos até aqui para sentar em um barco enquanto a princesa faz todas as aventuras. . .” Kylan inclinou a cabeça. “A praia? Por que?” Amri gesticulou, afastando-se do navio de Omerya e Onica. “Acho que devemos fazer o que todos os bons Gelflings fazem quando algo estranho está acontecendo em uma terra estranha. Busque respostas.” Naia sorriu em concordância. Aparentemente, ela também não estava ansiosa para se aposentar no navio. “Ótimo”, disse ela, liderando o caminho. “Vamos nos arranjar alguns problemas.”

## CAPÍTULO 8

Uma chuva leve caiu quando chegaram à praia, mas as palmeiras de folhas largas que cresciam em cachos da terra arenosa os protegiam dos chuviscos. O ar estava salgado com peixe, e o estômago de Amri roncou. Naia deve ter ouvido, ou tinha sua própria barriga falante, e disse: “Vou pegar um pouco de comida. Encontre-se no fogo daqui a pouco!”

Depois que ela se foi, Amri viu o trecho de areia branca e coral, brilhando à luz das fogueiras acesas ao longo da costa. As Montanhas Garras, altas e vermelhas, bloqueavam os últimos resquícios da luz do sol com suas costas pontiagudas, dando alívio aos olhos de Amri enquanto a maré da noite banhava a terra. “Uau, escurece rápido aqui fora,” Kylan comentou. Os dois seguiram Naia pelo cais em um ritmo mais tranquilo. As orelhas de Amri se animaram enquanto ele traçava as linhas dos promontórios. Aberturas lisas e redondas crivavam as elevações rochosas onde se estendiam para a baía. Cavernas esculpidas pelo fluxo e refluxo sem fim do oceano, brilhando fracamente com vida bio-fluorescente. Amri se perguntou que tipos de tesouros poderiam ter sido capturados nos redemoinhos e nas poças de maré. Coisas perdidas no mar ou em naufrágios. Talvez até relíquias trazidas do outro lado do Mar de Prata, onde nenhum Gelfling jamais pôs os pés. “Ei, você quer dar uma olhada nas cavernas do promontório?” ele perguntou, apontando. Kylan seguiu o dedo de Amri, olhos desfocados. Amri franziu a testa. Tudo o que o contador de canções viu foi a escuridão. “Prefiro me sentar perto do fogo”, disse ele. “Eu realmente

não gosto. . . cavernas.” Cavernas. Quando Kylan disse assim, hesitante e com medo, Amri engoliu sua decepção. "Oh, tudo bem. Vamos então!" ele disse, forçando um pouco de alegria e se endireitando. Ele nem olhou para trás por cima do ombro quando Kylan assentiu com alívio e liderou o caminho para a luz das fogueiras na praia. Eles encontraram um lugar para sentar e esperar por Naia, e Amri tentou não apertar os olhos à luz do fogo crepitante e crepitante. "Você está bem?" perguntou Kylan. "Sim. Estou bem. Com fome. Espero que Naia chegue logo.” Kylan olhou em sua direção, depois saiu para a escuridão, os lábios apertados em uma linha. Então ele suspirou e balançou a cabeça. “Desculpe, Amri. eu não percebi. A luz deve ser dura em seus olhos. . . e aqui todos nós viajamos durante o dia e dormimos à noite. Por que você não disse alguma coisa?” Amri corou. Era difícil se acostumar com algo difícil quando alguém demonstrava simpatia pela primeira vez. Havia alguma confiança em ficar sozinho com o problema; ele poderia fingir que não importava se ninguém mais notasse. Ele quase desejou que Kylan não tivesse dito nada, embora ao mesmo tempo seu coração se enchesse de saber que o contador de músicas havia notado. "Está tudo bem", ele disse novamente. “Estou me adaptando. . . Não conte a Naia. Não quero ser um fardo.” “Amri! Você não é um...” “Ei, pessoal. Olha o que eu trouxe!” Naia se juntou a eles, três talas de comida na mão. Peixe para ela e Amri e uma abóbora para Kylan. As talas eram compridas o suficiente para assar a comida no fogo. Amri deu a Kylan um olhar gentil de advertência, e isso foi tudo. Os três se acomodaram com o jantar. Um grupo Sifa próximo se

aproximou do fogo e se revezaram jogando punhados de pólvora no fogo. As chamas desvaneceram-se através das cores das joias à medida que as diferentes especiarias se inflamavam. O jovem Sifa murmurou com admiração pelas cores até que um deles jogou algo que fez uma bola de chamas brancas saltar do fogo, como uma bolha em águas profundas. A praia se aquietou enquanto o Gelfling observava o fogo branco se dissipando no céu noturno. A luz brilhante do fogo contra a escuridão da noite lembrou Amri de sua visão compartilhada. Ele não conseguia começar a entender o que tudo isso significava, mas os trouxe aqui. O silêncio trouxe a Amri uma onda de saudade. Lá fora, sob o céu aberto, onde ele sempre sonhou em ir, sentado na praia enquanto o mar batia na baía. Tão longe de Domrak e das Cavernas de Grot, e do Santuário onde seu clã vigiava os restos do lugar que eles prometeram proteger. “Conte-nos uma música, Kylan?” ele perguntou. A princípio, ele pensou que talvez tivesse envergonhado o cantor, mas Kylan respondeu sem hesitar. “Eu adoraria”, disse Kylan, ansioso para compensar o que ele disse e não disse antes. “Qual música você gostaria de ouvir?” “Você conhece a música das Três Irmãs?” Kylan retirou seu alaúde de sua mochila de viagem compartilhada. “Esse é um dos Gyr? Estava escrito em Domrak nas paredes?” “Sim! É sobre Gyr e como um dia ele estava viajando. Ou eu acho que teria sido noite. De qualquer forma, ele os encontrou chorando. As duas irmãs. Sobre os sóis. Acho que seriam os irmãos. Não espere, tinha que ser dia, não noite, porque . . .” Amri parou de falar quando ouviu o que estava dizendo. Naia riu. “Contar

músicas não é o seu forte, é?” “É por isso que eu não sou Amri, a Cantora – vamos, Kylan. Você conhece esse, não é?” Amri soltou um grande sorriso. Ele estendeu a mão e sacudiu Kylan pela manga. Até o contador de músicas tinha um olhar engraçado no rosto, tentando não rir de Amri. “Sim, acho que sei a quem você quer dizer agora”, disse ele. Ele dedilhou as seis cordas de seu instrumento, afinando-o de ouvido enquanto ria. O som do alaúde chamou a atenção do Sifa ali perto. Amri os ignorou. Essa música era para ele, e ele absorveria cada palavra dela. Kylan limpou a garganta e cantou:

Gyr era um bardo que viajou pelos mares

Oh li, oh la, oh lo

Contou as canções dos rios, das montanhas, das árvores

Oh li, oh la, la-lo

Um longo verão atrás, a noite parou para vir

As Irmãs Luas se escondendo, com medo dos sóis

A luz do dia era interminável, queimando as planícies

Então Gyr foi encontrá-las e trazer a noite novamente

Ele encontrou duas das luas na beira do céu

Um lago a seus pés as lágrimas que eles choraram

“O fogo dos Irmãos Sóis para nós é muito brilhante

Enquanto eles se enfurecem no céu não podemos trazer a  
noite

Então nós Irmãs nos revezamos indo primeiro ao amanhecer

Para espionar os Irmãos para ver se eles foram

Twás a vez de nossa segunda Irmã Lua ir

Oh li, oh la, oh lo

Mas o segundo Irmão Sol comeu ela inteira

Oh li, oh la, la-lo."

As luas estavam com muito medo desde o triste destino de  
sua Irmã

Para trazer a noite para o céu , para trazer nove aos oito

So Gyr os deixou para vigiar os Irmãos Sóis da terra

Ele voltou três dias depois e lhes contou seu plano

O resto Duas Irmãs escalaram a beira do céu

As pontas dos dedos molhadas das lágrimas que choraram

De seus lábios saiu uma canção: um suspiro triste e triste

E do ventre do sol veio uma resposta solitária

Pois a segunda Irmã ainda estava viva

Oh, a segunda Irmã ainda estava viva

Até hoje, embora ela esteja escondida pela luz do Irmão Sol

Oh li, oh la, oh lo

Sua canção diz a suas Irmãs para trazer a noite

Oh ela, oh sha, ela sabe

Para trazer a noite

Oh ela, oh sha, ela sabe



Amri e Naia bateram palmas e assobiaram quando a música terminou. Ao fazê-lo, eles se juntaram, lentamente, aos aplausos do Sifa ao redor deles. A música de Kylan havia arrebatado quase todos na praia. Amri acenou para Kylan se levantar, e quando ele o fez e fez uma pequena reverência desajeitada, a noite fria parecia um pouco mais quente. Não era para durar. Uma comoção na extremidade da praia, onde a areia encontrava o cais, sugou o espírito do ar. Os aplausos se transformaram em sussurros enquanto o Sifa se levantava, voltando-se para o cais. Amri e seus amigos estavam com eles, as últimas notas do alaúde de Kylan se dissipando quando ele o enfiou apressadamente em sua mochila. "O que está acontecendo?" disse Amri. Sifa se reuniu, murmurando, um cantando e acenando com as mãos em sigilos de proteção repetidamente no ar. Naia empurrou a multidão e Amri a seguiu rapidamente, Kylan em seus calcanhares. Quando eles atravessaram a multidão de marinheiros, Amri tropeçou e parou. Tae estava na beira do cais, mal iluminado por uma das tochas. Sua postura estava desequilibrada, ligeiramente inclinada para um lado. Ela olhou para frente, sem piscar. "O quê," Naia engasgou. "O que há de errado com ela?" Ela se livrou da multidão, a única corajosa o suficiente para se aproximar da fantasmagórica Sifa, que estava parada, imóvel, um pé na areia e o outro no cais. Ela cambaleou quando Naia tocou seus ombros, então a pegou

quando suas pernas saíram de debaixo dela. Alguém na multidão gritou. Amri ajudou a abaixar Tae na areia. “Um curandeiro! Alguém encontre um curandeiro!” “Onde está Maudra Ethri? Traga ela!” Naia se ajoelhou sobre Tae, pressionando a mão contra sua bochecha. “Ela é fria como gelo”, disse Naia. Ela mesma estava pálida, de medo. Embora Amri nunca tivesse visto, ele sabia o que ela estava pensando. O olhar esgotado, o olhar sem alma, de olhos abertos. “Como isso é possível?” Kylan sibilou. “Como pode ter acontecido tão longe do castelo?” A multidão entrou, uma parede espessa de vozes e olhos. Um dos capitães do Sifa empurrou para a frente da fila. Ele jogou o casaco para trás para ter certeza de que eles viram a lâmina pendurada em seu cinto. Assim como o capitão Staya, ele não parecia ser um Sifa puro-sangue, embora por seu cabelo preto espesso, Amri se perguntasse se seus ancestrais tinham vindo de Stone-in-the-Wood em vez do Pântano de Sog. “Você, Drenchen! Espírito!” ele chamou. “Quem é Você? Afaste-se de Tae. “Sou uma curandeira, é isso que sou”, rebateu Naia. “Oh? Você sabe o que aconteceu com ela?” “Parece envenenamento”, disse alguém. “Seus brincos estão faltando!” gritou outro. Naia gentilmente virou a cabeça de Tae para o lado, onde caiu sem resistência. As joias que eles tinham visto recentemente penduradas em suas orelhas haviam desaparecido. “Tem ladrão, então, hein!” disse o capitão com a espada. Ele se virou e encarou Kylan, então viu Amri e se inclinou. — Por acaso você não sabe nada sobre isso, sabe? Digamos que vasculhamos seus bolsos. Vamos encontrar os lindos de Tae lá? “Absolutamente não,” Amri

retrucou. “Eu estava perto da fogueira quando ela veio aqui!” O capitão zangado ficou de pé, olhando ao redor. “Alguém vê esse pequeno Shadowling perto da fogueira como ele diz?” “Eu fiz!” gritou Naia. Ela empurrou o capitão de lado. Ele era mais velho, mas não muito maior do que ela. “Nós três estávamos do outro lado da praia. Kylan contou uma música e todos ouviram. Não é mesmo?” Amri olhou para a multidão. Embora ele tenha visto dezenas de rostos familiares, aqueles que sorriram e aplaudiram a música de Kylan, nenhum deles se levantou para defendê-lo. Amri queria afundar na terra, mas Naia não se desencorajou tão rápido. Ela ignorou os espectadores silenciosos, fixando sua atenção no capitão Sifa. “Sou uma curandeira”, disse Naia. — Afaste-se e deixe-me ajudá-la. “Eu não vou deixar você chegar perto de Tae!” Naia se manteve firme, mas mesmo ela estava despreparada quando os gritos ao redor deles se intensificaram. A luz do fogo ficou mais brilhante à medida que outros trouxeram tochas. Amri pegou os olhos de Naia na comoção. Embora eles estivessem cercados, ela não estava com medo, e ela tinha a atenção do capitão irritado. Todos pularam para trás quando ele puxou sua lâmina. “O que está acontecendo aqui?” Maudra Ethri irrompeu como um trovão pelo cais. A gritaria cessou e a multidão recuou, afastando-se de Amri, seus amigos e Tae como um cardume de peixes se separando de um predador. Ethri olhou primeiro para Naia, depois fixou o olhar no capitão irritado que acenava com a espada. “Afaste essa lâmina, Madso.” Ele fez o que ela disse, então ele espetou com um dedo em seu lugar. “Eles envenenaram Tae e a roubaram às cegas! Olha

para ela!" "O que é isto?" Ethri perguntou baixinho. "O que aconteceu com ela?" "Acho que ela foi drenada", disse Naia. "Não sei como." Drenado. A palavra irrompeu através do Sifa como fogo sobre óleo. Ethri ficou de pé, de costas para o Omerya, lançando um olho em cada um dos Sifa como se os desafiasse a continuar dizendo a palavra horrível. Drenado? Como no sonho da pétala de rosa? Mas isso significa. . . Como? "Isso é impossível. Se acreditarmos nos rumores das pétalas, a drenagem é feita longe. No castelo, com o Cristal!" Quando Maudra Ethri se ajoelhou para examinar Tae, Amri sentiu um formigamento familiar em seu pescoço. Tavra tinha chegado até seu ombro na comoção. "Esteja pronto com essa espada," ela sussurrou no ouvido de Amri, a voz quente como vapor correndo pelas rachaduras no centro da terra. "Convidada de Maudra Ethri..." Seu coração disparou. "Pronto com a espada? Mas—" Os olhos Grottan de Amri penetraram a noite até a distância do Omerya. A princípio, ele não viu nada além das velas ondulantes do navio, seu casco brilhando com a vida marinha ultramarina. Distraídos pelo espetáculo na praia, ninguém mais notou a enorme sombra descendo a prancha, caminhando graciosamente pelo cais. A mão de Amri suava contra a espada. "Não", ele sussurrou. Skeksis. "O que é tudo isso, Maudra Ethri?" Os murmúrios se apagaram como velas na voz grandiosa e rica. Uma figura alta de ave, vestida com um casaco de brocado salpicado de sal, brilhando com bordados verdes e dourados, desceu do cais para a luz das tochas da praia. Ela se elevou sobre eles, metade em uma armadura de escama de serpente e metade em um vestido de babados. "Lorde

Mariner", disse Maudra Ethri, fazendo uma reverência apressada. "Eu posso cuidar disso. Você não precisava vir aqui para ver essa comoção. . ." "E por que não eu? Você é meu pequeno Gelfling, não é? A Mariner tirou o chapéu emplumado preto e verde. Abaixo, seu rosto era reptiliano e azul, penteado em uma juba de pêlo preto e penas ondulantes. A mão de Amri congelou em sua espada, seus pés enterrados até os tornozelos na areia e sem vontade de se mover. Naia pegou sua adaga, movendo-se na frente de Kylan quando ele caiu para trás surpreso. Tae foi o único que não reagiu, olhos vazios olhando direto para o céu. "E por favor," o Skeksis ronronou, "me chame de Capitão."

## CAPÍTULO 9

"Skeksis", Amri gaguejou, embora tudo o que saiu foi uma respiração. "Por que é um Skeksis. . ." O Sifa ao redor deles curvou-se, calando-se na presença do Marinheiro. Eles não ficaram surpresos ao ver os Skeksis lá. Eles sabiam. Todos eles sabiam, o tempo todo. Maudra Ethri acenou para que eles se afastassem, mesmo quando seus pescoços se curvaram para o Senhor Skeksis. "Todo mundo, volte para seus navios. Deixe isso para mim e Senhor skekSa. Vá em frente, saia daqui." Amri agarrou o punho de sua espada enquanto o Sifa murmurava, atendendo às ordens de seu maudra. Alguns jogaram escamas de peixe e joias brilhantes aos pés de skekSa quando saíram, dando-lhe um amplo espaço no caminho de volta para as docas. Em instantes, eram apenas Amri e seus amigos na praia, suas sombras minúsculas em comparação com a temível silhueta dos Skeksis que estavam sobre eles. Naia foi a primeira a se voltar contra Ethri. "Explique-se!" Os punhos de Maudra Ethri cerrados, todo o seu corpo dominado por aborrecimento e defensividade. Ela não estava acostumada a ser questionada, Amri percebeu. Isso estava prestes a mudar. Ele ficou ao lado de Naia, extraíndo força dela apesar do quão nervoso ele estava desafiando uma maudra e um Skeksis. "Então é por isso que você virou seu ouvido contra nós?" ele perguntou. "Porque já era de propriedade de um Skeksis conivente?" skekSa bufou. "É rude falar sobre um Skeksis conivente enquanto eles estão bem na sua frente." Amri tentou não ceder à voz profunda e aveludada do Skeksis. skekSa deu

uma cotovelada no casaco, ajoelhando-se. Onde as articulações do camareiro estalavam com a idade, skekSa era ágil e graciosa, embora de perto Amri ainda pudesse ver as rugas entre as escamas metálicas em suas bochechas. “Pobre Tae. Vamos levá-la para um lugar mais confortável. É inquietante vê-la em uma pilha como esta.” Ela facilmente pegou o corpo de Tae em um braço, embalando-a como um filhote. Sua ternura fez Amri se contorcer de desconforto. Ele queria correr, ou em skekSa para arrancar Tae de suas garras, ou fugir completamente do lugar. Mas ele também não podia fazer isso, não sem abandonar seus amigos ou desafiar um Skeksis. Eles seguiram skekSa até uma colcha abandonada que havia sido estendida na areia perto da maior fogueira, e skekSa baixou suavemente Tae para descansar ali. Ela se sentou em um trono improvisado de troncos empilhados, balançando uma bota sobre o joelho e arrumando seu casaco e saias. A maré estava subindo, comendo a areia e transformando-a em oceano. “Agora, minha querida menina Drenchen. Explique o que aconteceu”, disse skekSa. Naia se ergueu, ainda com o punho cerrado em volta da adaga. “Não me chame de querida, Skeksis”, disse ela. “Eu sei sobre você e sua espécie. Eu sei o que você fez.” Tanto para não desafiar os Skeksis. skekSa colocou a mão contra o peito, inclinándose para trás e erguendo as sobrancelhas como se estivesse escandalizada. “Você sabe o que eu fiz! Então, você sabe que eu deixei o Castelo do Cristal centenas de trógonos antes de você nascer, quando eu estava desgostoso com a forma como skekSo escolheu governar? Hum? Você sabe que passei os últimos setenta trógonos sozinho no Mar de Prata, tão

longe da terra quanto posso navegar? Apenas voltando para Cera-Na para presentear meus pequenos com os tesouros que encontrei no exterior?” Amri sentiu o sarcasmo grosso como ar salgado. Ele não se sentia mal por ela, e ela provavelmente estava mentindo, de qualquer maneira. As bochechas de Naia se contraíram onde ela apertou a mandíbula. Ela estava com raiva também, mas como Amri, ela segurou sua língua. “Já chega”, disse Maudra Ethri. “Por favor, Lorde Mariner. Você sabe o que aconteceu com Tae?” “Ela foi drenada, é isso”, disse Naia. “Basta olhar para o rosto e os olhos dela, do jeito que eles não veem nada. Isso é exatamente o que parecia quando eu vi o Gelfling na torre do castelo. Depois de terem sido drenados pelo Cientista Skeksis. Amri se sentiu mal vendo skekSa escovar o cabelo de Tae para trás com suas garras, depois tocar sua bochecha. Era estranhamente gentil – mais engano, tão doce quanto néctar e mortal como veneno. “Ela não foi drenada, pequena Drenchen. Olhar mais de perto. Olhe para os olhos dela. Se ela tivesse sido drenada pela máquina diabólica de skekTek, você veria o leite da morte sobre eles. Não é assim? Mas não aqui. Não, ela foi drogada. Por quê, não tenho certeza, mas ela pode ser curada se descobirmos o que a envenenou. Mas devemos ser rápidos. As toxinas estão cobrando seu preço, e ela pode ficar muito doente se não encontrarmos um antídoto logo.” skekSa afastou o cabelo de Tae do rosto, chamando-os para mais perto. Nenhum deles se moveu, até que Naia entrou corajosamente no alcance dos Skeksis. Ela se ajoelhou ao lado de Tae, quase tocando a garra de couro de skekSa, desafiando-a a fazer um movimento. Diante do medo



apertando todas as suas entranhas, Amri se juntou a Naia. Ele estava com medo, mas se recusou a deixá-la ficar sozinha diante dos Skeksis. “Odeio admitir, mas ela está certa”, disse Naia. “Olhar.” Ele viu a névoa azul leitosa nos olhos de Tavra, quando ela foi controlada pela aranha. Ele tinha visto isso no sonho de Rian, ultrapassando Mira como uma geada. Mas os olhos de Tae estavam claros e brilhantes, refletindo o céu estrelado e o fogo que rugia nas proximidades. Ainda assim, isso tinha que ser obra dos Skeksis. Não poderia ser coincidência. “Como podemos saber que veneno?” perguntou Maudra Ethri. “Se não soubermos e dermos a ela o antídoto errado, isso pode piorar sua condição.” skekSa apoiou um cotovelo aristocrático no joelho, batendo uma garra contra o focinho. “Seria mais rápido simplesmente determinar quem a envenenou”, disse ela. “Essa pessoa estaria na melhor posição para saber qual veneno usou. Quem aqui em Cera-Na tem motivos para envenenar seu querido Tae?” Ethri andava de um lado para o outro, levantando areia em sua angústia. Não era o semblante estóico de uma maudra, mas a agitação preocupada de um amigo. Embora traísse sua inexperiência como líder, sua preocupação com Tae foi a primeira coisa que a tornou querida por Amri. “Não sei! Todo mundo ama Tae. Ela não tem inimigos, faz amigos por onde passa. Não consigo imaginar quem iria querer fazer isso com ela.” “Ela disse que tinha que encontrar alguém quando nos deixou nas docas”, disse Kylan. “Quem a envenenou deve ter feito isso depois que ela nos deixou. Não foi há muito tempo.” “Mas ela não disse com quem, então tudo o que faz é nos dizer que é um

veneno que funciona rapidamente”, acrescentou Amri. Ele pensou em cada veneno que tinha aprendido, cheirado e até provado na Tumba das Relíquias. Havia ervas e venenos que podiam causar a pele fria ou a palidez, ou mesmo o sono acordado, mas nenhum podia explicar todos eles. E quem poderia dizer que o que ele encontrou na Tumba era exaustivo? Mais provavelmente era apenas uma pequena coleção representando um mundo infinito que ele nunca tinha visto. skekSa não parecia preocupada com nada disso, mas, novamente, ela era uma Skeksis. Ela estalou uma garra, acenando para Naia mais perto. “Garota Drenchen. Você possui o talento de cura do seu clã?” Naia olhou para Kylan e Amri, então assentiu. “Algumas”, ela respondeu. “Então se aproxime. Use sua magia Gelfling. Use seu vliyaya. Diga-me o que sente sobre ela. Talvez você possa descobrir uma pista que nos ajude a salvá-la. Naia estava cautelosa, e Amri quase disse a ela para não fazer isso. Usar seu vliyaya na presença de um Skeksis era perigoso. Vliyaya significava chama do fogo azul – o fogo azul da essência Gelfling. E se isso despertou o apetite de skekSa? Mas Tae estava morrendo e eles precisavam de respostas. Amri empurrou o casaco para trás, do jeito que ele tinha visto o capitão Madso zangado fazer, para ter certeza de que skekSa visse o punho da espada em seu quadril. skekSa tomou nota disso, fungando como se tivesse dito algo divertido. Mas tudo o que ela disse foi “Vá em frente, então. Estenda suas mãos. Sinta isso.” Amri acenou para Naia e ela acenou de volta, soltando a adaga. Ela se acomodou mais perto de Tae, estendendo as palmas das mãos, e Amri esperou pelo brilho azul. Antes que

acontecesse, Naia torceu o nariz. Ela se inclinou e deu uma grande fungada em Tae. "Ela cheira a néctar de Drenchen", disse ela. Amri franziu a testa. "Isso não soa como um veneno. Isso soa como o oposto de um veneno." "É feito de néctar fermentado de sogflower, usado em receitas de cura e alegria." "Hmmm!" skekSa cantarolou, acariciando as penas sob o queixo. "E aqui no norte, deve haver tantas outras poções de alegria que são mais fáceis de encontrar. Somente alguém com gosto por sogflower faria o esforço de tê-lo à mão." Por um momento desconfortável, Amri invejou o conhecimento do capitão Skeksis. Ela tinha vivido por tantos trígonos e viajado tão longe. Seu compêndio mental de conhecimento medicinal devia ser assombroso. O olhar de Maudra Ethri se estreitou, seu olho de gema brilhando. "Fique". Ela se virou para as docas e colocou dois dedos na boca, sinalizando com uma série de assobios curtos e ensurdecadores. Momentos depois, dois Sifa desceram, tocando sinos e carrilhões. Eles se curvaram a Ethri e a skekSa. "Encontre Staya," Ethri ordenou. "Traga-o para mim, agora." "Grande, simplesmente grandioso", disse skekSa. "Nossa primeira pista. Talvez Staya pudesse trazer alguns para compartilhar. Eu mesmo poderia usar algumas poções de alegria." Amri considerou os Skeksis, pensando no aviso de Tavra. O Vapra em seu ombro ficou totalmente silencioso, escondido em seu cabelo. Todos os Lordes Skeksis saberiam os nomes das filhas de All-Maudra. Talvez até suas vozes. Que problemas poderia causar se um deles descobrisse que a princesa Katavra vivia? Com que facilidade os Skeksis se comunicavam? Dezenas de perguntas que Amri nunca tinha

pensado surgiram enquanto ele estava na praia, paralisado pelas circunstâncias. Kylan pegou seu braço, apertando suavemente. "Não entre em pânico", ele sussurrou, surpreendentemente calmo. "Ela não vai fazer nada abertamente com tantos Sifa por perto, contanto que não demos a ela uma razão para isso. Aja como se tudo estivesse normal e não a desafie." Amri engoliu em seco e tentou se acalmar, dizendo a si mesmo que Kylan estava certo. Foi o contador de canções que enfrentou skekLi, o satírico, que havia contado canções antes dos Senhores Skeksis quando eles visitaram a aldeia Spriton. O Spriton, o Stonewood, o Vapra — e aparentemente o Sifa também estavam acostumados com os Skeksis. Respeitava-os e reverenciava-os. Mesmo que o Senhor skekSa fizesse parte do esquema do Imperador para colher a essência Gelfling, seria tolice ela trair o Sifa tão publicamente. E se os Skeksis eram alguma coisa, não eram tolos. Ação normal. O que era normal, afinal? "Deixe ir—Ethri! Do que se trata tudo isso? Senhor skekSa—" Staya se afastou do Sifa que o trouxera e caiu em uma profunda reverência. Assim que suas formalidades foram concluídas, ele caminhou em direção a Maudra Ethri, borrifando areia de suas botas. Os dois se encontraram quase nariz com nariz, Ethri com um olhar frio, embora Staya fosse mais alto e mais largo. Ethri encarou o Drenchen, então virou para o lado e apontou para Tae. "Você vai responder minhas perguntas primeiro, Staya", disse Ethri. "O que você sabe sobre isso?" Staya absorveu a cena, Tae inconsciente descansando sob o olhar silencioso de um Skeksis. "O que aconteceu com ela?" ele perguntou. "Você me diz. Ela cheira

a néctar, e você é o único em um dia de voo que bebe a coisa doce. O que você fez com ela?" "Eu não fiz nada." "É impróprio mentir para seu capitão maudra", skekSa o lembrou suavemente. "Mesmo omitindo a verdade. Especialmente uma verdade que pode salvar a vida do pequeno Tae." Staya engoliu em seco audivelmente, então jogou o cabelo para trás. "Tae veio até mim esta noite. Ela queria falar. Nós bebemos. Isso é tudo." "E depois?" skekSa perguntou. "E então ela foi embora! Não muito tempo atrás. Ela deve ter vindo direto para cá. Ela estava trêmula quando saiu, mas eu só pensei que ela não conseguiria segurar seu néctar!" "Ela saiu com todas as suas joias intactas?" Etri perguntou. "Suas joias? Ethri, agora você me chama de ladrão comum? Que necessidade eu tenho de seus delicados metais lassywing?" Isso era claro. Staya estava carregado com o dobro do número de pulseiras e joias que Tae estava. Ele não precisava de mais. "O pulso dela está ficando fraco", disse Naia. "Se não descobirmos o que a envenenou" – ela lançou um olhar para skekSa – "ou a drenou, em breve, não sei se ela vai sobreviver." "Staya, se você sabe alguma coisa. . .!" Ethri avisou. "Pelo menos, pense em Tae!" "E a penalidade por engano", acrescentou skekSa, estreitando suas pupilas em forma de diamante. Staya se virou, cerrando os punhos, e Naia gritou: "Fora com isso!" Quando Staya se virou, a apreensão desapareceu de seu rosto. "Coloquei zandir no néctar dela", confessou. "Para fazê-la dizer a verdade. E estou feliz por ter feito isso, porque ela me contou o que você está planejando, Ethri! Ethri ficou rígida como se tivesse sido atingida por um raio, cada faceta de seu olho de

gema se acendendo com luz e fogo. “Do que ele está falando?” Naia perguntou baixinho. “Ah, a verdade, a verdade”, cantou o capitão skekSa. Ela se levantou e se aproximou de Tae, abaixando-se para mais uma vez levantar Sifa inconsciente em seus braços. “Tudo sai no escuro.”

“Staya, isso não é—” Ethri estava em seu pé traseiro agora. Ela viu skekSa envolver Tae em seu casaco. “Staya, vou explicar. Lorde Mariner, para onde você a está levando?”

“Agora sabemos o que há de errado com ela. Venha rápido. Para o meu navio.” “Por que temos que ir para o seu navio?” Amri chorou. “Eu tenho os meios para curá-la lá. Meios mais confiáveis, isto é, do que queimar poeira colorida e ler ossos sobre seu corpo morrendo lentamente. Se este pequeno curandeiro Drenchen vier comigo, teremos Tae de volta na ala em pouco tempo. Amri não queria que Naia ou qualquer um deles fossem a qualquer lugar com o Mariner, especialmente não algum navio Skeksis onde eles ficariam presos, flutuando no mar largo. SkekSa poderia fazer o que quisesse com eles ali, e ninguém notaria. Eles afundariam no fundo do oceano, esquecidos como o clã Grottan, sem nome na história e lembrados por ninguém. Mas Tae estava morrendo e Naia não estava com medo. “Eu não vou deixar você levar Tae sozinho para sua nave, isso é certo”, disse ela. Para Ethri, ela acrescentou: — E você. Depois disso, quero saber exatamente do que Staya está falando.” Maudra Ethri apertou os lábios, indignada como uma ave marinha presa em uma rede. Os cinco seguiram skekSa pelo cais, Maudra Ethri e Staya na liderança, enquanto Amri e Kylan se aproximavam de Naia, que marchava à frente, ombros retos

e mandíbula cerrada. Amri tentou ser como ela. Ele odiava ter medo. Enquanto observava os ombros maciços de skekSa avançando, ele tentou agarrar seu medo nas mãos de seu coração. Aperte-o como argila, moldando-o em outra coisa. Nenhum deles falou; os Skeksis à frente pareciam ouvir tudo o que acontecia ao seu redor. Até Tavra ficou em silêncio, embora Amri a sentisse segurando seu ombro com tanta força quanto ele segurava o punho de sua espada. skekSa os conduziu por um longo cais que se projetava direto para o oceano a partir do final do promontório, longe de qualquer um dos outros navios Sifa. Eles olharam para a água aberta e sem fim, e Amri se lembrou do gemido que ouviu quando chegaram a Cera-Na. “Não vejo nenhum navio”, disse Kylan. “Certamente, você não deixaria seus olhos te enganarem.” skekSa estendeu a garra que não estava embalando Tae. Uma mão menor emergiu de dentro de seu casaco – uma de suas quatro. Deixou cair um cano de metal brilhante em sua outra palma, e ela o levou à boca. Uma nota longa, aguda, quase inaudível, soou sobre o oceano. As orelhas sensíveis de Amri se achataram nas laterais de sua cabeça, e Tavra agarrou seu pescoço com dor. Quando a nota terminou, um gemido baixo e retumbante respondeu. “Aquele som . . .”, Amri ofegou. As ondas agitavam-se nas águas profundas da extremidade do promontório. Sob a luz pálida das duas Irmãs brilhando acima, o oceano se dividia nas costas de ébano de uma enorme fera. Todos eles assistiram enquanto a concha espinhosa da maior criatura que Amri já tinha visto se ergueu da água. Sua carapaça brilhava ao luar enquanto a água do oceano escorria por seus lados. Só sua concha era tão grande

quanto o Omerya, embora sua cor obsidiana contrastasse com o brilho do navio de coral do maudra. O gemido ficou cada vez mais alto até que a cabeça cavernosa do gigante rompeu a superfície do mar. As ondas batiam contra o cais. Ele gemeu de novo, o som tão alto que Amri o sentiu chacoalhar em seu peito. Momentos depois, um pequeno barco se desprende da carapaça da grande fera, puxado por um peixe espinhoso blindado com manchas brilhantes ao longo de suas costas. O peixe trouxe o barco para o cais. skekSa gesticulou casualmente, tomando cuidado para não empurrar Tae. "Todos a bordo.





## CAPÍTULO 10

Amri não queria embarcar no navio. Não era nem um navio. Era um monstro vivo, respirando, arfando e gemendo. Mas ele não teve escolha. Antes que ele percebesse, o pequeno barco bateu contra a lateral de uma doca escamosa esculpida na carapaça grossa e coberta de cracas da criatura. Algas e algas marinhas eram penduradas em cada espinho que se projetava da coisa enorme, e em alguns lugares os peixes se jogavam onde haviam sido abandonados quando a criatura emergiu. “Por aqui, meus queridos”, disse skekSa. Ela abriu uma balança, revelando uma porta grande o suficiente para

sua figura não insignificante. No Skeksis foi, deixando-lhes pouca escolha a não ser seguir. A passagem interna era um declive reforçado com metal e conchas, e Amri guardou o caminho na memória caso precisassem escapar. A carne que compunha a artéria se contorcia e espasmava sob os pés e ao redor, circulando os fluidos na parede e emitindo uma ocasional corrente de ar morno e espesso com cheiro de peixe e sangue. Lâmpadas de vidro enchiam a passagem com uma luz dourada etérea e misteriosa. Por mais relutante que Amri estivesse pisando dentro do corpo do gigante, ele não pôde deixar de olhar enquanto passava. "Não é longe", skekSa chamou por cima do ombro. "Traremos Tae de volta à sua boa saúde em breve. Cuidado com o passo aqui, parece que os faxineiros não chegaram tão longe no corredor, hmm. . ." skekSa deu um passo largo sobre algo que estava no caminho. Era um grande verme vermelho-sangue, sua pele lisa secando mesmo no ar úmido. Ele se contorceu, quase morto, quando eles passaram por cima dele, um de cada vez. Além do verme moribundo, eles não viram tripulação ou acompanhamento a bordo do navio úmido e escuro. skekSa alcançou uma abertura no túnel e soprou uma série de gorjeios em seu apito. A carne na parede tremeu, escamas dobrando para trás e espinhos se retraíndo para revelar uma câmara. "Bem-vindo ao meu laboratório." Deviam estar bem no fundo da concha do gigante, pois o teto era alto e estruturado com vigas, varas e postes. Um grande candelabro de lâmpadas douradas brilhando com uma luz sem fogo pendia do centro do teto, iluminando uma longa fileira de prateleiras empilhadas com garrafas e frascos e

frascos, e na outra extremidade uma extensa biblioteca de livros. Cristais, óculos, lentes e outros objetos cobriam todas as superfícies. skekSa encontrou uma mesa cheia de pergaminhos e a limpou com um único movimento do braço livre. “Venha, traga esse pano. Faça um travesseiro para sua doce cabeça esvoaçante.” Kylan e Ethri fizeram o que ela pediu e se reuniram em torno de Tae. A pele da garota Sifa estava quase branca agora, sua respiração tão superficial que Amri não conseguia dizer se ela estava respirando. “Ela vai viver?” Staya perguntou, quase igualmente pálido de culpa e preocupação. “Ela precisa de limpeza e hidratação”, disse skekSa. “Água para eliminar as toxinas de seu corpo e vida para substituir o que foi sugado.” “Zandir não teria causado isso”, disse Amri. “É um pó de verdade. Não tem esse efeito, e nem o nectarwine. “Astuto, meu boticário grottan. No entanto, a flor zandir, conhecida por desbloquear a mente, é menos conhecida por ser um parente distante da sogflower. Quando tomados em conjunto, o fruto da sogflower é despertado pelo pólen zandir. Isso resulta em um esporo que causa os piores efeitos de ambas as plantas: desidratação, perda de pressão arterial. E de desbloquear a mente, sim – em um grau mais severo. Se Staya soubesse disso, certamente ele não teria dado os dois para Tae em um copo. Staya desviou o olhar, achatando as orelhas. “Eu não sabia. Eu não estava tentando machucá-la.” “Então ela não foi drenada”, disse Kylan, olhando para as lentes refratárias que repousavam em uma bandeja próxima. Mesmo que as engenhocas ao redor deles tivessem a sofisticação do design Skeksis, não havia como skekSa aproveitar o poder do Cristal.

Não daqui, tão longe do castelo. “Eu já te disse isso, pequeno Spriton,” skekSa disse enquanto vasculhava seu equipamento. Ela encontrou um grande frasco em forma de bolha com uma rolha, então continuou vasculhando até conseguir um tubo comprido, puxando-o de debaixo de uma pilha como vísceras de carniça. skekSa notou os outros de pé ao redor da mesa e latiu: “Está muito lotado aqui. Ethri, tire-os! Exceto você, boticário. O resto, saia. Dê-nos espaço para trabalhar.” “Sim, Senhor skekSa,” Ethri disse. “Vamos, Fique. Espírito.” Amri tentou não tremer enquanto estava ao lado da mesa, observando Maudra Ethri levar Staya e Kylan para longe. Não queria ficar no quarto com skekSa, mas preferia ficar do que deixar Naia sozinha. Pelo menos skekSa não tinha notado Tavra escondido em seu ombro. “Garota Drenchen”, disse skekSa. “Você tem um nome?” Naia fez uma pausa. Ela ainda não havia dado seu nome ao Marinheiro — o nome que foi anexado à palavra traidor pelo próprio imperador skekSo. Amri ficou tenso, imaginando se ele poderia defendê-los com a espada de Tavra nestes aposentos, enterrados profundamente na barriga do navio gigante. “Naia”, ela respondeu com ousadia. “Sim. Você tem o dom, Naia, não tem? Venha aqui.” Nenhum reconhecimento salgou o comando de skekSa. Naia deu uma olhada de volta para Amri e fez o que o Skeksis instruiu, movendo-se para ficar sob o braço de skekSa ao lado de Tae. Amri odiava o quão perto eles estavam dos Skeksis, mas não havia nada que pudesse ser feito agora. Não se eles quisessem salvar Tae e escapar da nave viva. “Mãos aqui. Sim. Feche os olhos e concentre-se. . . E você, Grottan. Você

será nosso assistente. Você deve ter um nome também?

“Amri.” “Amri, então. Pegue a água da torneira.” Em um aglomerado de canos fumegantes perto de um fogão a lenha de ferro havia um par de torneiras. O cano que levava a uma torneira estava suando e frio, o outro serpenteava dos canos do fogão quente ao toque. “Quente ou frio?” ele perguntou, pegando uma bacia vazia. “Caloroso. Mas não quente, ou sua pele vai queimar. Depois de encher essa bacia, moa alguns sais calmantes nela. Do rack, algo para hidratação. Descubra você mesmo, eu tenho que ajudar seu amigo agora. Amri puxou os botões da torneira, que foram feitos para uma garra do tamanho de Skeksis, não para mãos Gelfling.

Enquanto a água escorria na bacia, uma parte quente e mais fria, ele subiu na prateleira sob o suporte do boticário. O inventário da skekSa era esmagador, com tudo, desde ovas hooyim até pó nulroot. Se Tae estivesse sofrendo de uma infecção por esporos, com pele fria e rosto pálido... “Segure suas mãos aqui. Os esporos se acumulam nos pulmões. . . sim. Oh, você é um estudo rápido, minha menina. Parece que você treinou. Sob Maudra Laesid, talvez? A voz cantante de skekSa era como um jato de tinta, preenchendo as fibras de uma folha de papel cru. Naia era reservada com suas respostas, embora sua educação de fala dura a deixasse desajeitada com mentiras. “Sim”, disse ela. “O Curandeiro da Pedra Azul. O nome dela é bem conhecido. Ouvi do Senhor skekZok que ela tinha gêmeos, um filho que foi servir meus parentes no Castelo do Cristal, um uma filha que herdou suas habilidades com a cura de vliyaya. Ah, o que eu daria para conhecer os dois. Gêmeos sendo tão raros entre os Gelflings

e tudo mais. A pele de Amri arrepiou. skekSa sabia. Claro que ela fez. Eles tinham sido estúpidos em vir aqui e estúpidos em confiar nela. Agora eles estavam presos em seu laboratório, no fundo de sua nojenta nave gigante e cercados por água. Eles desapareceriam no mar sem fim e nunca mais seriam ouvidos. O medo em seu estômago se contorceu, tentando escapar de seu alcance, tentando comê-lo por dentro. "O que nós vamos fazer?" ele sussurrou para a aranha em seu ombro. Pela primeira vez, ele desejou que ela lhe dissesse o que fazer. Qualquer coisa para tirá-los vivos deste lugar horrível. "Vamos esperar", disse Tavra, tão baixinho que só ele podia ouvi-la. "Neste momento, a única coisa que podemos fazer é esperar que ela realmente possa curar Tae e que tenhamos uma oportunidade de escapar." Sua voz estoica acalmou o pânico. Ele vasculhou os potes e latas, tentando parar e se apressar ao mesmo tempo. Havia intermináveis recipientes de especiarias, pós e poções, alguns marcados e outros tão velhos que seus rótulos se dissolveram na maré do tempo. Amri não tinha ideia se eram todos aromas e sais, ou se alguns continham venenos. No entanto, outros certamente poderiam ser ambos, dadas as circunstâncias e o tempo certos. Como os Skeksis, pensou Amri. Ele lembrou por um momento as palavras de dias passados revividas em inúmeras canções: Os Senhores Skeksis reunidos no Castelo do Cristal, radiantes em sua decadência. Eles nasceram para o mundo já divinos, com conhecimento sobre as estrelas e a terra, equipados com a magia tecnológica da ciência. Por centenas de trígonos eles vigiaram o Cristal e o castelo. Eles cuidaram dos Gelfling, seus

protegidos favoritos. Cuidava deles mesmo quando a Mãe Aughra havia desaparecido. Centenas de canções sobre centenas de trígonos falavam de sua glória. Todas as mentiras. Amri pegou um pote da parede e abriu a tampa. Um aroma doce e quente emanava dele, acalmando e formigando em sua testa. Isso inundou sua mente com a memória de Domrak – um pó feito do musgo que crescia sob as raízes da Árvore do Santuário. O Grottan viveu desde o início dos tempos nas sombras e cavernas, fazendo a poeira e cataplasmas. Sozinho no escuro. E veja o que isso lhes trouxe. Esquecido e negligenciado, o primeiro a cair para os Skeksis. O modo Shadowling havia falhado com eles. Agora aqui estava ele, fazendo o que skekSa lhe disse sem protestar. Apesar das mentiras que os Skeksis contaram a todos eles, apesar de como os Senhores do Castelo começaram a arrancar do Gelfling quando ele estava prestes a arrancar dos saís perfumados. Ele nunca se tornaria um herói se continuasse fazendo as coisas do jeito Grottan. Sozinho e escondido no escuro. Então, desta vez, Amri se perguntou o que um diurno faria. A sala brilhava em azul. Naia estava trabalhando seu vliyaya de cura, atentamente focada enquanto skekSa colocava a mão em seu ombro, cantando em seu ouvido. Amri sacudiu apressadamente o pó de musgo na água morna, deixando o cheiro flutuar por toda a câmara. Ele queria dominar todo o resto, especialmente o fedor das entranhas pulsantes do gigante. “O que está acontecendo ali, assistente?” skekSa ligou. “Vindo”, disse Amri. Ele não pegou a bacia. Em vez disso, ele puxou sua espada. Tavra o beliscou, sibilando em seu ouvido, “Amri, não. Não seja tolo!” “Existem



tantos Skeksis,” ele sussurrou. “Depois desta noite, pode haver um a menos.” “Ela vai te matar. Ela vai matar todos nós!” Ele olhou para skekSa. Ela estava de costas para ele, entre ele e a mesa onde Tae estava, guiando as mãos de Naia e falando suavemente em seu ouvido. Ela estava distraída, concentrada. Ignorando-o, como todos sempre faziam. Ele tinha que atacar agora. “Amri, não!” Tavra o espetou, então o espetou novamente quando ele a ignorou. Cada vez parecia uma pequena picada, entorpecendo seu movimento. Mas não era suficiente, e ele não precisava que ela lhe dissesse o que fazer. Com o coração acelerado, ele se arrastou em direção às costas de skekSa com os pés silenciosos, as mãos suando. Ela não o veria, e se ele fosse rápido, não precisava ser bom com uma espada. Ele só tinha que ser rápido.

“Assistente?” skekSa perguntou, virando-se. “Onde está essa água?” Quando skekSa moveu o ombro para trás para procurá-lo, ele se lançou em direção ao pescoço carnudo do Marinheiro, preparando-se para o contato – “Amri, pare!” Sua lâmina não tinha gosto de nada além de ar. Cada músculo de seu corpo estava rígido, sem resposta, imobilizado pelas pequenas palavras que ecoavam em sua mente. Tavra tinha feito isso. Seu pescoço latejava com as oito agulhas cravadas em sua pele. A luz azul das mãos de Naia morreu quando ela gritou e pulou para trás. “Amri—o que em nome de Thra—” skekSa agarrou a espada pela lâmina e, em sua surpresa, puxou-a de sua mão. Rápida como uma enguia pegando um peixe, ela arrancou a aranha do pescoço de Amri e a jogou na mesa ao lado de Tae. CLUNK. Desceu uma garrafa, contendo rapidamente Tavra em uma

prisão de vidro grosso. A mente de Amri inundou de volta para ele, recuperando o controle de seu corpo, mas tudo o que ele sentiu foi doente. Ele pressionou a mão contra o pescoço onde Tavra deixou sangue. Seu coração batia mais rápido do que seus pulmões podiam acompanhar. Ele enfrentou os Skeksis que tentou matar – tentou e falhou. Agora todos iriam morrer. "Interessante", disse skekSa. Ela se afastou dele como se nada tivesse acontecido. "Ah, aí está ela. Boa noite, minha querida." Consumido por sua tentativa de matar o Marinheiro, Amri não percebeu que Tae estava acordado. Naia agarrou seu ombro e ajudou a segurá-la enquanto ela se sentava. A palidez estava desaparecendo de suas bochechas. Ela tossiu, depois bufou, depois cuspiu quando Naia estendeu um balde que estava esperando embaixo da mesa de trabalho. "Onde estou?" Tae murmurou, segurando sua cabeça. "Vá com calma. Você ainda é fraco." Naia esfregou as costas de Tae e encarou Amri. Ele não sabia como explicar o que tinha feito, o que tinha acontecido, então ficou de boca fechada. Ele não tinha certeza de com quem estava mais bravo, consigo mesmo pelo que tentou fazer ou Tavra por detê-lo. A Mariner recuou, puxando um lenço de renda do casaco. Ela o entregou a Amri e gesticulou. "Para o seu pescoço", disse ela. "Agora traga aquela água, sim? Então vamos discutir o seu problema com a pequena aranha."

## CAPÍTULO 11

Enquanto Tae encharcava os pés na bacia de água, skekSa deixou Amri e Naia para trazer os outros de volta. Amri manteve o pano que skekSa lhe dera pressionado contra o pescoço até que o sangramento parasse, evitando contato visual com a aranha no frasco. “Eu tenho uma dor de cabeça que é algo terrível,” Tae resmungou. Naia moveu as mãos, a luz azul enchendo a bacia e encharcando os tornozelos e pernas de Tae. “Você está desidratado. Consegui remover os esporos. . . ou a maioria deles, com a ajuda do skekSa. Você pode estar tossindo flores por alguns dias, mas deve continuar se sentindo melhor com o passar do tempo.”

“Tae!” O laboratório se aqueceu com vida e barulho novamente quando Maudra Ethri, Staya e Kylan entraram novamente. Enquanto Ethri apertava as mãos de Tae, Kylan apontou para o pote virado. “O que está acontecendo?” ele perguntou. “Precisamos conversar sobre isso”, concordou skekSa. “Entre muitas outras coisas.” Ela encontrou uma cadeira escondida sob uma pilha de peles e pergaminhos, limpando-a para que a pilha ficasse no chão em uma pilha, e se sentou. Ela esticou um braço para pegar uma garrafa empoeirada de onde estava meio enterrada sob os livros. A rolha saltou entre seus dentes, e ela tomou um longo gole do líquido bordô. Com a mão livre, ela gesticulou. “Vá em frente, então. Bota tudo pra fora. Todas as peças estão aqui. Eu presidierei, para garantir que ninguém seja desagradável. . . ou tenta me matar.” A última ela jogou como um graveto no

fogo na direção de Tavra, embora a aranha tivesse retraído todas as suas pernas para que ela se parecesse com qualquer outra gema descansando inerte sobre a mesa. Amri azedou com a culpa. Foi ele quem tentou matar skekSa, não Tavra. E depois de ver com que facilidade o Marinheiro havia arrancado a espada de suas mãos, ele percebeu que o soldado Vapra estava certo. De jeito nenhum ele ia acabar com skekSa, especialmente não aqui em seu laboratório com uma lâmina com a qual ele não tinha habilidade. Ele queria dizer-lhes a verdade. Queria se desculpar com Tavra por colocá-la nessa posição, com Naia e Tae por colocá-los em perigo, mas segurou a língua. skekSa não havia retaliado. Enquanto ela pensasse que era ideia da aranha, talvez eles pudessem escapar com seus corações ainda batendo. Ele desejou que tudo isso não tivesse acontecido, mas aconteceu. Ele só esperava que eles pudessem sobreviver tempo suficiente para ele compensar seu erro tolo. Mas skekSa ignorou a aranha e Amri. Ela acenou para Staya, convidando-o a falar. “Primeiro assunto. Você teve uma queixa, eu acredito? Eu ordeno que você o areje.” O capitão tremeu e abaixou a cabeça. Antes de responder ao convite de skekSa, ele se virou para Tae, e Amri viu arrependimento sincero em suas bochechas apertadas e sobrelance enrugada. “Tae, eu não queria que isso acontecesse com você. eu não sabia. Eu queria perguntar a você sobre os rumores que ouvi sobre Maudra Ethri. O pólen zandir foi um erro. Se você tivesse morrido, eu nunca teria me perdoado.” — Então você tem muita sorte, não é? Tae brincou, embora não tivesse energia. skekSa tossiu alto, acenando com a

garrafa para que a bebida lá dentro espirrasse com impaciência. “Chega de desculpas. Eu quero queixas!” Staya hesitou, os olhos se deslocando para skekSa e depois para Maudra Ethri. Como a outra Sifa na praia, ele estava relutante em confrontá-la. Não admira que a maudra não estivesse acostumada a ser desafiada. “Vamos, vamos com isso”, disse Naia. “Houve um boato à deriva na baía”, começou Staya. “Que por causa da mensagem no sonho das pétalas de rosa, e os crescentes sussurros de que os Skeksis nos traíram, você nos chamou aqui não para nos reunir para nos levantar contra os Skeksis, mas para nos reunir para fugir.” Todos os olhos se voltaram para Maudra Ethri. Amri pensou que ela poderia mentir, ou pelo menos falar outra verdade. Um menos covarde do que fugir. Ela não. “É verdade. Navegaremos amanhã ao pôr do sol.” Staya engasgou, como se ele realmente não esperasse ouvir a verdade. “Como você pôde,” ele sussurrou. A reação de Naia foi mais intensa. “O que!” ela explodiu. “Você quer dizer que planeja navegar para o mar e deixar o resto dos Gelflings para lutar contra os Skeksis?” “Você vai conter seu tom comigo, Naia,” Maudra Ethri berrou. “Se eu escolher liderar meu clã para fora das garras do Imperador skekSo, essa é a minha escolha a fazer.” Staya encontrou o equilíbrio, erguendo a voz contra sua maudra, embora não tão abruptamente quanto Naia. “Mas, Maudra, você ignora os sinais! O vento está contra nós. A maré está contra nós. Com cada membro de seu corpo, Thra nos empurra de volta para o sul, mas você navegaria diante disso? Você confiaria em um Skeksis sobre os sinais de Thra?” “Eu não preciso do vento ou

da maré! O Lorde Mariner cuidou do Sifa desde que tocamos o mar pela primeira vez. Já navegou conosco para longe do Castelo do Cristal e do traidor Skeksis. Temos nossas cartas e navegadores Sifa, e o navio de skekSa quebrará as ondas para nós. Ela nos prometeu isso, e eu acredito nela.” A única resposta de skekSa foi tomar outro gole de sua bebida, como se estivesse assistindo a uma apresentação e estivesse agradavelmente entretida. Staya virou-se, com as bochechas vermelhas, para a garota Sifa se recuperando na mesa de trabalho dos Skeksis. “Tae, o que você acha disso?” ele perguntou. Tae fez uma pausa. O que quer que ela fosse dizer morreu em sua boca quando Ethri falou primeiro: “Tae é minha primeira asa. Ela sabe desse plano desde que começamos a fazê-lo.” A mente de Amri cambaleou. Eles vieram de tão longe para conquistar o Sifa, para trazer sua tocha para o fogo da lareira, e apenas para encontrar isso. Um Skeksis e um plano para abandonar os outros Gelflings e se salvar. Naia enfrentou Ethri. “Onica acreditou que você era corajoso,” ela rosnou. “Eu queria acreditar nela. Mas agora eu sei que você não passa de um covarde e um traidor. Por um momento, Ethri parecia ter sua idade. Apenas um pouco mais velho que Naia, talvez até tão perdido e confuso quanto Amri se sentia. “Os primeiros a se levantarem são os primeiros a serem derrubados”, disse Ethri. “Mas o All-Maudra—” Amri começou, mas Ethri não queria nada disso. Mesmo se eles tivessem provas, Amri imaginou que não teria mudado de ideia. O jovem desapareceu, e ela voltou a ser ousada, a maudra do descarado e selvagem Sifa. “Staya, você pode permanecer em Cera-Na se isso lhe agradar. Fique aqui

e morra. Mas se você escolher sabiamente, então partirá com o resto do clã amanhã à noite.” Ethri ajudou Tae a descer e suportou seu peso ao sair. Staya hesitou, olhando para Naia e depois para skekSa. Por um momento, Amri pensou que ele poderia continuar lutando - que ele poderia defender o que ele acreditava. Mas em vez disso, ele desviou o olhar, balançando a cabeça lentamente antes de caminhar atrás de seu maudra. Quando eles se foram, skekSa juntou-se aos outros ao redor do pote sobre a mesa. “Agora, então, vamos para outros assuntos.” Em um único movimento espalhafatoso, ela ergueu o pote e o jogou por cima de um ombro para que ele batesse contra a parede. Ela se inclinou e zombou. “Diga-me o que você quer, Arathim. Aranha. Você relatou tudo isso ao Imperador, então? Devo esperar que ele e o general skekUng cheguem em breve para me despachar? Ou será skekMal, seu animal de estimação louco? Tavra não respondeu. Se ela falasse, sua natureza poderia ser revelada — ou pior ainda, sua identidade. Amri se debateu enquanto skekSa vasculhava suas ferramentas e finalmente levantou um pilão de uma tigela de granito e gritou: “Vamos ver como os cantores de cristal trituram até virar pó!” “Não! Ela não é Arathim!” Antes que ela pudesse baixar o pilão, Kylan pegou Tavra e a abraçou. “Claro que é Arathim”, skekSa retrucou. “É uma aranha, não é? Jurado ao Imperador skekSo. Os cantores de cristal, os cuspidores de seda, todos eles. Fazem minhas escamas rastejarem, eles fazem.” Ela olhou para Kylan com desconfiança, mas jogou o pilão por cima do ombro para se juntar ao pote quebrado. “O que está acontecendo aqui?” Amri engoliu em seco. Eles não podiam contar a skekSa sobre

Tavra, mas se a raça das aranhas – os Arathim, era esse o nome deles? Ela não iria? Mas o que eles poderiam dizer que não revelaria Tavra aos Skeksis? Quando ninguém falou, skekSa deu de ombros. Ela se abaixou, arrancando a espada que ela havia puxado das mãos de Amri do chão úmido. Ela estendeu a espada para ele, punho primeiro, e quando ele a agarrou, ela o olhou nos olhos. “Por mais que tente guardar para você, um dia você vai me contar,” ela disse, quase como uma ameaça. “Eu vou esperar. Afinal, eu tenho a eternidade.” Ela a soltou, e Amri cautelosamente pegou a espada. Se ela acreditava que Tavra não era Arathim, então ela sabia que foi ele quem tentou matá-la. Não a aranha. — Por que você está me devolvendo isso? perguntou Amri. “Um lembrete da minha generosidade”, disse skekSa. “Venha. Acho que todos vocês acreditam que a qualquer momento eu vou amarrá-los e prendê-los a alguma engenhoca infernal. Vou chamar um barco e levá-lo de volta à praia.” Quando skekSa os deixou no cais solitário da baía, os sóis estavam nascendo. Observando a nave de skekSa submergir sob o céu tingido de rosa, Amri de repente sentiu como se todos os ossos de seu corpo fossem feitos de pedra. Onica estava esperando por eles embrulhados em um xale acolchoado. “Ethri me contou o que aconteceu. Nós precisamos conversar.” “Sobre isso e outras coisas”, disse Naia. “Eu acho que o que você aprendeu conversando com Maudra Ethri, eu só piorei.” Onica pegou o ombro de Naia e disse: “Vamos perseverar”. Enquanto eles seguiam Onica para seu navio, Amri roubou um olhar para trás. O navio de skekSa não era nada além de bolhas. A cabana de Onica foi mais bem-vinda



do que Amri poderia imaginar, escura, quente e seca. Mesmo que o navio rangesse com o som da madeira e da água, não era o constante e profundo borbulhar e a respiração do navio gigante. Era um barco, mas pelo menos era familiar. Onica assentiu solenemente quando lhe contaram o que havia acontecido. "Ethri me disse isso", disse ela. "Fiquei para falar com a equipe dela, para ver se conseguia descobrir como poderíamos fazê-la mudar de ideia, mas todos estavam de boca fechada. Até para mim. Temo que muita coisa tenha mudado, e muito rápido, desde a última vez que tive a confiança de Ethri. "Staya disse que os sinais estavam contra ela", disse Kylan. "Contra seu plano de partir e cruzar o Mar de Prata. Isso é verdade?" "Há muitos sinais, todos com muitos significados. O que eu sei é que a maré está contra uma jornada para o norte, e o vento nesta época da estação tornaria isso impossível se não fosse a promessa de ajuda de skekSa. Além disso, ninguém sabe o que há do outro lado do Mar de Prata. Ethri está bem ciente de tudo isso, mas planeja desafiar os sinais. . . Não é o jeito Sifa. Algo aconteceu com ela. Não sei se é o medo da Skeksis, ou se ela está sendo manipulada pelo Senhor skekSa." Onica suspirou e passou os dedos pelo cabelo antes de acrescentar: "O pior de tudo, temo que ela não seja mais a Ethri que eu conhecia". Tavra saiu das mãos de Kylan, aproximando-se de Onica. "Então devemos aceitá-la como ela é agora", disse ela. "Amanhã, falaremos com ela. Ela vai mudar de ideia. . . Eu vou me certificar disso. O que aconteceu esta noite é prova de nossas terríveis circunstâncias." Em seguida, ela se virou para Amri. Seu pescoço doía onde ela tinha tirado sangue. Ele tentou

ignorar, embora não conseguisse afastar a sensação da voz dela percorrendo seu corpo, controlando seus membros com sussurros de cristal. "Amri, me desculpe." "Eu não sei do que você sente muito. Fui eu quem tentou fazer algo estúpido que quase nos matou", ele murmurou. "Não fiz de propósito. Eu só não queria que você... Ela estendeu a mão para ele, mas ele puxou a mão.

Ainda estava dolorido de segurar a espada. Em sua mente, ele viu uma noite diferente se desenrolar: uma em que ele atingiu skekSa com a pequena lâmina. Ela não morreu, não desse jeito. Ela estava apenas enfurecida, arrancando a arma de sua mão fraca. Jogando-o pelo quarto e trazendo suas outras garras no pescoço de Naia. Tudo porque ele tentou ser um herói. "Estou cansado", disse ele. Ele tirou a espada do cinto e a colocou na mesa ao lado de Tavra. Encontrou um canto mais escuro da cabana entre as almofadas e colchas, enrolou a capa apertada nos ombros e fingiu dormir.

## CAPÍTULO 12

Enquanto o dia lá fora despertava, logo a cabana estava quieta com os sons suaves do sono. Quando ouviu o ronco, Amri empurrou silenciosamente a colcha, suspirando. Seu corpo estava exausto, mas sua mente se recusava a descansar. Então, enquanto os outros dormiam, ele silenciosamente se esgueirou para o convés. O nascer do sol foi lindo. Apenas o Rose Sun estava alto, não brilhante o suficiente para machucar seus olhos ainda. Talvez ele estivesse finalmente se acostumando com o céu mais claro do dia. Encontrou um lugar na proa e aconchegou-se em sua capa, observando os navios balançarem na baía, apoiados pelos extensos promontórios da costa. Uma visão que, apenas um único trígono atrás, ele nunca esperaria ver por si mesmo. Se um Sonhador tivesse entrado nas profundezas das Cavernas de Grot e lhe dito que logo deixaria as cavernas em que viveu toda a sua vida em uma jornada que o levaria a todos os cantos da Terra Skarith, ele teria rido. Ele estudou todos os tomos de boticário disponíveis, provou todos os temperos velhos e mofados da Tumba, mesmo que estivessem estragados. Ele nunca pensou que iria pisar nos cumes nevados perto de Ha'rar, nem andar a bordo de um barco de adivinho de Sifa. Mas agora, olhando para a baía, ele sentiu apenas um desejo intenso. Como se ele tivesse alcançado o galho de uma árvore, apenas para descobrir, uma vez que ele o agarrou, a pedra em que ele estava caiu sob seus pés. Ele sentia falta das cavernas. Ele sentia falta do Túmulo das Relíquias, cheio de promessas do misterioso e

estranho mundo diurno sem os perigos que o permeavam. Quão fácil seria, ele se perguntou, pular no cais e seguir para o interior? Ele teria que atravessar as Montanhas Garras, mas as montanhas estavam cheias de túneis e cavernas — terreno que ele entendia. Se ele viajasse sob as terras altas, ele pousaria na passagem norte da Floresta Negra, onde o Rio Negro cortava. Siga o rio e em mais dois dias, ele poderá estar de volta às Cavernas de Grot. De volta para onde ele pertencia. “Pensei ter ouvido você vir aqui. . . Você está bem?” Amri olhou por cima do ombro quando Naia se juntou a ele. Ela se sentou perto o suficiente para que eles pudessem compartilhar o calor na manhã fria. “Só pensando”, disse ele. “Sobre o que aconteceu ontem à noite?” ela perguntou gentilmente. “Você quer falar sobre isso?” “Não sei o que há para dizer.” Naia o cutucou com o cotovelo. “Basta começar a falar. Palavras virão. . . Se você quiser, é isso.” Ele tinha muitos sentimentos, mas se recusou a dizê-los em voz alta. Ele tentou pensar em algo despreocupado para dizer, mas em vez do poço de gracejos geralmente aparentemente interminável, tudo o que encontrou foi um poço vazio de constrangimento e cansaço. Naia colocou a mão no ombro dele e apertou. “Amri. Está tudo bem. Ninguém se machucou ontem à noite, sabe? E não é como se eu não entendesse o que você estava sentindo. Achei muito corajoso o que você fez, na verdade. “Agora você está apenas dizendo coisas para me fazer sentir melhor.” “Não mesmo! Lembro-me de como fiquei assustado na primeira vez que enfrentei um Skeksis. Eu não pensei que eu poderia fazer isso. Eu pensei que Gurjin estava morto, e

Tavra. . . Nunca esquecerei. É preciso muita coragem para fazer o que você fez.” Amri zombou quando sentiu suas bochechas quentes. “Temos sorte que o único Skeksis que decidi atacar acabou sendo aquele que estava disposto a me perdoar. Você pode imaginar o que teria acontecido se eu realmente a esfaqueasse? Ela poderia ter. . .” “Mas ela não fez. E não vou esquecer o que você fez na neve. Você realmente deu ao Chamberlain algo para se lembrar. Ela sorriu e Amri sorriu um pouco, pensando na expressão no rosto do camareiro. Mas então ele se lembrou do que Tavra havia dito quando ela decidiu ensiná-lo a usar sua espada. Você não poderá confiar nos truques de Grottan todas as vezes. Seu sorriso desapareceu. “Só não sei o que fazer.” Ele notou que estava torcendo as mãos e fechou o punho. “Estou me esforçando tanto para fazer as coisas da maneira mais leve, mas não sou muito bom nisso. Eu não posso ver muito bem, e eu não sei nada sobre nada. . . Mal consigo andar ereto sem tropeçar nos meus próprios pés.” Ela hesitou, então colocou a mão em seus dedos cerrados. O silêncio dela encheu o coração de Amri com um sentimento frágil, como se ele tivesse mostrado algo a ela por acidente. Algo que ele nem sabia que estava lá, e agora que ele estava dizendo a ela, tudo veio à tona. “Eu só quero ser bom em alguma coisa, sabe? Você é tão forte. Feroz Naia. E Kylan, o contador de canções com a magia firca. Tavra, filha soldado do All-Maudra. As coisas em que sou bom não importam aqui. . . Provavelmente vou acabar sendo Amri, o Esquecido. Como o resto do meu clã.” Naia prendeu a respiração na garganta. “Ah, Amri. . .” Ela não tentou desembaraçar seus punhos, não

disse para ele não ficar triste. Não o repreendeu ou disse que ele estava errado por se sentir do jeito que se sentia. Ela apenas apoiou a mão na dele e, naquele momento, era tudo o que ele precisava. Ela estava com ele. Direto e verdadeiro, e ainda sentado ao lado dele, apesar do que ele disse a ela e o que eles estavam enfrentando. A solidão que apertava seu coração se afrouxou. “Ah!” ele chorou. “Achei que o problema seria fazer as pessoas acreditarem. Eu pensei que uma vez que eles acreditassem, eles saberiam a coisa certa a fazer! Mas Maudra Ethri ainda planeja velejar esta noite. Só temos um dia para descobrir como detê-la. E depois há skekSa — não sei o que fazer!” “Também estou decepcionada”, admitiu Naia. “Nada é mais simples. Mas não é sua responsabilidade descobrir isso sozinho. Todos nós precisamos ser honestos uns com os outros e confiar uns nos outros. Se fizermos isso, vamos descobrir. Afinal, o objetivo disso é que confiemos, apesar dos tempos difíceis. Venham juntos como Gelfling. . . todos nós. Incluindo você. Incluindo o Grottan.” Ele suspirou. Queria acreditar. “Você acha que podemos?” ele perguntou. Ela sorriu. “Eu prometi que te levaria para casa em Great Smerth, não foi? Teremos que encontrar um caminho, se quisermos fazer todo o caminho para o sul até Sog! Então você pode conhecer Gurjin também, minhas irmãs e meus pais. Eles adorariam conhecê-lo.” Amri queria muito isso. Ele deixou a ideia, aquela esperança, iluminar seu coração. “Você acha que Gurjin voltou bem?” Naia revirou os ombros e inclinou a cabeça. Não havia como saber com certeza, e eles estavam viajando

há tanto tempo que era duvidoso que até mesmo um mensageiro swoothu pudesse encontrá-los.

Mesmo que trouxesse boas notícias. Naia se inclinou para trás e olhou para o céu, balançando os pés para frente e para trás enquanto pensava. Ele se preocupou por ter feito uma pergunta que a deixaria preocupada, mas ela estava balançando a cabeça, um pequeno sorriso nos lábios. “Sabe aquele lugar em sua mente, logo antes de acordar? Entre o seu sonho e o mundo desperto? Como em um dreamfast, quase. . . Quando estou naquele lugar, às vezes sinto o cheiro de Sog. Sinta isso, tudo ao meu redor. Como se estivesse dormindo na minha rede em casa. Mas não sou eu. É Gurjin. Com Neech, e . . . Eu não posso explicar, mas de alguma forma eu só sei que ele conseguiu voltar.” Ela olhou para ele, e foi o mais perto que Amri já esteve de ver os pântanos do sul, cheios de vida, verde e esperança. Ele queria acreditar que eles iriam para lá juntos, um dia. Alcance Great Smerth e conheça a mãe de Naia. A orgulhosa Maudra Laesid, que com certeza juntaria sua filha mais velha ao rufar dos tambores Drenchen. Ele tentou imaginar quem seria Maudra Naia, um dia, e se ela seria diferente da amiga que estava sentada ao seu lado, vendo o ouro do Sol Rosa derreter a borda do céu. Os olhos de Naia se desviaram dos dele. “Sou só eu, ou Omerya está se movendo?” Amri ficou com ela para olhar a baía. A princípio, parecia que talvez o navio de corais estivesse apenas dançando nas mudanças das correntes matinais. Mas então as velas da anêmona se abriram, desabrochando como flores noturnas. Em instantes, ele se afastou de sua doca. Ao seu redor, os navios Sifa ganharam

vida, as velas baixando. “Ah, não,” Naia respirou. Ela saltou para o topo da cabine, escalando o mastro e soltando as velas. “Eu pensei que tínhamos até o pôr do sol – rápido, pegue Onica! Temos que pegá-los antes que eles cheguem ao mar!” Amri correu para a cabine, batendo a porta e acordando todos para dentro. Onica já tinha ouvido os passos de Naia no teto da cabana, balançando para fora de sua rede. “O que está acontecendo?” “Maudra Ethri está tirando o Omerya. Eles estão indo embora!” O cabelo indomável de Onica caiu em cascata ao redor de seu rosto, e ela rapidamente o enrolou para trás com uma faixa. Tavra estava em seu ombro. Onica passou por Amri e saiu para o convés, balançando-se no cordame. Kylan o seguiu rapidamente. O navio pegou o vento e virou para o mar, seguindo um curso para interceptar o Omerya. “Podemos pegá-los?” Naia ligou. O barco de Onica era pequeno e rápido, mas uma vez que o Omerya atingisse o mar aberto, seria imparável. Eles tinham que alcançá-los antes que Ethri limpasse a baía. “Não sei”, disse Onica. “Mas devemos tentar.” Kylan grunhiu, puxando uma corda com todo o seu peso. “E uma vez que o fizermos, e daí? Como vamos convencê-la a se juntar a nós quando ela decidiu ir embora? Eles correram em direção ao Omerya enquanto ele se separava das docas, as dezenas de navios Sifa navegando em seu rastro de tufão. O navio de coral ainda não havia atingido sua velocidade máxima, seu corpo enorme bloqueando o sol com seu casco de coral cintilante e velas floridas. Amri mal conseguia distinguir Ethri de pé na proa, Tae ao seu lado. “Espere!” Naia ligou. “Maudra Etri!” Apenas a voz de Naia



poderia se elevar acima do bater das ondas na proa. Amri agarrou-se a uma corda para não ser arremessado do convés. Ethri os viu e trocou uma palavra com Tae, então levou um chifre aos lábios. O navio diminuiu a velocidade, embora não tenha parado completamente, e os navios Sifa se reuniram em torno dele. Quando as ondas baixaram, Ethri se apoiou na amurada de coral. “Se você está aqui para tentar me convencer de novo, economize o esforço!” ela gritou. “Mas se você está aqui para se desculpar e vir conosco, é melhor se apressar. Aquele pequeno navio não vai atravessar o Mar de Prata, mesmo com a ajuda de skekSa!” Amri engoliu em seco, olhando para o mar. Em todo o caos, ele se esqueceu do navio gigantesco, escondido em algum lugar sob as ondas. Com um sopro do apito de skekSa, poderia estar logo abaixo deles, um enorme monstro pronto para engolir todos eles. Onica saltou do convés com surpreendente rapidez. Ela nem usou suas asas, em um momento no ar com apenas o oceano abaixo dela, no próximo agarrando as cordas e linhas que amarravam o casco do Omerya. Ela desamarrou uma das cordas e jogou para Kylan, gritando ordens. Ele obedeceu e rapidamente amarrou a corda na proa do navio menor para que eles fossem puxados pelo Omerya. Assim que Kylan terminou o nó, Naia pulou do barco. Ela agarrou as cordas e subiu atrás de Onica. “Estamos realmente fazendo isso?” Kylan perguntou, os olhos arregalados. Amri agarrou os ombros do contador de canções. “Sim!” ele chorou. “Nós somos!” O sal lambia seus calcanhares enquanto eles saltavam. A rede de corda era grossa em suas mãos, fácil de agarrar, embora o coral áspero arranhasse seus dedos e

braços quando ele colidiu contra o casco. Ele se preocupou a princípio que Kylan não conseguiria, mas em poucos momentos ele estava logo atrás, escalando a rede. Juntos, eles se empurraram contra o vento, finalmente caindo sobre o corrimão no convés. Dezenas de Sifa estavam olhando, alguns horrorizados e outros, Amri fingiu, com admiração. Ele não tentou adivinhar quantos capitães e tripulantes haviam abandonado seus navios em Cera-Na para se juntar a sua maudra em sua busca para escapar pelo Mar de Prata. Ele reconheceu o capitão Staya e o outro Sifa que o havia chamado de ladrão na praia. Quando Amri se levantou, Naia e Onica já haviam encontrado Maudra Ethri no convés. O cabelo escuro da maudra chicoteou como uma tempestade ao redor de seu rosto. “Etri!” Onica chorou. “Você deve parar com isso. Você deve prestar atenção aos sinais. Se você ainda tem alguma fé em mim, como um Sonhador – como seu amigo!” “Fé não tem nada a ver com isso, Onica,” Ethri disse. “Uma tempestade se forma na Terra Skarith. Esse é o sinal que estou prestando atenção. As pétalas de rosa com sua música. Os rumores dos Skeksis no castelo, alimentando-se dos Gelflings. Não posso mais ser imprudente, não com a vida do meu clã em jogo. Farei o que deve ser feito, que se danem os ventos e as marés.” Ela disse tudo com a força de um vendaval, mas Amri viu um lampejo de dúvida em seu rosto. Ele viu as nuvens que formavam um arco em direção à terra, soprando contra as velas enquanto o Omerya lutava para continuar no mar. A lareira fria no convés, onde ele imaginava que o Sifa uma vez acendia as fogueiras da profecia todas as noites. A Onica também viu. “Eu sei que

“você só está com medo”, disse ela. “Por favor, não deixe o medo mudar quem você é, Ethri. Quem eu sei que você é.”

Tae olhou entre os dois Sifa que comandavam a atenção de todos que estavam no convés. Ela pegou o braço de Ethri em sua mão por um momento, e Amri se lembrou de quando ela começou a dizer algo antes, no laboratório de skekSa. Mas mais uma vez, Ethri a empurrou para o lado, avançando para encontrar Onica cara a cara no convés inferior. “Você e Tae confiaram em mim uma vez,” Ethri disse. “E só você pagou um preço terrível.” “Em troca de um presente maravilhoso, vale o preço que paguei. Um pelo qual sou grato todos os dias.” A resposta suave do Far-Dreamer foi como o oceano, apaixonado e eterno. Até Amri se sentiu envolvido nisso, e ele era apenas uma testemunha silenciosa de sua verdade.

Onica segurou os ombros de Ethri em suas mãos, e desta vez a maudra não protestou. “Ethri, não podemos saber o futuro”, disse Onica. “Só podemos prestar atenção aos sinais quando Thra sussurra. Mas não há necessidade de ter medo. Não quando olhamos juntos para as estrelas com o coração aberto. Lembro-me de um Ethri que olhou para o futuro comigo, sem medo. Quando foi a última vez que você olhou para os incêndios de Sifa? Onde está aquela destemida Ethri que eu conheci?” Ethri olhou para baixo, balançando a cabeça. “Se foi.” “Eu não acredito. E eu não posso ser o único que se lembra, e que irá desafiá-lo a se lembrar de quem você realmente é.” Onica se virou, buscando os olhos da Sifa que a observava do convés. Um por um, eles desviaram o olhar. Amri lembrou-se do que Ethri dissera a Naia no navio: Os primeiros a se levantarem são os primeiros a serem

derrubados. Que superstição derrotadora. Amri pulou quando Tae deu um passo à frente. Seu cabelo era de um ouro brilhante ao sol nascente, ondulando com rosa e vermelho. Ela tocou o ombro de Ethri, desta vez segurando-a com uma mão gentil. “Onica está certa,” Tae disse. “Há quanto tempo a lareira está fria? Etri, por favor. Acenda as chamas dos velhos costumes lá. Olhe para os incêndios como costumávamos fazer.” Ethri abriu a boca para protestar, mas parou quando Staya deu um passo à frente. Então o Sifa à sua esquerda. Depois outro, e outro. “Venha, Ethri,” Tae disse. “Só uma última vez, sem medo. Deixe-nos pelo menos saber que pedimos. Se você perguntar às chamas, se você ouvir, nós o seguiremos até os confins da terra.” Ethri tornou-se jovem novamente - tornou-se ela mesma por apenas um momento - enquanto observava o Sifa dar as mãos diante dela. Um olho verde estava cansado de medo, o outro uma pedra de cristal brilhando com esperança. “E se as chamas disserem que fugimos?” ela sussurrou. Onica se aproximou do fogo e estendeu a mão, acenando. “Então vamos atender o sinal”, disse ela. “E vamos prestar atenção nisso juntos.” O Sifa se separou em torno de Maudra Ethri enquanto ela caminhava para o fogo da lareira. Onica esperou por ela, com as mãos abertas e as palmas das mãos cheias de sol. Ethri pegou as mãos do Far-Dreamer e suspirou, como se tivesse voltado para casa depois de uma longa jornada. “Então junte-se a mim, minha amada Sifa,” Ethri disse. “E você, que realiza a tarefa de Aughra. Vamos ver o que o futuro traz.”

## CAPÍTULO 13

Amri ficou ao lado de Naia quando eles se juntaram a Onica. Sentindo algo maior do que ele mesmo, começou a superar o ímpeto do vento e o bater das ondas contra o casco do Omerya. Ethri estava na lareira no centro do convés. Era feito do mesmo coral que o resto do navio, reforçado com pedra e preto dos tempos de uso. Mas os carvões estavam frios há muito tempo e Ethri se ajoelhou para tocar a poeira negra que o cobria. Tae veio até o ombro dela. Ela tinha um pequeno pacote de ervas na mão, amarrado com versões em miniatura dos nós que Amri tinha visto em todos os lugares no Omerya e até mesmo no navio de Onica. Ethri pegou o pacote e o dividiu, devolvendo metade para Tae. Ela segurou sua própria metade contra a palma, fechando os olhos até que sua mão brilhasse azul. Fumaça flutuou de onde o pacote tocou sua pele, enchendo o ar com o aroma saboroso. Onica tirou seu próprio pacote de dentro de sua capa. Ela e Tae seguiram Ethri, e logo três trilhas cinza-azuladas de fumaça cortaram como caminhos no céu. Onica os conduziu no ritual, levantando as mãos sobre a cabeça e desenhando símbolos místicos no ar com a fumaça das ervas fumegantes. Triângulos e esferas, espirais e muitas outras formas. Amri viu os sinais das luas e dos sóis, os sigilos do vento e do fogo, da terra e da chuva. Ethri e Tae espelhavam Onica, os movimentos da maudra reservados no início, mas aquecendo a cada momento que passava. “Deatea. Deratea. Kidakida. Arugaru. Abrimos nossas almas ao fogo. Abrimos nossas mentes ao vento. Abrimos nossos corações para a água.

Abrimos nossas mãos para a terra.” Onica baixou as ervas fumegantes, desenhando uma linha de fumaça das quatro direções até a lareira. Ela soltou, e os pacotes se acenderam em chamas, caindo como três cometas. Quando eles tocaram os gravetos antigos no fundo da lareira, tudo ficou em silêncio. Amri prendeu a respiração. Ele se perguntou se a oração havia falhado. A fumaça subia das profundezas da lareira. Frágil no início, como um sussurro moribundo. Então aqueça. A fumaça se dissipou, substituída pelo ar límpido e quente de uma fogueira crescente. Em instantes, a lareira voltou a bater. O coração do navio, o coração do Sifa. Amri se juntou a eles enquanto eles se aproximavam, absorvendo o calor, estendendo as mãos como se eles mesmos pudessem agarrar as chamas radiantes. O cheiro das ervas era profundo agora, consumido pelas chamas. Amri os respirou, sua cabeça se enchendo de espaço. Estrelas e sóis e luas, os sigilos que Onica tinha desenhado, entrando e saindo de sua mente. Ele fechou os olhos e respirou, sentindo a mão de Naia na sua. A voz de Onica subiu do silêncio, uma com o fogo crepitante. Ela não falou palavras. A canção de sua garganta era sem palavras, harmoniosa. Amri abriu um olho para vê-la, a cabeça inclinada para trás, o cabelo carmesim aceso com o vermelho do fogo. Sua música mudou, como se ela mesma tivesse se transformado – em um momento uma Sifa, Gelfling como o resto deles – no próximo, um ser diferente, feito de sonhos. Ela inclinou a cabeça para encarar o fogo, olhos abertos, vendo tudo e nada. Todos ficaram em silêncio. “Um herói está diante do fogo da lareira do Gelfling. Mas não sozinho. Da escuridão que o cerca vem. . . Vento. Relâmpago.

Leve. Terra, Sombra, Água. . . Incêndio." As sobancelhas de Onica se enrugaram de dor, uma lágrima escapando. Sua voz era transparente, ondulante, não a sua própria. Amri ouviu, extasiado. Vi Ethri e Tae, Naia e Kylan fazendo o mesmo, cada respiração pendurada nas palavras do Far-Dreamer.

"Grandes provações nos enfrentam. Dor e solidão, eu vejo. . . Sete Maudra. Sete de sete. Suportando os fogos. Vento, Relâmpago, Luz. Terra, Sombra, Água, Fogo. Desta forma, os Sete se tornam Um. Por mão Gelfling, ou então por . . ." O fogo aumentou. Uma visão consumiu Amri como uma criatura viva, engolindo sua mente. Ele viu o fogo da lareira, a silhueta de um Gelfling de pé diante dele, algo brilhando branco dentro de seu punho. O fogo da lareira tremeluziu, lutando para afastar a escuridão. Do além vieram vozes. Vozes na música, como instrumentos. Vento e relâmpagos, uma estrela em chamas no céu. Das sombras veio Gelfling, carregando tochas contra as sombras. E atrás de todos eles havia uma parede, envolta em chamas. Amri engasgou quando a visão se desvaneceu, a mente cambaleando. As chamas recuaram e Onica abriu os olhos. Ela voltou a si mesma, balançando um pouco antes de se endireitar, respirando fundo. "Eu estava lá . . . Todos nós somos," Ethri murmurou. "No fogo da lareira." Todos tinham visto, então. Os Gelflings emergindo da escuridão, juntando-se diante da lareira e empurrando suas chamas para que o fogo brilhasse mais forte. Amri não conseguia tirar a visão de sua mente. Ele não queria. Ele já tinha ouvido aquelas vozes antes, no espaço dos sonhos. Quando o fogo aumentou, ele viu alguns de seus rostos. Reconhecia-os, embora nunca os tivesse

conhecido. Pelo menos não nesta vida. Mão sobre mão unidas, Ethri fechou os olhos, puxando uma respiração profunda. "Minha Sifa", disse ela. "Meu coração se parte com a dor que eu quase te decepcionei. Me perdoe . . . Eu vou ficar, se você ficar ao meu lado. Para que possamos ficar ao lado dos outros que lutam contra as trevas. Para Thra." Tae ergueu a mão para o céu, os dedos de Ethri entrelaçados nos dela. "Para Thra", disse ela. De repente, as mãos do Sifa se ergueram como fogo. Um pilar de chamas explodiu da lareira, faíscas chovendo em um arco-íris de cores. O fogo queimava em todas as cores sob os três sóis, o assobio e uivo do ar enquanto alimentava as chamas ressoando com uma canção familiar e profunda. A fircia de Kylan tocou sozinha enquanto o vento soprava ao redor do convés, sugado pelo brilho das cores em cascata. A luz derreteu no convés abaixo de seus pés, esculpindo e gravando as formas de letras e imagens. Amri viu o navio Omerya, um Sifa com cabelos selvagens e olhos de cristal. Um Far-Dreamer e uma tempestade, um navio gigante à espreita sob as ondas. Foi a história que os trouxe a este lugar, para acender este fogo. A canção do fogo de Sifa, acesa a bordo da árvore de coral viva na baía de Cera-Na. Quando o fogo se acalmou, ficando laranja e vermelho novamente, o convés ficou atordoado em silêncio. O rosto de Amri ainda estava quente onde havia sido banhado pela luz, embora seus olhos não tivessem ferido em seu brilho. O anel de Gelfling quebrou as mãos, o Sifa admirado com o que havia acontecido e a prova que permanecia ao redor deles. "Fogos de resistência," Onica sussurrou, lendo as gravuras de sonhos no convés. "Gelfling,



feito de vliya. O fogo azul, a essência da vida de Thra. . . Vimos esse fogo em sonhos.” Ethri olhou para as gravuras, entendendo-as. Ela se viu neles, e o reconhecimento acendeu algo dentro dela, ainda mais brilhante do que a chama na lareira. Uma rajada de vento jogou seu cabelo para trás, atijando o fogo em seus olhos. Ela caminhou de volta para o convés da proa, dando ordens para trazer Omerya de volta para a baía. Embora o navio mal tivesse provado as águas do Mar de Prata, ele atendeu aos comandos sem reclamar, como se estivesse aliviado. Tae comandou a tripulação, voando alto nas velas e cabos. Quando o Omerya surgiu, ele ganhou velocidade, correndo de volta para os braços da terra que nunca quis deixar. “Primeiro o Vapra e agora o Sifa. . .”, disse Amri. “Essas são duas das sete fogueiras do clã já acesas. Eu não posso acreditar!” “Só faltam cinco,” Naia concordou com um sorriso. Eles olharam para cima quando Ethri se juntou a eles. Pela primeira vez desde que estiveram em Cera-Na, ela parecia duas metades inteiras: uma maudra, orgulhosa e valente liderando seu clã, e sua juventude. O Ethri que Onica conheceu e trouxe de volta à vida. “Maudra Ethri,” Naia disse, dando um passo adiante. “Obrigada.” Eles deram as mãos. Por um momento Amri viu duas maudras em pé no convés. Os rostos dos novos líderes que podem salvar seu mundo. Ele se perguntou o que Maudra Argot pensaria, se ela estivesse lá. “A chama Sifa aquece suas costas”, disse Ethri. “Quando chegar a hora de nos levantarmos contra os Skeksis, estaremos prontos. Pronto para atender ao seu chamado, para se juntar a eles onde quer que a batalha ocorra. Para onde você viaja em

seguida?” “Ainda não sei. Para onde o vento nos leva.”

“Então pode encher suas asas.” “E o seu. Eu sei que você estava com medo de ser o primeiro a se levantar. Mas o que estávamos tentando lhe dizer é que o fogo Vapra já está aceso. Por All-Maudra Mayrin, em Ha'rar. E agora há dois fogos queimando. . .” Naia olhou para Amri, depois de volta para Sifa maudra. “Sabe, Maudra Argot do Grottan foi a primeira a ouvir nossa história e acreditar. E por causa disso, eles foram abatidos. Eles perderam sua casa. Eles estiveram no escuro e frio, sozinhos. Esperando para saber se os outros clãs estão por aí. . . e agora, você faz parte da esperança deles. Seus fogos os guiarão. . . Você não está sozinho, e agora, nem eles.” Amri estremeceu. Ethri entendeu o que Naia disse, então olhou para ele, a compreensão caindo em seu rosto claro. Quase como em um sonho rápido, ela percebeu quem ele era. De onde ele veio e por quê. Talvez ela o tenha confundido com um Vapra, ou talvez ele tenha sido totalmente invisível para ela, mas agora ela olhou diretamente para ele, e sua testa rachou de remorso. “Você tem um nome, Shadowling?” Etri perguntou. “Amri.” Ele enrijeceu quando ela estendeu a mão para ele, então engoliu a bola de emoções em sua garganta quando ele tomou sua palma na dele. Com a mão livre, ela apontou para seu olho de gema, depois para o outro. “Eu vejo você agora, Amri. E eu vou lembrar.” “Obrigado”, disse ele. “Quero dizer, obrigado, Maudra.” Ela riu. “Por favor. Me chame de capitão.” Enquanto se despediam e se dirigiam à prancha de desembarque, Amri deu uma última olhada no oceano. Em algum lugar sob as ondas, Lord skekSa capitaneava seu

terrível gigante, dominando até mesmo a escuridão do mar. Logo ela perceberia que os Sifa haviam mudado de ideia – se ela já não tivesse. O que ela faria quando descobrisse? Estaria com raiva ou não mostraria nada naquele rosto astuto dela? Se ela estivesse realmente separada do resto dos Skeksis, preparada para viver sua vida além da sombra do castelo, talvez não importasse para ela se Ethri e os Sifa tivessem decidido resistir aos Skeksis. De qualquer forma, não havia como Amri saber. Ethri seria o único a enfrentar skekSa, mas se havia alguém agora que poderia, era o Sifa maudra. Eles desceram para o cais principal. Sifa desceu ao redor deles, começando a cantar e dançar com tochas nas mãos, iluminadas com poeira colorida. Onica os guiou até o cais e parou quando Kylan limpou a garganta. Na pressa da celebração crescente, Amri quase tinha esquecido que eles tinham mais uma despedida para fazer. Onica era Sifa. Ela tinha sido apenas seu guia para Cera-Na, mas o coração de Amri doía com o pensamento de dizer adeus, de retornar à sua jornada sem ela. Kylan segurou Tavra para fora. Seu corpo de aracnídeo brilhava, azul da cor de uma lágrima não gasta. “Devo ir com Naia”, disse ela. “Mas eu não vou esquecer nossa promessa—” Onica a interrompeu com uma risada doce. “Não seja tolo, meu Silverling. Você acha que eu deixaria você acender as sete fogueiras da resistência sem mim? O sorriso de Onica era contagiante. Por um momento precioso, sua difícil tarefa de unir os clãs Gelfling contra os Skeksis e o Cristal rachado não passava de fiapos de nuvens no céu. Amri olhou para os rostos de seus amigos — Drenchen, Spriton, Sifa, Vapra — e depois para suas mãos

grottanas. Cinco de sete. Quando eles desceram do cais e chegaram à terra em meio à multidão de celebrantes de Sifa, Kylan grunhiu quando alguém o atingiu. “Cuidado!” Naia gritou, mas a figura encapuzada escorregou na multidão. Kylan empurrou a capa para trás, dando tapinhas em seus ombros e pescoço. “Tava?” ele gaguejou. “Tavara!” Amri entrou em ação antes que ele soubesse o que estava fazendo, Naia logo atrás. Ele empurrou Sifa para o lado quando eles avistaram alguém correndo à frente. Quando o ladrão olhou para trás e os viu perseguindo, ele saiu correndo para as árvores que margeavam a praia. Amri e Naia deixaram Kylan e Onica para trás enquanto corriam atrás dele. “Por que alguém roubaria Tavra?” Náia perguntou. “Não sei! Ela é pequena e brilhante? Você sabe, nós nunca descobrimos para onde foram as joias roubadas de Tae! Como vamos encontrá-lo em tudo isso?” “Não sei! Mas precisamos!” Eles colidiram com o mato na beira da praia. Havia apenas uma estreita e densa faixa de folhagem tropical antes que o solo subisse nas Montanhas Garras que protegiam toda a baía. Em instantes eles estavam escalando uma ladeira coberta de árvores e trepadeiras de casca grossa. Naia era uma escaladora forte, embora Amri fosse mais rápida que ela e o ladrão na rocha escarpada. Ele vislumbrou o ladrão subindo pelas saliências e vinhas à frente, cada avistamento carregando seu corpo com urgência enquanto ele subia a ladeira. Tavra só conseguia cuidar de si mesma até certo ponto – e se o ladrão a colocasse em uma garrafa? Achou que ela era uma cantora de cristal e a esmagou, sem saber que ela era uma das filhas da All-Maudra? Amri saltou

para o lado de uma pedra íngreme e saltou, atacando o Gelfling no capô. "Peguei vocês!" Eles rolaram para o chão e lutaram até que Amri saiu por cima, puxando o capô. Abaixo estava o rosto tatuado de um menino Dousan. Seu rosto estava pálido e cor de areia à esquerda, desaparecendo em um índigo profundo e brilhante à direita. "Devolva-a! Nós sabemos que você a levou!" "Sua?!" balbuciou o menino. "Bem bem! Apenas saia de cima de mim!" Amri recuou o suficiente para o menino agarrar seu cinto onde ele tinha uma bolsa. Dentro havia uma jarra de vidro grande o suficiente para manter uma aranha dentro. Amri estendeu a mão para pegá-la, desviando sua atenção do Dousan por um momento longo demais. "Idiota!" Amri viu estrelas caindo para trás e segurando sua cabeça onde o Dousan o atingiu com uma pedra. O menino pulou de pé, apenas para ser empurrado contra uma árvore por Naia, adaga em punho. "Não se mova", ela rosnou. Então para Amri, "Você está bem?" "Sim, estou ótimo." Amri ficou de pé enquanto pressionava a parte plana de sua lâmina contra o pescoço do Dousan.

O menino suspirou e levantou as mãos, e Naia enfiou a mão na bolsa do cinto e tirou o pote. Ela puxou a rolha com os dentes, e Tavra saiu correndo. Amri ofegou de alívio quando viu que ela estava intacta. "Ele tem as joias de Tae lá também", disse Tavra, a voz cortada com raiva e frustração. "Ele deve ter se aproveitado dela enquanto ela estava sofrendo com os esporos." "Você fala bem para um cantor de cristal", disse o ladrão. Naia recuou, agora que tinha Tavra. "E daí? Você acabou de se esgueirar sobre Cera-Na enchendo

seus bolsos. O que você tem para dizer para você mesmo?" Ele encolheu os ombros. "Valeu a pena?" "Vamos ver se você ainda pensa isso depois de levá-lo para Maudra Ethri", disse ela. Ela o agarrou pelo colarinho. "O que um Dousan está fazendo tão longe do Mar de Cristal?" Amri perguntou enquanto eles desciam. Era difícil com um cativo, mas o magro Dousan não parecia um lutador. Ele fez o que Naia lhe disse para fazer, olhando sua adaga enquanto uma gota de suor escorria por sua têmpora. Se ele fosse um ladrão, provavelmente era mais provável que ele tentasse escapar de seu alcance quando eles não estivessem olhando, e Amri não iria deixar isso acontecer. "Eu poderia pedir o mesmo de um Grottan e um Drenchen", disse o Dousan, levantando uma sobrancelha e passando a mão sobre a cabeça raspada. "E uma bela bugiganga com sotaque Vapra. Desculpe por isso, pequeno. Achei que você fosse uma joia. Se eu soubesse, nunca teria... — Mexa-se! "Ei. Ei! Espere um minuto." Quando chegaram à selva abaixo e Naia os acompanhou até a praia, o Dousan se virou, ainda com as mãos levantadas em rendição. Kylan e Onica estavam esperando por eles onde a areia encontrava as árvores. Eles quase derreteram de alívio quando viram a aranha no ombro de Naia. O Dousan viu que ele estava ainda mais em desvantagem do que antes e acenou com as mãos. "Talvez devêssemos começar de novo com uma introdução adequada, hein? Meu nome é Periss. Eu sou um Dusan. Obviamente. E você é . . . ?" "Não é da sua conta", disse Naia. Ela apontou com sua adaga para o Omerya. "Vamos lá." "Espere! Ouvi o que o Far-Dreamer disse na praia. Cerca de

sete fogos de resistência, ou qualquer outra coisa. E é claro que eu vi as pétalas de rosa. Isso tem algo a ver com os sete clãs?" Naia hesitou. "Sim? E?" "Bem, não pude deixar de notar que você chegou em um navio marítimo." "Então?" "Então . . . como você está planejando chegar ao clã Dousan no Mar de Cristal? Sem um, você sabe. Um navio de areia e um Dousan para velejá-lo. Amri odiava o brilho presunçoso nos olhos de Periss. Naia cruzou os braços. "De jeito nenhum. Prefiro andar todo o caminho do que ir com um ladrão." Tavra suspirou. "Naia, espere. Ele tem razão. Nunca conseguiremos sem um esquife de areia. As areias do deserto mudam tão constantemente quanto o oceano. É um lugar vasto, perigoso e cheio de criaturas implacáveis. E mesmo que encontremos uma maneira de sobreviver, os Dousan são nômades. Rastreá-los por conta própria pode ser impossível." Amri olhou para as Montanhas Garras que se erguiam ao sul da costa arenosa de Cera-Na. Ele nunca tinha visto o Mar de Cristal pessoalmente, é claro, mas tinha visto mapas e desenhos. Do outro lado das Montanhas da Garra se espalhava um vasto deserto de areia dourada e branca. O deserto se estendia para sudeste, parando apenas onde suas ondas de areia rodeavam a fronteira da Floresta Negra. Entre as Montanhas da Garra e a Floresta Negra, era um mundo de luz e terreno em constante mudança. Criaturas do deserto vagavam pelas dunas. Foi em algum lugar lá fora, navegando pelas tempestades constantes, que o Dousan Gelfling fez sua casa. "Acho que Tavra pode estar certo", disse Amri. As mãos de Periss foram do ar para o cinto, sua expressão de rendição se transformando em um sorriso pomposo. Ele ajustou sua

capa e escovou a sujeira e as folhas que haviam grudado em seu gibão quando Amri o agarrou. “Então, temos um acordo?” Amri nunca tinha visto Naia tão relutante em guardar sua adaga. “Vamos ver este seu navio de areia”, ela resmungou. Ao sul da baía, através do mato que circundava a praia, havia uma passagem rochosa para as Montanhas Garra. Um rio de areia cortava a ravina como uma faca em movimento lento, e esperando havia uma embarcação baixa do tamanho do navio de Onica, feita do esqueleto de alguma besta chata e larga. Periss fez um gesto grandioso quando eles se aproximaram. “Eu prometo que minha taxa será justa”, disse ele. “Nós não estamos pagando você,” Naia retrucou. “Sua recompensa por nos ajudar é saber que você participou do salvamento da raça Gelfling.” “Receio que bons sentimentos não encha meu coração como um bolso de beldades. Então, mostre-me o que você tem para dar, e eu lhe direi se você ficou aquém.” Amri queria enfrentar o Dousan novamente e tomar seu esquife de areia. Não estava certo, é claro, e ele não sabia nada sobre como velejar a coisa. Mas a atitude do ladrão foi tão irritante que quase parecia que valeria a pena. Ele não queria desistir de nada, especialmente se fosse para o bolso do ladrão. Mas se eles iam alcançar o Dousan, era o único jeito. “Nós iremos?” perguntou Peris. “Você quer ir ou não? Se partirmos hoje, podemos chegar ao Dousan e acender aquela fogueira amanhã de manhã. Isso não valeria tudo isso?” Amri franziu a testa. Ele tinha sua própria bolsa, mas estava cheia de especiarias e terra, galhos e bagas e raízes que ele encontrou no caminho para o norte. Mas para um Dousan com um olho



para o que brilhava, os tesouros de Amri eram bons como esterco de morcego. Naia agarrou o cabo de sua adaga. Tinha uma pedra no cabo e era de metal Skeksis, feito no Castelo do Cristal para seu irmão. Os olhos de Periss foram para a mão dela, depois para Kylan. O Spriton havia inconscientemente colocado a mão em seu próprio objeto mais precioso, a figueira pendurada em seu pescoço. "Vou levar a adaga e a firca", anunciou Periss. "E, Far-Dreamer, você lerá meus ossos, assim que estivermos de volta. Dê-me essas três coisas e eu lhe darei quantos dias forem necessários para encontrar Maudra Seethi e meu clã. Naia engoliu em seco. Amri queria dizer a ela que não, que eles encontrariam outro caminho, mas ele não tinha certeza se havia um. Eles só chegaram a Cera-Na graças a Onica.

Sem a ajuda dela, ele se perguntou como eles poderiam ter chegado. Eles provavelmente teriam chegado tarde demais, chegando à baía apenas a tempo de ver os navios navegando no horizonte, ladeados pelo navio gigante de skekSa. E se fosse o mesmo com o Dousan? Com os dentes cerrados, Naia acenou para Kylan. Ele fechou os olhos e olhou para baixo, mas também sabia. Juntos, eles entregaram o punhal e o osso firca. Periss os enfiou no saco de viagem e puxou a corda. As velas, feitas de couro branco fino, caíram e o esquife saltou, mantido no lugar apenas por estacas fincadas na areia. O Dousan gesticulou com um largo sorriso. "Parabéns, meus amigos. Você acabou de comprar uma viagem só de ida para o deserto da morte."

## CAPÍTULO 14

Navegar no rio de areia era mais áspero do que no oceano. O esquife em si era um corpo oval mantido na posição vertical por dois flutuadores de cada lado, cada um equilibrado por várias barbatanas com membranas aproximadamente do tamanho das asas de um Gelfling. As partes rígidas do navio eram todas de osso, leves e ocas, com couro e tecido preso com tendões endurecidos. Serpentes de areia preta corriam ao lado do esquife que cortava o rio de areia, todos eles carregados pela corrente e impulsionados por um vento forte que uivava ao longo do fundo da ravina. Ainda assim, Amri preferia o esquife aos navios no mar. Embora as areias estivessem sempre mudando, elas ainda eram da terra. Ainda rocha e terra e cristal, e ele podia apenas distinguir seus sussurros. Como um milhão de vozes, falando todas ao mesmo tempo, ressoando contra os tons profundos dos penhascos vermelhos. Periss manjava o navio sozinho, deixando o resto deles sentados, segurando as cordas amarradas no convés. “Nessa velocidade, cruzaremos as Montanhas Claw e chegaremos ao deserto em dois dias”, disse Onica. “Pelo menos nosso guia não estava mentindo sobre a integridade de seu ofício.” “Então vale a pena”, disse Naia, com a mão no cinto onde sua adaga costumava ficar. Kylan não conseguiu abrir mão de sua parte do pagamento com tanta facilidade. Dos dreamfasts de Naia, Amri a viu soltar a adaga de seu irmão uma vez antes. Mas Kylan havia criado o osso firca de suas próprias mãos e realizado talvez o ato mais rebelde contra os Skeksis com ele. Mas Periss não sabia disso, e Amri esperava que ele nunca soubesse. Isso tornaria ainda mais difícil recuperar o instrumento. Periss

amarrou as velas quando eles entraram em um trecho longo e reto da ravina. As imensas falésias lançavam uma sombra que inundava o desfiladeiro de azul, destacando a cunha de luz dourada na extremidade onde o rio acabaria desaguando no deserto. Periss cambaleou de volta para o convés onde seus passageiros estavam sentados, mantendo o equilíbrio facilmente sem se segurar nos muitos laços de corda que balançavam sobre a arquitetura do navio. Ele caiu, de pernas cruzadas, na extremidade aberta do círculo. “Você fez um bom investimento, então vamos nos divertir.” Ele gesticulou para sua cabeça raspada, coberta de tatuagens. “Já que serei seu guia e protetor quando abrirmos caminho em uma paisagem perigosa, eu deveria saber seus nomes, hein? Para que eu possa gritar antes que você tome qualquer decisão estúpida que vai nos matar. “Já nos conhecemos. Eu sou Naia.” “Drenchen, sim. Tenho odres de água embaixo do convés para você; você vai precisar deles e eu vou vendê-los a um bom preço. Você é o líder desta pequena equipe?” A pergunta nunca havia sido feita. Amri sempre assumiu que Naia era sua líder, embora Onica e Tavra fossem ambas mais velhas. Sem mencionar que Tavra era filha do All-Maudra. Apesar de sua posição, porém, ela também era uma aranha agora, e foi Naia quem viu o Cristal e liderou o ataque em todas as outras contas. “Sim”, disse Naia. “E você é um dos Gelfling que os Skeksis estão atrás, hein? Junto com o Stonewood, qual é o nome dele. Rian?” Periss ergueu um dedo, examinando seus rostos em busca do sinal de um Gelfling da floresta. “Hm, então ele está em outro lugar. Então você, Spriton, deve ser Kylan, o Song Teller. Quem

enfeitiçou a Árvore Santuário que cresce perto da Tumba das Relíquias de Grottan.” “Você está surpreendentemente bem informado,” Kylan murmurou. “Meu pai sempre me disse que eu tenho muitas facas. E você - você é Onica. Ouvi seu nome em Cera-Na. Vi o que você fez a bordo do navio de coral. Dizem que você é um talentoso Far-Dreamer.” Onica foi a menos perturbada pelo tremor turbulento do navio, ajoelhando-se casualmente com um laço de corda próximo em caso de areia áspera. “Eles não estão errados”, disse ela. “E você?” “Amri.” Ele estava realmente começando a odiar essa pergunta. “O misterioso.” “Eu nunca ouvi falar de Amri, o Misterioso.” “Isso diz mais sobre você do que sobre mim.” Periss bufou. “Tudo bem, Amri, o Misterioso. Naia, Kylan, Onica. Isso deixa uma peça que eu não descobri. . . a aranha com sotaque ha'rarian. Fala como uma princesa, aquela. Ouvi dizer que uma das próprias filhas da All-Maudra foi pega nessa confusão com os Skeksis. Desapareceu no Castelo do Cristal. Havia uma recompensa por músicas sobre seu paradeiro, embora eu ache que agora muitos acreditam que ela esteja morta. Vocês todos não saberiam nada sobre isso? Amri havia perdido Tavra de vista, embora imaginasse que ela não era invisível por acidente. “Nada de fato”, disse Onica, mudando levemente de assunto. “Quanto a você, Periss. Eu concordei em ler seus ossos. Eu espero que você tenha algum? Não empresto o meu para ler para os ladrões.” Periss sorriu abertamente e se inclinou para que pudesse alcançar a parte inferior das costas, sob o manto. Ele devia ter um segundo pacote ali, um fino escondido pelas dobras do tecido vermelho. Saiu uma bolsa e depois uma xícara de

sopa esculpida em outro pedaço de osso. Ele entregou ambos para Onica. “Você já teve seus ossos lidos?” ela perguntou, jogando a bolsa em sua mão. Acima do rugido da areia abaixo do esquife, Amri ouviu um tinido seco. “Nunca. Estou bastante intrigado!” Onica derramou um punhado de pequenos fragmentos de osso no copo. Segurando o copo em uma mão e colocando a palma da mão sobre o topo para manter o conteúdo dentro, ela sacudiu os ossos. Amri nunca tinha visto ossos lidos e desejou que fosse em circunstâncias diferentes. Por outro lado, se Onica tivesse más notícias para contar, ele preferiria que fossem para Periss do que para qualquer um de seus amigos. “Eu roubei aqueles de um adivinho Sifa”, comentou Periss, orgulho mal colocado cutucando os cantos de seu sorriso. “Eles são autênticos.” Onica sorriu seu sorriso misterioso de sempre, como se tudo o que Periss dizia a lavasse como o vento do oceano. Com um movimento rápido, ela mergulhou a xícara, de cabeça para baixo, no couro endurecido do convés. Ela se inclinou sobre a xícara e fixou Periss com um olhar elétrico, turquesa. “Amor, vida ou morte?” ela perguntou. Periss retribuiu o sorriso. “Eu sou Dousan, querida. Não preciso saber da minha morte. Fale-me sobre o amor.” Onica pressionou as mãos contra o copo, segurando-o na pele do convés. Ela fechou os olhos e respirou fundo. Quando ela o soltou, seus ombros caíram e sua cabeça se inclinou para trás. “Hum . . . Seu coração anseia. Eu vejo uma planta. . . Não, uma árvore, crescendo em solo rico. As mãos se abaixam, agarram o caule. Puxe-o para fora, raízes e tudo. Ainda há um buraco, mas o buraco é mais profundo do que a árvore jamais cresceu. . . Não

importa o que você despeje, nunca enche.” O rosto de Periss não mudou, ainda com aquele sorriso presunçoso. Tentando não ser vulnerável, pensou Amri. Tentando não parecer intimidado pelas palavras do Far-Dreamer. Onica inclinou a cabeça para um lado, movendo as mãos ao longo do copo sem levantá-lo. “No entanto, você tenta. . . Inquieto e implacável. Você procura o amor, mas não consegue encontrá-lo. Você acredita que é porque você não merece. Mas a verdade é que o amor é a única coisa que pode curar a ferida. Você está procurando no lugar errado. Lá fora, quando você deveria estar olhando para dentro. Você olha para o que pode tirar do futuro, em vez de lamentar o que abandonou no passado.” “Tudo isso sem nem olhar, hein?” Periss disse, apoiando um cotovelo no joelho e a bochecha no punho. “Impressionante. Mal posso esperar para ouvir o que você pode ler nos próprios ossos.” Onica abriu os olhos, o olhar caindo dos céus para o Dousan na frente dela. Ela colocou a mão no copo. “Os ossos dizem. . .” Ela levantou a xícara. O vento que soprava ao longo do convés soprava, espalhando os ossos em uma nuvem de cacos cinza. Periss gritou e os agarrou, mas eles já estavam perdidos no vento e na areia. “. . . Que você não deveria pedir leituras de ossos em um barco de areia em movimento. Periss rosnou de frustração. Ele pegou o copo de Onica, então percebeu que havia mostrado uma emoção real, mesmo que fosse raiva. Ele tossiu e guardou a xícara, reabsorvido por sua arrogância indiferente. “Acho que eu merecia isso”, disse ele. Onica deu de ombros. “Agora eu lhe contei sua fortuna. Você pode nos dizer o nosso. O que enfrentaremos no deserto e o que

podemos fazer para ter certeza de nosso sucesso?” Ela se inclinou para trás, e Amri sentiu uma onda de respeito. Tavra não poderia ter escolhido uma parceira mais formidável, e agora ela era sua amiga e aliada também. Periss aceitou seu desgosto com graça surpreendente, estendendo as mãos. “Como você sabe, há um grande deserto que preenche o espaço entre as Montanhas Garras e a fronteira noroeste da Floresta Negra. Meu povo o chama de muitas coisas, mas o nome que ficou é o Deserto dos Mortos.” “Parece promissor,” Amri disse baixinho. “No extremo norte, onde o deserto se acumula nas baías das montanhas, há quatro mares. O Mar de Cristal é para onde vamos. Durante a estação das tempestades, meu povo se reúne lá até que os ventos sejam menos fortes”. “O Mar de Cristal fica no interior”, disse Amri. Ele tinha visto muitos mapas da área na Tumba. Embora ele soubesse que também havia mapas semelhantes no livro de Kylan, ele não queria que Periss soubesse mais sobre seus bens preciosos. “Seu navio é durável o suficiente para resistir às tempestades?” “Este navio é feito dos ossos do Crystal Skimmer do meu ancestral. Vai sobreviver a todos nós. Somos nós, mortais, que precisaremos provar a nós mesmos.” “E como sabemos que você não está apenas nos levando para um terreno baldio para nos deixar, depois de roubar cada último fio de nossas bainhas?” perguntou Kylan. Periss bufou. “Posso ser um caçador de tesouros, mas os Dousan nos orgulham de nossa palavra.” Periss fez uma pausa. Parecia que ele queria cuspir. “As palavras são a única coisa que vale a pena guardar neste mundo, ou assim diz Maudra Seethi.” Essa declaração soou



bem ensaiada, como se ele tivesse sido forçado a repeti-la muitas vezes. “Caçador de tesouros? Que bela maneira de dizer ladrão”, disse Naia. “Chame-me do que quiser. Fizemos um acordo e honrarei minha parte se você honrar a sua.” O menino Dousan se levantou, limpando-se da areia que se acumulara desde que se sentara, e acenou por cima do ombro enquanto os deixava na proa do esquife. Naia revirou os olhos e tocou a areia em seu próprio colo. Estavam navegando há apenas meio dia, e ela já estava pálida, como se a cor estivesse sendo drenada dela pelo ar seco. Amri esperava que não fosse um mau sinal. Ele gesticulou com o queixo. — Você vai ficar bem? Ela olhou para as pontas dos dedos, os lábios se curvando. “Eu vou viver. Mesmo que eu tenha que pagar por aqueles odres que ele mencionou. “Se ele for sábio, viajaremos à noite e descansaremos durante o dia, assim que chegarmos à bacia”, comentou Tavra. Foi um dos primeiros planos que ela teve que Amri gostou de todo o coração, mas ele não disse isso. Ele ficou feliz quando Onica respondeu: “E se ele não for sábio, eu o educarei”. “Você realmente leu os ossos dele através do copo?” perguntou Kylan. O sorriso do Far-Dreamer era misterioso e enganosamente recatado. “Oh, eu li seus ossos,” ela disse. “Só não os que estão no copo.”

## CAPÍTULO 15

Quando a noite caiu, Kylan sugeriu suavemente que Amri fizesse a primeira vigília. A princípio, Amri achou que era uma coisa rude se voluntariar para outra pessoa, mas depois percebeu que a primeira vigília significava vigília noturna. Assim, enquanto os outros desciam para descansar no convés, Amri sentou-se na proa do navio, observando a bacia do deserto se aproximar lentamente. Lá ele ficou sentado a noite toda, com a mão em um laço de corda, o pensamento sutil de bondade do contador de músicas mantendo-o aquecido. Mais tarde, quando o céu clareou, Naia se juntou a ele. Seus olhos estavam vermelhos e suas bochechas pálidas. "Você está bem?" "Tive um sonho ruim. Eu vou ficar bem." "Gostaria de falar sobre isso?" Ela se sentou ao lado dele. "Sonhei que estava em Sog novamente. . . como Gurjin. Um windsifter veio com uma mensagem para minha mãe. EU . . . Gurjin. . . fui ao quarto de minha mãe para ouvir as notícias que trazia, mas tudo o que vi foi esse horror em seu rosto. E então eu acordei." Naia gemeu e esfregou o rosto com as mãos. "Não sei o que a mensagem dizia, mas era ruim. Muito mal." "Você acha que é um presságio? Talvez você devesse perguntar a Onica. "Ela está dormindo. Vou perguntar a ela quando ela acordar. . . Você deveria descansar também, pássaro noturno. Amri se levantou e bocejou. Depois acrescentou: "Pássaros morrem em cavernas". "Minhoca da noite, então." "Eles são chamados de nurlocs." "Prossiga!" Antes de sair, ele colocou a mão no ombro dela. "Foi apenas um sonho", ele a lembrou, mesmo sabendo que ambos

tinham a sensação de que não era. O convés inferior era apertado, mas havia redes tecidas penduradas no teto, e Amri subiu em uma vaga. O bater do navio foi absorvido pelo balanço suave da rede, e sua exaustão o ultrapassou em instantes. “Amri! Levante-se, depressa!” Amri caiu de sua rede, atingindo o convés duro. Ele não se lembrava de ter adormecido, mas deve ter. A luz do dia queimava através das ripas do convés acima. Kylan o puxou para cima quando o chão se inclinou e balançou, então caiu com um estrondo de abalar os ossos. Amri se arrastou para agarrar uma das muitas cordas amarradas ao longo do teto. “O que está acontecendo?” ele gritou enquanto eles escalavam seu caminho acima do convés. “Há uma tempestade—e Crystal Skimmers—” Caos brilhante explodiu em seus olhos. A ravina se foi. Em seu lugar havia interminável areia branca e dourada, refletindo a luz dos Três Irmãos como fogo. À direita deles, o céu terminava em uma nuvem de poeira cinza crepitando com relâmpagos enrolados como um monstro com fogo nos dentes. Ele ferveu, solto e irrestrito como um redemoinho, no vasto deserto. Amri olhou o melhor que pôde para a tempestade furiosa. As nuvens de areia que se aproximavam fervilhavam de horríveis criaturas douradas. Seus corpos em forma de diamante eram maiores que o esquife, do tamanho dos navios Sifa de três mastros, com crinas ásperas e irregulares e longas caudas farpadas. As criaturas saltaram das areias viradas pela tempestade para a esquerda e para a direita e ao redor deles, estalando com enormes bocas escancaradas. Foram apenas os gritos e puxões de Periss e Onica contra as bóias laterais do bote que

os mantiveram de pé. “Eles são criaturas escurecidas!” gritou Naia. “Olhe nos olhos deles!” Quando um dos Crystal Skimmers se lançou contra o esquife, gritando de raiva, Amri viu seu olho — violeta e elétrico, lentes marcadas pelas areias de cristal. Infectado pela escuridão que se espalha do Cristal, mesmo em um lugar tão remoto como o Mar de Cristal. Por mais que Periss puxasse a vela, a tempestade crescia. Em breve ele os ultrapassaria. “Mas como? Da tempestade?” Amri chorou. “Eles saíram do escudo de areia quando passamos”, gritou Onica. “Teríamos conseguido contornar a tempestade se eles não estivessem lá! O que eles estavam fazendo?” Periss olhou para os flashes de relâmpagos magenta e roxos que estalavam através das nuvens escuras. “Esta não é uma tempestade natural! Deve tê-los pego de surpresa também – são bestas sombrias? Não houve tempo para responder. Um Crystal Skimmer bateu ao lado do flutuador de estibordo. O esquife estremeceu, e Amri agarrou-se às cordas e preparou-se para que o pequeno navio virasse. Em vez disso, o esquife deu uma reviravolta inesperada e de revirar o estômago. Alguma coisa se arrastava a bombordo enquanto o flutuador de estibordo subia alto no ar. Amri engasgou de horror quando percebeu o que havia acontecido. “As cordas estão presas no Skimmer. . .” No Skimmer o quê? Periss correu para cima, escalando o convés do esquife quase vertical como uma parede. Os outros passaram os braços pelas linhas das mãos. O Crystal Skimmer gritou, sacudindo e corcoveando enquanto corria ao longo do topo da areia. Quando Amri apertou os olhos contra a areia, ele percebeu que o Skimmer tinha uma estrutura

amarrada nas costas. Embora a maior parte destruída pela surra do Skimmer louco e pela tempestade, as partes que restaram eram claramente obra de Dousan. "Isso é um arnês preso ao Skimmer?" Amri gritou quando Periss chegou ao topo do esquife. "Eu conheço esse Skimmer!" disse Peris. "Hanja, me escute! Acalme-se!" "Você não pode alcançá-la, ela viu a escuridão!" Onica passou rapidamente por Amri, alcançando o topo do esquife e saindo para a bóia. Ela puxou um punhal do cinto. "Temos que soltar o esquife, ou ela vai nos arrastar até a morte! Amri, fique aí! Vou precisar que você me agarre quando estivermos livres. Kylan, espere por Periss – Naia, segure o mastro!" O comando de Onica foi mais severo que a tempestade, afastando todos os medos de Amri da tempestade furiosa que infectou os Skimmers com sua escuridão. Ele se concentrou no que ela lhe disse para fazer, enganchando os pés nos laços da corda e agarrando o lado estibordo do esquife. Onica se arrastou até o carro alegórico. Periss fez o mesmo na proa do esquife, e Kylan lutou para chegar à beirada para poder pegar o Dousan quando chegasse a hora. Onica trabalhou rapidamente, cortando o arnês do Skimmer onde o flutuador se entrelaçava com ele. Quando ela alcançou a última alça e colocou sua lâmina abaixo dela, ela gritou para Periss: "Pronto?" "Em três! Um dois três!" Suas lâminas cortaram e as tiras se partiram. O Skimmer se afastou e o esquife estremeceu, por um momento parado a bombordo e derrapando pela areia tão rápido e descontroladamente, Amri tinha certeza de que eles tombariam ou se partiriam em mil pedaços. Ele estendeu a mão para Onica e agarrou a mão

dela, puxando-a para ele enquanto Naia movia a vela, e o flutuador de estibordo começou a se dirigir para a areia novamente. Amri agarrou as duas mãos de Onica nas dele. "Peguei vocês!" Assim que o flutuador de estibordo resvalou na areia de corrida abaixo, outro Skimmer explodiu abaixo deles. Amri sentiu as unhas de Onica rasgarem sua palma quando o Skimmer a agarrou em sua boca enorme, arrancando-a de seu alcance. "ÔNICA!" O esquife se equilibrou, e Periss avançou contra a retranca, ajudando Naia a virar a vela para voltar para o Skimmer que havia levado Onica, mas a fera já estava se afastando. "Siga isso!" Naia gritou. Através do vento e da areia, eles podiam ver Onica pendurada na boca desdentada do Skimmer. Ela golpeou seus lábios com sua faca, mas a coisa estava tão louca que não parecia sentir a dor. Periss se jogou contra a retranca, e o esquife fez um arco, quase uma pirueta, em sua perseguição. "Estou tentando!" O Skimmer correu pela areia, mergulhando e pulando em grandes rusgas no ar enquanto circundava o horizonte da tempestade. Periss lutou com o navio, segurando-o o mais firme que podia contra o vento forte e abrasador. O Skimmer lanceou através das dunas como um peixe saltando em águas agitadas, em saltos cada vez mais altos, cavalgando os ventos da tempestade com suas enormes barbatanas. "Ela vai ter que voar até nós", Periss gritou enquanto eles o flanqueavam, caindo sob sua silhueta enquanto saltava acima, caindo na areia apenas para atirar mais alto da próxima vez. "É muito alto!" "Ela não pode voar." A pequena e entorpecida voz veio das dobras do manto de Amri. "O que?" "Ela perdeu as asas em uma

tempestade”, disse Tavra. “Ela não pode voar.” Amri olhou para o Skimmer e a garota Sifa em sua boca. Seus esforços para se livrar da boca da criatura diminuíram, um de seus braços afrouxou. Toda vez que o Skimmer mergulhava de volta na areia, ele esperava que ele saltasse novamente com Onica perdido em sua garganta. “Ela não pode voar”, ele disse aos outros. Não havia como eles ouvirem Tavra sobre a tempestade. O rosto de Naia empalideceu e ela arrancou a capa. “Eu irei.” “Não! Naia, você não pode – o ar do deserto vai destruir suas asas!” Kylan gritou, agarrando seu braço. Ela se virou para ele, derrubando-o. “O que devo fazer, deixá-la morrer? Pelo menos eu os tenho!” Mas Kylan estava certo. As asas Drenchen de Naia, geralmente lustrosas e cintilantes, eram opacas e finas por causa do ar seco do deserto. Não havia como ela ser capaz de manter uma corrente. “Eu tenho isso”, disse Amri. “Mas, Amri...” Amri ignorou os protestos de seus amigos e correu para os carros alegóricos, subindo pelos braços que os prendiam ao convés. Ele pousou na bóia estremecendo e puxou, quebrando duas das velas de osso e pele. Na tempestade voraz, as duas barbatanas que faltavam quase não faziam diferença. Ele deslizou os braços pelos dois primeiros laços de corda para que eles se encaixassem em seus ombros e cotovelos, deixando os últimos laços para as mãos. “Tavra, faça isso! Faça o que você fez antes no navio de skekSa. Assuma meu corpo para que possamos salvar Onica!” Amri gritou e caiu de quatro quando o Skimmer trovejou ao lado deles, quase derrubando o esquife na onda de areia que voou sob suas barbatanas. O vento estava tão forte que quase o derrubou da boia ao bater nas velas

amarradas em seus braços. Amri agarrou o terceiro laço de corda nas velas, preparando-se. Não, não velas — asas.

“Amri, eu não fiz isso de propósito antes,” Tavra protestou. “Foi um acidente! não sei como!” “Bem”, ele rosnou, “você vai ter que descobrir isso!” Ele saltou e abriu os braços. O vento o levantou como uma mão, empurrando-o para o céu. As rajadas eram como ondas, vindo de todas as direções, derrubando-o e girando-o cada vez mais alto. Ele não tinha ideia de como navegar, como cair — como voar. Tudo o que ele podia fazer era tentar evitar que seus braços se quebrassem enquanto o vento batia nele e batia nele. “Você e Onica fizeram uma promessa!” “Mas eu não posso...”

“Você vai quebrar sua promessa?” O grito de Amri rasgou seus pulmões, todo o ar evaporando de seu corpo. Ele se perdeu no momento, cego pela tempestade e pelo vento. Então um tipo diferente de tempestade o dominou quando o sonho de Tavra colidiu com sua mente. Ele viu os olhos de Onica, profundos e verdes como o mar, envoltos em cabelos de fogo espessos com o vento salgado. Eles estavam em uma tempestade, no mar desta vez. Onica agarrou-se ao pequeno navio enquanto se partia em pedaços ao seu redor. Suas asas, outrora verdes e âmbar, estavam em frangalhos em suas costas, perfuradas e golpeadas por pedaços do navio e o granizo implacável. Protegida abaixo dela estava outra Sifa com cabelos ruivos dourados. Tae, seguro nos braços de Onica, mesmo quando o vento e o céu lançavam lanças de água do oceano contra eles. Amri era Tavra neste sonho. Prevalecendo contra a tempestade. Desembaraçando as duas Sifa dos destroços, abrindo as asas apenas o suficiente para



cavalgar o vento violento. Para cima e para longe, deixando a pequena embarcação ser devastada pelas mandíbulas da tempestade. . . Prometa-me, um dia vamos velejar. Tavra e Onica sentaram-se juntos em uma costa enevoadada, observando a maré trazer fragmentos de gelo cristalino. A lanterna do marinheiro brilhava nas proximidades, iluminando fracamente a névoa que os cercava como um cobertor protetor. Eles estavam escondidos lá, pela névoa prateada. Ou pelo menos eles poderiam fingir que eram, apenas por este momento.

Para um lugar onde ninguém pode nos encontrar. Onde não há Sifa. . . não Vapra. . . Suas mãos tocaram palma com palma, dedos entrelaçados. Onde não importa. Onde podemos apenas estar. . . 1. Amri engasgou, jogada do sonho. Ele apertou os olhos contra a areia e o vento, mas a barragem havia enfraquecido. Ele se perguntou a princípio se a tempestade havia parado e abriu os olhos. Os ventos da tempestade sopravam mais furiosos do que nunca, mas seus braços se moviam como se ele pudesse antecipá-los, voando para cima e para baixo ao longo deles tão facilmente quanto escorregando pelo leito de um rio. Eles estavam voando. Ele e Tavra, mergulhando e mergulhando, correndo ao longo das correntes invisíveis, leves como uma mariposa e ferozes como um soldado Vapra. Ele mal sentiu as pernas de Tavra onde elas picavam sua pele, entrando, sussurrando para seu corpo como se mover: como ver o vento como um terreno como qualquer outro elemento. "Lá!"





O Crystal Skimmer saltou pelas areias logo abaixo deles. Os braços de Amri se cruzaram e eles mergulharam. . . então Tavra abriu suas asas de vela de esquife e inclinou no último momento, surgindo no calado que rolou das barbatanas do Skimmer. Amri avistou Onica, pendurada frouxamente na boca do Skimmer. "Não!" A força de vontade que inundou seu corpo com a sabedoria do vôo desapareceu. Ele agarrou o pelo ao redor da crina do Skimmer, mal conseguindo segurá-lo antes que suas asas fossem arrancadas pela areia e pelo vento. "Tavra, se recomponha!" ele gemeu. De mão em mão, ele subiu pela crina do Skimmer em direção à boca. Onica estava inconsciente, um de seus braços muito deformado, sangue escorrendo pelo rosto e corpo onde ela havia sido atingida pelos milhões de grãos de areia. Amri enterrou o rosto na crina do Skimmer enquanto ele mergulhava, quase perdendo o controle quando a areia esmagou sobre eles, depois ofegando por ar ao emergir. Ele agarrou Onica e puxou-a da boca do Skimmer. Segurando-a com força e esperando o melhor, ele chutou para longe assim que o Skimmer se aproximou da areia novamente. Cada osso doía enquanto eles rolavam até parar. A tempestade rugia acima e ao redor deles, gêiseres de areia surgindo onde os Skimmers atacaram em uma debandada descontrolada. Amri segurou Onica em seus braços, incapaz de dizer em todo o caos se ela estava respirando. Ele se levantou, tentou desesperadamente encontrar o esquife de Periss, mas era impossível. Tudo o que ele podia ver era ouro e preto, a tempestade e o barulho e os uivos ensurdecedores dos Skimmers. Ele puxou Onica com ele, marchando - em

qualquer direção, não importava, ele só queria estar em qualquer outro lugar. A areia queimou seus olhos, lavou seus tornozelos, depois seus joelhos. Ele tentou ouvir, mas suas vozes eram muitas. Milhões de cristais de areia gritando, terra se movendo como água, cantando em uma língua que ele não conseguia entender. Ele se virou quando o chão tremeu. Um Skimmer explodiu sob seus pés, e o próprio grito de Amri foi perdido quando a boca negra da fera os engoliu vivos.

## CAPÍTULO 16

Amri acordou flutuando em uma escuridão calma e se perguntou se ele estava morto. Ele viu luzes. Pequeninos de ouro, esvoaçando dentro de potes de vidro amarrados por cordas. Corda Dousan, ele notou, e então se sentou. O chão sob sua mão era macio e úmido, e se moveu levemente quando ele o tocou. O ar estava úmido e cheirava a peixe e poeira, e havia um gemido distante vindo de algum lugar. A primeira pessoa que viu foi Periss, que disse: "Acho que você está vivo". "Você fez isso!" Amri grunhiu quando Naia jogou os braços ao redor dele. Seu corpo doía em todos os lugares, como se fosse uma grande contusão, mas o abraço da garota Drenchen acalmou a dor tão rapidamente como se ela tivesse usado seu vliyaya de cura. Ao lado dele, Onica estava enrolada até o queixo em capas e cobertores. Tavra segurou firme em uma mecha de seu cabelo, balançando como um brinco. "Oh não . . . é ela . . ." De repente, ele se lembrou do sonho que ele compartilhou com Tavra. A memória de Onica e Tae no barquinho despedaçado pela tempestade. Como Tavra os salvou, destemido e forte. Naia balançou a cabeça e o coração dele se acalmou. "Ela está bem. Ela está apenas descansando agora. Ela levou uma surra do Skimmer, mas eu consegui curá-la. . . Amri, você foi incrível. Sandmaster Erimon disse que nunca viu nada parecido!" "Mestre da Areia quem?" Ela apontou. Outro Dousan, mais alto que Periss, mas com uma sobrancelha familiar e tatuagens semelhantes, observava de perto. Outro Dousan permaneceu perto da parede, curioso, mas quieto. Amri esfregou os olhos e tentou se levantar. Erimon saiu de onde estava com Periss e o outro Dousan para encontrar Amri. Ele apertou seu ombro. "Estou

feliz que você sobreviveu, meu amigo", disse ele. "Eu vi o que você fez, na tempestade. Teria sido uma tragédia perder alguém com sua coragem. Onde você aprendeu a voar?" "É uma longa história", disse Amri. Ele corou e se contorceu sob a mão de Erimon. "Hum, então onde estamos, afinal?"

"Tappa," Naia disse com um sorriso largo. "O que é um Tappa?" Um grande gemido gorgolejante ondulou ao longo das paredes ligeiramente brilhantes e viscosas da câmara, e Amri teve um mau pressentimento. A superfície sob seus pés mudou, e Erimon riu. "Tappa não é o quê, ela é quem. Vamos, eu vou te mostrar." Naia e Amri seguiram Erimon até uma fileira de janelas altas e estreitas perto da frente da câmara. A câmara viva, Amri notou, enquanto observava a superfície lisa ondular com mais e mais cílios à medida que se aproximavam das portas. Os próprios orifícios de saída eram forrados com babados esponjosos como um cogumelo. Uma rede de corda foi presa dentro da parede da câmara, dobrando-se para fora da passagem de saída e para o casco do navio – do exterior de Tappa. Amri agarrou a rede e seguiu Erimon para o ar livre. Eles escalaram o cordame até a plataforma amarrada às costas largas de Tappa. Outro Dousan se importava com o cordame, um motorista na frente perto do nariz de Tappa com uma longa bengala que ele usava para pontuar suavemente suas ordens gritadas. Tappa, o Crystal Skimmer, nadou através do calor intolerável que flutuava das areias, como uma folha em um rio. A tempestade estava atrás deles, rolando pelo deserto como uma manada de grandes feras negras. Metade do céu estava claro, a outra escura, e parecia que não importava o quão

rápido Tappa corresse em direção às montanhas vermelhas à frente deles, a tempestade estava aumentando. Erimon olhou para a parede de tempestade com eles e fez uma careta. “Nosso clã é dividido em doze grupos – xerics – cada um liderado por um mestre de areia. Raramente nos reunimos em um só lugar, mas Maudra Seethi nos convocou. Meu xeric e eu estávamos indo para Wellspring quando a tempestade chegou. Uma cauda dele se ergueu da areia e nos cortou de uma das vagens. . . os Skimmers se assustaram e mergulharam. Os engolidos pela tempestade devem ter visto algo abaixo da areia. Isso os deixou loucos.” Ele olhou para Naia, depois para Amri. “Mas se seu amigo Spriton é quem enviou o sonho nas pétalas de rosa, então presumo que você já saiba disso.” “As veias escurecidas devem ter chegado ao deserto,” Naia disse calmamente. “Os Skimmers viram a dor do Cristal e foram consumidos por ele. . . Isto é horrível. Eu não posso acreditar que já se espalhou tão longe.” — Então você recebeu a mensagem? Amri perguntou a Erimon. “De fato. Isso explicava muitos dos dias sombrios que vimos, aqui nas areias cristalinas. As tempestades, que antes seguiam trilhas tão regulares quanto as estrelas e convivem com o Dousan há gerações, são erráticas e imprevisíveis. Ainda é difícil acreditar que os Skeksis sejam os culpados, mas existem poucas explicações alternativas. Só pode estar escurecendo, como você disse. Causado pelo que os senhores fizeram ao Coração de Thra.” Apesar do fato de o escurecimento ter chegado ao deserto, Amri sentiu uma faísca de otimismo. O escurecimento pode ter chegado tão longe, mas talvez a esperança também. “Então você



acredita?" ele perguntou. "Sim meu amigo. E estou honrado por ter sido o único a resgatá-lo daquela tempestade. Estou feliz por Tappa ter sido forte o suficiente para desviar o olhar do escurecimento e suportar para que pudéssemos encontrá-lo a tempo." Erimon olhou por cima do ombro onde Kylan e Periss estavam emergindo para o convés e acrescentou: "Periss pode navegar e ler os céus, mas não tão bem quanto deveria. Nosso pai sempre disse que tem muitas facas, mas nenhuma delas é afiada." "Seu irmão?" exclamou Naia. Ela tossiu. "Vocês dois são dia e noite." "Vou tomar isso como um elogio", disse Erimon. Amri se perguntou se Periss teria dito o mesmo. Como se convocado, o mais jovem dos irmãos Dousan se juntou a eles, os braços cruzados e um nó sombrio na testa. Kylan estava com ele. Ele agarrou o braço de Amri e apertou. "Estou tão feliz que você está seguro", disse ele. "Você salvou a vida de Onica, você sabe. Quando terminarmos nossa missão, cantarei sua música sobre as chamas do sétimo fogo." "Eu tive ajuda." Isso era um eufemismo, mas não havia tempo para explicar tudo. Amri olhou para a parede de tempestade atrás deles, separando-os do resto do deserto como uma cortina preta e dourada. Ele mal podia acreditar que eles haviam sobrevivido à travessia. Então, novamente, eles não teriam se não fosse por Erimon, e Onica poderia ter morrido de seus ferimentos se não fosse por Naia. "Chegaremos ao nosso destino em breve", disse Erimon. "Lá em cima, onde as montanhas se aproximam como uma mão, há uma passagem. Do outro lado está um vale oásis." Amri apertou os olhos para as nuvens e relâmpagos. Depois de quão longe eles viajaram, e em tal

velocidade, ele sentiu como se estivesse mais longe. “A parede da tempestade não entrará no vale?” ele perguntou. “Nunca teve antes.” “Mas o escurecimento...” “Nunca aconteceu antes,” Erimon repetiu, com um olhar duro que desafiou Amri a perguntar novamente. “É o oásis para onde você estava nos levando?” Naia perguntou a Periss. “Esse era o plano”, respondeu Periss. Toda a sua arrogância estava amarrada, agora que ele estava perto de seu irmão mais velho – e muito mais simpático, na opinião de Amri. Amri olhou para o deserto e percebeu algo. “Mas você só nos pegou na metade do caminho”, disse ele. “Erimon e Tappa estão fazendo o resto. Eu diria que pagamos mais do que você ganhou. Que tal você devolver a Kylan aquele firca, e vamos dar o troco? Erimon arqueou uma sobrancelha. — Você os fez pagar para trazê-los aqui? Periss enfiou as mãos nos cotovelos, cruzando os braços com força, como se pudesse trancar a firca. Mas ele logo desmoronou sob a careta de desaprovação de seu irmão. Com um enorme resmungo e suspiro, ele tirou a adaga de Naia do cinto e a empurrou para ela. “Mas estou mantendo a firca. Meu esquife precisará de reparos e conheço alguém que trocará seus serviços por ele. Então ele se afastou e mergulhou no convés novamente. Naia fez um gesto rude atrás dele. “Está tudo bem, Naia”, disse Kylan. “Sério. A firca foi feita para enviar a mensagem com a Árvore Santuário. Está cumprido o seu dever. vou fazer outro. Afinal, parece haver muitos ossos por aí.” “Ele é tão. . . !” Naia rosnou. Ainda assim, ela embainhou sua adaga em seu cinto e se virou para Erimon. “Qual é o problema dele, afinal?” O mestre de areia Dousan

encolheu um ombro. “Ele fugiu três trógonos atrás. Ele sempre esteve descontente com o jeito Dousan, mas nunca pensamos que ele iria embora. . . então uma manhã, ele saiu sem um bilhete. A única razão pela qual sabíamos que ele não tinha sido comido por um tubarão era que meu esquife havia sumido. Amri bufou. “Seu primeiro roubo?” “E aparentemente não é o último. . .” As orelhas pontudas de Erimon se animaram quando a tripulação gritou. “Estamos chegando. Segure-se em algo e aproveite o passeio.” As facetas de rubi das montanhas estavam subitamente sobre eles, erguendo-se de ambos os lados como as garras de um gigante. Erimon tirou um apito do bolso e soprou um sinal de vibração, enviando a tripulação correndo para a ação. Tappa chegou ao topo de uma duna, e Amri vislumbrou o verde e o azul, aninhado em um vale profundo de areia como uma esmeralda. Ele agarrou um dos laços de mão no corrimão quando Tappa caiu quase em queda livre, deslizando pela duna íngreme em direção ao oásis. Erimon gritou ordens, monitorando calmamente a velocidade e a força do Skimmer. “Toda inclinação, descida em espiral! Agradável e fácil para os nossos hóspedes, hein!” O motorista bateu em Tappa e estalou para ela. Ela cantou um profundo MNNNUUUUU em resposta e se inclinou, muito levemente, e seu curso se deformou em uma espiral fácil descendo em direção ao fundo. Amri não conseguia tirar os olhos do oásis exuberante que esperava lá embaixo, exceto para sorrir para Naia e Kylan, que retribuíram a expressão com entusiasmo. As águas do longo lago refletiam o céu, topázio e anil. Crescendo à beira-mar, árvores em âmbar, vermelho e dourado brotavam

e florescia, coroadas com poleiros de criaturas voadoras. Embora a parede da tempestade permanecesse atrás deles, Amri tentou tirá-la da cabeça. Pelo menos por enquanto. O ar estava doce com o cheiro de frutas enquanto Tappa diminuía a velocidade, o corpo grande suavemente arando na areia macia que estava preparada para ela na margem. Enquanto Erimon ajudava o motorista com as rédeas e o cordame, Amri, Naia e Kylan voltaram para o convés para descobrir que Onica estava acordada. "Como você está se sentindo?" perguntou Amri. "Grato por estar vivo. Naia, esse é o seu trabalho?" Onica passou as mãos pelos braços, onde todos os arranhões e hematomas foram curados. Tudo o que restou foi sujeira e poeira das areias. Naia ajudou Onica a se levantar. "Para um amigo, nunca é trabalho", disse ela. "Amri foi quem te salvou." Tappa gemeu e abriu a boca, enchendo a câmara de luz. Os marinheiros de Dousan jogaram fora as escadas de corda. Enquanto desciam para a areia, Amri se perguntava como Tappa se sentia ao carregar passageiros na boca. Ele viu Tavra no ombro de Onica e imaginou como seria se ela andasse em sua língua o dia todo como eles fizeram com o Crystal Skimmer. Blech. Amri ficou para trás com Onica quando Kylan e Naia foram na frente. "Obrigado por vir atrás de mim", disse Onica. "Tavra me contou o que você fez. Parece bastante incrível." Amri balançou a cabeça. Foi emocionante quando aconteceu, mas agora que acabou, tudo o que ele conseguia pensar era como ele não seria capaz de fazer nada se não fosse por Tavra. Seu conhecimento de vôo e navegação no ar. Foi a habilidade de um diurno no mundo diurno que salvou Onica. "Não era

realmente eu. Era Tavra. Se ela fosse capaz de fazer isso sozinha, ela teria sido capaz de resgatá-lo mais rápido. . . Talvez você não tivesse se machucado.” Ele tossiu sem jeito. Ele sentiu como se Onica devesse saber a parte do sonho que Tavra tinha compartilhado com ele, mesmo que por acidente. “Eu vi o que aconteceu. Na tempestade, quando você estava com Tae. . . Sinto muito por suas asas.” Onica se levantou e se recompôs. Ela havia perdido sua capa na tempestade e agora, através da abertura nos ombros e nas costas de sua túnica de tom de joia, a verdade era dolorosamente óbvia. Onde suas asas estariam, havia apenas cicatrizes e sulcos irregulares e cicatrizados há muito tempo. Ela suspirou, não de tristeza, mas de lembrança, como se lembrasse de um ente querido que havia morrido. A dor ainda estava lá, mas ela tinha aceitado. “Eu tive um sonho, antes de conhecer Tavra. Que um sol e uma lua eclipsariam sobre uma tempestade no mar. No sonho, Tae era o sol. Um Vapra de cabelos prateados era a lua. Tae estava animado para ir, para encontrar o Silverling a quem ela estaria ligada. Eu estava preocupado, que encontraríamos perigo correndo para seguir meu Far-Dream. Mas ela e Ethri me disseram para não ter medo. Tae e eu fomos em busca do mau tempo perto de Ha'rar. . . encontramos uma tempestade de fato.” Onica sorriu, e os dois seguiram a tripulação de Erimon até o oásis abaixo. Amri estremeceu. Ele podia imaginar Tae como um sol, com seus radiantes cabelos ruivos e dourados. E o outro, um soldado Vapra, prateado como a lua. “Perdi minhas asas naquele dia. Tae acha que ela é responsável até agora. Mas muitas vezes ela esquece que foi por causa da tempestade

que conheci Tavra.” Onica terminou o pensamento quando eles saíram para a luz do dia. Protegendo os olhos, ela acrescentou: “Os sonhos nem sempre terminam como esperamos. Fim e começo são uma e a mesma coisa. Foi isso que aprendi naquele dia, e uma lição que reaprendo todos os dias desde então.” Amri olhou para baixo, absorvendo as palavras do Far-Dreamer. “Tae alguma vez a encontrou Silverling?” ele perguntou. Onica balançou a cabeça e respondeu: “A conta desse eclipse ainda está por vir”. A Fonte parecia como se uma parte da selva tivesse sido arrancada por um grande pássaro e depositada no meio das areias cristalinas aparentemente vazias. Se a parede da tempestade não estivesse tão perto do ombro das montanhas, Amri imaginou que era nada menos que um paraíso verdejante. Erimon liderou o caminho com Periss ao seu lado. Os dois irmãos chamaram a atenção do Dousan de manto vermelho por quem passaram. No caso de Erimon, as saudações foram calorosas, seguidas de reverências de respeito. Periss o seguiu, mandíbula apertada, tentando ignorar os suspiros surpresos ao ser reconhecido. Barracas e coberturas construídas com ossos e couro foram montadas ao longo da margem do lago, abrigos temporários, mas resistentes, que Amri imaginou que poderiam ser facilmente desmontados, enrolados e carregados por apenas um ou dois Gelflings. Em Grot havia abrigo por toda parte, e nunca se estava longe do gotejar da água doce que descia do Santuário. Mesmo no oceano, havia tempestades e chuva potável. Mas aqui a vida nômade era a única maneira de se manter vivo. Uma fileira de ossos com Dousan gravados em

padrões que combinavam com suas tatuagens passou. Do topo dos ossos flutuava uma fumaça prateada que enchia o ar com um aroma terroso e amadeirado. Eles não ergueram os olhos quando passaram, nem mesmo para cumprimentar os visitantes. Erimon deu um passo para o lado e inclinou a cabeça, toda a conversa transcorrendo em completo silêncio. Quando os incensários passaram, Erimon continuou pela trilha. “O Wellspring é o único lugar onde a água flui em todas as estações, e as montanhas protegem este refúgio das tempestades”, explicou enquanto caminhavam. “É aqui que os Dousan se reúnem em tempos de dificuldade.” “É realmente um momento de problemas,” Kylan concordou. “De fato. Desde que recebeu sua mensagem e viu a prova da canção que ela contava, Maudra Seethi convocou os mestres de areia dos doze Dousan xerics. Nós nos reunimos aqui na Fonte para meditar. Os Skeksis há muito governam Thra, e seus caminhos se tornaram nossos caminhos em muitos aspectos. Como clã, devemos refletir sobre como devemos responder. Como mudar nossos rituais do presente e do futuro.” “Isso significa que você acendeu uma fogueira?” perguntou Amri. Ele mal podia acreditar, mas talvez fosse verdade. Se os Dousan já tivessem decidido se opor aos Skeksis, teria valido a pena todo o perigo que eles enfrentaram para chegar aqui. Erimon inclinou a cabeça. “Nós acendemos fogueiras todas as noites. O deserto é muito escuro à noite.” “Não, isso não”, disse Naia. “Fomos solicitados por Aughra para viajar para os clãs e acender as fogueiras da resistência. Mas parece que você recebeu nossa mensagem e acredita que os Gelflings devem se rebelar

contra os Skeksis. "De fato. Ouvimos falar dos problemas e buscamos respostas." "Não é isso que ela quer dizer," Periss interrompeu com veemência. Mas Erimon deu-lhe um olhar tão frio que ele não deu mais detalhes. O mestre da areia aqueceu sua expressão quando se virou para Naia. "Os Gelflings estão em perigo, isso é verdade. Os Skeksis não são mais confiáveis. Os Dousan sempre acreditaram que as respostas estão na canção eterna de Thra. Um antigo sábio nos trouxe essas tradições, quando o Dousan encontrou pela primeira vez a Fonte. Ele nos ensinou a meditar, a guardar os rituais da terra e a canção de Thra. É nossa maneira de guardar esses rituais também, na ausência dele. Na tranquilidade dessa meditação, se Thra quiser falar conosco, falará. É tudo o que podemos fazer, nos render a essa sabedoria." Amri não sabia o que isso significava, mas Erimon disse tão solenemente que não sentiu que havia espaço para fazer perguntas. O mestre de areia Dousan pigarreou e quebrou o estranho silêncio. Ele gesticulou para uma tenda próxima, uma maior sem uma tocha acesa na frente. Quando Amri se inclinou para espiar pela aba da frente, viu que estava vazio. "Agora! A noite cai em breve, e o deserto é mais perigoso então. De manhã, encontre-me em Tappa. Vou levá-lo através das areias novamente para que você possa continuar sua jornada, sabendo que os Dousan estão com você em espírito. Enquanto isso, use esta barraca, e a própria Fonte, como sua. Devo ir me encontrar com os xerics, para me preparar para a chegada de Maudra Seethi." Erimon fez uma profunda reverência e os deixou, e seu irmão, para trás. Eles assistiram outra fila de portadores de incenso Dousan



passar. Eles usavam túnicas simples, dando um passo lento após o outro. Eles não olharam para os estranhos Gelfling que os observavam. Eles pareciam completamente inconscientes de seus arredores imediatos, muito menos da tempestade que Amri podia ver sobre o topo das montanhas. Tinha estado tão perto antes? Lembrou-se do que Onica havia dito quando chegaram a Cera-Na. "Algo não está certo", disse ele. "Alguma coisa ou tudo?" Periss rosnou, como se as palavras fossem pedras presas em sua garganta. Enquanto ele se afastava, Amri não pôde deixar de notar a farda de Kylan pendurada em seu cinto.

## CAPÍTULO 17

Amri foi o primeiro a explorar a tenda. Era feito, como tudo no mundo Dousan, de osso e pele, embora depois de entrar na boca de Tappa e estar dentro do navio gigante de skekSa, parecesse cada vez menos estranho. A tenda estava escassamente mobiliada, com apenas uma esteira de palha circular rodeando uma fogueira no centro. Uma calha de casca enrolada permitia que a fumaça escapasse do ápice da tenda. Tudo foi construído para ser desmontado e dobrado, facilmente arrumado nos cavernosos espaços de armazenamento dentro dos Crystal Skimmers ou sob os conveses dos botes de areia menores. "Alguém mais está morrendo de fome para mergulhar naquele lago?" Náia perguntou. Sua pele Drenchen estava mais pálida no momento. Amri se sentia seco e coçando por causa do deserto, mas não conseguia imaginar como deveria ser para Naia. "Acho que gostaria de descansar, se der tudo igual", disse Onica. "Eu gostaria de ficar também", disse Tavra. Ela se moveu para o joelho de Onica enquanto o Sifa se sentava na sombra fresca da tenda. Amri imaginou que os dois gostariam de passar algum tempo juntos, após a provação de Onica. A beira do lago não era uma praia arenosa e rasa como a da baía de Cera-Na. Ao se aproximarem, Amri viu que a bacia estava coberta de raízes de árvores. Antiga, enorme, seca e lenhosa, como uma cesta tecida, sem baixios para vadear. Em vez disso, as profundezas caíram imediatamente em um azul profundo e escuro, cujo fundo não podia ser visto. Perto da água, era mais fácil ignorar a tempestade que

pairava tão perto. Tudo o que Amri podia fazer era fingir que não estava lá e esperar que Erimon estivesse certo. O mestre de areia tinha que ser. Ele conhecia o Wellspring, conhecia os caminhos do Dousan. Quem era Amri para duvidar dele?

“Este não é um lago comum”, disse Naia, olhando para dentro. Ela se sentou em uma raiz, balançando os pés na água. A umidade subiu por suas pernas, restaurando gradualmente sua cor esverdeada natural. “Mas a água parece divina!” Amri sentou-se ao lado dela. A água em seus pés descalços estava fria. Agora que estava mais perto, ele podia ver medusas-nuvens flutuando em cardumes mais profundos na água, e cardumes de peixes velozes. Bolhas subiam de baixo, grandes e volumosas, enchendo a água de minerais. Os três molharam os pés e as mãos e beberam as águas ricas e frescas do lago. Da margem do lago, eles observaram mais cordas de incensários. Eles vieram em conjuntos de três, seis e nove, sem nunca olhar para cima, alguns usando véus ou capuzes sobre os olhos. Eles andaram em passos curtos e uniformes, estranhamente silenciosos. Às vezes eles paravam, usando uma longa concha para despejar areia em desenhos rodopiantes que logo eram levados pelo vento suave que acariciava o vale. “Parece que eles estão apenas andando em círculos”, disse Kylan calmamente.

“Você acha que é. . . normal?” “Normal é um termo bastante relativo”, Amri apontou. Naia lentamente se afundou cada vez mais na água, até que ela estava de pé em uma raiz em um lugar onde a água chegava até o queixo. As brânquias em seus ombros e pescoço se abriram na água, e um grande suspiro de alívio borbulhou. “O bom é que eles estão se

reunindo aqui”, disse ela. “Os Gelflings estão se unindo. Mesmo os clãs que raramente o fazem, como os xerics Dousan.” “Não esqueça que os Sifa só se reuniram para fugir”, disse Kylan. Amri empurrou Kylan com o cotovelo, tentando acalmá-lo. “Tanto mais conveniente para nós alcançá-los todos de uma vez e acender o fogo.” “Mas ainda não sabemos o que acender essas fogueiras significa”, disse Kylan com um toque de frustração. “Não sabemos nada sobre aquela escrita que apareceu no convés do Omerya, ou as cores do fogo. Não nego que algo especial aconteceu. Mas por que lá? Porquê então?” “Porque o Sifa decidiu se juntar à nossa luta. Por que mais?” Kylan suspirou irritado. “Aughra disse fogos de resistência, mas não sabemos o que isso significa, ou por que isso acontece. Ela apenas disse coisas, como sempre, sem nos dizer nada. Olhe ao redor do Wellspring. Erimon pode dizer que os Dousan se juntaram a nós, mas não há fogo. Sem gravação de sonhos. Assim como quando All-Maudra Mayrin disse que o fogo Vapra foi aceso no espaço dos sonhos de Aughra.” Por mais que a análise de tudo de Kylan possa ser deprimente, algo sobre o que ele disse soou verdadeiro. Erimon não hesitou em acreditar e se juntar a eles, e mesmo que eles não tivessem conhecido Maudra Seethi pessoalmente, Erimon parecia saber do que estava falando. Mas os incensários não estavam preparando os Crystal Skimmers para viajar para a região central, onde ficava o Castelo do Cristal. As tendas não estavam sendo desmontadas e arrumadas para a partida. Na verdade, com o cair da noite, chegaram mais Skimmers.

"Eles não estão se preparando para sair", Amri percebeu em voz alta. Ele balançou sua cabeça. "Mas nem os Sifa. Eles estão esperando em Cera-Na. Por um sinal." "Um sinal de que nós mesmos não entendemos," Kylan suspirou. Naia nadou no lago enquanto Amri e Kylan apenas chutaram a água. Os sóis desceram e a Fonte esfriou com a noite. As fogueiras que Erimon mencionara ganharam vida na frente das dezenas de tendas Dousan. Amri imaginou que olhar para o Wellspring das montanhas seria como olhar para uma cesta cheia de estrelas. Os Dousan, como outros clãs Gelfling, tinham uma lareira comunal perto do final do lago. Dois Dousan estavam em um longo banco de tábuas, cortando uma pilha de frutas com casca coriácea. Os outros do clã, incluindo aqueles que usavam o mesmo estilo de capa de Erimon - outros mestres da areia, talvez - e alguns dos portadores de incenso, pegaram a fruta em silêncio, dando apenas uma reverência de agradecimento. Quando os cortadores de frutas viram Amri e seus amigos, eles acenaram para eles e colocaram pedaços das frutas pesadas e suculentas em suas mãos. Eles até empilharam uma casca extra em cima do corte de Kylan, sabendo que tinham um quarto convidado Gelfling na barraca. Tudo isso sem uma palavra ou som. Amri tentou uma das reverências profundas que tinha visto os outros fazerem. O Dousan fez uma reverência em silêncio reverente. Eles se abaixaram para dentro da barraca no momento em que Amri sentiu um jato de poeira passar pelo oásis. O vento aumentou, gemendo pelo vale. A aba da barraca o selou, mas ele podia ouvir a chuva de areia contra o couro. Onica acendeu o fogo e,

juntos, os quatro afundaram os dentes na doce fruta do deserto. A casca era dura e grossa e ligeiramente peluda, mas a carne amarela da fruta era doce com um sabor verde na parte de trás, como grama de campina. Tavra assistiu do ombro de Onica, desinteressada quando Onica ofereceu uma mordida. O vento sacudiu a barraca. Por mais que Amri tentasse ignorar o zumbido da areia e do vento, ele não conseguia mais. O som dos grãos minúsculos que pululavam ao vento contava uma canção própria, gravando a forma de uma imagem em sua mente: a parede da tempestade, derramando-se pela estreita passagem da montanha e enchendo o vale do oásis. Isso destruiria tudo. "Aquele tempestade está chegando ao vale", disse ele, quebrando o silêncio. "Erimon diz que não, mas acho que ele está errado. Eu sei que um morador de caverna como eu é o último em quem você quer confiar sobre o clima, especialmente tempestades no deserto, mas tenho um mau pressentimento sobre isso." Seus amigos ouviram, orelhas ligeiramente inclinadas, mas nenhum deles queria admitir isso. "Talvez seja assim todas as noites", disse Naia. "Eles saberiam se a tempestade estivesse chegando ao vale, não saberiam? E se isso acontecesse, eles teriam. . . dar um alarme ou algo assim. Eles viriam e nos pegariam." Uma rajada de ar atingiu Amri no rosto enquanto a aba da barraca se abria e fechava. Periss selou a aba novamente, depois enterrou as mãos na capa enquanto todos o encaravam. "Estamos evacuando?" perguntou Amri. Foi meia piada. Pelo menos, Amri desejou que fosse uma piada. Tudo o que ele queria era que Periss risse e dissesse que ele estava sendo um Shadowling

estúpido que não sabia distinguir uma tempestade de um céu nublado. Teria sido um momento maravilhoso para estar errado. Mas não era para ser. Periss lambeu os dentes e disse: “O Dousan nunca vai evacuar”. Naia se inclinou para trás e arqueou uma sobrancelha grossa. "Então por que você está aqui? Você quer que Onica faça mais adivinhações para você? “Vocês estão todos aqui porque eu os trouxe aqui. E eu fiz isso por uma razão.” Periss jogou o manto para trás. Naia rolou para frente, mas não sacou sua adaga quando Periss se lançou em Kylan, pressionando a ponta de uma faca curta e de dois gumes contra a bochecha do Spriton. Amri nem tinha pensado em desembainhar sua espada e não sabia que bem isso faria agora, de qualquer maneira. Cortar nos confins da barraca seria apenas um desastre. “Deixe-o ir”, disse Naia. “Apenas nos diga o que você quer. Sua . . . razão." Periss agarrou Kylan pela trança, puxando-o para cima. Ainda segurando-o com uma faca, ele recuou em direção à porta da barraca. "Venha comigo. Todos vocês. E se você sacar essa espada ou essa adaga, eu vou cortar a língua desse contador de canções da boca dele.” “Realmente não é necessário. Tenho certeza de que todos seremos bastante complacentes — murmurou Kylan, erguendo as mãos para ilustrar seu ponto de vista. Periss olhou cada um no rosto com olhos nervosos, um de cada vez enquanto eles se levantavam. Amri foi especialmente cuidadoso para não fazer movimentos rápidos, e ele viu Tavra brilhar na parte de trás do braço de Onica. Atravessou o chão e depois subiu por sua perna, encontrando seu lugar em seu ombro. Uma calma tomou conta dele. Agora ele poderia estar pronto com a espada, se

precisasse. Periss abaixou a faca, mas segurou a parte de trás do capuz de Kylan. "Tudo bem. Nada de movimentos rápidos." Para fora eles foram para o vento chicoteante. O céu estava escuro como breu, embora Amri não pudesse dizer se era por causa das nuvens ou por causa da noite do deserto. Ele só podia ver a silhueta das montanhas quando relâmpagos, roxos e brancos, ondulavam no céu. A tempestade estava realmente sobre eles, rastejando sobre o vale em uma massa de trovões, relâmpagos e vento destruidor. Todas as tochas haviam se apagado, e algumas das barracas estavam desmoronando sob a violência da tempestade. No entanto, apesar de tudo, não havia Dousan correndo, tentando reunir os Gelflings da Fonte e fugir para um lugar seguro. Na verdade, não houve nenhuma comoção de Dousan. Era como se todos tivessem desaparecido. Algo chamou a atenção de Amri. Ele olhou para o lago e fez uma pausa, um calafrio descendo por suas costas como água fria. No escuro e no relâmpago, ele podia apenas distinguir figuras, sentadas nas rochas e raízes que cercavam o lago. "O que eles estão fazendo?" Periss empurrou Kylan para a frente, e eles o seguiram enquanto ele os conduzia para fora da trilha. Ele não olhou para trás e rosnou: "Nada". "Eles estão meditando", disse Onica ao lado de Amri. A Far-Dreamer estava tensa de cima a baixo, e com o vento chicoteando seu cabelo, ela parecia particularmente feroz. "Venha. Vamos seguir Periss antes que ele faça algo de que se arrependa." A trilha desapareceu rapidamente na areia que cercava o oásis, deixando mais claro do que nunca quão pequeno era o bolsão de vida e segurança no vasto corpo do



deserto. A areia lavou os joelhos de Amri, e ele tentou afastar a memória muito recente de estar preso nesta mesma tempestade, neste deserto. Mas desta vez Onica estava de pé ao lado dele, e Naia estava à frente de olho em Periss. A qualquer momento, Amri estava confiante, ela poderia desarmar o Dousan e acabar com isso. Mas ela não o fez, e então Amri confiou nela. Talvez ela tenha percebido o brilho do desespero nos olhos de Periss também. “Se eu precisar, você pode me ajudar com a espada?” ele perguntou. De jeito nenhum Periss podia ouvi-lo sobre o vento uivante. “De fato,” Tavra respondeu. “Não permitirei que Kylan, ou qualquer um de vocês, seja prejudicado.” O trovão caiu no vale como um monstro, sacudindo os ossos de Amri. Uma forte rajada de vento os atingiu com tanta força que eles tiveram que parar. Quando eles puderam ver novamente, a areia havia soprado ao redor de seus pés, revelando uma longa passarela de pedra. A passarela se estendia até a encosta da montanha à frente, terminando em um buraco aberto esculpido na rocha. “Agora, enquanto o caminho está livre!” Periss ordenou, acenando com a faca. Ele correu e os outros o seguiram, correndo em direção à montanha enquanto a tempestade furiosa enchia o vale.

## CAPÍTULO 18

"Onde estamos indo?" Naia gritou, e Amri lembrou que nenhum dos outros podia ver no escuro. "Há uma caverna", ele gritou. Toda a face do penhasco estava gravada em figuras e pictogramas, ilustrando a passagem das estrelas e do sol, mas ele não teve tempo de decifrá-los. Areia raspou em suas bochechas, e um trovão ensurdecedor encheu seus ouvidos. De repente, eles estavam dentro. A caverna era grande o suficiente para que várias dezenas de Gelflings pudessem caber confortavelmente. Saliências vermelhas e douradas marcavam o teto, e Amri ouviu um fio de água fluindo sob os pés, sentiu quando se ajoelhou para tocar. A pesada rocha da montanha os envolveu, e os ouvidos de Amri ressoaram com a lembrança da tempestade. Ainda uivava no vale. Ele estremeceu ao pensar na destruição que aconteceria ao Wellspring. "O que eles estavam fazendo lá atrás?" ele chorou. "Eu os vi – o Dousan, todos apenas . . . apenas sentado ao redor do lago! Enquanto a tempestade destruiu o Wellspring! Por que?" "Porque é assim que eles são." Periss praguejou, tateou no escuro, depois atingiu uma pedra com sua faca, dando vida a uma tocha. Naia, Kylan e Onica perceberam o que Amri já tinha visto: nas paredes, chegando à altura de um Gelfling, havia ilustrações esculpidas e gravadas. Eles mostravam Gelfling com cabeças raspadas e tatuagens, carregando incenso, todos em fila em conjuntos de três. A fileira de Gelflings terminava de frente para uma árvore lindamente articulada, com raízes longas e retorcidas cercadas por uma poça de água. Os galhos e folhas

das árvores se espalham largas e altas sobre as cabeças dos Gelflings. Acima do dossel estavam as representações irregulares de relâmpagos e tempestades, e na base da árvore estava uma criatura de costas compridas com uma cauda pesada. Quatro braços grandes e uma crina amarrada em nós e tranças. “Um místico,” Naia engasgou. “O sábio antigo?” Kylan foi até o desenho, e agora que eles estavam aqui, Periss o soltou. Ele manteve sua adaga na mão enquanto o contador de músicas traçava as fotos com os dedos. “Esta árvore, protegendo o Dousan e o Wellspring da tempestade. Cadê? Na foto, parece que deveria estar no centro do lago. . .” Periss fez uma careta. “Era uma vez. As canções contam que era tão alto que podia ser visto de todos os cantos do deserto, guiando o Dousan até o oásis. Mas muitos trógonos atrás, começou a diminuir. O lago, que antes enchia todo o vale, encolheu. Quando eu era criança, a árvore era apenas um tronco velho e seco. Lembro-me do dia em que caiu. . . Bastou uma rajada de vento de verão.” Pela primeira vez, Amri sentiu como se estivesse vendo o verdadeiro Periss. Sob todos os comentários maliciosos e roubos. “Então a árvore . . . morreu?” ele perguntou. “Não!” A voz de Periss ecoou com determinação. “Não está morto. No entanto, Maudra Seethi e os portadores de incenso recolhem os restos de seus galhos e os queimam em um funeral eterno.” “Achei que havia algo estranho acontecendo naquele lago”, disse Naia. “A água é tão rica. Você está dizendo que acha que a raiz da árvore sobreviveu? ”Eu sei isso. Se não tivesse, o lago teria secado. A árvore é a fonte da água, e não o contrário.” “E sua maudra não acredita em

você?” perguntou Kylan. Periss chutou uma pedra. “Maudra Seethi foi a primeira pessoa que procurei. Ela me disse que eu tinha que deixar ir. Esse apego a coisas que já passaram só me acorrentará a uma efígie do passado. Ela até me deu uma parte para queimar. Você acredita nisso? Uma pira para uma árvore que vive! Esse é o ritual ensinado pelo sábio, de centenas de trígonos atrás. Mas ela não entenderia que os rituais devem mudar com o tempo e as circunstâncias.” Naia cruzou os braços, desinteressada pelos desenhos. “Tudo bem, então você saiu com raiva. Viajou o mundo em busca de uma solução. E você nos encontrou? Periss guardou a faca, aparentemente percebendo que não ia mais precisar dela. Ele empurrou a firca de Kylan para o lado e abriu a bolsa do cinto, tirando uma pétala rosa familiar. “Encontrei um desses no vento. Vi seu sonho. Sabia que estava ligado à Árvore da Fonte. Saí para buscar a ajuda de All-Maudra. . . Mas quando te vi em Cera-Na, te reconheci. O contador de canções com o poder de costurar sonhos nas pétalas de uma árvore antiga e espalhar uma mensagem como essa. . . E você, Naia. Quem curou a Árvore Berço na Floresta Escura.” Periss arrancou a firca do cinto e jogou para Kylan. Segura nas mãos de seu mestre novamente, a flauta de osso quase ressoou com alívio. Periss gesticulou bruscamente. Desesperadamente. “Então agora, faça isso. Reviva a Árvore Nascente.” Kylan fez uma careta, pendurando a firca no pescoço para que ficasse onde deveria. “Naia. Quando você estava no lago, você disse que sentiu algo. Você acha que a árvore está viva?” ele perguntou. “Sim, senti algo, mas mesmo que a árvore esteja viva. . . Curar a Árvore do Berço

era uma coisa. Costura dos sonhos nas pétalas da Árvore do Santuário. Mas esta árvore esteve debaixo d'água por trígono. . ." "Morrendo", insistiu Periss. "Tem estado lá embaixo morrendo uma morte lenta enquanto todos os Dousan se voltam para o outro lado. Você tem que consertar!" "Não sei se podemos!" "Bem, podemos tentar." Onica estava perto de onde a caverna se abria para o vale. A tempestade lá fora era tão densa que parecia o tecido de uma túnica Skeksis. "Se não o fizermos, esta tempestade destruirá tudo. O Dousan, os Crystal Skimmers, o Wellspring. Mesmo se sobrevivermos à tempestade em si, podemos ficar presos nesta caverna." "As cavernas não são tão ruins assim, mas eu entendo o que você quer dizer," Amri disse baixinho. Naia ainda parecia insegura, e ainda um pouco zangada com a forma como Periss tinha falado sobre a coisa toda, e Kylan estava ansioso como sempre. Ninguém estava disposto a dar o primeiro passo. Afinal, a tarefa de Periss parecia impossível. Como eles deveriam ressuscitar uma árvore que passou de proteger todo o vale a estar tão doente que seus mantenedores Gelfling pensaram que estava morta? Nada disso importava. O que importava era salvar a Fonte e todos os Gelflings ali reunidos. "Se revivermos a árvore, você acredita que ela protegerá o vale da tempestade?" perguntou Amri. "Acredito de todo o coração", respondeu Periss. "Onica está certa. Não temos escolha a não ser tentar. Mas vamos deixar uma coisa clara" – Amri encarou Periss e estendeu a mão – "estamos fazendo isso como amigos. Não como reféns. Entendi?" O menino Dousan hesitou, mas um olhar para a tempestade selou sua resolução. Pela força de

seu aperto, Amri se perguntou se ele teria preferido assim desde o início. “Amri, ainda. Posso ter aliviado o sofrimento da Árvore Berço e posso curar cortes e arranhões, mas... . . Não sei se consigo fazer isso”, disse Naia. “Nós nem sabemos onde a árvore está lá embaixo, e está escuro como breu.” “E a tempestade é tão alta que vai abafar o som da firca”, acrescentou Kylan. Amri ignorou as dúvidas de seus amigos no momento. Não havia sentido em discutir; eles estavam certos, afinal. Mas o que Onica disse o lembrou. Estas eram cavernas. “Peris”, disse ele. “Eu posso sentir a água sob o chão da caverna. A água flui da Fonte para a caverna?” “Sim . . .” Amri assentiu. Bom. “Onica e Kylan, fiquem aqui, onde estarão a salvo da tempestade. Naia e Periss, venham comigo. Vamos voltar para o oásis. Para o lago onde está a árvore. . . ou onde estava.” “A firca definitivamente não será ouvida pela árvore desde esta caverna!” Kylan protestou. Amri colocou a mão no ombro do amigo e apertou. “A água da montanha está cheia de minerais. Você os provou no Wellspring. Os minerais terão formado cristais ao redor dos rios subterrâneos. Minerais como esse carregam o som muito bem. Quanto mais claro melhor. É assim que os Grottan falam quando estamos espalhados entre as cavernas.” “Mas eu não sei se eu posso—eu não sou um Grottan—” “Isso não importa. Eu acredito em você!” Os ombros de Kylan ficaram tensos, mas quando Amri o sacudiu, ele deu um aceno obediente e disse: “Vou tentar encontrar um lugar onde a música da firca ressoe”. “Toque a música da vida. Chame a árvore. Vamos precisar de sua ajuda se vamos encontrá-lo lá embaixo. . . se você pode despertar a árvore, talvez Naia

possa curá-la.” Amri puxou o capuz para trás sobre a cabeça, tentando ignorar o medo de voltar para a tempestade. Naia ficou com ele, e depois Periss. Ele não queria se despedir de Kylan e Onica, como se eles não pudessem voltar. Então ele não. Em vez disso, ele saiu da caverna, sentindo Naia e Periss às suas costas. A volta ao oásis foi mais angustiante do que a partida. A tempestade estava em cima deles agora, como se tivesse uma mente e uma sensibilidade e quisesse, mais do que tudo, devorar a Fonte inteira. Eles atravessaram a areia, subindo em cima dela em intervalos para não se afogarem. Ele sentiu Tavra agarrada ao seu pescoço e segurou seu capuz firmemente ao redor dela para não perdê-la na tempestade voraz. Ele precisava dela com eles quando entrassem no lago. Quando eles finalmente chegaram ao gramado de Wellspring, parecia que estava na praia do oceano, mas eles não conseguiam descansar. Amri puxou Naia em direção ao lago. Quando suas águas surgiram, espumando com picos sob a pressão da tempestade, ele viu as sombras esculturais do Dousan, ainda sentadas ao redor do lago. Eles não estavam tentando encontrar abrigo. Eles não estavam tentando escapar. Eles nem pareciam notar a tempestade que estava caindo sobre eles. Amri não podia pensar neles agora. Ele tirou o manto. Naia também. "Você vem com?" ela perguntou. "Mas você não pode respirar debaixo d'água!" "E você não pode ver no escuro", ele gritou de volta. "Você vai ter que respirar por mim!" "O que está acontecendo?" Erimon, o único Dousan à vista, além de Periss, que não estava imóvel em contemplação, os encontrara. Com a areia cruzando entre eles em véus, era

difícil dizer se seu rosto estava contorcido de raiva ou preocupação. “Poderia te perguntar a mesma coisa!” Amri chorou. “Eu pensei que você disse que a tempestade não viria aqui!” Erimon fez uma careta. “Onde você está indo?” “No lago. Nós vamos reviver a árvore,” Periss disse, puxando Erimon em desafio. “E você não vai impedi-los.” “Não!” Erimon gritou. Ele enfrentou seu irmão. “Periss, me escute! Por uma vez, apenas ouça! A árvore está morta. Você tem que deixá-lo ir. Isso está fora de nossas mãos. Não há mais nada que possamos fazer, exceto nos render à vontade de Thra. Por que você não consegue entender isso?” “Você pode não ser capaz de ouvir sua música, mas eu ouço. Eu a ouço em meus sonhos e em meus pesadelos. Meu próprio clã não vai acreditar em mim, então eu trouxe alguém que acredita!” Erimon empurrou Periss para longe. Em seguida, ele tentou apelar para Naia e Amri. “Você poderia morrer lá embaixo, e por nada.” “Se ficarmos aqui, morreremos de qualquer maneira”, disse Amri. Ele olhou para Naia. Quando ela assentiu, ele agarrou seu braço e pulou no lago. Era outro mundo debaixo d'água. O estrondo da tempestade desapareceu instantaneamente, substituído por um zumbido ecoante da água contra as paredes nervuradas e carregadas de raízes da bacia. De certa forma, com sua canção constante de mil vozes, lembrou Amri das areias do deserto. Naia moveu a mão de Amri para seu ombro enquanto suas asas floresciam ao redor de ambos, poderosas como as barbatanas de um peixe. Quando ele tocou sua pele, seu sonho encheu sua mente. Preparar? ela perguntou. Não parecia que eu estava pronto quando empurrei nós dois? Ele



soprou uma bolha para ela, então olhou para Tavra. No Santuário, quando a fírcia de Kylan era apenas um fragmento de osso, sua música trouxe a raça das aranhas à derrota. Eles eram uma raça próxima a Thra, sensível ao seu canto. Talvez ainda mais sensível que Gelfling. Por mais aguçada que fosse a audição de Amri, não poderia ajudá-los quando seus ouvidos estavam cheios de água. Eles precisavam de Tavra. Tavra, você pode ouvir? No início, ela estava hesitante, mas depois de um momento ela desceu pelo braço dele para que mais água do lago fluísse por seu corpo. Sim . . . Sim. Consigo ouvir isso. Está chegando à árvore, eu acho. . . Eu posso ouvir uma música em resposta. Algo ressonante. . . Distante. Abaixo, à direita. Que bom que você está conosco, ele pensou para o Silverling. Talvez este corpo de aranha possa ser usado, afinal. Amri prendeu a respiração enquanto Naia bombeava suas asas e mergulhava, impelindo-as poderosamente para as profundezas escuras. Quando seus pulmões gritaram por ar, Naia soprou vida nele, guelras abertas como rendas em volta do pescoço. Tavra pegou uma bolha, segurando-a sob as pernas como uma opala lisa e clara. O lago parecia interminável. Estava escuro lá em cima, mas enquanto eles mergulhavam, os relâmpagos da tempestade diminuíram para um lampejo maçante. Os sons da tempestade, o tamborilar, o trovão que sacudia a terra, sumiram e, quando isso aconteceu, Amri ouviu o som de uma flauta. Através dos córregos subterrâneos e da água, soava como a estranha canção de um fantasma – transcendente e interminável, chamando algo que poderia não ser mais forte o suficiente para ouvir. Cercados pela música, era como se

estivessem flutuando em um sonho. Tavra o cutucou gentilmente. Lá. Eu posso ouvi-lo chamando. Tinham chegado ao fundo do lago. Estava tão escuro que até Amri mal conseguia ver o poço de raízes que se aglomerava ali. Ele segurou Naia enquanto eles pousavam, os pés deslizando na lama espessa que havia se acumulado, coberta de algas viscosas e plantas em decomposição. Amri empurrou a lama com os pés, tentando encontrar qualquer sinal de vida. Você vê alguma coisa? Naia perguntou, segurando-o enquanto ele trabalhava. Ele estava prestes a dizer que não, mas as solas de suas sandálias bateram em alguma coisa. Algo que não estava rígido e petrificado como o resto das raízes que os cercavam. Ele se ajoelhou, usando as mãos. Então eles ouviram. Tocando, gemendo baixinho em resposta à música de Kylan. A voz da lama era como a da rocha, mas mais rápida, mais quente. Mais úmido, misturando-se com o canto da água do lago. Amri trabalhou rapidamente, os pulmões gritando até que ele teve que pedir a Naia para respirar novamente. E então, renovado, deu um último empurrão na lama. Sob as espessas camadas de lodo e lama havia um galho de raiz que ainda não havia morrido. Amri empurrou a casca em decomposição para longe dele, encontrando uma mancha verde em todo o preto e cinza. O lugar na raiz onde a árvore ainda vivia brilhava no tempo com a música que saturava as águas profundas, um único pulso de luz na escuridão. Amri puxou Naia para baixo e pressionou os dedos contra ela. Ela viu e se agachou ao lado dele, segurando a raiz da árvore com as duas mãos. Ela não falava a língua da rocha ou da lama, mas conhecia a voz da árvore quando a ouvia. A

árvore vive, ela engasgou. Peris estava certo. Eles nunca devem ter visto, porque não podiam nadar tão longe. Você pode curá-lo? Não sei. Vou tentar. A luz azul das mãos de Naia pousou no fundo do lago. A canção triste da árvore se aquietou a princípio. Depois de um longo momento, Naia balançou a cabeça, embora não tenha tirado as mãos. É chamar outra pessoa. Eu não posso fazer isso sozinho. Você quer dizer eu? Posso ajudar? Não é . . . Naia fechou os olhos, focando. Ela tinha um dom; ele tinha visto isso antes. Ouvir a canção de Thra, sonhar com outras criaturas além de Gelfling. Ele colocou a mão no ombro dela, os pulmões doendo por sua próxima respiração. Está pedindo o Dousan, ela disse finalmente. Ela olhou para ele. Seu povo. Periss, Erimon. Precisamos deles aqui, agora, ou esta árvore morrerá e a tempestade matará a todos nós.

## CAPÍTULO 19

Amri tentou manter a calma. Quanto mais rápido seu coração batia, mais ar ele precisava, e Naia não poderia mantê-lo vivo no leito do lago para sempre. Eu não posso trazê-los todos aqui, ele disse a ela. Mas posso trazê-los para a caverna. Diga à árvore que farei isso. Você acha que será suficiente? Naia tirou as mãos da raiz da árvore moribunda tempo suficiente para segurar o rosto de Amri. Terá que ser. Eu acredito em você! Seus lábios se encontraram, e ela encheu seus pulmões com ar, mais quente do que antes, então o empurrou para longe. Ele manteve o sentimento em seu coração, deixando-o flutuar em direção à superfície tão acima. Quando ele saiu da água, a tempestade irrompeu com mais violência do que antes, estilhaçando as palmas robustas e explodindo as tendas Dousan em pedaços. Ainda assim, os Dousan meditavam, agarrando-se às rochas e curvando a cabeça contra o vento violento e a areia cortante. Amri tossiu água enquanto Periss o puxava para fora do lago. O Dousan teve que praticamente gritar no ouvido de Amri para ser ouvido sobre o vento. "O que aconteceu?" "Nós temos que colocar todos os Dousan na caverna," Amri disse em torno dos goles restantes de água. "A árvore precisa ouvir seu chamado. Naia está tentando curá-lo, mas ela precisa ouvir sua música!" "O que você está falando?" Erimon não tinha desistido de Periss. O vento havia rasgado sua capa, e sem o marcador de seu status entre os xéricos, o mestre da areia parecia mais parecido com seu irmão do que nunca. Periss virou-se para Erimon, os olhos arregalados de esperança.

“Nosso povo medita, envia pensamentos e sonhos ao universo, confiando em Thra para enviar providência. Mas eles não vão agir - não vão nem levantar um dedo para salvar os presentes que Thra já forneceu! Se eles não vão, então eu vou.” Ele se soltou do aperto de Erimon e correu para o Dousan mais próximo que se agarrava a uma rocha em um amontoado firme e teimoso. Amri o seguiu, mas Erimon o agarrou e o segurou. “Você disse que viu? A árvore realmente vive?” “E ainda pode nos salvar, se você acreditar nisso!” Como o ponto vivo da árvore em todos os mortos, uma faísca de luz cintilou no semblante de Erimon. Como uma parede quebrando, como se ele estivesse acordando de um sonho que estava sonhando há muito tempo. “Então vamos reunir o Dousan. Não temos muito tempo”, disse. Ele se virou para o lago e tirou um chifre do cinto. Em vez de soprar nele, ele simplesmente o ergueu contra o vento. A tempestade ecoou pela buzina, soltando uma nota retumbante que encheu todo o vale. Periss, cujos esforços para despertar o Dousan não foram ouvidos ou ignorados, olhou para o som. Então, lentamente, as cabeças curvadas dos Dousan também se espalharam pelo oásis. Eles olharam para o chifre na mão de Erimon, soprado pela própria tempestade. “Para os claustros!” Sem olhar para trás, Erimon pegou Amri pelo ombro e começou a correr. Periss juntou-se a eles, e eles correram o mais rápido que puderam pela trilha que os levaria para as areias e, se não tivesse sido destruído, o passeio para as cavernas. — Você acha que eles virão? perguntou Peris. “Eles já estão tão mergulhados em meditação - eles podem não ter ouvido a buzina -” “Devemos

confiar que eles vão ouvir", disse Erimon. "Só podemos dar o exemplo. . . como você tem, meu irmão. Farei as devidas reparações quando sobrevivermos." O passeio estava há muito enterrado sob as areias movediças, mas Erimon e Periss não precisavam das pedras para lhes mostrar o caminho. Quando chegaram à abertura da caverna, Erimon tirou o chifre e o enfiou em uma fenda na rocha. Lá ficou preso, o vento uivando através dele, soando um lamento interminável. Amri caiu de joelhos no momento em que entraram na caverna protegida, areia saindo das dobras de sua capa. A caverna estava ondulando com luz cristalina, reverberando com o som da firca de Kylan. O Spriton havia subido a um bolso na pedra acima, onde se sentou e tocou a pequena flauta que cantava com a enorme canção. Onica se levantou de onde estava esperando, ajudando-os a entrar na caverna e limpando-os da areia sem fim. "A árvore?" o Far-Dreamer perguntou a Amri. "Vivo." Então, para os dois irmãos, ele disse: "Vão! Para onde Kylan está jogando. Sua canção chega ao fundo do lago, onde está Naia. Sua música tem que chegar até a árvore!" "Mas os outros..." Periss começou. "Você não pode esperar por eles! Se são só vocês dois, então que seja!" Amri ficou de pé enquanto os irmãos Dousan escalavam a parede até a borda onde Kylan brincava. Eles se sentaram ao lado dele, Erimon ajustando a postura de Periss quando o fizeram. Um momento depois, as vozes dos dois irmãos encheram a câmara, soando em harmonia com a melodia da firca. O canto deles era um zumbido longo e arrastado que lembrou Amri dos místicos. Do canto de Aughra. Da música que ouviram no espaço dos sonhos, a

música cósmica de Thra. “Como saberemos se está funcionando?” perguntou Amri. Onica olhou para os três, estendeu as mãos. Amri tentou também e, quando o fez, pôde sentir as vibrações da música enchendo suas palmas. Era quase tangível. Seus dedos ficaram quentes, como se fossem gravar um sonho, mas a linguagem que sussurrava no fundo de sua mente era uma que ele não conseguia entender. “Se funcionar, a árvore vai subir e quebrar o muro de tempestade”, disse Onica. “E se isso não acontecer, podemos ser os únicos que sobrevivem a este julgamento.” A comoção pegou a orelha de Amri do lado de fora. Três Dousan entraram aos tropeções, os ombros cobertos de areia. “Como a tempestade ficou tão ruim?” eles murmuraram. “É esta a resposta que Thra nos deu? O que devemos fazer?” “Seguimos a buzina. No meu sonho, pensei ter ouvido uma voz. A árvore . . .” “A árvore vive”, disse Amri, ajudando-os. “Agora você deve ajudá-lo, para que ele possa nos salvar.” Assim que os três saíram da porta, mais dois saíram da tempestade. Depois um sexto e um sétimo. Em uma longa corrente de mãos, o Dousan da Fonte encheu a caverna, tossindo areia e sacudindo os últimos tentáculos de sua profunda meditação. O Dousan ficou em silêncio, embora pelo menos desta vez estivessem acordados. Em seu silêncio, eles ouviram Erimon e Periss, a música da firca de Kylan. A dúvida nublando seus olhos desapareceu quando eles olharam para os dois irmãos e o Spriton, ouviram a música que tocava cada pedra da caverna. Amri se lembrou do que Periss havia dito a Erimon. Ele ficou de lado e apontou para a gravura da árvore na parede. “Thra já lhe deu uma resposta.

Para o escurecimento, para os Skeksis, para toda a corrupção que se infiltra em nosso mundo. Acredite no jeito que Thra nos mostrou o tempo todo, mesmo que pareça sem esperança. Na árvore. No Gelfling. Um no outro!” Amri estendeu as mãos enquanto a tempestade se lançava contra a montanha, um monstro batendo na porta. Para sua surpresa, um Dousan deu um passo à frente e pegou sua mão. "Eu vou acreditar", disse ela. Outro a seguiu. Amri não sabia se ria ou chorava. Segurando a mão do primeiro Dousan em sua esquerda e a mão de Onica em sua direita, ele se ajoelhou. O resto do Dousan o seguiu, inclinando a cabeça em direção à terra, onde abaixo deles corriam as águas da Fonte. Soltando sua respiração no zumbido de muitos tons até que empurrou para trás a tempestade que rugia. Ouça-nos, Amri orou. Ele se lembrou da oração de Onica enquanto ela atiçava a lareira do Omerya. Ouça-nos, Naia. Ouça-nos, Árvore da Fonte. . . Um sonho rápido passou por sua mente como um vento frio. Uma visão da árvore em seu auge, enormes frondes reunidos com pássaros e frutas maduras. A umidade do oásis se condensando na parte inferior de suas folhas, todas as noites banhando o oásis com uma chuva leve e doce. O clã Dousan, indo e vindo do oásis cintilante, encontrando seu centro antes de retornar ao deserto. Esta canção engrossou o ar, no sonho e no canto. Vibrou na terra e ao longo dos rios que alimentavam o lago. Amri só podia esperar que alcançassem Naia e a árvore enfraquecida e moribunda no fundo. Amri. . . Amri abriu os olhos. O Dousan o cercava como estátuas, tão imóveis quanto as estalagmites na caverna, seu canto um



redemoinho de poder. Ao lado dele, Onica também havia despertado. Ele pensou ter ouvido a voz de Naia. Mas de tão longe? “Amri, olhe,” Onica disse. Eles se levantaram enquanto o Dousan cantava. Lá fora, a escuridão havia se dissipado, revelando um rosa e dourado transparentes. Amri saiu da caverna e engasgou. Ainda crescendo, numa velocidade impossível e rápida, uma árvore se desenrolava de dentro do lago. Seu broto espiralado voou para o céu, galhos grossos com enormes frondes suculentos florescendo como uma tempestade de outro tipo. A parede da tempestade quebrou quando a árvore a perfurou, espalhando os raios e o vento. As nuvens se separaram em uma ondulação, dissipando-se. Atrás da escuridão da tempestade, o céu estava claro com a manhã. Um raio de luz e cor iluminou a caverna. No centro do anel de Dousan, um fogo ganhou vida. À medida que a luz etérea do arco-íris queimava as paredes da caverna, Amri viu as gravuras familiares aparecerem – as figuras e palavras que ele tinha visto no convés do Omerya, mas agora elas se juntaram a outras. A imagem da Árvore da Fonte e do Dousan. Dos dois irmãos Dousan, o primeiro a dar as mãos em torno de um contador de canções Spriton tocando uma firca feita de osso. Todos os Dousan olharam para o fogo. Amri deu um passo em direção a ela enquanto ela brilhava em azul, perscrutando seu brilho. Por um momento, ele viu uma forma – um navio feito de coral. Cera-Na. Maudra Ethri está de costas enquanto Tae lhe entrega um pergaminho amarrado com um pedaço de barbante de prata. "O que é isto?" sussurrou Onica. Maudra Ethri e Tae se viraram para

eles, como se tivessem ouvido alguma coisa. . . Então o fogo ficou dourado novamente, e a visão se foi. Amri engoliu os calafrios que subiram por sua garganta. “Eles nos viram. O que era aquele pergaminho?” Então ele se lembrou do que Naia havia dito, sobre o sonho dela. Uma mensagem, chegando a sua mãe maudra no Pântano de Sog. Naia. Amri saiu correndo da caverna, deixando para trás o despertar Dousan. O passeio ainda estava sob a areia, mas na manhã clara e com a tempestade quebrada pela árvore, o caminho de volta para Wellspring era claro e fácil. Amri subiu na grama sólida e correu pelas palmeiras menores em direção ao tronco lenhoso da árvore gigante que agora crescia no centro do lago.



“Naia!” ele gritou, procurando por ela. “Naia!” A casca da árvore era feita de diamantes lenhosos, em camadas, como as escamas de um lagarto, apontando para cima para capturar a chuva escassa que caía no deserto. Embalada em uma das prateleiras feitas de casca, descansando em um ninho de ervas daninhas do lago, estava a garota Drenchen. Amri mergulhou na água e subiu na árvore até onde estava. “Oof,” ela gemeu quando ele a alcançou. “Você fez isso. Naia, você conseguiu.” Ela deu uma risada exausta. “Não fui eu. Quando eu estava lá embaixo, eu podia ouvir você. Pela água e pelo rio. Ouvi o firca de Kylan. Ouvi o Dousan cantando a canção da vida.” Ela olhou para as palmas das mãos. “Eu me tornei um com a árvore, naquele momento. Senti como se meu coração tivesse ganhado asas. E então este milagre. . .” Juntos, eles olharam através dos sóis da manhã enquanto passavam pelas folhas das árvores, brilhando com a água que ainda caía na chuva cristalina de tão alto. Naia sorriu e

encostou a mão na casca da árvore. "Oszah-Staba", disse ela. "A Árvore Nascente. Suas lágrimas sempre encheram o lago. Mas agora podem ser lágrimas de alegria em vez de solidão." Amri olhou para o Wellspring. Tudo tinha sido destruído pela tempestade. Todas as tendas e tochas, todas as paliçadas de suprimentos se foram. Nem mesmo os escombros ficaram. No começo, ele se preocupou que até os Crystal Skimmers tivessem sido levados pela tempestade, mas quando ele olhou para a duna onde eles deixaram Tappa com os outros Skimmers, as areias se moveram. Um de cada vez, saíram os Skimmers, berrando e gemendo uns para os outros enquanto emergiam. Eles desceram quando o Dousan voltou para a beira do lago. Periss abriu caminho pela multidão para agarrar Naia pela cintura. Ele a ergueu. "Você fez isso! Eu sabia que você podia!" Ela o empurrou quando ele a colocou no chão. "Era todos nós. E não faça isso de novo." Erimon, menos exuberante que seu irmão, deu um passo adiante. Eles contemplaram juntos a Árvore Nascente. "Estávamos errados", ele murmurou. "Peris. . ." "Seu esquife de areia fará um bom pedido de desculpas", respondeu Periss. Naia olhou entre Kylan e Amri com um sorriso ofuscante. Amri o devolveu, sentindo-o irradiar de seu núcleo. A sensação era imparável, como o fogo que queimava até agora no claustro da caverna de Dousan. A árvore. O fogo Dousan acendeu. Até Tavra falou gentilmente em seu ouvido. "Você fez muito bem, Shadowling," ela disse. "E como você está, filhote de aranha?" ele respondeu. "Cansado." No passado, suas respostas curtas sempre pareciam distantes, como se ela não quisesse falar com ele mais do que precisava. Mas desta vez

ele ouviu algo mais. Nem tristeza, nem relutância; exatamente o que ela disse. Cansaço. Com um sobressalto, ele percebeu que talvez fosse assim que ela era: não fria, mas reservada. Ele se lembrou do sonho que eles compartilharam, quando resgataram Onica. Mesmo assim, com quem ela amava, ela se conteve. Não para esconder as coisas, mas porque era assim que ela era. Ele mudou seu peso, desajeitado com a ideia de formação. Lembrando que gelo também era água. “Qualquer coisa que eu possa fazer?” ele perguntou. “Eu não poderia pedir mais do que você já fez.” O berro de um Crystal Skimmer perfurou a calma. Os outros Skimmers assobiaram em resposta, farfalhando mais longe das areias enquanto o Crystal Skimmer vinha deslizando rudemente do deserto. O convés amarrado às suas costas estava em ruínas, o próprio Skimmer coberto de arranhões e feridas mais pesadas da tempestade. A tripulação a bordo mal se segurava quando o Skimmer parou. “O Skimmer de Maudra Seethi,” Erimon ofegou. Amri e Naia seguiram o mestre de areia até o Skimmer, que gemeu de dor. Dousan carregando água do lago cuidava dele enquanto Erimon saltava para os arreios do Skimmer, ajudando a descer os magros restos de uma tripulação maltratada. Kylan ajudou um dos tripulantes a descer, empurrando um copo de água para ele enquanto tossia poeira e areia. Erimon saltou para encontrá-los. “Mestre da Areia Rek’yr! O que aconteceu! Onde está Maudra Seethi?” O Dousan balançou a cabeça. “Fomos pegos pela parede de tempestade. Nós recuamos para o sul, esperando que ele quebrasse, mas isso nunca aconteceu. Enquanto esperávamos ao longo do

extremo sul, veio um cata-vento." "De Ha'rar?" Náia perguntou. Ela olhou para Amri. "Sim. A tragédia atingiu. Maudra Seethi nos deixou para atender seu chamado." Todo o calor foi drenado do corpo de Amri, substituído por um frio que ele não tinha certeza se poderia ser aquecido. Rek'yr tossiu novamente e gemeu, tirando um pergaminho amarrado com um pedaço de barbante de prata. Ele passou para Erimon como prova. Amri esperou enquanto ele lia, embora com um pavor horrível, ele sentiu que sabia que palavras viriam da boca do mestre de areia em seguida. "Os maudras foram convocados para Ha'rar pela princesa Seladon", disse ele. "Toda Maudra Mayrin está morta."

## CAPÍTULO 20

Amri sentiu como se tivesse ouvido errado. Erimon passou o pergaminho para Kylan, que o leu novamente. Amri não precisava ler. Ele não queria. Não explicaria como ou por que ou quem tinha feito isso. Apenas que tinha acontecido. Ele estendeu a mão para ver se Tavra ainda estava em seu ombro. Ela estava onde estava desde que pularam no lago, mas não disse nada. Nenhum deles o fez, até que Amri não aguentou mais. “Você acha que é por causa do que ela disse no espaço dos sonhos?” ele sussurrou. “Porque ela jurou resistir aos Skeksis?” Kylan cruzou os braços, silenciosamente torcendo as orelhas para trás. Ele não aparecia quando estava chateado como Naia, mas Amri estava começando a aprender a linguagem corporal do menino Spriton, e agora chateado era dizer o mínimo. “Ela disse que acendeu o fogo”, disse o contador de canções. “Mas quando acendemos o fogo Dousan, vimos Ethri e Tae. A história de Sifa foi gravada em sonho na parede do claustro. . . mas não vimos nada sobre o Vapra de Ha'rar. Se esses fogos de resistência têm a ver com unir os Gelflings e compartilhar a música que todos estamos contando – e se All-Maudra Mayrin realmente acendeu o fogo Vapra – deveríamos ter visto. Não, isso não está certo. Não está certo.” “Você acha que ela não acendeu o fogo, afinal?” Náia perguntou. “Talvez ela tenha pensado que sim,” Onica disse solenemente. “Talvez ela tenha morrido tentando.” Eles não tinham nenhuma prova, exceto o sentimento em seus corações. Amri não queria acreditar, mas também não podia negar: o fogo Vapra nunca havia sido aceso. Amri estremeceu. Se os Vapra não estivessem unidos



e a All-Maudra não estivesse mais lá para liderá-los - e não apenas isso, mas se ela tivesse sido morta por se rebelar contra os Skeksis - havia apenas um caminho antes de Amri e seus amigos . Afinal, eles estavam indo para Ha'rar. Erimon também sabia. "Você pode levar Tappa", disse ele. Ele se virou e tocou a buzina, gritando ordens para que sua tripulação preparasse o Skimmer. Apesar de quase ser destruído na tempestade, o Dousan atendeu ao seu chamado. "Quanto tempo levará para chegar a Ha'rar por Crystal Skimmer?" Náia perguntou. "Tappa é o mais rápido no xeric de Erimon. Ela pode chegar às montanhas em alguns dias, se partirmos antes que as areias subam", disse Periss. "Especialmente com Erimon no comando." "Eu confio que você vai reduzir pela metade meu tempo, então, meu irmão." Periss tossiu quando Erimon empurrou a buzina de comando em seus braços. "Espere o que?" "Devo ficar aqui. Com Maudra Seethi a caminho de Ha'rar, cabe aos mestres da areia liderar o Dousan e orquestrar nosso . . . resistência." Aqui ele olhou para Amri, Naia e Kylan. "Agora que a tempestade rebentou, os xerics continuarão a chegar. Vou contar a eles a música do que aconteceu aqui. E quando chegar a hora, atenderemos ao sinal das chamadas. Vamos nos juntar à luta contra os Skeksis." "Ainda não sabemos qual será esse sinal", disse Naia. Erimon fez uma reverência. "Nunca podemos prever totalmente a forma que um sinal assumirá. Só a conhecemos quando a vemos, ou a ouvimos, ou a sentimos de alguma outra forma. Mas tenho fé em Thra e em você. Cuidarei para que Dousan não abandone os presentes que nos foram dados. Não como fizemos no

passado, nem nunca mais.” A tripulação gritou seus preparativos das costas de Tappa. Erimon envolveu seu irmão em um abraço firme. “Entregue-os a Ha’rar. Então volte para nós em segurança, irmão.” Tappa foi rápida na tempestade, mas ela foi ainda mais rápida ao ar livre e aliviada de todos os suprimentos que carregava para a tripulação de Erimon. Sem carga, ela voou pelo deserto tão rapidamente que Amri mal podia ver o brilho das areias cristalinas; era tudo um borrão, um brilho e, em alguns lugares, uma onda de arco-íris enquanto o sol nascia. Era lindo, mas Amri lutava para apreciá-lo. Enquanto Kylan e Onica ajudavam Periss a manter as velas auxiliares, Amri observava o ritmo de Naia. "Eu realmente pensei que o All-Maudra tinha acendido o fogo", disse ele depois de vê-la atravessar o convés pelo menos noventa vezes. “Depois do que ela disse no espaço do sonho. Ela parecia tão certa.” "Como isso pôde acontecer?" Náia perguntou. “Como ela poderia falhar?” “Os Skeksis devem ter descoberto.” Foi a primeira coisa que Tavra disse desde que receberam a notícia. Ela ficou no corrimão da plataforma do convés de Tappa. “Mas não faz sentido fazer suposições aqui. Devemos ir a Ha'rar e encontrar alguém que possa nos contar o que aconteceu. Não há mais sonhos distantes ou enigmas de Thra. Eu quero respostas.” "Como você está levando isso?" perguntou Amri. Tentei manter a calma, para deixá-la saber que ele estava perguntando seus sentimentos e não sua opinião política. Ela hesitou em responder. “Estou preocupada com minhas irmãs. Estou preocupado com o meu povo.” “Você acha que Brea e Seladon estão em

perigo?” Amri não tinha ideia de como a morte de All-Maudra havia acontecido, muito menos como as duas princesas Vapra reagiriam à tragédia. Depois de vê-los lutando no Far-Dream de Onica, ele só podia adivinhar. "Eles podem ser", disse Tavra. "Seladon cuidará de Brea," ele disse a ela. Ele queria que soasse reconfortante, mas na verdade não sabia se isso era verdade. Ele próprio não tinha irmãs, mas as mais velhas deveriam cuidar das mais novas, não era? Pelo menos, foi o que Tavra e Naia provaram para ele. Tavra ficou quieto por um longo tempo, imóvel. Ela enrolou uma perna. "Eu não sei se ela vai", disse ela. "Esse é o meu maior medo. Minha mãe colocou seus deveres em primeiro lugar e suas filhas em segundo. Era difícil encontrar maneiras de ganhar seu amor. Por causa da nossa estação. Mas nós tentamos. Para mim, isso significava me tornar um soldado. Para Brea, tornando-se um estudioso. Para Seladon, isso significava se tornar All-Maudra um dia. . . mas a pressão era muitas vezes demais. Ela não está pronta, e temo que os Skeksis saibam disso. "Você deveria ser All-Maudra," Naia disse de repente. A ideia deu vida a uma estranha fantasia. Tavra, em seu corpo Gelfling. Espada na mão, envolta nos mantos prateados com a coroa viva na testa. Ela tinha viajado mais longe do que qualquer um deles, sabia mais sobre o estado do mundo. Conhecia todos os Skeksis pelo nome, sabia como se esperava que o All-Maudra se comportasse. Tinha o respeito de seu clã como uma princesa Vapra, mas conhecia em primeira mão as dificuldades que se abateram sobre os Gelflings que tiveram o azar de se encontrarem nas garras esmagadoras dos Skeksis. Se alguma

vez houve um líder que o Gelfling pudesse olhar, Amri percebeu, era Tavra. Tavra, que estava trancada no corpo de uma aranha, cuja voz mal podia ser ouvida mesmo por aqueles que sabiam o suficiente para ouvir. "Isso é impossível", disse Tavra. Ela deslizou para baixo da amurada e desapareceu na mochila de viagem de Kylan. Fiel à estimativa de Erimon, quando a noite desceu, Tappa os levou por quase todo o deserto. Amri traçou seu caminho em um dos mapas de Kylan, encontrando o lugar onde eles cortaram as montanhas no rio de areia de Cera-Na. Das formações de terra que ele podia ver, ele encontrou seu curso cortando ao longo da bacia interna das montanhas, em direção ao nordeste. "Existe outro rio de areia que leva a Ha'rar?" ele perguntou a Periss enquanto o céu escurecia. "Sim. Acho que chegaremos à neve amanhã à meia-noite. Está vendo a luz Waystar?" Periss apontou para a luz brilhante que espreitava sobre o cume das montanhas. Amri se lembrou do que Tavra havia dito sobre a luz. Que era um bosque de árvores estelares, guiando viajantes para Ha'rar como faziam as lanternas dos marinheiros. À medida que aceleravam sobre as areias, aproximando-se a cada momento das montanhas, a luz brilhava mais forte, branca com uma auréola azul. Ao contemplá-lo, Amri sentiu um estranho, mas bem-vindo, senso de direção. Como se apenas ter um guia tornasse a jornada menos assustadora. Talvez seja por isso que os Vapra olharam para o Waystar em tempos de necessidade. Ele se perguntou se alguém cuidava do bosque Waystar como alguém cuidava das lanternas. Talvez o mesmo alguém. Alguém lá fora, certificando-se de que os viajantes

encontrassem seu caminho. Certificando-se de que eles tinham esperança. "O Tappa pode viajar no frio?" ele perguntou. Tappa balbuciou com um trinado agudo. Peris balançou a cabeça. "Vou deixá-lo na linha de gelo", disse ele. "Mas a partir daí será apenas uma curta caminhada até a cidade. . . E de qualquer forma, se você entrar a pé, é menos provável que seja visto ou notado pelos Skeksis, se eles realmente tomaram a cidade." "Como você . . . Oh. Certo. Ladrão." "Sua namorada é realmente outra coisa", disse Periss. Ele acenou para Naia, que estava sentada na cabeça de Tappa, onde estaria a proa se o Skimmer fosse um navio. Suas asas pegaram o vento como velas, embora o ar estivesse ficando menos seco à medida que eles começaram sua aproximação distante na região montanhosa. "Você realmente acha que pode acender uma fogueira com o Vapra?" "Não sei se podemos, mas temos que tentar", disse Amri. Ele tentou não deixar a observação de Periss se transformar em dúvida. Então ele tossiu, as bochechas queimando. "E ela não é minha namorada. . ." "Vocês sonharam juntos?" As orelhas de Amri ficaram chatas com a pergunta direta. Claro que ele tinha sonhado com Naia, mas apenas para compartilhar memórias que eles precisavam compartilhar, então a verdade dos Skeksis e a mensagem que eles carregavam não seriam esquecidas. Mas havia outras lembranças, mais secretas e íntimas. Esperanças e medos particulares. Memórias que ele tinha só para si, coisas bonitas que ele tinha visto quando estava sozinho. Sonhos que ele teve e pesadelos. Amri sempre esperou um dia encontrar alguém com quem compartilhar essas memórias.

Alguém em quem ele confiava o suficiente e que confiava nele para realmente sonhar rápido. Para compartilhar tudo. Nunca lhe ocorrera que alguém pudesse ser Naia. Até agora, e só graças a um ladrão astuto de Dousan. Periss sorriu de orelha a orelha, como se fazer Amri corar de vergonha fosse seu novo jogo favorito. "Não. Não desse jeito," ele murmurou. "Você quer?" perguntou Peris. "Quero mudar de assunto." O sorriso desapareceu, e o Dousan olhou para o norte, em direção ao Waystar. As tatuagens em seu rosto brilhavam sob as luas e estrelas, ficando sérias enquanto ele contemplava a tarefa à frente de Amri e seus amigos. "Ha'rar é uma cidade grande", disse ele. Amri assentiu e respondeu: "Então terá que ser um grande incêndio". Dormiram e viajaram mais um dia inteiro antes de chegar à beira das montanhas. Amri praticou suas posturas de espada, defesas e estocadas. Imaginado derrubando Skeksis atrás de Skeksis enquanto ele atacava uma cidadela repleta de feras escurecidas. Parecia heróico em sua mente, essa parte - a acusação, o pensamento de que ele poderia derrotar sozinho os monstros que poderiam ter tomado a cidade brilhante - mas no final, mesmo em suas fantasias, quando ele finalmente alcançou o trono, o All-Maudra já estava morto. Não importa o quão rápido eles chegaram a Ha'rar, não importa o quão heroicos eles possam ser. Não importa o quão parecido com um diurno ele se tornou. Não importa quantos fogos fossem acesos e não importa quantos Skeksis eles pudessem derrotar, este final já estava forjado. Suas vitórias até agora, e qualquer que viesse no futuro, sempre carregariam o peso da tragédia. Eles alcançaram as

montanhas quando a segunda noite caiu. Tappa não tinha visão noturna, mas enquanto nadava para as montanhas, seus trinados ficaram suaves e agudos, tão altos que até Amri mal podia ouvi-los. Os sons ricocheteavam na rocha e nas montanhas, mesmo abaixo da areia, guiando o Skimmer para uma passagem estreita. Seu ritmo diminuiu quando ela encontrou o rio de areia e deslizou contra a corrente e para cima. Teria sido impossível fazê-lo em um esquife, mas as barbatanas do Skimmer pairavam logo acima das areias, deslizando no ar quente que subia enquanto o ar frio descia das montanhas. Periss tocou a buzina quando a geada apareceu nas árvores e nas rochas. Tappa desceu do rio de areia e se apoiou em uma rocha. Sua pele havia mudado de um ouro profundo para um amarelo pálido, sua pele tremendo de frio. "É aqui que nos separamos", disse Periss enquanto eles se reuniam no convés, vestindo suas capas e capuzes enquanto o ar frio descia das montanhas prateadas. Naia apertou as mãos do Dousan. "Obrigada", disse ela. "Safe viaja de volta para Wellspring. Tenho certeza de que nos encontraremos novamente." "Tome cuidado. Com o All-Maudra morto. . ." Ele não terminou. Em vez disso, ele pegou um colar de joias, emaranhado com pulseiras de metal, de sua bolsa e as entregou. "Esses são os lindos de Sifa. Agora estamos quites." Despediram-se do resto de suas despedidas, então pararam nas rochas congeladas e observaram até que a silhueta de Tappa foi engolida pelas sombras. Amri respirou fundo o ar calmo, ouviu o vento soprando nas árvores. Aqui, a terra estava intocada pela escuridão que se espalhava. Amri se perguntou se as árvores, as rochas e o rio de areia sabiam

ou se importavam com o fato de o Todo-Maudra ter sido morto. Ele não tinha ideia do que poderia ter acontecido no período entre a morte de All-Maudra e agora. Ele tentou absorver os últimos momentos de paz, esperando que não fosse tarde demais. "Tudo bem", disse Naia depois de um momento. "Vamos lá." A caminhada até a montanha era familiar, uma encosta íngreme e coberta de neve cercada de ambos os lados por penhascos íngremes, retos e cristalinos. Era mais difícil do que o caminho que seguiram quando caminharam pela primeira vez até a costa para conhecer Onica. Mais íngremes e mais frios, ficando mais brilhantes à medida que seguiam a luz distante do Waystar. Quando chegaram ao topo da subida, suas cabeças caindo sobre os penhascos como se estivessem quebrando a superfície de um lago congelado, Amri olhou. Um portal se erguia das rochas cinzentas e brancas, como a própria entrada para o céu: dois postes de pedra com magníficas portas abertas de prata em forma de asas. Amri tocou o metal frio e brilhante. Seus dedos ficaram presos por um instante onde descansavam, fazendo cócegas com o gelo antes de derreter com o calor de sua mão. Eles passaram pelos portões em silêncio, seguindo o caminho que mudava de terra natural para degraus esculpidos e, finalmente, para um caminho de pedra plana. Eles subiram a colina, e Amri viu a cidade cristalina e coberta de neve que ele só tinha visto em sonhos. Eles finalmente chegaram a Ha'rar. Como os cristais em um geodo quebrado, a cidade de Ha'rar brilhava na concha protetora das montanhas, coberta de neve e brilhando com a luz da lua e das estrelas. Na extremidade mais distante da cidade, um



edifício majestoso se erguia de costas para o largo Mar de Prata. Parecia um pingente de gelo, ou uma das muitas estalagmites de cristal em Domrak e nas Cavernas de Grot. Cada característica elaboradamente esculpida refratou a luz das luas e do Waystar, enviando arco-íris noturnos por toda a cidade. Era lindo, mas assustadoramente silencioso e ameaçadoramente escuro. “As lâmpadas deveriam estar acesas, não deveriam?” Kylan perguntou, sussurrando intuitivamente. As ruas eram tão áridas e silenciosas que mesmo uma voz suave teria chegado a ouvidos perigosos. “Onde está todo mundo?” Sem as lâmpadas e as lanternas dos marinheiros acesas, Ha'rar sentia-se tão frio quanto a floresta invernal que esperava na escuridão além dos portões. O reflexo de Amri distorceu e ondulou nas construções de pedra e gelo, e o vento soprou neve seca pelos caminhos da pedra-mãe. Os cristais de gelo soavam como o deslizar de milhares de pés minúsculos. “Não podemos adivinhar.” Tavra voltou para o ombro de Amri, o ar tão parado que todos podiam ouvir suas palavras de mau presságio. “Devemos ir até a cidadela e descobrir o que aconteceu. E acima de tudo, se encontrarmos Skeksis, não devemos ser pegos.” O caminho para a cidadela era direto, embora parecesse errado avançar pela estrada principal como um atacante em um castelo. Em vez disso, Tavra os levou ao longo dos caminhos laterais, através de becos e sob beirais sombrios com neve. Ao se aproximarem da cidadela, Amri sentiu um tremor abafado pelas solas de suas sandálias. “Espere...” Os quatro se abaixaram para fora de vista assim que passos pesados trovejaram pela rua em passos largos e

pesados. “Oh não,” Amri sussurrou. Skeksis. Dois deles, passando na rua bem na frente deles. Um usava uma armadura de ombros largos e escamas pretas, cobrindo as costas espinhosas como a carapaça de um armalig. Cabelos grisalhos — ou seria pêlo? — cresciam em sua testa e bochechas rombas, lançando uma sombra nebulosa sobre seus lábios carrancudos e olhos amarelos penetrantes. O outro estava mais ereto em seu manto carmesim e preto, blindado e adornado com brilhantes correntes de ouro. Ele parecia mais alto ainda, graças ao espinho carnudo que se projetava do topo de sua cabeça como um chifre. “SkekUng e skekZok,” Tavra sussurrou. “O General e o Mestre de Rituais.” O Geral. Aquele cujo nome skekLi havia invocado enquanto os desafiava no Santuário Grottan. Mesmo quando o derrotaram, embora ele e seus asseclas tivessem deixado Domrak e o clã Grottan em ruínas. E o Mestre de Rituais, que havia contado a skekSa sobre Naia e Gurjin. Espere para ver o que skekUng está fazendo, ele disse. As aranhas eram apenas um prólogo. Os dois Skeksis pararam e Amri prendeu a respiração. Eles foram ouvidos? “Você ouviu alguma coisa?” skekUng perguntou, apertando os olhos para o beco, mas não vendo nada. Pela primeira vez, a escuridão estava do lado deles. “Provavelmente apenas algum estúpido Vapra childling,” retumbou Lord skekZok. “Ignore isto. Concentre-se em terminar nossa tarefa e sair deste ninho fedorento de Silverling. SkekUng fungou, então cuspiu, curvando o lábio. “Isso é uma perda de tempo. Digo que matamos a princesa como matamos a mãe dela e deixamos o Vapra se curvar diretamente para nós. Como deveriam.” “Minha mãe,” Tavra

sussurrou no ouvido de Amri enquanto os dois Skeksis se arrastavam novamente em direção à cidadela. “Eles a assassinaram, afinal...” Quando os lordes saíram do alcance da voz, Amri ouviu alguém se aproximar por trás. Antes que ele pudesse reagir, uma figura encapuzada o agarrou, empurrando a lâmina fria de uma lâmina contra seu pescoço. “Espere!” disse Onica. “Ele está possuído por uma aranha,” sibilou uma voz feminina, familiar no ouvido de Amri. “No ombro dele – rápido, pegue e esmague!” “Não, não é...” A explicação de Amri foi interrompida, quase literalmente demais, pela lâmina de seu atacante. Ele estendeu as mãos e acenou enquanto Tavra corria em seu cabelo. “Não é o que você pensa!” Onica entrou, puxando o capuz para revelar seu rosto. “Abaixe a faca, Tae! Está tudo bem!” A familiaridade clicou. Amri reconheceu as joias na mão do Sifa onde ela segurava a faca. “Eu vi o que esses cantores de cristal podem fazer”, disse ela. “Agora pegue e mate enquanto eu o seguro, antes que seja tarde demais!” “Não é o que você pensa,” Amri disse, tomando cuidado para não se mover. “Tava. . . está na hora. Você tem que dizer a ela. Tae, sem movimentos bruscos, tudo bem? Amri não podia ver Tavra quando ela se revelou, mas ele podia ouvir Tae suspirar e enrijecer. Tavra soltou um suspiro cansado. “Tae, sou eu. Katavara.” “Tava? Mas como . . .” A garota Sifa vacilou, deixando Amri respirar sem uma faca no caminho. Ele empurrou a lâmina o resto do caminho de seu rosto e se virou para ela. “É uma música que devemos contar em outro lugar”, disse Amri. Tae não conseguia desviar o olhar da aranha em seu ombro. Ela assentiu. “Siga-me,” ela disse, então se apressou. Eles

seguiram, deixando a cidadela atrás deles, embora Amri ainda pudesse senti-la olhando para baixo em suas costas.

## CAPÍTULO 21

No extremo de Ha'rar, os penhascos desciam para o oceano. Uma escada estreita e esculpida cortava a encosta íngreme da montanha e os depositava no cais, um trecho de plataforma de gelo encostado no penhasco de Ha'rar com pilares de pedra. Postes de metal — usados para atracar navios, Amri imaginou — espetados no gelo e na água como espinhos. Mas todos estavam vazios. O que provavelmente tinha sido um mercado movimentado e desembarque para o Sifa e outros marinheiros agora estava estéril e silencioso. Havia apenas um navio no porto, uma embarcação Sifa

familiar com velas vermelhas, azuis e roxas. Amri se sentiu mais segura assim que entraram, a porta da cabine trancada e as almofadas e colchas os cercando com o cheiro das ervas de Onica e samambaia de Sifa. “Onde está Ethri? Onde está o Omerya?” perguntou Onica. “O que você está fazendo em Ha’rar?” “Acompanhei Ethri quando ela respondeu à convocação de Seladon. Não sabíamos o que esperar quando chegamos aqui, então pegamos seu navio em vez do Omerya”, explicou Tae. “Vou te dizer o que sei, mas primeiro você precisa explicar o que aconteceu com Tavra.” Sentaram-se à mesa e Naia contou a música do que havia acontecido. Sobre Krychk, o cantor de cristal, que assumiu o corpo drenado de Tavra para se infiltrar na resistência Gelfling. Como Kylan usou a costura dos sonhos para prender a alma de Tavra ao corpo da aranha quando seu corpo físico morreu. Por fim, como eles enviaram sua mensagem sobre a traição dos Skeksis com a Árvore do Santuário. Foi apenas o começo do resto: a viagem para Dousan Wellspring depois que deixaram Cera-Na. Tudo isso. Embora acender o fogo com o Dousan parecesse levantar o ânimo de Tae, foi o destino da princesa Vapra antes dela que ela voltou quando terminaram de contar sua história. “Então você ainda é capaz de fazer o que os cantores de cristal fazem, e sussurrar músicas nos ouvidos de Gelfling”, disse Tae. “Como é?” Amri não tinha certeza se a pergunta era para ele ou Tavra. Tavra parecia hesitante em responder, especialmente porque as ocasiões em que isso aconteceu não foram planejadas. No navio de skekSa e depois na tempestade do deserto. “É como o jejum dos sonhos”, Amri respondeu por ambos. “Você sabe como

em um dreamfast, você se sente como se fosse outra pessoa, apenas por esse sonho? Foi assim. Eu me senti como se fosse ela.” “E eu era você,” Tavra terminou concordando. “Sim, foi como um jejum dos sonhos. Consegui ver através dos olhos de Amri. Quando voamos para salvar Onica dos Crystal Skimmers, foi como se por um momento. . .” Como se por um momento eu fosse Gelfling novamente, ela estava prestes a dizer. Amri franziu a testa. Ele se perguntou como deve ter sido, mesmo que por um momento. Voar mais uma vez, apenas para ter que voltar a ser uma aranha novamente. “Eu não posso acreditar nisso,” Tae exclamou. Ela pressionou as palmas das mãos nos olhos, como se pudesse apagar a estranheza de sua mente. “Todo aquele tempo em Cera-Na. No navio de skekSa. Quando acendemos as fogueiras, você estava lá. Por que você não disse nada?” “O que havia para dizer?” Tavra perguntou com um encolher de ombros do tamanho de uma aranha. “Minhas próprias irmãs não sabem que ainda estou viva. Se esse estado pudesse ser chamado de vivo.” Antes que Tavra pudesse ir muito longe nesse caminho deprimente, Onica falou. “Tae, é a sua vez. O que aconteceu? Ouvimos o general dizendo que os Skeksis mataram a All-Maudra — é verdade? “Tudo o que todos sabiam era que ela havia morrido, mas não estou surpreso ao saber que foram os Skeksis que a mataram!” Tae juntou os dedos em um punho raivoso, então suspirou, balançando a cabeça com um bufo de frustração. “Seladon mandou os catadores de vento com os pedaços da coroa viva e a mensagem que Mayrin havia passado. A maudra veio a Ha'rar para abençoar a ascensão de Seladon como All-Maudra. Ethri e eu assistimos

à bênção, mas foi. . . errado. Agora que sei que foram os Skeksis que acabaram com Mayrin, faz mais sentido.” “O que você quer dizer?” perguntou Amri. Tae apoiou o queixo nos dedos cruzados. “Na frente de todos os maudras, Seladon declarou All-Maudra Mayrin um traidor. Recusou-se a devolver seu corpo mortal a Thra – desobedeceu a tradição sagrada ao fazê-lo. Então, na cerimônia de bênção, ela invocou a ordem Skeksis. Declarou a lealdade do Vapra ao Castelo do Cristal e ao Imperador skekSo. Quando chegasse a hora da maudra abençoar sua ascensão, se alguém se recusasse. . .” “Então era tão bom quanto declarar guerra contra os Skeksis,” Tavra terminou. “Isso foi planejado pelo imperador skekSo. Um jogo de poder como este cheira a sua manipulação. O que aconteceu quando ela pediu as bênçãos?” “Eu pensei que com o Mestre de Rituais e o General tão perto, a outra maudra poderia ser intimidada a se comprometer de qualquer maneira,” Tae disse. “Ethri não sabia o que fazer, então ela abençoou Seladon na esperança de que a união entre os maudras ainda pudesse apoiar a resistência. Mas . . .” “Minha mãe reteve”, disse Naia. Ela olhou para baixo, lábios apertados e pensativo. A mãe de Naia, Maudra Laesid, cujos dois filhos se tornaram alvos das mentiras de traição dos Skeksis. É claro que ela não abençoaria um Todo-Maudra que jurasse lealdade aos Skeksis. Tae assentiu. “Assim como Maudra Fara do Stonewood.” “E quanto a Maudra Argot?” perguntou Amri. “A outra maudra?” “Maudra Seethi e Maudra Mera abençoaram Seladon. Se eles juram ao imperador skekSo ou temem seu poder, eu não sei. Quanto a Maudra Argot, ela



enviou seu pedaço da coroa, embora não tenha comparecido pessoalmente. Após a cerimônia de bênção, Ethri voltou a Cera-Na para dar a notícia, mas eu fiquei aqui.” “Você não deveria”, disse Tavra. “É perigoso. Há uma tempestade chegando. Pode não estar no céu, mas é negro como os mantos de Skeksis e as chuvas afiadas como seus dentes e garras.” As bochechas de Tae coraram, mas ela cruzou os braços e não recuou. “Eu sei que. Mas da última vez que enfrentei uma tempestade perto de Ha'rar, não pude fazer nada para detê-la. Você tinha que me salvar. Desta vez, farei tudo o que puder para salvar.” Naia e Kylan olharam um para o outro e Amri lembrou que ele era o único que tinha visto as memórias de Tavra e ouvido de Onica sobre seu sonho distante da tempestade. Naia e Kylan não tinham ideia do que Tavra e Tae estavam falando. “Não adianta discutir sobre isso agora”, disse Onica, quebrando o estranho silêncio. “Tae está aqui e ela trouxe minha nave. Em vez de dizer a ela que ela estava errada em fazer isso, podemos aceitar. Naia deu um soco na mesa. “Certo. A tempestade está vindo de qualquer maneira. Estaríamos melhor preparados.” Amri falou seus pensamentos em voz alta, embora não soubesse se algum deles tinha autoridade para adivinhar as respostas. “O que você acha que Maudra Fara vai fazer, agora que ela desafiou Seladon? Stone-in-the-Wood fica mais próximo de todos os clãs do Castelo do Cristal. Eles são o povo de Rian - certamente eles acreditam e apoiam ele agora. Você acha que eles vão. . .” “Os Stonewood são leais e Maudra Fara é uma maudra feroz para seu povo”, disse Kylan. “Eu aprendi isso quando ela nos forçou a sair em vez de nos oferecer

refúgio. Se ela decidiu ficar com Rian, e sabe que os Skeksis virão para seu povo primeiro. . .” “Ela pode ir para a guerra com eles,” Tae terminou. “Ela disse isso quando desafiou Seladon. E Naia, sua mãe, Maudra Laesid. O que você acha que ela vai fazer?” “Lute”, respondeu Naia sem hesitar. “Ela não perdeu a perna fugindo das batalhas. . . Mas isso está errado! Agora não é a hora de qualquer um deles estar brigando entre si. Precisamos nos unir, não nos separar!” “Isso é como eu temia,” Tavra disse calmamente. Ela desceu pelo braço de Amri e foi até a mesa, onde todos podiam ouvi-la. “Os Skeksis estão usando Seladon. Essa é a verdadeira razão pela qual mataram minha mãe. Eles descobriram que ela estava planejando resistir a eles e sabiam que Seladon seria mais fácil de manipular.” “E porque eles sabiam que você se foi,” Amri terminou. Ele pensou novamente no que Naia havia dito nas costas de Tappa. Que Tavra deveria ser All-Maudra. Ele odiou o pensamento, não porque não estava certo, mas porque parecia tão impossível. Ele não queria pensar em todas as maneiras que isso teria mudado o passado, e como poderia ter mudado o futuro, se fosse para ser. “Você sabe onde Seladon está agora?” Onica perguntou a Tae. “Essa é a coisa. Depois que ela assumiu a coroa viva, ninguém a viu. Há rumores entre os Vapra de que ela deixou Ha'rar e que apenas o Mestre do Ritual e o General permanecem. Eu estava tentando segui-los até a cidadela esta noite quando encontrei você. Esperando descobrir se Seladon foi morto como o All-Maudra, ou capturado pelos Skeksis. O fato é que, enquanto ela não se levantar contra eles, os Vapra permanecerão dóceis, ainda que incertos.”

“Como os Stonewood, os Vapra são leais,” Tavra murmurou. “E agora vejo que é uma falha. Se o líder deles não levantar a voz contra os Skeksis, eles também não o farão. Mas se esse líder não tiver voz. . .” Um silêncio desconfortável e frio caiu sobre a sala. Quase parecia a morte. Qual era o sentido de continuar, se este era o Ha'rar em que eles finalmente chegaram? Depois de tudo que eles superaram, apenas para chegar e encontrar o All-Maudra assassinado. O fogo Vapra apagado, seu trono tomado por uma filha que se curvou para os Skeksis. Amri caiu e colocou a cabeça entre as mãos. “Isso não pode ser. Tem que haver algo que possamos fazer,” ele sussurrou. Tae deu um soco na mesa. “Isso não é justo, Tavra! Deve ser você liderando o Vapra – sua voz que deve ser ouvida. Deveria ser você contra os Skeksis pelos Vapra, não Seladon! Todo mundo sempre soube que deveria ser você!” A resposta de Tavra foi mais sombria do que nunca. “Mesmo se eu não fosse assim, não tenho direito ao trono. Seladon é o mais velho.” “Você poderia desafiá-la,” Tae insistiu, todo fogo e vento. “E você venceria.” “Claramente eu não iria, pois me faltava coragem para resistir aos Skeksis quando descobri sua verdade, levando a essa situação.” “E ainda assim você luta, como um verdadeiro líder—” “Porque não há mais nada que eu possa fazer!” Tavra brilhou, refletindo a luz do fogo das velas na cabine. Foi o único sinal de emoção de seu corpo de cristal. . . isso, e a pontada de dor que cortou sua voz. “Claro que gostaria de poder substituir Seladon. Lidere meu povo. Mas não posso! O Vapra não pode me ver. Ha'rar não pode ouvir minha voz. Não posso empunhar uma espada contra aqueles que mataram minha

mãe. Eu não posso nem segurar a pessoa que eu amo. Então deixa pra lá, Tae. Deixe-me ir e encontrar outro herói para colocar sua fé.” Tavra escorregou pelas rachaduras nas tábuas da mesa, um momento depois brilhando enquanto ela desaparecia no quarto. Qualquer coisa para escapar da conversa, Amri imaginou. Ele sentiu uma pedra dura no peito quando pensou em como ela deveria se sentir, presa em um corpo que não era o dela, incapaz de fazer o que ela faria. Onica foi quem quebrou o solene silêncio. “Viemos aqui esperando acender o fogo da resistência em Ha’rar”, disse ela. “Chegamos quase tarde demais em Cera-Na e na Fonte do Dousan. A All-Maudra nos disse em um sonho que ela acendeu o fogo Vapra, mas não acreditamos que ela tenha. Não havia sinal disso quando acendemos o fogo no Omerya ou nas cavernas de Dousan Wellspring. Precisamos encontrar uma maneira de unir os Vapra. Mas não sei como conseguiremos alcançá-los todos com os Skeksis na cidade.” Tae suspirou, passando as mãos pelo cabelo e puxando brevemente suas orelhas. “Os Skeksis pediram que os Vapra se reunissem nos degraus da cidadela amanhã à noite. Alguns acreditam que Seladon fará uma aparição lá e explicará o que o futuro reserva para Ha'rar. Outros acreditam que o General também anunciará que ela está morta. Talvez se os Vapra estiverem reunidos em um lugar, possamos alcançá-los. . .” “Mas o General e o Mestre do Ritual estarão assistindo,” Kylan terminou com um suspiro pensativo. “Se falarmos com os Vapra então, e mesmo se formos capazes de acender o fogo, os Skeksis saberão. Nossa rebelião secreta se torna uma declaração de guerra, e não sei se é uma que conseguiremos

vencer abertamente.” Amri pensou no Marinheiro, observando o fogo da lareira de Sifa acender com chamas de arco-íris do convés do Omerya. "Se eles já não sabem", ele murmurou. Tae estendeu a mão para segurar a mão de Onica na dela. "Onica, você vai olhar para o fogo para nós?" ela perguntou. "Pergunte a Thra o que devemos fazer e veja se Thra responde?" "Hum. Vou tentar." Onica se levantou e foi até a lareira de barro, como fizera no primeiro dia em que a conheceram. Amri limpou a mesa, deixando apenas a tigela de barro. Quando as ervas ardentes ficaram prontas, eles deram as mãos. Amri colocou seus pensamentos de lado, tentando estar presente enquanto Onica fechava os olhos, inalando profundamente o cheiro escuro da fumaça. Ele ouviu a respiração constante de Onica na pequena cabana silenciosa. Amri tentou igualar a respiração do Far-Dreamer. Suas pálpebras caíram quando a fumaça encheu seus pulmões, limpando sua mente. O navio balançava nas ondas, mas ele se sentia um com o movimento, como se ele estivesse flutuando na corrente. Nada saiu da escuridão. Depois de um tempo, Onica balançou a cabeça. A princípio, parecia que ela poderia estender a mão novamente, iniciar a meditação mais uma vez, mas no final ela se inclinou sobre a tigela, moendo as ervas e apagando sua chama. "Nada?" Tae perguntou, como se ela tivesse depositado todas as suas esperanças nisso. "Thra não está respondendo," Onica respondeu solenemente. "Nem sempre, e devemos encontrar paz nisso. Foi um longo dia, para todos nós. Não há nada que possamos fazer pelos Vapra esta noite, e não podemos ajudá-los se não ajudarmos a nós mesmos." Ela se

levantou, enrolou o xale nos ombros e os deixou, deslizando para trás da cortina que separava a cabana de seus aposentos. Amri mordeu o lábio enquanto o resto deles se sentava à mesa em silêncio. “Ela está bem?” perguntou Kylan. Tae olhou para Onica, como se ela pudesse fazer o Far-Dreamer voltar para a mesa e a fumaça. Mas nada se mexeu, então Tae desistiu, balançando a cabeça. “Não sei. Eu acho que ela está certa, no entanto. Devemos descansar enquanto podemos.” Amri começou a protestar, mas não sabia o que dizer. Onica era a Far-Dreamer e não tinha visto nada, e parecia ser isso. Ele trocou um olhar com Naia enquanto eles encontravam colchas para embrulhar para a noite. Ela estendeu a mão e apertou a mão dele. “Vai ficar tudo bem”, disse ela, mas seu calor e confiança habituais foram moderados. Todos eles sabiam o que estavam enfrentando. Não parecia certo dormir, seguro na cabana de Onica, enquanto os Skeksis lentamente arrancavam o fogo das lareiras dos Vapra. Em breve haveria apenas uma luz para olhar, e não seria o Waystar, mas o coração escurecido do Castelo do Cristal. Amri olhou para as ervas balançando acima. Um por um ele ouviu seus amigos adormecerem, Naia roncando suavemente por perto, enquanto ele permanecia acordado em pensamentos. O que os Vapra precisavam era algo para lembrá-los de que havia esperança. Algo para lembrá-los de que eles não estavam sozinhos. Era o que todos os Gelflings precisavam, mas agora que os Skeksis andavam nos salões da cidadela e dominavam todos os Ha'rar, eram os Vapra que mais precisavam. Não, não algo. Alguém. Mas Tavra não tinha corpo nem voz. Nenhuma

maneira de alcançar seu povo em seu estado atual. Tão pequena e silenciosa, esquecida assim que desapareceu de vista. Um rangido e um CLUNK ecoaram nas tábuas do casco do pequeno navio. A princípio, Amri pensou que fosse apenas o barco balançando contra o cais, mas depois veio de novo, seguido por um respingo. “Naia. Você ouviu isso?” Seu amigo não se mexeu com seu sussurro. Ele estendeu a mão e tocou seu ombro suavemente, mas ela apenas roncou e rolou para o outro lado. CLUNK. Ele disparou e então se foi, a cabine quieta e silenciosa. Apenas o fogo se movia, brasas brancas ondulando com o calor vermelho. Naia e os outros dormiam, imperturbáveis. “Tava?” ele sussurrou, mas nem mesmo a princesa respondeu. Arrepios correram pelas costas de Amri enquanto uma bateria, como mil dedos grossos, perfurou o casco logo atrás de sua cabeça. Ele se levantou, envolvendo o cobertor em volta dos ombros como se fosse protegê-lo do que quer que estivesse na água, cruzou a cabine e espiou o convés. Um espírito da água que atrai crianças para o mar. . . A noite estava congelada, a luz do Waystar refratando contra o céu, então parecia três vezes mais brilhante. Como uma estrela, brilhando dos penhascos das montanhas que cercavam a cidade, como se estivesse chamando o Vapra abaixo. Chamando silenciosamente, com sua canção sem voz. Amri saiu, olhando para ele. Ele guiou navios para o cais, trouxe viajantes para o norte quando eles vieram ao encontro do All-Maudra. Para ver a bela Ha'rar, um lugar cujo nome era conhecido por toda parte como a raça Gelfling havia viajado. Um lugar agora tão vulnerável quanto Domrak. Tão silenciado quanto um Silverling no corpo de uma aranha.

Ele pulou em um splash ao lado do barco. As ondas batiam contra o casco, perturbadas pelo que quer que estivesse na água. Amri seguiu os sons com os ouvidos. Era algo grande, maior que um Gelfling, batendo contra o barco enquanto ele circulava. Amri apertou ainda mais o cobertor e se aproximou da beirada, olhando por cima. As águas eram negras e impenetráveis. Ele viu seu reflexo, iluminado pelo Waystar, e se perguntou se isso era o que a escuridão era para os diurnos. Misterioso e assustador. Cheio de tudo e qualquer coisa, terrível e infinito. Amri engasgou quando uma forma quebrou as ondas. Um dorso longo com uma cauda ainda mais longa, prateada e escura. Ele colidiu com o casco e o navio inteiro balançou com um CLUNK ecoante, e Amri agarrou a amurada para não perder o equilíbrio. Ele correu atrás da forma enquanto ela submergia novamente. “Naia! Tavra! Tem alguma coisa aqui!” Ele se aproximou do outro lado do navio e viu a criatura novamente. Ele agarrou um rolo de corda, xingando enquanto tentava se lembrar de um nó – qualquer nó. Por que seus amigos não vieram? Por que eles não ouviram todas as batidas? Por fim, ele tirou um nó corrediço da corda. Com as mãos tremendo, ele esperou. As ondas voltaram, a água tremeluzindo, e ele jogou a corda. Ele aterrissou na água no momento em que a criatura a atacou, prendendo-a. As mãos de Amri queimaram na corda quando ela pegou a coisa, arrastando a linha enquanto mergulhava com uma força e velocidade incríveis. “Naia!” ele gritou. Ela não respondeu. Ela não veio. Um laço da corda veio correndo atrás dele. Antes que ele soubesse o que estava acontecendo, ele o pegou pelo tornozelo. Ele perdeu o



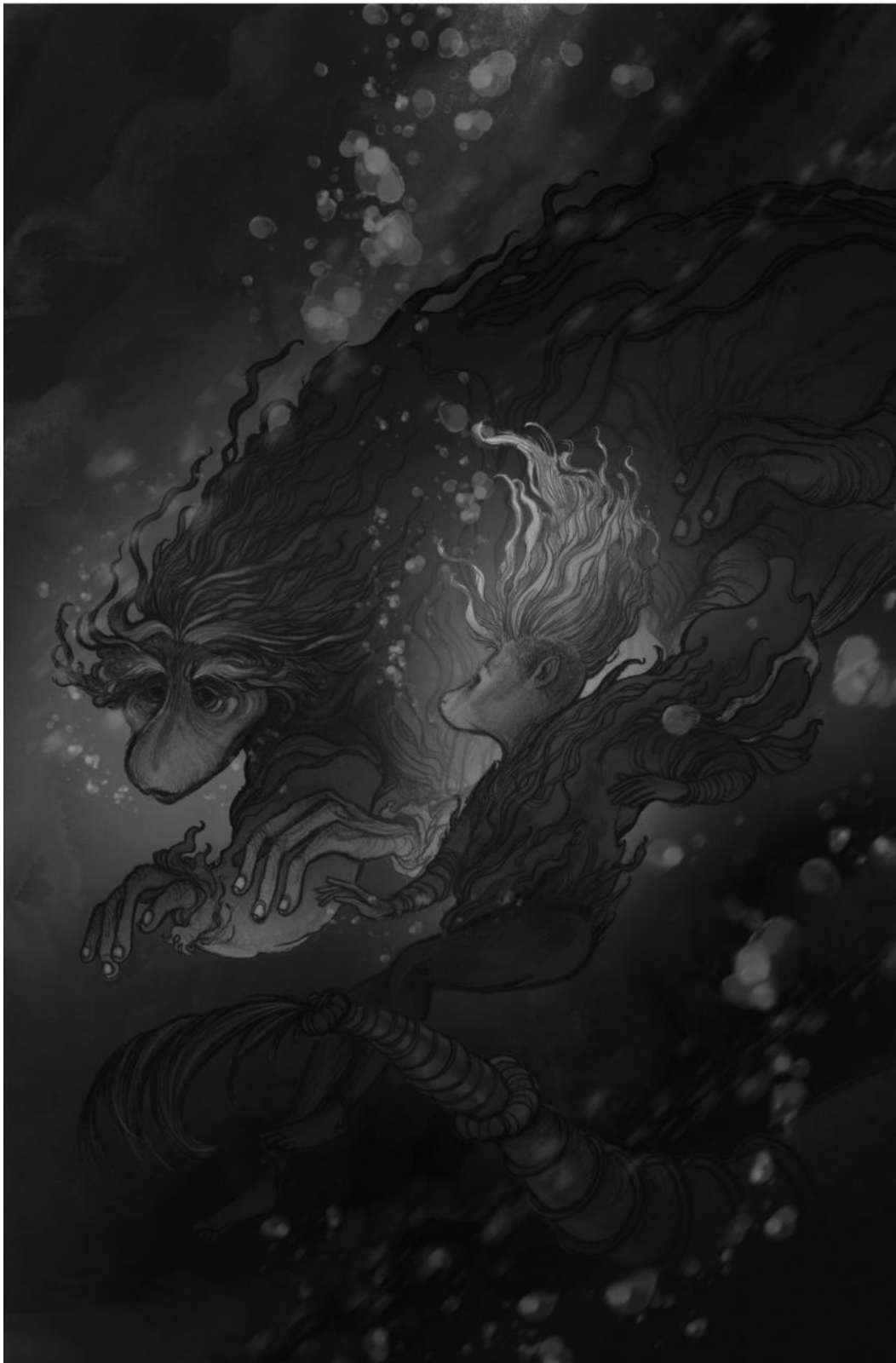
equilíbrio quando a linha passou pela lateral do parapeito, enrolando-se em suas pernas. Então ele estava caindo sobre o trilho, colidindo com a água gelada do oceano abaixo.

## CAPÍTULO 22

Amri sabia que não devia gritar debaixo d'água, mas não pôde evitar. O choque da água fria o atingiu como as mandíbulas de um monstro, atacando cada membro. Bolhas saíram de seus pulmões. Quando eles apareceram na superfície, Amri se perguntou se seus amigos ouviriam seu pedido de ajuda. "Oh. Olá." Ele cerrou seu último suspiro em seus dentes. Ele olhou ao redor, tentando encontrar o dono da voz, mas a água estava turva como tinta. Uma forma borrada correu abaixo dele, varrendo sua perna. A corda que estava emaranhada ali caiu, como se todos os seus nós tivessem sido dissolvidos por magia. Amri girou na corrente enquanto a criatura, enorme e inconcebível, desaparecia nas profundezas da água. Seus pulmões devem estar queimando agora, ele pensou, pressionando a mão contra a garganta. Ele se lembrou de como tinha sido em Wellspring, sua visão ficando cada vez mais enevoadada, salva apenas porque ele estava lá com Naia. Desta vez, flutuando no oceano que parecia espaço, ele não sentiu nenhuma dessas coisas. Ele nem sentia mais frio. "Eu estou morto?" ele perguntou. A água encheu sua boca, mas ele não se afogou. Ele se virava quando via movimento, mas a criatura que o rodeava, longa e ágil, estava sempre fora de vista. Ele mergulhou na água espessa, dando vislumbres escassos de sua longa cauda e membros poderosos que o impeliram através da água tão facilmente quanto um pássaro em vôo. "Nem um pouco," disse, como se as próprias águas tivessem falado. "Um. . . eu

vou morrer?” “Essa é uma pergunta estranha.” Amri apertou os olhos quando a coisa passou novamente, perto o suficiente para sentir as correntes da água que ela deslocava. Ele estendeu a mão, tocando o tecido esvoaçante e o cabelo macio. A voz da criatura era familiar, embora ele não pudesse identificá-la. Salgado como o mar, forte e eterno. “Você é um místico?” ele perguntou. “Hum . . . Eu sou muito místico.” A frase era familiar. Amri havia dito isso a Kylan e Naia sobre urLii, muito tempo atrás, quando todos eles visitaram o Túmulo das Relíquias juntos. A primeira vez que ele os trouxe para algum lugar familiar para ele. Um lugar nas cavernas que estava em seu domínio, longe de seu mundo. Onde ele esteve em casa e eles eram estranhos - e tudo o que ele queria fazer era ir embora. Seus pulmões ainda estavam sem ar. Ele pisou na água, imaginando quanto tempo levaria para chegar à superfície e o que encontraria quando chegasse lá. Se ele realmente estivesse morto, seria o fim? Essa água estranha e brilhante era a única coisa que o impedia de passar? “Eu vou”, disse ele. “Espere.” A criatura se aproximou, um monstro de vários membros pairando diante dele. Seu rosto estava quase perto o suficiente para ele ver, seu semblante ainda desconfortavelmente familiar. Ele levantou um membro, chegou perto o suficiente de Amri para que ele pudesse ver a textura de sua pele, escura e acetinada.





“Você é um místico,” ele engasgou. A canção do espírito da água de Tavra ecoou em sua mente, trazendo consigo a visão das lanternas guiando o caminho até a costa. “Você é quem acende as lanternas? O espírito da água?” Chegou mais perto, girando as águas, envolta em um manto preto e prateado que se dobrava e se desenrolava com a água. O coração de Amri disparou quando viu seu rosto, por um momento vendo os olhos astutos de skekSa, o Marinheiro. “Você é o oposto de skekSa?” Amri ofegou. “A oposição é uma falsidade. Como dia e noite — palavras convenientes, mas apenas parte da verdade. Pois existe algo como o amanhecer e também o crepúsculo. Todas as fases no giro das esferas. Sou apenas um nadador dos mares.” “Então você é um Místico! Você está aqui para me dizer como ajudar os Vapra?” perguntou Amri. No passado, os místicos vieram em seu auxílio quando mais precisavam. Ele esperava tanto quanto podia esperar que este fosse um daqueles momentos também. “Você já sabe como ajudar o Vapra”, disse o nadador, ecoando sua entonação, era como ouvir sua própria voz borbulhando de volta para ele. — Então você não vai ajudar. “Uma bússola não é nada sem um navio.” “Então me aponte na direção certa!” “Eu já tenho.” Amri tentou não mostrar sua frustração, como se isso pudesse assustar o Místico. urLii tinha sido assim também, embora naquela época, se Amri soubesse que ele era um místico, ele poderia ter se esforçado mais para aprender com a velha criatura distraída que frequentava o Túmulo das Relíquias. Amri engoliu seu orgulho e falou devagar e calmamente. Pense, Amri! “As lanternas e o Waystar nos trouxeram até aqui. Mas

Ha'rar é um lugar de luz do dia, e os Vapra também são de luz do dia. Não sei nada sobre a cidade, nem sobre a neve, nem sobre as montanhas. Assim como eu não sei nada sobre o mar ou o deserto. Como posso saber como ajudar o Vapra? Você deveria estar falando com Tavra ao invés de mim!”

“Estou falando com quem deveria estar falando. Para o Shadowling que trouxe uma música de cavernas profundas para um lago oásis. Diga-me, qual é a diferença entre as ondas do mar e as ondas da areia?” O Mar de Prata. O Mar de Cristal. Amri pensou no navio de Onica e no esquife de areia de Periss. A maneira como os Crystal Skimmers saltaram pelas dunas do deserto como o hooyim do oceano. Antes de responder, o místico nadador continuou: “Qual é a diferença entre cristais de pedra e cristais de água?” “Cristais de água?” perguntou Amri. Então ele se lembrou. “Você quer dizer gelo?” “Deatea. Incêndio. Deratea. Ar. Kidakida. Água. Arugaru. Terra. Quatro palavras com um som central. Quatro elementos com um coração central. A água torna-se vapor. Isso não é ar? E então queima. Isso não é fogo? Amanhecer torna-se dia torna-se crepúsculo torna-se noite torna-se noite. Torna-se amanhecer mais uma vez. Onde termina um e começa o outro? Existe uma coisa dessas?” A mente de Amri girou. Talvez ele estivesse se afogando, afinal. Um redemoinho de bolhas subiu, nublando a água entre eles. Amri estremeceu, pensando no navio gigante de skekSa. As bolhas vieram com mais força, obscurecendo o rosto do Místico. Seu tempo estava acabando e ele ainda não tinha respostas. “Mas eu sou um Grottan”, ele chamou desesperadamente. “Não sei nada sobre ondas, exceto que

tenho medo do oceano. Não sei nada sobre o mundo da luz do dia, exceto que sou desajeitado em andar nele!” Você não é desajeitado em andar. Você é desajeitado usando sapatos. Amri estendeu a mão, mas ele não conseguiu encontrá-la. Não mais. Mais e mais ar vinha de baixo, talvez a respiração de Thra, e ele se rendeu a ela. Subindo cada vez mais alto até . . . “Amri!” Os olhos de Amri se abriram. Naia se inclinou sobre ele, sacudindo-o pelos ombros. Quando ela viu que ele estava acordado, ela se inclinou para trás. Ainda era noite. Ele estava deitado no convés do navio de Onica, bem enrolado no cobertor que havia trazido. Seu cabelo e roupas não estavam molhados, embora ele estivesse molhado de neve derretida. Ele corou quando Naia tocou seus ombros, suas bochechas, seu pescoço, como se tivesse certeza de que todas as suas partes ainda estavam intactas. Quando ele percebeu o que ela estava fazendo, suas bochechas ficaram rosadas também. Ela o socou suavemente no ombro. — O que você estava fazendo aqui? ela assobiou. “Está tão frio!” “Eu pensei ter ouvido. . .” Naia o puxou para ficar de pé. Uma fina camada de neve havia caído, cobrindo o convés. As ondas que batiam contra o navio eram silenciosas, até. Não havia nenhuma criatura nadando à espreita abaixo. Eles entraram. Os outros ainda dormiam, e Amri sentou-se à mesa, enquanto Naia colocava água no fogo. “Eu tive o sonho mais estranho”, disse ele. Tinha gosto de mentira. Não poderia ter sido um sonho, poderia? Ele olhou para o maço de ervas no centro da mesa, frio e adormecido na tigela de barro. Ele balançou sua cabeça. “Deve ter sido um sonho.” Naia trouxe-lhe um copo de água quente e sentou-se ao lado



dele. "A respeito?" Ele disse a ela, tentando falar baixinho o suficiente para que eles não acordassem os outros. A cabine era pequena, porém, e quando ele chegou ao final, Tae e Kylan estavam de pé. Até Onica veio ouvir, parada na porta, mãos cruzadas. Amri terminou e esperou que eles concordassem que ele havia imaginado. Que sua mente havia sido aberta pela fumaça de samambaia e lhe trouxe uma visão que era uma coleção de suas esperanças e medos. "Quanto mais tempo fico acordado, mais parece um sonho", disse ele. "Mesmo que tenha sido um sonho, isso não significa que não seja importante", respondeu Onica. "Você tem alguma ideia do que isso significa?" Amri corou. "Você é o Sonhador Distante. Você não deveria ser aquele que sabe. . ." Mesmo enquanto falava, ele pensou no que o Místico havia dito. Amanhecer ao dia ao anoitecer. Ser uma sonhadora não significava que era sua responsabilidade saber tudo o que havia para saber sobre sonhos. Talvez ele estivesse apostando muito nos títulos. Você já sabe como ajudar o Vapra. Ele se levantou, empurrou a porta da cabine novamente e saiu para a noite. Era o mundo mais claro lá fora, com o oceano às costas e as montanhas de Ha'rar bem à frente. Mas o que eram as montanhas, senão quilômetros e quilômetros de pedra e rocha? "Amri, onde você está indo?" Tae o chamou. "Está escuro lá fora e perigoso! Os Skeksis... —... não enxergam bem no escuro — disse ele por cima do ombro. Ele não esperou pelos outros, correndo pela lateral do navio para o cais gelado. Eles não precisavam vir junto. Mesmo assim, ele ouviu Naia vindo atrás dele enquanto refazia seus passos de volta para a escada que os levaria até

os penhascos de volta à cidade. "Você esqueceu sua espada", disse ela, entregando-a a ele. "Obrigado." Ele a pendurou no quadril, embora não precisasse. Não dessa vez. Ele marchou escada acima, e ela entrou na fila atrás dele. Ela não perguntou o que ele estava fazendo ou para onde estava indo. Não protestou ou tentou dizer a ele para parar. Seu silêncio era determinado, reconfortante. Mais uma vez, quando de outra forma estaria sozinho, Naia estava ao lado dele. Chegaram à rua acima. Embora a caminhada do cais até a cidade fosse longa, o bosque Waystar nas falésias acima não parecia mais perto do que antes. Um vento noturno soprou, apagando alguns dos incêndios nas lanternas que pendiam sob os beirais do Vapra. Estava tão frio que nem neve caía, e isso era bom. Quanto mais frio estava, mais duro o gelo. Amri se inclinou e puxou as tiras de suas sandálias. Naia ficou parada e assistiu, com a mão no punho de sua adaga. Pronta para protegê-lo de qualquer coisa, mesmo quando ele fazia algo que ela não entendia totalmente. Ele tentou não se preocupar com o que Naia pensaria dele, agindo como um Shadowling no meio da capital Gelfling. Ele não podia se preocupar com isso. Ele tinha que ser quem ele era. Ele jogou as sandálias de lado, deixando suas costas curvarem para a forma que ele tentou tanto endireitar. Descalço, ele se agachou nos caminhos de pedra congelados e, pela primeira vez, seus dedos das mãos e dos pés provaram a rua de Ha'rar. As vibrações o alcançaram imediatamente, fortes e claras através da rocha densa e do gelo cristalino que envolvia as pedras da cidade. Ele podia sentir os passos dos Vapra em suas casas, andando e se

afligindo. Imaginando o que aconteceu com a All-Maudra e sua filha que tão rapidamente assumiram a coroa viva e desapareceram. Ele podia ouvir o resmungo dos Skeksis na cidadela, cujas paredes de gelo e pedra reverberavam com suas vozes feias e pés pesados. Ele podia sentir o gosto do oceano batendo contra os penhascos, as ondas intermináveis que rolavam do norte. O balanço suave do navio de Onica contra o cais. Ele podia ouvir o tremor tão claramente quanto podia ouvir o Grottan em Domrak – talvez até mais. Da rua às casas Vapra à cidadela, ao oceano e às frias montanhas azuis. Estava tudo conectado, entrelaçado de alguma forma. Como se algum mineral puro e perfeito prendesse a cidade inteira em uma teia de cristal, originária de uma fonte no alto das montanhas que davam para Ha'rar. Amri fechou os olhos e encostou o ouvido na rua, escutando. A música era diferente. Não era mineral como nos rios subterrâneos de Dousan Wellspring. Não era rock como as profundas Cavernas de Grot. Isso era fluido, como o mar ou os lagos ou rios. Clara e intocada. Duro como diamante, carregando os mil sons da cidade de uma ponta a outra. Era de cristal, mas não de pedra. Ele abriu os olhos e olhou para cima, seguindo o canto do cristal, desta vez com os olhos. Traçou tudo até os penhascos até a luz branca brilhante que brilhava de cima. Era tão simples, agora que ele sabia. Agora que ele ouviu. Naia olhou para ele com curiosidade enquanto ele calçava as sandálias de volta para poder voltar para o navio de Onica sem congelar as solas dos pés. A noite se desvaneceu quando o amanhecer veio lentamente sobre o horizonte recortado. “Temos que levar Tavra e Kylan para as árvores do bosque

Waystar”, disse ele. “Eu sei como enviar uma mensagem para o Vapra de Ha’rar.”

## CAPÍTULO 23

Eles planejavam partir naquela noite, quando poderiam se mover sob o manto da noite. Até então, Amri encontrou um canto da cabine e se arrastou sob uma pilha de travesseiros, bloqueando a luz do dia. Ele sonhou com a árvore de pedra na barriga de Grot. Ele ficou diante dele enquanto morria, membros como raízes, ou raízes como membros. Sabendo que se ele pudesse ser inalado pela coisa antiga, fluir em suas veias e subir seu tronco, quando ele emergisse do outro lado, ele seria uma flor rosa nos galhos esbeltos da Árvore Santuário. Ele ouviu sussurros. Mil vozes, todas como uma. As sombras moviam-se com membros infinitos. Quando ele acordou, levou tudo o que tinha para não dar um tapa na aranha batendo nas costas de sua mão. “Está na hora?” ele perguntou. “Sim. Você está pronto?” Ele assentiu, ficando embaixo da pilha de almofadas no escuro por mais um momento. Ele imaginou como teria sido se Tavra estivesse em seu corpo Gelfling neste momento, encolhida sob uma pilha de colchas Sifa com ele, falando com ele a um dedo de distância. Era um cenário divertido, mas pela primeira vez ele manteve a boca fechada sobre isso. “E você?” ele perguntou em vez disso. “Eu vim aqui para te pedir um favor.” “O que é isso?” “No caso de alguma coisa acontecer comigo esta noite. Algum dia, quando os fogos forem acesos. Quando é seguro. Você encontraria minha irmã Brea e contaria a ela o que aconteceu? Eu quero que ela saiba que eu não a abandonei.” “Não”, disse ele. — Vou me certificar de que você mesmo conte a ela. Sentou-se, emergindo de sua pilha como uma traça de um casulo. Kylan ergueu os olhos de onde estava

sentado à mesa, segurando seu firca mágico nas palmas das mãos. Preparando-se para o que faria quando chegassem ao Waystar, sem dúvida. Amri só podia esperar que funcionasse. "Boa noite! Aqui, este tem uma abertura para uma espada", disse Naia, girando a capa sobre os ombros. Era prateado e branco, o que parecia errado para ele. Todas as capas que ele já usou em Grot eram pretas, para se misturar com as cavernas. Mas fazia sentido. Eles estavam prestes a escalar as montanhas cobertas de gelo e neve. A prata combinaria muito melhor. "Eu pareço um Silverling?" ele perguntou, puxando o cabelo de dentro da gola da capa. As orelhas de Naia ficaram rosadas. Ela desviou o olhar e murmurou: "Nem um pouco." A porta da cabine rangeu e Tae entrou, o luar caindo sobre seus ombros. Ela havia trocado seu equipamento de vela Sifa por uma capa Vapra, suas asas espreitando pelas fendas nas costas. Uma leve camada de neve grudava em seu cabelo ruivo dourado. "Está na hora", disse ela. "Os Vapra estão indo para a cidadela. O General e o Mestre de Ritual não se mostraram. Nem Seladon. Pode haver outros Skeksis em Ha'rar também, mas não posso ter certeza. Mesmo com o Waystar, está ficando muito escuro." Amri deixou o ar frio tirar o sono de sua mente e corpo. Ele precisava estar alerta, acordado. Ele podia sentir seus olhos se abrindo, desabrochando como flores noturnas no escuro. "Estou pronto", disse ele. "Naia? Kylan? Kylan se levantou, enfiando sua firca na frente do colete. "Como sempre." Naia estava sempre pronta. Ela apertou a mão de Onica. "Estamos contando com você em caso de problemas", disse ela. "As velas serão desfraldadas, a lanterna acesa", disse Onica. "Eu

irei para a baía abaixo onde as árvores Waystar crescem. Se algo acontecer, voe até mim e escaparemos para lutar outro dia. Eu acredito em você." Com nada mais que isso, os cinco deixaram Onica e seu navio no porto e correram pelo cais. Amri lançou um olhar para o Mar de Prata, na esperança de vislumbrar a nadadora na água, mas se ela realmente estava lá fora, não apareceu. Como Tae havia dito, os Vapra de Ha'rar já estavam se reunindo perto dos degraus que levavam à cidadela. Aconchegados em seus mantos prateados, sussurrando baixinho entre si. Amri ouviu o som consistente de medo e apreensão. Ele ouviu o nome de Seladon e o de Tavra. Os sons sibilantes dos nomes dos Senhores Skeksis. skekUng, skekZok. skekSil, o Camareiro. skekSo, o Imperador. "Continue olhando para cima", disse ele, embora nenhum dos Vapra o ouvisse. Ele e seus amigos recuaram na outra direção, longe da multidão reunida. A única coisa que cruzava seus caminhos eram as rajadas de neve sopradas pelo vento, do outro lado das montanhas e do outro lado da cidade. Tavra disse a Amri o caminho para o lugar onde Ha'rar encontrava a montanha, e ele guiou Naia, Kylan e Tae pelas ruas e pela escada estreita e sinuosa de gelo e pedra. Contra o penhasco, eles estavam protegidos do vento, mas Amri podia ver as árvores balançando na montanha mais acima. Ia ficar mais frio. Eles passaram por algumas habitações construídas bem na montanha, mas em pouco tempo a escada se transformou em uma trilha simples e íngreme. Então, depois de apenas um breve momento, a trilha se dissolveu e eles se arrastaram pela neve na altura dos joelhos na floresta. Assim que deixaram as lanternas

fracas da rua, os outros diminuíram o passo. Até os passos de Naia eram menos confiantes enquanto ela caminhava sobre rochas geladas e encostas escorregadias e cobertas de neve. Amri ajudou seus amigos, cortando seu caminho pela noite, usando a voz de Tavra de seu ombro como uma bússola para guiar sua direção. “Não consigo ver nada. É assim que tem sido para você, viajar durante o dia?” Naia perguntou quando chegaram a uma saliência rochosa alta demais para passar por cima. Ele fez um trabalho rápido e se agachou no topo, agarrando a mão de Naia e puxando-a para cima e para cima. Ela não esperou que ele dissesse sim antes de acrescentar: “Eu não percebi”. “Está tudo bem”, disse ele. “Nem todos os lugares em Thra são cavernas e rochas.” Embora a noite e o gelo estejam próximos o suficiente, ele pensou. Ou pelo menos ele esperava que fosse. Eles pararam para olhar para baixo em Ha'rar. Era como olhar para um quadro, todo pintado em azul e preto e branco. A cidadela, ao fundo, de costas para o mar, brilhava com os reflexos das estrelas e das luas. “Minhas instruções são inúteis além deste ponto”, disse Tavra. “Os ventos mudam a neve e o gelo com muita frequência. Siga a luz, mas seja cauteloso. Existem penhascos escondidos pelo gelo e prateleiras de neve que nos fariam cair para a morte.” Tae ficou na retaguarda. Ela parecia a menos afetada pelo frio, talvez pelas visitas frequentes a Ha'rar. Ela deu-lhe um aceno confiante e acrescentou: “Nosso caminho depende de você agora, Amri.” Algo que ele ansiava ouvir, mas agora que tinha, parecia pesado em seus ombros. Cabia a ele guiá-los e protegê-los do perigo. Ele se ajoelhou e tocou as pedras geladas. Sob a neve profunda, o



caminho da montanha ainda existia. Ele podia sentir sua robustez. "Por aqui", disse ele, e os outros o seguiram sem hesitação. Eles escalaram a montanha como as luas subiam no céu. O vento era muito mais forte nas falésias, lançando camadas de neve das árvores. Os cílios de Amri começaram a congelar com cristais, o vento tão frio que nem mesmo sua respiração ficou nublada na frente dele. A luz do Waystar era poderosa, brilhando em algum lugar à frente. Eles pararam enquanto olhavam através das árvores e rochas. A luz parecia vir de todos os lugares, tão brilhante que obscurecia o caminho mais do que o iluminava. Ele tocou as pedras e parou quando ouviu um tipo diferente de voz na terra. Ele franziu a testa. "Há algo estranho à frente. . . Um edifício de algum tipo. Alguém mora aqui? ele perguntou. "Não que eu saiba", disse Tavra. "Mas esses penhascos são antigos. Não são muitos os que viajam tão longe. Se alguém viesse aqui e construísse algo, duvido que alguém soubesse. Ou cuidado." "Seria uma boa maneira de viver se você quisesse ficar sozinho", comentou Naia. — E se você não se importasse de congelar — acrescentou Kylan, batendo os dentes. Amri liderou o caminho. A escuridão da noite se dissolveu sob o brilho da luz do Waystar, brilhando em uma estrutura de pedra cercada por árvores. Não era nada de especial do lado de fora, apenas um monte alto de pedras e gelo com uma porta simples de madeira. Eles bateram, mas ninguém respondeu. Nenhuma luz do fogo cintilou dentro. Tinha toda a aparência de abandono, mas a porta se abriu facilmente quando Naia lhe deu um forte puxão. Dentro havia uma única sala redonda, estéril, exceto por uma mesa de pedra e

um poço de fogo. Uma escada de madeira subia a parede em espiral, em direção a uma câmara no topo da torre. Parecia como deveria ser o interior de uma concha em espiral, se fosse grande o suficiente para construir uma casa dentro. "O que é este lugar?" Amri perguntou em voz alta. "Esta lareira foi acesa recentemente", disse Kylan. Ele estendeu a mão sobre as brasas enquanto Tae trazia um feixe de gravetos de uma pilha de gravetos e madeira. "Dentro de dias." "Não sei a quem agradecer, mas sou grata por um lugar para se aquecer antes de irmos para o bosque Waystar", disse Naia. "Não deve ser muito mais longe", concordou Tavra. "Mas não podemos ficar muito tempo. Devemos chegar ao Vapra enquanto eles estão reunidos diante da cidadela. Antes que os Skeksis os intimidem com as mentiras que estão prestes a entregar." Amri assentiu. "Aqueça e então vamos." Enquanto Kylan acendia o fogo, Amri tocou nos pergaminhos que estavam espalhados na mesa de trabalho de pedra. O papel macio e frio era grosso e fibroso, coberto de mapas e gráficos desenhados a tinta. Ele reconheceu a costa do Mar de Prata, do livro de Kylan, meticuloso e detalhado, cada forma de relevo e redemoinho e baía carinhosamente intitulada e detalhada. Cera-Na e seus promontórios em forma de dedos, até mesmo o rio de areia que eles levaram para o deserto. As Cavernas de Grot, as Montanhas Garra. A longa cauda do Rio Negro, a tábua de salvação da Bacia de Skarith. Havia outras cartas também, mas não eram da terra. Amri reconheceu as estrelas e as Irmãs, os padrões do vento desenhados no céu onde se cruzavam com o caminho dos Irmãos. As imagens das estações e dos noventa, como as fases das luas mudavam

de curso à medida que Thra se movia no tempo e no espaço. “Eles estão escritos em tinta, não em gravuras de sonhos”, disse ele, tocando as letras pretas. Naia se juntou a ele, olhando por cima do ombro. Ela se iluminou, apontando. “Olha, aqui é Sog. Vê como a água atravessa as zonas húmidas a sul e junta-se ao mar? Grande Smerth está aqui. Ela apontou para um ponto nas profundezas do pântano. Amri folheou os outros mapas, organizando-os na grande laje de pedra para que o Rio Negro ficasse alinhado. A única linha que os uniu, até que eles tivessem um mapa da Terra Skarith. “Nosso mundo”, disse ele, sentindo um calafrio. Ele tocou a Floresta Negra, a tinta que desenhava a forma do Castelo do Cristal. Era difícil acreditar o quanto eles tinham visto nos últimos dias. E para chegar em Ha'rar, depois de tanto tempo que eles passaram tentando alcançá-lo. — Você sabe o que vai dizer? ele perguntou a Tavra. “Sim,” a aranha Silverling respondeu. “Não sei se será suficiente, mas é tudo o que tenho. Só posso esperar que minhas palavras possam levar os Vapra a acreditar que há esperança. . . mesmo sem minha mãe e Seladon para guiá-los.” “Eles ainda têm você,” Naia assegurou a ela. “Mesmo que sua voz seja pequena. Se Amri estiver certo, e se Kylan puder fazer o que fez com a Árvore do Santuário, então. . .” Eles se viraram quando Tae se afastou de um dos pequenos buracos nas pedras que serviam de janela, orelhas viradas para frente. “Alguém está vindo!” ela sussurrou. Passos pesados esmagaram a neve, do lado de fora da porta. Não havia para onde correr; quem quer que estivesse vindo logo os encontraria, e Amri só podia esperar que o dono do prédio abobadado fosse um tipo hospitaleiro.

Talvez o místico nadador que deu a Amri a sabedoria para encontrar o caminho até aqui. A porta se abriu. Uma criatura negra monstruosa estava ali, o vento da montanha rasgando seu casaco pesado. Ela tirou o chapéu de plumas e sacudiu a neve e o gelo de suas penas antes de recolocá-lo na testa. — Você — disse skekSa, a Mariner, com sua voz profunda e aveludada. "O que você está fazendo aqui? Quem lhe falou deste lugar, onde está o seu guardião?" Seus olhos ameaçadores caíram sobre Amri e seus amigos, depois os mapas estelares e os mapas marítimos. Amri encontrou sua mão no punho da espada de Tavra. skekSa estendeu a mão para trás e bateu a porta, abrindo o trinco para que não houvesse escapatória. Ela nivelou a sala com seu olhar, o hálito quente saindo de suas narinas. "Diga-me, e eu vou deixar você viver", ela rosnou. "Onde está urSan, o nadador?"

## CAPÍTULO 24

Não sabemos do que você está falando", disse Naia. skekSa se aproximou, enchendo a sala. Ela inclinou a cabeça para Amri, contando o número de Gelflings diante dela, então se

inclinou sobre a mesa de trabalho e alisou suas garras ao longo do papel e tinta, tocou os tomos e pergaminhos. Seu olhar permaneceu nos mapas que eles estavam olhando, então voltou para o Gelfling diante dela. “Talvez eu acredite em você.” “Por que você está em Ha’rar?” perguntou Amri. “Você não deveria ficar com o Sifa em Cera-Na?” “Por que eu deveria? Eles me abandonaram. Sem seus navegadores e cartas, não posso escapar deste continente infernal. Então o imperador skekSo me chamou para Ha'rar quando as coisas ficaram, como devemos dizer? Complicado. Com All-Maudra Mayrin. E lembrei que há alguém com as cartas que eu preciso, que as mantém em sua torre perto do bosque Vapra Waystar.” O que é uma bússola sem um navio? Amri se lembrou do que o místico nadador, urSan, havia dito. Enquanto observava skekSa rasgar os pergaminhos e mapas na mesa de trabalho, percebeu que o inverso também era verdade. “O que é um navio sem bússola?” ele murmurou. “O que você acabou de dizer?” skekSa olhou para ele, como se ele tivesse dito alguma palavra secreta que revelasse uma fraqueza oculta. Ela se afastou da mesa de trabalho e pairou sobre ele, as penas em seu pescoço subindo para que ela parecesse duas vezes seu tamanho já intimidante. “Nada”, ele mentiu. “Hum. Você sabe, eu me encontrei com meu amigo Lord skekZok mais cedo esta noite,” ela ronronou, a língua afiada com uma ameaça mal suavizada, “sobre o traidor Stonewood. Aparentemente, Lord Chamberlain skekSil entrou em conflito com um grupo de Gelflings ao sul de Ha'rar. Um em particular — um Vapra, segundo sua memória, mas acho que pode estar enganado — jogou pó de

fogo de Sifa em seu olho. Você não saberia quem poderia ter sido, meu boticário? Amri tentou não recuar. “Ele estava pedindo por isso.” “Oh, você pode queimar seus dois olhos chorosos por tudo que me importa. A parte que me fascinou, meus caros, foi a descrição que o camarista fez dos Drenchen do grupo. Uma coisinha áspera com vliyaya curadora, que invadiu o Castelo do Cristal e viveu para escapar. O Mestre de Rituais skekZok está muito interessado neste aspecto, veja você. E já que somos amigos, ele e eu, então você pode imaginar que eu também estou interessada. Naia ficou de pé, sacando sua adaga. Amri puxou a espada de Tavra de seu quadril. skekSa mal percebeu, circulando pela sala até estar de costas para a porta novamente, de pé entre eles e a saída. “Claro, eu não entendi completamente o interesse dele em você quando nos encontramos em Cera-Na”, continuou skekSa. “Mas agora que eu sei, e agora que ele me ofereceu uma recompensa por sua captura, que sorte você estar aqui antes de mim, preso neste pequeno quarto.” “Eu não vou com você”, disse Naia. “E eu não vou ao castelo. E eu vou morrer antes de deixar você me drenar como você drenou Mira e Tavra!” skekSa estendeu as mãos. Era para ser pacificador, mas tudo que Amri viu foram suas garras. “Silêncio, meu querido. skekZok não planeja colocá-lo antes do refletor explodido. Nós apenas precisamos de você e seu irmão gêmeo para . . . em formação. Seus corpos podem ter as respostas para uma pergunta que muitos de nós temos feito.” Kylan falou, mantendo-se firme ao lado de Naia. “Aughra disse que você está errado. Ela disse que não vai ajudar você a entender como drenar suas outras metades.”

skekSa zombou. “É isso que eles pensam? Infeliz. Agora escute. Não tenho mais tempo para jogos, então aqui está minha proposta. Vou deixar vocês três — ela apontou para Amri, Kylan e Tae — escaparem. Mas você deve deixar esta montanha imediatamente e nunca mais entrar no meu caminho. E em troca de suas vidas, posso ficar com você, meu querido Drenchen. Para mim mesmo.” O buraco no estômago de Amri, deixado quando ele engoliu seu medo e subiu a bordo do navio de skekSa, parecia uma semente enterrada lutando para ganhar vida. Ele tentou deixá-lo na escuridão para morrer, mas as palavras de skekSa foram como luz para ele, fazendo-o brotar. Ele estava certo. O tempo todo. Naia apontou sua adaga para skekSa. Antes que Amri pudesse detê-la, ela disse: "Vou aceitar esse acordo, mas não vou com você sem lutar". “Naia, não...” O protesto de Kylan foi interrompido pelo sorriso de skekSa. Ela empurrou o casaco para o lado, descobrindo o cabo de ouro brilhante de uma longa lâmina pendurada em sua cintura, colocando uma mão no cabo e soltando-o com um arranhão metálico mortal. "Eu aceito o seu desafio", disse ela. “Naia, você não pode. Não faça isso!” Amri agarrou o braço de Naia, mas Tae o empurrou em direção à porta. “Vou ficar com ela”, disse a Sifa, brandindo sua adaga. “Saia daqui com Kylan. Viemos aqui para fazer algo, e vamos fazê-lo. Eu preciso que você tenha certeza disso. Tudo bem?” Ela olhou para ele, confiante e determinada. Amri tentou se lembrar de que ela era a primeira ala de Maudra Ethri, ousada e corajosa como qualquer Sifa poderia ser. Sem Tavra, Tae era sua melhor chance. Ele assentiu, recuando. Kylan não se moveu, a mão

flutuando como se fosse ficar e lutar. Naia olhou para eles com olhos desafiadores de um azul primaveril. "Vai!" ela disse. Amri agarrou Kylan e correu. Passando por skekSa enquanto ela se afastava, empurrando a porta e se espremendo para a encosta da montanha fria e tempestuosa. "Não podemos simplesmente deixá-los lá com skekSa!" Kylan gritou, agarrando Amri pelo colarinho. "skekSa não vai matar Naia!" Amri gritou. "Eles a querem viva. Lembrar? Eles mantiveram Gurjin vivo. Então, se eles fizerem o mesmo por Naia, ainda temos tempo para pensar em alguma coisa!" Kylan não desistiria. "Talvez não Naia, mas e Tae—" "Nós temos que confiar nela!" O contador de canções fechou a boca e o encarou, os olhos vermelhos de frio e raiva. Amri tentou não se importar, virou-se e fixou os olhos na luz fria do Waystar. Um momento depois, ele ouviu Kylan seguindo. Ele odiou, deixando Naia e Tae para trás. Caminhando pela neve fria como se seu coração não estivesse doendo de preocupação. Ele sentiu uma picada suave em sua bochecha. "Nós teremos sucesso," Tavra disse suavemente. Ardentemente. "Temos que. Então voltaremos para Naia e Tae e nos certificaremos de que todos deixemos este lugar vivos." Eles deixaram Naia, Tae e skekSa para trás no casebre de pedra, subindo uma ladeira íngreme em direção ao Waystar. A inclinação era quase vertical em alguns lugares, e Amri ajudou Kylan a subir cada vez mais, cada vez mais perto do brilho acima. Quando eles finalmente escalaram uma saliência de rocha gelada, Amri engasgou. Um bosque de árvores crescia em círculo em um penhasco pontiagudo que se estendia sobre Ha'rar. Eles brilhavam azul e branco com



tanto brilho, era como se seis estrelas tivessem caído na terra e florescido. Eles haviam alcançado o bosque de árvores estelares que os Vapra chamavam de Estrela do Caminho. "Rápido", disse Tavra, sacudindo-os de admiração. "Olhe abaixo. Os Vapra se reúnem e os Skeksis logo virão." Abaixo, a cidadela estava acesa com pequenas chamas. Até os olhos de Amri acharam difícil enxergar no escuro, contra a luz do Waystar. Mas ele podia imaginar os Vapra reunidos nos degraus da frente da cidadela. Aconchegado no frio, sentindo-se sozinho. Esperando que em breve, All-Maudra Seladon aparecesse para eles e lhes dissesse o que seus futuros reservavam. Eles esperavam por segurança, por força diante da incerteza. E era isso que eles estavam prestes a conseguir. "Tudo bem", disse Amri, olhando entre as árvores. "Vamos fazer isso." Ele estendeu a mão e tocou a casca facetada da árvore mais próxima. Sua luz vinha de seu núcleo, nem quente nem fria ao toque. Fechou os olhos e escutou o canto da árvore. Ouviu como suas raízes se enterraram na montanha, seguiram a água e o gelo que se espalhavam como veias por toda a cidade abaixo. Mas o alcance desta árvore não foi completo. Suas raízes ainda eram jovens. Amri passou para o próximo, e o próximo. Tocando e ouvindo, sentindo as vibrações da vida. Vendo em sua mente o quão longe as raízes corriam, qual árvore traria a mensagem de Tavra mais longe e mais ampla. Então ele encontrou. Não a árvore mais alta do bosque, mas a mais robusta, com uma base larga e raízes retorcidas. Seu brilho não era nem o mais brilhante, suas camadas de casca obscurecendo um pouco seu brilho interno. Amri sorriu

quando tocou a pele da árvore com as duas mãos. Ele podia ouvir tudo através de seu corpo – toda a montanha, cada fonte de água enterrada e veia congelada do rio. Cada rua de Ha'rar, cada fio de água que corria abaixo de cada casa Vapra. "Este", disse Amri. "É esse." Kylan estava ao lado dele, tocando a casca da árvore. "Tem certeza?" Amri nunca teve tanta certeza de nada. Toda a ansiedade e preocupação sobre se ele seria capaz de encontrar a árvore certa, entregar a mensagem - acender o fogo Vapra - desapareceu quando ele olhou para a árvore antiga. "Cresceu aqui desde muito antes de os Vapra chegarem", disse ele. "Antes de Ha'rar. Esta árvore conhece toda a montanha, todo o vale. Corre sob a cidadela e por todas as ruas de Ha'rar. Se concordar em levar a mensagem de Tavra, cada Gelfling na terra nevada verá seu sonho. Ouça a voz dela e saiba que eles não estão sozinhos. . . Você está pronto?" Kylan engoliu em seco, olhos arregalados, olhando para a árvore. Ele tirou sua firca de seu gibão e olhou para Tavra. "Estou pronto. Tavra?" Tavra disparou pelo braço de Amri, hesitando em sua mão antes de pisar na própria casca. A luz de dentro da árvore brilhou quando ela a tocou, enchendo seu corpo de cristal com seu brilho. "Pronto", disse ela. "Amri, se isso funcionar e acendermos as chamas da resistência dentro dos corações dos Vapra, eu e o resto do meu clã ficaremos em dívida com você e com o Grottan." Uma onda de calma tomou conta de Amri enquanto eles estavam na luz do Waystar. "Luz e escuridão não estão em oposição", disse ele. "O Vapra. O Grottan. . ." Ele acenou para Kylan. "O Spriton—todos os clãs. Podemos ser sete, todos distintos e especiais. Mas todos nós

fazemos parte do clã Gelfling. É hora de nos reunirmos como um.” Tavra piscou. “De fato,” ela disse. “Agora vá!” Amri chorou. “Faça a coisa! Não temos muito tempo.” Kylan assentiu e levou sua firca aos lábios. Ele tocou o primeiro tom, uma harmonia que Amri se lembrava de quando o contador de canções havia tocado diante da Árvore do Santuário. Ao fazê-lo, o brilho do anel de árvores se intensificou, a luz ondulando ao longo dos galhos das árvores e em suas folhas transparentes. “E agora Tavra. . .” Amri respirou. Ele fechou os olhos e pressionou a testa contra a casca áspera da árvore. Tentei sonhar rápido com ele, do jeito que Naia conseguia. Não era um presente possível para ele, mas ele tentou de qualquer maneira. Por favor. Leve a música de Tavra para o Gelfling abaixo. Deixe-os saber a verdade, antes que sejam cegados pelas mentiras dos Skeksis. Uma luz brilhou na mente de Amri, como uma faísca acesa no lugar onde os sonhos nasceram. Ele viu os três de pé diante do bosque de árvores. Três deles — Tavra estava com eles, resplandecente em seus vestidos Vapra, um aro de prata na testa. Enquanto Kylan tocava a firca, sua música ressoando no núcleo da árvore, Tavra falou. Ao fazê-lo, suas palavras foram gravadas na árvore, sua voz costurada ao longo de seu coração de cristal. “Ouça-me, Vapra,” Tavra começou. Sua voz estava na mente de Amri. Na música de Kylan. Ela fez uma pausa e olhou para Amri no estranho sonho, seus olhos cor de lavanda brilhando como o crepúsculo. Amri não pôde deixar de sentir orgulho, uma parte dele em suas palavras quando ela começou de novo: “Ouça-me, Gelfling de Ha’rar. Só espero que você me ouça e

reconheça minha voz. Eu não tenho muito tempo, então só posso contar uma parte de tudo o que tenho a dizer. E é que os Skeksis mentiram para todos nós. O sonho das pétalas de rosa é verdade. Os Skeksis começaram a nos drenar, nas profundezas do Castelo do Cristal. Minha mãe, a All-Maudra, sabia disso e planejava se rebelar contra eles. E como punição, o Mestre de Rituais e o General a assassinaram.” Amri sentiu um tremor no sonho, como se a própria terra estivesse tremendo. Os sussurros que estremeceram pelas veias da árvore e o gelo e a rocha eram dos Vapra. De quem estava ouvindo, que ouviu a voz de Tavra. “Eu não sei o que o futuro reserva para os Gelflings, mas eu sei disso: não importa o que os Skeksis digam a você, não importa quão escura a noite possa parecer – há amigos naquela escuridão, esperando por você. Preparando as tochas que traremos contra os Skeksis, quando for a hora do acerto de contas. Nós vamos sobreviver. Nós vamos aguentar. Aguarde nosso sinal. Deixe-o guiá-lo e seremos vitoriosos, desde que estejamos juntos.” Parecia o início de uma tempestade elétrica rastejando pela terra e pela pele. Amri sentiu o aquecimento de gravetos e um fino fio de fumaça. Ele sentiu passos, a terra tremendo. Vozes distantes quando Tavra terminou: “Eu sei disso e espero por você, embora possa ser na escuridão. Pois nas sombras acenderemos os fogos da resistência.” “Amri—Kylan—!” BATIDA! Amri caiu do sonho quando uma das árvores Waystar se partiu ao meio. Ele tombou, jogando nuvens de neve e fragmentos de gelo no ar, refratando a luz e se estilhaçando em arco-íris. A neve e o gelo assentaram, e Amri ficou de pé, puxando a espada de Tavra de seu quadril.

skekSa ficou no rastro da árvore Waystar destruída, dando um movimento em sua espada mortal e enviando os restos de gelo de sua lâmina. Sangue preto escorria de seu bico, seus olhos furiosos e vingativos. Ela soltou um rugido irritado enquanto derrubava a árvore quebrada de seu caminho. "Eu disse para você sair", ela retumbou. Naia apareceu ao lado de Amri. Do outro lado do bosque, ele viu Tae pousar perto de Kylan. Ele não estava feliz por skekSa ter subido o penhasco atrás deles, mas pelo menos ela parecia estar mais lenta por causa de seu peso na neve. "Nós tentamos impedi-la, mas ela é tão forte", disse Naia. Ela tinha um corte na bochecha, um hematoma feio crescendo em sua testa. Ainda feroz como sempre, a adaga de seu irmão em sua mão. "A mensagem de Tavra . . . ?" "O sonho acabou. Cabe ao Vapra agora - você está bem? O que aconteceu?" "Ela disse..." Naia se encolheu e balançou a cabeça. "Não importa. Ela é uma mentirosa como o resto deles." "Agora, o que você fez?" skekSa rosnou. "Estúpido Gelfling. Eu te dei uma saída. E é assim que você me paga? É assim que você abusa da minha benevolência?"



"Benevolente? É isso que você pensa que é?" gritou Tae. Ela empurrou Kylan para trás dela, mostrando sua adaga que já havia provado a carne de skekSa. "O Sifa confiou em você. Confiei em você para trígono após trígono. Foi tudo mentira?" skekSa se recompôs, apenas uma fração, ficando mais reta e fungando. "Pequeno Tae," ela disse, apesar de um rosnado afiar a ponta de seu bico. Ela agarrou outra das árvores Waystar e quebrou seus galhos em suas garras, descuidada com sua força impossível. Seu brilho morreu como uma brasa retirada do fogo. "Eu teria levado Ethri e o Sifa através do Mar de Prata. Longe do Imperador e do castelo e de todas essas políticas estúpidas. Mas Ethri decidiu não ir. Foi você quem me desafiou. Declarou sua verdadeira lealdade. Eu não sou um aliado do Sifa. Eu sou seu mestre." Tae recuou, as asas se encolhendo enquanto skekSa avançava. Amri tentou não recuar enquanto pairava sobre eles, de pé no centro do círculo de árvores. "Agora, como seu senhor, vou lhe dizer a mesma coisa que o General e o Mestre do Ritual estão dizendo ao Vapra abaixo. Neste exato minuto. A rebelião está morta e uma mentira, queimada em cinzas frias junto com a All-Maudra. Os Vapra e o resto dos Gelflings têm apenas um destino: curvar-se aos Skeksis e nos olhar com medo mortal. Acovardar-se em total subserviência." Sua voz caiu baixa e sinistra enquanto sua respiração nublava ao redor deles como uma névoa. "Não haverá mais incêndios", disse ela. "E não haverá resistência." Amri manteve as costas retas e apontou para o penhasco. "Então o que é isso?" ele perguntou. Os olhos penetrantes de skekSa brilharam enquanto ela seguia seu olhar. Juntos,

Skeksis e Gelfling observavam. Espiando através da escuridão, uma a uma, as chamas douradas das tochas Vapra ficaram azuis. Então roxo e vermelho e rosa. Como as chamas que acenderam a bordo do Omerya e aquela que ressuscitou a Fonte. Do alto do penhasco, Amri só podia ver os fogos, acendendo um após o outro como estrelas despertando ao anoitecer. “Eles ouviram você,” Amri sussurrou, mas Tavra não estava em seu ombro. Ele percebeu que não sabia onde ela estava e esperava que ela estivesse com Kylan e Tae. As árvores Waystar pulsaram, depois brilharam, engolidas pelo fogo místico e não queimado como um sol em miniatura. A cidade abaixo estava iluminada como se fosse dia, ondulando em cores intermináveis. A luz caiu sobre as ruas geladas, refratando em arco-íris até que a própria cidadela se acendeu com a luz do fogo no céu. Era muito brilhante. Amri cobriu os olhos, embora quisesse desesperadamente assistir. Quando ele foi capaz de olhar novamente, ele ficou em silêncio com o resto deles. Resplandecendo em todas as paredes facetadas e geladas da cidadela Vapra havia gravuras de sonhos, queimadas por toda a cidadela como tinta em pergaminho. Como as gravuras no convés do Omerya e os claustros perto do Wellspring. . . Como em uma parede, Amri percebeu. Uma parede engolida pelas chamas. Ele olhou maravilhado para as gravuras enquanto elas ondulavam pela ampla superfície da cidadela, revelando-se para todos verem. As representações do Omerya, o Sifa, Maudra Ethri. As folhas cheias de sombra da Árvore Nascente, protegendo o Dousan da tempestade que escurece. E agora o próximo verso da canção, que eles contaram naquela mesma noite sobre os penhascos



congelados: Brilhando como uma estrela, radiante de luz, estava a imagem de uma princesa-soldado Vapra, a crista de seis árvores estampada em sua coroa viva. .

## CAPÍTULO 25

SkekSa encarou, de olhos arregalados, a raiva saturando seus olhos escuros e fazendo-a parecer mais Skeksis do que nunca. Amri tentou não deixá-lo assustá-lo. Não agora que eles tiveram sua vitória acendendo a chama Vapra. Tudo o que restava era escapar das garras do Mariner. Sobreviver, como Tavra havia dito. Naia estava ao lado dele, voltando seus olhos da cidadela para os Skeksis. Do outro lado do círculo de árvores, Tae fez o mesmo, protegendo Kylan enquanto ele guardava sua firca. skekSa rangeu as presas e gesticulou com a espada. Era mais comprido do que Amri era alto, pesado e afiado e perversamente enganchado, feito para matar. “Vou te dar mais uma chance. Venha comigo, Naia, e deixarei os outros irem. Se você resistir, vou matá-los e levá-lo comigo de qualquer maneira. Se chegar a isso, o sangue deles estará em suas mãos.” “Vou morrer antes de ir com você”, disse Naia. O ronronar de skekSa se transformou em um rosnado vicioso em sua garganta, profundo e primitivo. “Faça do seu jeito.” Ela atacou Tae, balançando sua espada. Mesmo que sua borda não fosse afiada, seu poder e peso esmagariam um Gelfling se atingisse. Tae saltou, as asas a erguendo para que seus dedos tocassem o metal reluzente da lâmina. Ela correu ao longo da espada, saltando novamente e golpeando com sua adaga. “Temos que ajudá-la!” Amri disse, levantando a espada de Tavra. Era difícil imaginar trazer isso contra os Skeksis, especialmente quando ele ainda não tinha habilidade real com isso. Mas o que mais ele poderia fazer? “Cuide de Kylan,” Naia disse. “Lembra-se de trinta defesas? Vamos tentar segurá-la. Onica deveria

trazer seu navio para a baía!” Ela agarrou seu ombro e apertou. Então ela correu na frente, adaga brilhando na luz do Waystar, soltando um poderoso grito de guerra que fez até skekSa parar. Amri observou por apenas um momento enquanto Naia e Tae convergiam para o Skeksis Mariner, lâminas inescapáveis como uma tempestade no mar ou na areia. Ele encontrou Kylan perto da velha árvore Waystar que carregava sua mensagem, Tavra em seu ombro. Do outro lado da árvore estava a beira do penhasco, e depois disso, uma longa e dura queda no mar. “Não podemos deixá-la destruir as árvores”, disse Kylan. “Não depois que eles nos ajudaram a enviar a mensagem de Tavra—” “Nós temos que nos salvar primeiro!” disse Tavra. “Mas como?” Amri gritou, olhando por cima do penhasco, mas nenhuma lanterna Sifa quebrou a escuridão negra do oceano que se estendia abaixo do penhasco. Se eles pudessem escapar, seria descendo a encosta da montanha. E para fazer isso, eles tiveram que passar por skekSa— “Amri, cuidado!” Amri se virou para o aviso de Naia. Muito rápido, skekSa correu para ele, a espada caindo do céu como um relâmpago. Ele ergueu a espada a tempo de bloquear a lâmina, mas ela torceu a dela para o lado. O gancho pegou e arrancou a espada de sua mão, fazendo-a voar. Desarmado, ele recuou, tentando não tremer enquanto se colocava entre os Skeksis e Kylan. Naia e Tae se encontraram. Antes que skekSa pudesse cortar Amri e Kylan, Naia estava nas costas de skekSa, Tae golpeando com sua adaga enquanto ela vinha pela frente. skekSa cambaleou para trás, incapaz de agarrar Naia e evitar a enxurrada de ataques de Tae ao mesmo tempo. O sangue de Skeksis

manchou a neve e skekSa rugiu, finalmente pulando para trás e para longe do alcance da lâmina cruel de Tae. Distância ganha, skekSa estendeu a mão por cima do ombro e arrancou Naia de seu capuz, jogando-a de lado. Seu corpo inteiro fumegava de raiva enquanto ela se arrastava novamente em direção ao Gelfling encolhido ao pé da antiga árvore Waystar. "Ela está vindo para nós", disse Amri. "Ela ainda não quer matar Naia, mas certamente nos matará se tiver a chance!" Tae ofegou de onde ela estava agachada, na frente de Amri, Kylan e Tavra. Asas abertas, adaga pronta para defendê-los com cada grama de metal prateado. Ela olhou para trás, seus olhos correndo de Amri para Kylan e finalmente pousando em Tavra. "Aconteça o que acontecer," ela disse, "proteja-os. Acenda as fogueiras. Eu acredito em você." Antes que eles pudessem perguntar o que ela queria dizer, Tae jogou para trás sua capa, expondo suas asas, brilhantes e azuis. Quando skekSa se aproximou, ela saltou no ar. O vento congelou nas escamas das asas de Tae, brilhando como os vitrais que enfeitavam a cidadela. Ela dobrou as asas, caindo do céu com uma velocidade surpreendente. skekSa ergueu sua espada contra o Sifa, mas ela era muito lenta. A adaga de Tae. A espada de skekSa girou no ar, e Amri pegou seu coração em seus dentes quando viu que a mão decepada do Skeksis ainda segurava o punho enquanto voava. skekSa gritou. Ela agarrou o toco onde sua mão estivera. "Como você ousa!" ela chorou, mais e mais. "COMO VOCÊ OUSA!" Tae aterrissou antes de skekSa, até os joelhos na neve, banhada na saliva congelada que jorrava do bico de skekSa. Ela puxou sua adaga para trás, como se pudesse pegar outra das mãos do

Skeksis. Seus olhos estavam para cima, mas Amri viu movimento abaixo. “Tae, cuidado...” Um dos braços menores de skekSa escorregou do casaco do Skeksis. Algo brilhou, e um BOOM ressoou no ar da montanha. Uma nuvem de fumaça explodiu do quadril de skekSa, tirando Tae do chão. Ela colidiu com uma das árvores Waystar, deixando uma marca vermelha em sua casca branca brilhante onde ela atingiu. Então ela caiu na neve e não se levantou. A fumaça se dissipou. skekSa tossiu e enfiou a mão nas profundezas do casaco novamente, tirando um dispositivo de couro em forma de ovo e segurando-o na palma da mão. Sua respiração raspou de raiva e dor, seu sangue ainda caindo na neve branca. Ela tropeçou em um joelho. "Eu não posso acreditar nisso", ela ofegou. “Não posso acreditar nem um pouco.” “Onica,” Kylan disse no silêncio tenso que se seguiu. Os olhos do contador de canções estavam arregalados de medo pelo que haviam testemunhado. De onde estava, podia ver por cima do penhasco. Sua voz falhou quando ele sussurrou: “Eu posso ver a luz da lanterna dela. . .” “Vá para Tae”, disse Amri. Eles tinham que assumir que ela estava viva, que ela havia sobrevivido à explosão. Ele não sabia o que eles fariam se ela não tivesse. — Mas e se ela... Kylan não terminou. “Nós vamos ter que descobrir alguma coisa! Vou encontrar Naia. . . Pressa!” Kylan assentiu e correu para onde Tae havia pousado enquanto Amri seguia na outra direção. Encontrou Naia em um monte de neve, gemendo. Ele se abaixou e a puxou para cima. Se eles conseguissem chegar ao penhasco antes que skekSa viesse atrás deles novamente... — Você está bem? ele perguntou. "Você está

machucado? Onica chegou à baía. “Estou machucada, mas vou ficar bem”, disse Naia. Ela escorregou do ombro de Amri para suportar seu próprio peso. Ele estava preocupado que ela tentasse lutar novamente, tentasse enfrentar os Skeksis mesmo que ele não tivesse ideia de como. Para seu alívio, ela o empurrou em direção ao penhasco e disse: “Teremos que voar para baixo. É a nossa melhor chance!” Eles se arrastaram pela neve o mais rápido que puderam. Amri podia ver Kylan ajoelhado ao lado de Tae à frente. Não parecia bom. “Ah, não,” Naia respirou. “Tae—” “Você não vai escapar.” A voz de skekSa os fez parar. skekSa os tinha visto, visto a direção em que se dirigiam. Apesar de seu terrível ferimento, skekSa agarrou um dos galhos da árvore Waystar, usando-o para se levantar. Em sua pequena mão, ela ainda segurava a engenhoca parecida com um ovo que explodiu Tae. Sem perder o passo, ela arremessou contra eles com uma mira mortal. “Naia!” Amri pulou, pegando um galho caído da neve e arremessando-o enquanto empurrava Naia para o lado. Sua mira foi boa. O ovo explodiu no ar, a explosão o fez girar na neve gelada. Ele perdeu tempo, sentiu frio na bochecha. Então os braços de Naia em volta dele enquanto ela tentava levantá-lo. Ele tentou colocar seus pés sob ele, mas ele mal conseguia respirar, muito menos se mover. Ela o derrubou, e ele a viu passar por cima dele, brandindo sua adaga quando skekSa os alcançou. Amri gemeu e tentou se levantar. Tentou dominar seus membros que se recusavam a obedecer, mesmo quando skekSa se aproximava, lançando sua sombra sobre eles. Ela encontrou sua espada, segurou-a na mão que estava intacta,

descuidadamente sangrando da outra como se não significasse nada. "Eu não quero fazer isso", disse ela lentamente, sua lâmina saboreando a neve a seus pés. Sua voz ficou dura no final, perversa como sua espada. "Eu disse que tínhamos um acordo, seu tolo ingrato." Ela atacou. Sua lâmina ondulou em branco com a luz do Waystar... Depois azul, através das asas iridescentes de Sifa. Faíscas voaram do choque de metal, e skekSa amaldiçoou, então gritou quando a ponta de uma espada Vapra cortou suas garras, lançando sua espada mortal para fora de seu alcance e desta vez enviando-a sobre o penhasco e caindo no mar abaixo. "NÃO!" Amri tentou se mover novamente. O mundo ainda oscilava abaixo dele; seus ouvidos ainda zumbiam. Seus olhos ainda estavam turvos, tentando desesperadamente se concentrar. Mas mesmo assim, ele podia ver quem estava entre eles e skekSa: um Sifa com cabelos dourados como o sol, segurando a espada de Tavra. Brilhando em seu pescoço estava uma aranha de cristal, prateada e azul como a lua. O toque diminuiu o suficiente para que Amri pudesse ouvir as palavras de Tavra, severas e dominantes na voz de Tae. "Saia daqui, para o penhasco", disse ela. "Corre! Voe!" "Fora do meu caminho!" skekSa avançou para Naia, mas foi bloqueado pela lâmina implacável na mão de Tae. Nem mesmo as três mãos restantes de skekSa conseguiram segurá-la enquanto ela saltava no ar, esvoaçando, mergulhando e girando como uma rajada de neve ao vento. Naia ergueu o braço de Amri sobre o ombro, e ele desejou que seus pés se movessem. Obrigou-se a desviar o olhar, a confiar que Tavra tinha as habilidades e que o corpo de Tae tinha força para lutar

contra skekSa. No momento em que Naia o levou ao penhasco, Amri conseguiu controlar seus pés novamente. Kylan estava esperando onde Tae havia caído. Amri empurrou Naia para ele quando o ar tremeu com o rugido frustrado de skekSa. “Tavra e Tae não podem segurá-la para sempre!” disse a Naia. “Pegue Kylan e vá!” Naia assentiu. Ela agarrou Kylan e saltou assim que skekSa e Tae irromperam do bosque. O Mariner atacou a Sifa com um galho de árvore, tentando derrubá-la como um inseto irritante. Mas Tae foi rápido demais. Ela voltou com o vento, bem à frente de skekSa e pousando ao lado de Amri. “Rápido”, disse Tae. “Aguentar!” Mas ele sabia que não era Tae. Na verdade, não. Foi Tavra quem falou com ele enquanto deslizava o braço ao redor de sua cintura. Tavra, usando o poder do cantor de cristal para mover o corpo de Tae. A maneira como ela mudou a de Amri, de volta ao Mar de Cristal. Amri tinha visto o que aconteceu com Tae quando ela foi atingida pelo dispositivo explosivo de skekSa. Ela estava inconsciente — imóvel. Era apenas Tavra que a mantinha em movimento agora. skekSa se lançou para eles, arrebatando, mas era tarde demais. Amri segurou enquanto Tavra abriu as asas de Tae e saltou do penhasco, voando em direção à lanterna no navio de Onica. A queda foi como saltar para o espaço. Embora Amri não se lembrasse do oceano estar quente, ele podia sentir a temperatura subir enquanto eles caíam, derretendo a geada das asas de Tavra. Não, eram as asas de Tae, não eram? A mente de Amri girou. Ele não sabia mais. A manhã estava chegando, a luz do sol rastejando pelo horizonte ao longe e lentamente derretendo o frio da noite



das ondas do Mar de Prata. Acima deles, as maldições de skekSa se transformaram em gritos. Eles escaparam. "Você nos salvou", disse ele. "Estou tentando." Ele olhou para o rosto de Tae e viu Tavra olhando para ele. Foi assustador, e de partir o coração. "Os outros estão à frente. Estenda a mão e pegue-os. Eu não acho que Naia será capaz de fazer o pouso." As asas negras de Naia estavam meio abertas, retardando sua descida, mas não dignas de voar o suficiente para amortecer a queda. Tavra entendeu as correntes aqui, aproximando-as o suficiente para que Amri pudesse segurar a mão de Naia. Quando ele a teve, os cinco cavalgaram a corrente nevada pelo resto do caminho. Assim que seus pés tocaram o convés do navio de Onica, Tae desmaiou. Amri a agarrou pela cintura e a abaixou enquanto Naia se arrastava para o lado dela, espalhando as mãos e banhando-a em luz azul. Onica saltou do mastro onde estava esperando, os olhos cheios de lágrimas. "O que aconteceu? Ela está bem?" ela perguntou. "Tae!" A expressão de Naia era sombria, mas não desesperada. Ela parou de curar Tae por tempo suficiente para dizer: "Ela está muito machucada, mas acho que posso salvá-la. Vamos levá-la para dentro, onde está quente. Rapidamente!" Na cabine, cercada por velas e cheiro de ervas, Amri sentou ao lado de Naia enquanto ela se concentrava. O poder da vliyaya da garota Drenchen era forte, quase tangível no ar como um cheiro de água e vida. Limpando os hematomas e cortes, consertando os ossos quebrados e as asas quebradas que Tae tinha sofrido em sua batalha cruel com skekSa. No final, o brilho diminuiu e Naia colocou a mão na testa de Tae. "Eu curei o corpo dela", disse

ela, com a testa franzida de dor. “Mas ela ficou profundamente ferida por aquela explosão. Mesmo que eu tenha reparado seus cortes e ossos quebrados, sua mente ainda dorme. Eu não posso nem sentir seus sonhos. Não sei quando ela vai acordar. . . se alguma vez.” Era difícil imaginar. A Sifa apenas parecia estar dormindo. “Eu não quis. . .”, começou Tavra. Ela descansou na bochecha de Tae, brilhando como uma pequena lua em uma nuvem de cabelos dourados. Amri suspirou e balançou a cabeça. Afinal, a lua havia eclipsado o sol durante uma tempestade em Ha'rar. “Você não fez nada de errado”, disse ele. “Você trouxe o corpo dela de volta aqui para que Naia pudesse curá-la. Você salvou a todos nós, e você não poderia ter feito isso sem ela. Isso é o que ela gostaria. Quando ela acordar, tenho certeza de que é isso que ela vai dizer. O ar reverberou com o som de um apito metálico. Amri pressionou as mãos sobre os ouvidos enquanto soava no ar frio. Ele conhecia aquele som. E com um nó no estômago, ele sabia o que viria a seguir. Amri correu para o convés, seguido pelos outros. O navio estremeceu enquanto o mar tremia. Ele agarrou o cordame do navio enquanto as ondas surgiam do oceano e batiam na parte de trás de uma enorme concha preta. Um gemido ensurdecedor tremeu pela água e ecoou contra o penhasco íngreme. O terror atravessou o corpo de Amri quando uma boca gigantesca surgiu das profundezas, água jorrando de sua enorme boca de bico adunco. Ele ficou boquiaberto, abrindo suas mandíbulas. O oceano agitou-se, sugado pelo abismo negro da garganta da criatura. O navio de Onica foi pego em um vórtice de correntes inescapáveis, e Amri

observou o céu lentamente brilhando enquanto o navio monstro fechava suas mandíbulas, engolindo-os em um mar de escuridão.

## CAPÍTULO 26

Amri acordou com a bochecha contra uma superfície dura e molhada e um gosto amargo na boca e enchendo o nariz. Ele se sentou na penumbra. A sala era pequena e sem janelas, portas ou cantos, como uma bolha feita de ligamentos e músculos que ficaram rígidos pelo desuso. Claro que havia uma masmorra na barriga do navio monstro de skekSa. "Vá com calma." Sobre o latejar em sua cabeça, ele nem tinha percebido que não estava sozinho. Tae sentou ao lado dele, sua mão calma descansando em seu ombro enquanto ele gemia. Pelo olhar cauteloso e severo em seus olhos, ele sabia que não era realmente Tae. Ainda não. A aranha escondida em seu cabelo brilhou. "Tavra", disse ele. "Parece que devo

proteger o corpo de Tae um pouco mais”, ela respondeu. Ele se sentou. Kylan sentou ao lado dele, Onica ajoelhada ao lado de Tavra. Eles pareciam aliviados ao ver que ele estava acordado, mas nenhum deles estava em posição de ficar feliz com nada. Eles estavam em uma cela, embora estranha. Cativos, apesar da luta que travaram e das baixas que sofreram. Amri tentou não insistir nisso. "O que aconteceu? Quanto tempo eu fiquei fora?" "Nós não sabemos", disse Kylan. "Mas não penso muito." Amri ficou de pé, percebendo que um deles estava faltando. "Onde está Naia?" "Escapei," Tavra respondeu. "E é isso que devemos fazer, assim que pudermos." Ela estava certa. Amri se levantou. Lutando contra o latejar em sua cabeça, ele pressionou as mãos contra as paredes pegajosas e pulsantes sem sucesso. Artérias de sangue em movimento lento se ramificavam e se emaranhavam entre os contornos salientes da parede. Quando Amri empurrou o ouvido contra a parede, tudo o que ele podia ouvir era aquele pulso, movendo-se devagar como a terra, e um som profundo e doloroso que era tão intermitente que ele quase não percebeu que era a respiração do navio gigante. "Eu me pergunto se skekSa realmente quis ajudar o Sifa", disse Kylan enquanto inspecionava a válvula fechada na parede. Amri se juntou a ele, mas parecia inútil. Era a porta, mas eles não tinham como abri-la sem skekSa e seu assobio horrível. Por mais que as coisas pudessem ter mudado – por mais que Tavra quisesse falar sobre escapar – eles estavam presos. "As alianças Skeksis mudam como a maré," Onica murmurou. "Talvez ela fez. Mas agora acendemos três das sete fogueiras.

A aliança Gelfling surge. Isso muda as coisas para os Skeksis também.” Amri pulou quando uma voz terrível e familiar ronronou através da membrana: “Não por muito tempo”. Amri e Kylan pularam quando a parede se abriu como uma boca. Lord skekSa estava no corredor adiante. Seu braço decepado estava envolto em uma gaze enegrecida, o semblante endurecido e ameaçador. Amri recuou, imaginando se ela tinha vindo para matá-los, depois de tudo o que fizeram. Tavra e Onica subiram em seus ombros, Kylan permanecendo ao seu lado. Ele não estava sozinho. Lembrou-se da bravura de Naia diante dos Skeksis e deu o bote. Ele não teria medo, nem mesmo diante de uma criatura tão medrosa. “Para onde você está nos levando?” skekSa fungou, como se a pergunta tivesse um cheiro repugnante. “Em algum lugar melhor do que esta masmorra. Mas não se engane. Ainda estou muito zangado com você.” Ela deu um passo para o lado, florescendo com seu cotoco. Lembrando-lhes o que eles fizeram com ela e que ela não estava prestes a esquecer. Seu gesto foi em direção a um túnel que levava ao labirinto cavernoso de sua nave, onde estavam à sua mercê. “Venha, então,” ela rosnou. “Pequenos heróis”. Apesar de seu tom, Amri sorriu. Heróis. Embora estivessem cercados pela escuridão, a palavra iluminou a imagem de tochas em sua mente. Naia estava lá fora, em algum lugar, levando sua luz. Ela não desistiria deles. Nem Tavra e Onica e Kylan, em suas costas. Eles o protegeriam como ele os protegeria – com sua vida. Não como contadores de canções ou sonhadores distantes ou soldados. Não como diurnos, Spriton ou Vapra ou Grottan, mas como Gelfling. Não tendo

outra escolha, Amri e seus amigos seguiram skekSa pela passagem serpenteante. Mas Amri manteve a cabeça erguida. Ele não seria derrotado. Até o dia em que não pudesse mais, ele resistiria. As chamas dentro de seu coração ardiam, e nem mesmo as sombras dos Skeksis podiam abafar sua luz.